UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

MARITANA LUIZA ONZI

A informação fônica em obras lexicográficas: estudo da pronúncia em dicionários das línguas portuguesa e italiana

Versão corrigida

São Paulo
2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

A informação fônica em obras lexicográficas:
estudo da pronúncia em dicionários das línguas portuguesa e italiana

MARITANA LUIZA ONZI

Tese de doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como um dos requisitos para a obtenção do título em Doutora em Letras: Filologia e Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Ieda Maria Alves

Versão corrigida
De acordo: _____

São Paulo
2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Onzi, Maritana Luiza

A informação fônica em obras lexicográficas: estudo da pronúncia em dicionários das línguas portuguesa e italiana / Maritana Luiza Onzi ; orientadora Ieda Maria Alves. – São Paulo, 2016.

242 f. ; il.

Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de Concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. Lexicografia. 2. Pronúncia. 3. Língua portuguesa. 4. Língua Italiana. I. Alves, Ieda Maria. II. Título.

ONZI, Maritana Luiza. **A informação fônica em obras lexicográficas**: estudo da pronúncia em dicionários das línguas portuguesa e italiana. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutora em Letras: Filologia e Língua Portuguesa.

Aprovada em: _____

Banca Examinadora

Prof.(a) Dr.(a)	
Instituição:	
Julgamento:	
Assinatura	
Prof.(a) Dr.(a)	
Instituição:	
Julgamento:	
Assinatura	
Prof.(a) Dr.(a)	
Instituição:	
Julgamento:	
Assinatura	
Prof.(a) Dr.(a)	
Instituição:	
Julgamento:	
Assinatura	
Prof.(a) Dr.(a)	
Instituição:	
Julgamento:	
Assinatura	

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Ieda Maria Alves, por ter me aceitado como sua orientanda e por estar sempre pronta em ensinar, auxiliar e oferecer seu vasto conhecimento a todos.

Aos meus familiares, principalmente aos meus pais, Luiza e Orlando, que, embora tenham pouco estudo, sempre me deram livros de presente e, assim, despertaram em mim o gosto por ler e estudar.

Ao meu marido Marcio, pelo amor, pelo companheirismo, pela força, pela dedicação, pelo incentivo e apoio dado em todas as fases do doutorado.

Aos meus amigos, de longe e de perto, pela torcida, incentivo e espera.

Aos colegas da pós-graduação, que sempre deram ótimas opiniões nas reuniões organizadas pela professora Ieda, dentre os quais cito alguns em especial: Fernanda, Vilma, Jessica, Maria Aparecida, João, Huélinton e Vito.

A todos os meus professores, desde as séries iniciais até o doutorado.

Ao professor Philippe Humblé, por ter despertado em mim o interesse em estudar os dicionários.

Às professoras Giliola Maggio e Paola Baccin, pelas valiosas contribuições, como componentes da banca examinadora do Exame de Qualificação que antecedeu esta Tese.

À FAPESP, pelo financiamento desta pesquisa; com o auxílio, pude participar de diversos congressos, que me ajudaram muito na construção da tese.

RESUMO

ONZI, Maritana Luiza. **A informação fônica em obras lexicográficas**: estudo da pronúncia em dicionários das línguas portuguesa e italiana. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2016.

Este trabalho pretende contribuir para o estudo da Lexicografia no Brasil e abordar um assunto pouco estudado na literatura metalexicográfica: a informação fônica nos dicionários. Ainda que a principal função dos dicionários seja a de inventariar as palavras de um idioma e oferecer seu significado, é sabido que os consulentes esperam muito mais dessas obras. Além do significado, os usuários desejam encontrar nos dicionários a maior quantidade possível de esclarecimentos gramaticais. Dado que a pronúncia está entre as informações que constam nos dicionários, este trabalho tem como objetivo analisar essas indicações em dicionários monolíngues das línguas italiana e portuguesa e em dicionários bilíngues italiano/português. A pesquisa visa responder, com a metodologia empregada, as seguintes indagações: 1) qual sistema de notação é utilizado para anotar a pronúncia das entradas? 2) como a informação fônica é descrita no guia de pronúncia dos dicionários? 3) os dicionários descrevem as variações de pronúncia existentes nas línguas em estudo? Instruções de como pronunciar as palavras propiciam autonomia para que os aprendizes possam produzir oralmente as palavras. Com as análises, foi possível verificar se os dicionários em estudo conseguem fornecer ao consulente, de forma clara e satisfatória, as informações que ele busca quanto à pronúncia. Por fim, a proposta de melhorias nos sistemas adotados pelos dicionários no que tange a pronúncia tem o intuito de tornar o dicionário uma ferramenta mais útil no ensino/aprendizagem da produção oral das línguas italiana e portuguesa.

Palavras-chave: Dicionários. Pronúncia. Língua Portuguesa do Brasil. Língua Italiana.

ABSTRACT

ONZI, Maritana Luiza. **The phonetic information on lexicographic works**: a study of the pronunciation at Portuguese and Italian dictionaries. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2016.

This work is intended to collaborate with the study of lexicography in Brazil as well as to address the subject yet little studied in literature metalexicography: phonic information in dictionaries. Although the main function of dictionaries is to relate a series of words from one language and also to offer its meaning it is known that the querents expect a lot more of this kind of publication. Besides the meaning, users wish to find in dictionaries as much grammatical clarification as possible. Since the pronunciation is among the information contained in the dictionaries, this work aims to analyze these indications in monolingual dictionaries of the Italian and Portuguese languages and in bilingual Italian / Portuguese dictionaries. The research primarily aims to answer, with the methodology applied, the following questions: 1) Which notation system is used to annotate the pronunciation of the entries? 2) How is phonic information described in the dictionary pronunciation guide? 3) Do the dictionaries describe the variations of pronunciation in the languages studied? The instructions on how to pronounce the words provide autonomy so the learners can produce words orally. By the conduced analysis it was possible to verify if the studied dictionaries can provide the querent with the information for pronunciation searched in a clear and satisfactory way. Finally, the proposed improvements in the systems adopted by the dictionaries in terms of pronunciation aims to make the dictionary a more useful tool in teaching-learning oral production of the Italian and Portuguese languages.

Keywords: Dictionaries. Pronunciation. Portuguese Languages. Italian Language.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Órgãos articulatórios do aparelho fonador.....…….. 159

Figura 2 – Órgãos articulatórios do aparelho fonador.....……..... 175

Figura 3 – Indicação da pronúncia da palavra-entrada <cacciatore>.....…….. 193

Figura 4 – Indicação da pronúncia da palavra-entrada <*soft drink*>.....…… 194

Figura 5 – Tabela das equivalências entre grafemas e fonemas da língua italiana…….. 194

Figura 6 – Indicação da pronúncia da palavra-entrada <education>.....…… 195

Figura 7 – Importância de aprendizagem da pronúncia.....……..... 201

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Grafias do som [s] em português..... 55

Quadro 2 – Sinopse das formas de registrar a pronúncia na microestrutura dos dicionários..... 63

Quadro 3 – Classificação dos sons da língua portuguesa..... 77

Quadro 4 – Classificação dos sons da língua italiana..... 80

Quadro 5 – Símbolos fonéticos de palavras estrangeiras..... 90

Quadro 6 – Fonemas vocálicos da língua portuguesa e de outras línguas..... 97

Quadro 7 – Fonemas consonânticos da língua portuguesa e de outras línguas..... 97

Quadro 8 – Grafemas e fonemas da língua italiana..... 110

Quadro 9 – Símbolos fonéticos da língua italiana e de outras línguas..... 111

Quadro 10 – Fonemas do italiano e de outras línguas..... 115

Quadro 11 – Vogais do italiano..... 123

Quadro 12 – Consoantes iguais no italiano e no português..... 123

Quadro 13 – Consoantes diferentes no italiano..... 124

Quadro 14 – Vogais orais do português..... 125

Quadro 15 – Vogais nasais do português..... 126

Quadro 16 – Semivogais de português..... 126

Quadro 17 – Consoantes do português..... 126

Quadro 18 – Vogais e consoantes do italiano..... 134

Quadro 19 – Vogais do italiano..... 135

Quadro 20 – Consoantes do italiano..... 137

Quadro 21 – Sons vocálicos do português brasileiro..... 160

Quadro 22 – Semivogais do português brasileiro..... 161

Quadro 23 – Sons consonânticos do português brasileiro..... 161

Quadro 24 – Fonemas de palavras estrangeiras..... 164

Quadro 25 – Fonemas vocálicos da língua italiana..... 176

Quadro 26 – Semivogais língua italiana..... 177

Quadro 27 – Fonemas consonânticos da língua italiana..... 177

Quadro 28 – Fonemas de palavras estrangeiras..... 179

Quadro 29 – Vogais das línguas italiana e portuguesa..... 186

Quadro 30 – Semivogais das línguas italiana e portuguesa..... 188

Quadro 31 – Consoantes iguais nas línguas italiana e portuguesa..... 188

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

a.C. – antes de Cristo
adj. – adjetivo
d.C. – depois de Cristo
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
c.f. – conferir
DM – Dicionário monolíngue
DB – Dicionário bilíngue
DBZ – Dicionário bilingualizado
f. – feminino
FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
fl. – flexão
ind. – indicativo
IPA – *International Phonetic Alphabet*/Alfabeto Fonético Internacional
p. – página
part. – particípio
pass. – passado
pess. – pessoa
pl. – plural
pres. – presente
s.f. – substantivo feminino
sing. – singular
s.m. - substantivo masculino
s.p. – sem página
subj. – subjuntivo
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
USP – Universidade de São Paulo
v. – verbo
var. - variação
VLB – Vocabulário da Língua Brasílica

SUMÁRIO

PREÂMBULO..... 15

INTRODUÇÃO..... 18

Materiais e métodos..... 20

Capítulo 1..... 26

1. ETAPA REFERENCIAL.....……... 26

1.1 Versando sobre os dicionários: a história, os tipos, as funções, o papel pedagógico e os componentes canônicos.....……..…. 26

1.1.1 Surgimento dos dicionários.....…..... 27

1.1.2 Tipos de dicionários.....…..... 35

1.1.3 O dicionário e suas funções.....…..... 40

1.1.4 O dicionário como instrumento pedagógico.....…..... 42

1.1.5 Componentes canônicos dos dicionários..... 46

1.2 Versando sobre a informação fônica nos dicionários.....……... 50

1.2.1 Importância que os usuários e lexicógrafos dão à presença da informação fônica nos dicionários…….. 50

1.2.2 Maneiras de registrar a pronúncia.....…. 57

1.2.3 Modelo de pronúncia e inclusão ou não das variantes.....… 66

1.3 Versando sobre Fonética e Fonologia.....…….. 73

Capítulo 2.....…... 83

2. ETAPA ANALÍTICA.....……... 83

2.1 Dicionários da língua portuguesa...……..……. 84

2.1.1 Dicionário Aurélio da língua portuguesa..... 84

2.1.2 Dicionário Houaiss da língua portuguesa..... 91

2.1.3 Dicionário Caldas Aulete *on-line*..... 98

2.2 Dicionários da língua italiana..... 103

2.2.1 Dizionario Lo Zingarelli 2014..... 104

2.2.2 Dizionario Garzanti Italiano..... 112

2.2.3 Dizionario della lingua italiana, il Sabatini Coletti *on-line*..... 116

2.3 Dicionários bilíngues..... 119

2.3.1 Michaelis dicionário escolar italiano-português, português-italiano. 120

2.3.2 Dicionário Martins Fontes italiano – português..... 127

2.4 Dicionário Parola Chiave..... 132

Capítulo 3..... 145

3. ETAPA PROPOSITIVA..... 145

3.1 Dicionários monolíngues da língua portuguesa..... 148

3.1.1 Proposta para o registro da pronúncia na microestrutura..... 148

3.1.2 Proposta de um guia de pronúncia..... 158

3.2 Dicionários monolíngues da língua italiana..... 170

3.2.1 Proposta para o registro da pronúncia na microestrutura..... 170

3.2.2 Proposta de um guia de pronúncia..... 175

3.3 Dicionários bilíngues italiano-português e dicionários bilingualizados..... 183

3.3.1 Proposta para o registro da pronúncia na microestrutura..... 183

3.3.2 Proposta de um guia de pronúncia..... 185

3.4 Proposta para dicionários eletrônicos..... 193

4. CONCLUSÃO..... 196

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 202

Dicionários citados..... 202

Referências bibliográficas citadas..... 203

Bibliografia consultada..... 208

ANEXO 1 – Guia de pronúncia do dicionário Aurélio..... 210

ANEXO 2 – Guia de pronúncia do dicionário Houaiss..... 213

ANEXO 3 – Guia de pronúncia do dicionário Lo Zingarelli..... 219

ANEXO 4 – Guia de pronúncia do dicionário Garzanti..... 224

ANEXO 5 – Guia de pronúncia do dicionário Michaelis..... 225

ANEXO 6 – Guia de pronúncia do dicionário Martins Fontes..... 228

ANEXO 7 – Guia de pronúncia do dicionário Parola Chiave..... 231

ANEXO 8 – Esquema da importância de aquisição da pronúncia..... 242

PREÂMBULO

Nesta seção introdutória, explicito[1] minha trajetória acadêmica e profissional, bem como os motivos pelos quais escolhi este tema para desenvolvimento da tese.

Ingressei no curso de graduação em Letras, habilitação em Língua e Literaturas de Língua Italiana, na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, em 2000 e, em 2004, obtive o título de licenciada em Letras. Nos semestres de 2003-1 e 2003-2, conquistei o certificado de desempenho acadêmico, ofertado pela Pró-reitoria de Ensino de Graduação, por ter obtido nota superior a nove. Durante o período da graduação, participei de alguns congressos[2] e de cursos de extensão.

Iniciei o Mestrado em Linguística, também na UFSC, no primeiro semestre de 2005 e o concluí em março de 2007. Defendi a Dissertação intitulada: "Consoantes geminadas do italiano: um estudo fonético/fonológico" e fui aprovada com distinção e louvor. Cursei, durante o Mestrado, sete disciplinas e obtive conceito A em seis delas e B em uma. Durante esses anos participei de congressos com apresentação de trabalho e como ouvinte.

No período entre o Mestrado e o Doutorado trabalhei como tutora (em 2008-1) na Universidade Aberta do Brasil no curso de pós-graduação, em nível de especialização, em Formação de Professores de Tradução Literária Inglês/Português e Espanhol/Português, oferecido na modalidade de educação a distância pela UFSC. Em 2009-2, na mesma instituição de ensino, trabalhei no curso de Letras Espanhol, que visa à formação de professores de língua estrangeira numa perspectiva curricular interdisciplinar. No início de 2010, me mudei para São Paulo e lecionei italiano em diversas escolas de idiomas até o final de 2011.

Nos últimos meses de 2011, comecei o contato com minha orientadora, Prof[a]. Dra. Ieda Maria Alves e, no primeiro semestre de 2012, ingressei no curso de Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo – USP. Cursei duas disciplinas e

---

[1] Esta parte destina-se a explanar o percurso da autora desta tese – por isso, foi utilizada a primeira pessoa do singular. Para o restante do trabalho, usaremos a primeira pessoa do plural.

[2] Neste caso a palavra congresso está sendo usada como um hiperônimo para os diversos eventos científicos e acadêmicos, entre eles: simpósios, seminários, colóquios etc.

obtive conceito A em ambas. Solicitei bolsa de doutoramento à FAPESP, que foi concedida em junho de 2013, proporcionando, dessa forma, a dedicação à pesquisa em tempo integral.

A seguir, esclareço os fatores que me motivaram a investigar este tema.

Na ocasião em que fui discente do curso de Letras Italiano, percebi que diversos colegas tinham dificuldade de pronúncia e, posteriormente, como professora, pude constatar que a aprendizagem da pronúncia não é tarefa fácil, pois sempre tinha que fazer correções nesse âmbito. Inclusive observava essa ocorrência com os alunos de nível mais avançado. Nesse período, comecei a pensar em maneiras de auxiliar o aluno a compreender melhor a pronúncia de uma língua.

Durante o curso de mestrado, uma possibilidade de facilitar a compreensão e a produção oral começou a se descortinar. Como a grande maioria das pessoas tem dicionários e os consultam na ausência do professor, pensei que essas obras poderiam apoiar os alunos na aprendizagem da pronúncia. No decorrer do mestrado, cursei uma disciplina intitulada "Lexicografia e a aprendizagem de línguas estrangeiras", ministrada pelo Prof. Dr. Philippe Humblé, e compreendi ainda mais a finalidade pedagógica que os dicionários possuem. Para a conclusão da disciplina, escrevi um artigo sobre a informação fônica nos dicionários no qual analisei alguns dicionários monolíngues e bilíngues, assim, percebi que a maneira como essas obras registravam a pronúncia torna difícil para o consulente entender o que está dicionarizado e comecei a pensar em possibilidades para melhorar a informação fônica indicada pelos dicionários.

Em entrevistas informais, feitas durante o curso da disciplina do professor Humblé, perguntei a várias pessoas se elas consultavam a pronúncia nos dicionários e a grande maioria respondeu que sim; perguntei também o que achavam da maneira como ela vinha representada e todas manifestaram dificuldades em interpretar os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional. Relativamente às obras lexicográficas que usam combinação de letras, entre elas, a transposição ortográfica e a pronúncia figurada, estas pessoas avaliaram que a informação fônica atribuída às palavras-entrada não é evidente e nem esclarecida nos dicionários.

E, desse modo, surgiu meu interesse pelos estudos relativos à pronúncia nos dicionários e, também, minha crença no potencial pedagógico dessas obras, por considerá-los

um instrumento útil, valioso e imprescindível na aprendizagem de uma língua, seja ela estrangeira ou nativa, pois são obras que disponibilizam diversos elementos gramaticais para o estudo do léxico em seus diferentes aspectos.

"*Migliorare la propria lingua è – innanzitutto – un segno di buon gusto e di civiltà, nonché di rispetto per gli altri e per la lingua stessa, come la cura di sé e del proprio look: è davvero una questione d'estetica del linguaggio*[3]!"

Luciano Canepari & Barbara Giovannelli

INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos 30 anos, diversos pesquisadores[4] manifestaram interesse em desenvolver estudos e pesquisas em torno dos dicionários. Alguns trabalhos procuram desvelar como se realiza a técnica, a prática ou a arte de elaborar dicionários (lexicografia prática). Outros refletem acerca dos problemas ligados à elaboração de dicionários, à crítica dessas produções, à pesquisa sobre o uso de dicionários e o estudo tipológico dessas obras (lexicografia teórica ou metalexicografia).

Com o advento da lexicografia teórica, aumentaram os estudos concernentes aos dicionários e o interesse em se elaborar obras que tornem mais produtiva a consulta pelos usuários, o que fez com que lexicógrafos elaborassem questionários sobre quais informações os consulentes buscam nos dicionários. Os resultados gerais dessas pesquisas[5] assentam que o dicionário é utilizado por várias razões, entre elas: checar a ortografia, verificar a pronúncia, conferir as relações sintagmáticas e, principalmente, procurar o significado de uma palavra.

As pesquisas que examinamos confirmam que a pronúncia está entre os três itens que os consulentes mais procuram, porém nem sempre a maneira como a pronúncia é registrada na microestrutura ajuda o consulente a localizar rapidamente a informação desejada e, em muitos casos, não permite nem mesmo que o consulente entenda o que está indicado.

Tanto nos trabalhos de natureza linguística quanto nas obras lexicográficas, as transcrições fonéticas são fundamentais, embora o trabalho de transcrição seja uma tarefa demorada, repetitiva e custosa, o que contribui para que erros humanos possam ocorrer

[3] La buona pronuncia italiana del terzo millennio (2009, p. 8).
[4] Cf., entre outros: BÉJOINT, Henri (1991); BUGUEÑO MIRANDA, Félix (2003, 2008); HARTMANN, Reinhard (2001); HÖFLING, Camila (2004, 2006); HUMBLÉ, Philippe (2001); LANDAU, Sidney (1991); MESTRE, Antonio (2002); SVENSÉN, Bo (2009); WELKER, Herbert (2004).
[5] Essas pesquisas serão exibidas em detalhes na etapa referencial.

natural e frequentemente. Reiteramos essa problemática com a afirmação de Quilis et al. (1999), que acreditam que a transcrição da pronúncia, não somente nos dicionários, mas nas obras linguísticas em geral, tem sido um dos maiores obstáculos que a ciência da linguagem teve e tem de vencer.

Ratificamos a ideia imediatamente anterior com a afirmação de Hulbert (1955 apud Landau, 1991): o autor ressalta que os dicionários são menos satisfatórios quanto à pronúncia do que quanto à ortografia, significado e etimologia. O registro da língua falada é difícil de adquirir, difícil de transcrever de forma precisa e inequívoca, difícil de representar compreensivelmente em um dicionário.

Sobre a importância de saber a pronúncia, Underhill (1980), defende que ela é parte essencial na aprendizagem de qualquer língua; sem uma pronúncia apropriada, as palavras podem perder seu significado ou sofrer alterações semânticas indesejadas para o contexto. Para alcançar uma competência linguística e comunicativa da língua estrangeira, é imprescindível desenvolver habilidades efetivas de pronúncia.

Reforçamos a importância da aprendizagem da pronúncia com o que escreve Silva (2012, p. 10):

> O aprendizado de língua estrangeira deveria, essencialmente, priorizar o ensino de pronúncia da língua que está sendo aprendida. A familiaridade com os padrões sonoros da língua estrangeira oferecerá ao aprendiz a oportunidade de ter um desempenho significativamente mais acurado na língua que está sendo aprendida.

Além da aprendizagem, é relevante pensar no significado social que uma pronúncia adequada comporta. Segundo Dufeu (2008, p. 15, tradução nossa[6]):

> Uma pronúncia correta pode ser acompanhada de uma imagem positiva do locutor, concedendo-lhe um grau de simpatia. Transmite a impressão de que o locutor se esforça para falar corretamente a língua, que ele respeita esta língua e seus falantes e que, portanto, ele dá um passo em direção a eles. Pode contribuir para uma integração quando esta é desejada, pois o locutor é considerado menos estrangeiro podendo, assim, desenvolver ou tornar possível um sentimento de pertencimento[7].

[6] Todas as citações que estão em língua estrangeira serão traduzidas pela autora.

[7] No original: "Une bonne prononciation peut s'accompagner d'une image positive du locuteur et lui donner un bonus de sympathie. Elle éveille l'impression que le locuteur étranger se donne du mal pour parler correctement la langue, qu'il respecte cette langue et respecte ses locuteurs, donc qu'il fait un pas vers eux. Elle peut contribuer à une intégration lorsque celle-ci est désirée, car le locuteur est considéré comme moins étranger, et elle peut développer ou rendre possible un sentiment d'appartenance".

Por considerarmos o dicionário uma obra indispensável e complementar para a aprendizagem de uma língua, seja ela materna ou estrangeira, e tendo consciência da escassez dos estudos a respeito da informação fônica nos dicionários, parece imprescindível repensar propostas que auxiliem os usuários na aprendizagem da pronúncia.

Nossa contribuição nesse sentido é propor novas abordagens para a maneira de indicar a pronúncia nas obras lexicográficas, tornando assim mais fácil a interpretação do consulente das notações empregadas, pois admitimos que instruções em relação à pronúncia propicia autonomia para que os aprendizes possam produzir oralmente as palavras estrangeiras.

Com o anteriormente exposto, justificamos a pertinência da nossa pesquisa. Com ela, pretendemos cooperar com o estudo da Lexicografia no Brasil e abordar um assunto ainda pouco estudado na literatura metalexicográfica: a informação sobre a pronúncia nos dicionários.

Em nosso trabalho temos como públicos-alvo, portanto, os aprendizes iniciantes em um idioma, os aprendizes avançados que buscam uma pronúncia proficiente da língua que estão estudando, os usuários nativos que têm dúvidas quanto à pronúncia de uma determinada palavra, os linguistas e os lexicógrafos, que poderão lograr os benefícios propostos neste estudo e, assim, enriquecer e diminuir o tempo e as dificuldades de inserção da informação fônica em suas obras lexicográficas.

Materiais e métodos

Antes de explicitar os materiais e métodos que permeiam a tese, julgamos pertinente esclarecer a definição de método científico, elaborada por Prodanov e Freitas (2013, p. 24):

> Partindo da concepção de que método é um procedimento ou caminho para alcançar determinado fim e que a finalidade da ciência é a busca do conhecimento, podemos dizer que o método científico é um conjunto de procedimentos adotados com o propósito de atingir o conhecimento.

Os procedimentos assumidos por nós para construção a tese são: pesquisa bibliográfica, análise de um *corpus,* o qual é composto de dicionários monolíngues e bilíngues do português e do italiano, e uma proposta de registro da pronúncia nas obras lexicográficas.

O processo analítico tem como finalidade: a verificação da notação aplicada para consignar a pronúncia na microestrutura e análise do guia de pronúncia de alguns dicionários. Optamos pelas análises, porque elas nos ajudaram a perceber as falhas e as dificuldades que os consulentes poderiam encontrar na busca das orientações de pronúncia.

O *corpus* de análise é composto por obras lexicográficas da língua portuguesa e italiana. Selecionamos esses idiomas em razão de sermos falantes desses idiomas e porque são línguas em que o princípio fonêmico se aproxima do gráfico; no entanto, em ambas as línguas ocorrem ambiguidades fônicas e gráficas, a posição do acento não é evidente na escrita, o que pode ocasionar dúvidas e equívocos por parte dos usuários. Por esse motivo, analisamos como os dicionários dessas línguas tratam a problemática da pronúncia.

Para a análise, optamos por três dicionários monolíngues da língua portuguesa, dois impressos: a) *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*; b) *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, e um disponibilizado *on-line*: c) *Dicionário Caldas Aulete.*

No que concerne à língua italiana, utilizamos três dicionários monolíngues, dois impressos: a) *lo Zingarelli 2014*; b) *Garzanti italiano*, e um *on-line*: c) *Dizionario della lingua italiana*, il Sabatini Coletti.

Vale enfatizar que a escolha desses dicionários deveu-se ao fato de serem os mais completos e os mais consultados pelos usuários brasileiros e italianos, respectivamente. Optamos pela análise de dicionários monolíngues (doravante DM) visto que essas obras são as mais examinadas pelos falantes nativos e porque muitos autores defendem que, quando o aluno adquire certa proficiência da língua que está aprendendo, o uso de DMs é mais aconselhado. Corroboramos com o que escreve Hernández no que diz respeito à utilização dos DMs por aprendizes de um idioma (1990, p. 160): "tem que considerar aqueles usuários que, não sendo falantes nativos da língua em questão, desejam aproximar-se dela, conhecê-la e dominá-la, convencidos de que este é o melhor caminho para poder alcançar o mundo cultural que tal língua é depositária e transmissora" [8].

Como nosso intuito é propor novas maneiras de registrar a pronúncia nos dicionários, auxiliando, desse modo, os aprendizes no momento da produção oral, com foco na pronúncia,

[8] No original: "Hay que considerar a aquellos usuarios que no siendo hablantes nativos de la lengua en cuestión desean acercarse a ella, conocerla y dominarla, convencidos de que éste es el mejor camino para poder acceder al mundo cultural del que dicha lengua es depositaría y transmisora".

consideramos oportuno também analisar dicionários bilíngues, obras muito consultadas pelos estudantes de língua estrangeira. Confirmamos esse aspecto também com Hernández (1990, p. 160): "para aqueles que iniciam sua aprendizagem, é ofertado, em princípio, um tipo de dicionário que permite a aproximação da língua desconhecida, através da conhecida língua materna: são os chamados dicionários bilíngues"[9]. Assim, para a análise dos dicionários bilíngues, foram selecionados dois: 1) *Michaelis italiano-português, português-italiano* e 2) *Martins Fontes italiano-português*.

Escolhemos também, para o nosso estudo, um dicionário bilingualizado: *Parola Chiave – Dizionario di italiano per brasiliani*. Os dicionários bilingualizados são conceituados como dicionários de aprendizagem e acumulam as funções de dicionário monolíngue e de dicionário bilíngue. Esses dicionários oferecem uma definição na língua estrangeira e uma tradução na língua de chegada.

Objetivando uma melhor organização dividimos a tese em três etapas:

1) Etapa Referencial: esta fase compreende o estudo do referencial teórico. Historiamos brevemente como se deu o surgimento das obras lexicográficas; explanamos a respeito dos tipos de dicionários; investigamos as funções dessas produções; expusemos sobre a atribuição de instrumental pedagógico dos dicionários; finalmente tratamos dos componentes canônicos dessas obras. Relativamente à informação fônica, estudamos qual dentre as maneiras de apontar a pronúncia os estudiosos da área julgam ser a melhor e qual a importância que os usuários e lexicógrafos dão à presença da informação fônica nos dicionários. Referenciamos também uma amostragem do que os lexicógrafos asseveram acerca da inclusão ou não das variações de pronúncia nas obras lexicográficas. O nosso trabalho é interdisciplinar, porque abrange as áreas da Lexicografia, da Fonética e Fonologia e, então, por último, fizemos um breve apanhado em relação às duas últimas áreas do saber.

[9] No original: "a quienes se inician en su aprendizaje se les brinda, en principio, un tipo de diccionarios que permite el acercamiento a la lengua desconocida a través de la conocida lengua materna: son los llamados diccionarios bilingües".

2) Etapa analítica: nesta parte da tese averiguamos qual sistema de notação é utilizado para registrar a pronúncia das palavras vernáculas e dos estrangeirismos nos dicionários analisados; observamos se a indicação da pronúncia é completa nas entradas ou se somente uma parte da pronúncia da palavra é evidenciada; consultamos se as obras registram a pronúncia das palavras homógrafas; verificamos se descrevem as variantes existentes no português brasileiro e no italiano. Por meio de uma reprodução parcial dos guias de pronúncia, analisamos como os dicionários os apresentam, se explicam de forma clara e precisa os símbolos fonéticos empregados; enfim, investigamos se os guias de pronúncia elucidam possíveis dúvidas dos usuários ao se depararem com os símbolos aplicados na microestrutura. Esta etapa tem como objetivo, portanto, avaliar se os dicionários analisados fornecem ao consulente, de forma clara e satisfatória, orientações concernentes à pronúncia.

3) Etapa propositiva: chamamos esta terceira fase do trabalho de propositiva, visto que é nossa intenção desenvolver uma proposta que possa representar ganhos para as obras lexicográficas, já que estas tratam de diversos fenômenos do léxico de uma língua. Admitimos que essas obras podem contribuir, de maneira mais eficaz, para a produção oral de seus usuários.

O entrelaçamento dessas etapas de ordem referencial, analítica e propositiva possibilitará a realização de um trabalho que encara a problemática da pronúncia no âmbito da lexicografia.

Finalizando a parte introdutória, explanamos, a seguir, os objetivos que pretendemos alcançar com este trabalho. Temos os seguintes objetivos nucleares:

1. Analisar as maneiras adotadas para indicar a pronúncia nos dicionários monolíngues e bilíngues da língua italiana e da língua portuguesa;
2. Além do objetivo de caráter analítico arrolado acima, o nosso objetivo primordial é de caráter propositivo. Para tanto, a partir do que for constatado nas análises dos dicionários, nosso escopo é propor formas mais adequadas quanto à maneira de registrar a pronúncia nas obras lexicográficas.

E os objetivos específicos listados:

1. Observar como as obras em estudo exibem o guia de pronúncia;
2. Ampliar o uso do dicionário como ferramenta de ensino-aprendizagem;
3. Estudar os modelos de pronúncia descritos nos dicionários;
4. Averiguar se as obras em estudo incluem as variações de pronúncia;
5. Fazer um levantamento das dificuldades que os usuários possam ter relativas à pronúncia no momento da produção oral, como ocorreria para os aprendizes no caso de ambiguidade de grafemas e fonemas;
6. Contribuir para as pesquisas na área da Lexicografia.

O escopo da nossa pesquisa é, portanto, de caráter exploratório[10], tendo como base a análise da informação fônica contidas em dicionários da língua portuguesa e da língua italiana. As análises, somadas à pesquisa bibliográfica, permitiram uma investigação mais detalhada acerca da problemática da pronúncia nas obras lexicográficas. Além disso, o processo de análise e o estudo do referencial teórico nos auxiliaram a elaborar uma proposta de registro da pronúncia nos dicionários.

O nosso trabalho pretende inovar na maneira de apontar a pronúncia nos dicionários, pois um aprendiz precisa saber a pronúncia das palavras a fim de se comunicar. Se um aluno é capaz de produzir uma palavra adequadamente, é mais fácil para ele aprender o sistema da língua. O conhecimento da pronúncia das entradas lexicais tende a ajudar os aprendizes de uma língua estrangeira a ouvir melhor os sons, tornando mais fácil o aprendizado da ortografia da palavra e seu significado. Além disso, um aprendiz será melhor compreendido quando ele se comunicar com o falante estrangeiro.

Se um indivíduo quer entender um falante de uma língua estrangeira, se quer ser entendido por questões de estudo, trabalho ou turismo, se quer estar apto a conversar com um

[10] Marconi e Lakatos (2003, p. 187) definem as pesquisas exploratórias da seguinte maneira: "são investigações de pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos. Empregam-se geralmente procedimentos sistemáticos ou para a obtenção de observações empíricas ou para as análises de dados (ou ambas, simultaneamente). Obtém-se frequentemente descrições tanto quantitativas quanto qualitativas do objeto de estudo, e o investigador deve conceituar as inter-relações entre as propriedades do fenômeno, fato ou ambiente observado".

falante nativo de uma determinada língua, é indispensável aprender a pronúncia, pois uma boa pronúncia é um importante elemento de comunicação.

Com a nossa proposta, queremos ampliar o uso do dicionário como ferramenta de ensino-aprendizagem, uma vez que o dicionário, além de servir como material de apoio e consulta, tem grande potencial para ser elevado à categoria de material didático.

Findamos a parte introdutória com o que Assunção (1979, p. 39-40, grifo da autora) escreve em relação aos dicionários:

> O dicionário é um "objeto manufaturado" que responde às exigências de informação e de comunicação de uma sociedade. É um instrumento de educação permanente. É ponto de referência entre a língua e a ciência, entre a língua e a cultura.
> Os dicionários podem ser vistos como um texto, como uma obra literária, ou mais precisamente, como um discurso pedagógico e didático.

CAPÍTULO 1

1. ETAPA REFERENCIAL

Os pressupostos teóricos em que nos apoiamos para a nossa pesquisa foram investigados nos campos da Lexicografia, da Lexicografia Pedagógica, da Fonética e da Fonologia. No campo da Lexicografia, servimo-nos, como embasamento teórico, dos estudos feitos por Landau (1991), Hartmann (2001), Humblé (2001), Mestre (2002), Biderman (2001, 2002, 2004), Bugueño Miranda (2003, 2008), Welker (2004), Nunes, (2006), Fornari (2008), Svensén (1993, 2009), entre outros.

Referentemente à Lexicografia Pedagógica, valemo-nos dos estudos desenvolvidos por Béjoint (1981), Haensch (1982), Höfling (2000, 2004, 2006), Krieger (2007) e Silva (2008).

Nas áreas da Fonologia e Fonética, baseamo-nos nas obras de Canepari (1979, 1999), Silva (1999), Massini-Cagliari; Cagliari (2001), Babini (2002), Lima; Souza (2008) e Seara et al. (2015).

1.1 Versando sobre os dicionários: a história, os tipos, as funções, o papel pedagógico e os componentes canônicos

Na primeira parte da etapa referencial, discorremos acerca dos dicionários de uma maneira geral. Tratamos inicialmente do surgimento dos dicionários; em seguida, expomos sobre a tipologia dessas obras; no terceiro tópico abordamos as funções das obras lexicográficas; em seguida demonstramos porque o dicionário é considerado um instrumento pedagógico; e, por último, tratamos dos componentes canônicos dos dicionários.

1.1.1 Surgimento dos dicionários

Não podemos começar a tratar dos tipos de dicionários, das funções dessas obras lexicográficas e de seus componentes canônicos sem antes fazer um apanhado histórico a respeito da representação escrita do código oral, pois foi a partir do momento em que o homem codificou a fala que surgiram os primeiros dicionários.

De acordo com Biderman (2001), para memorizar as suas emoções e entesourar os conhecimentos adquiridos, o homem inventou a escrita. Com essa invenção, tornou-se possível a transferência da informação de um código para outro. Codificou-se, assim, um sistema sonoro em um sistema visual.

A escrita, segundo Durão (2010), é o resultado de um percurso de elaboração bastante complexo, que teve início com a escrita pictográfica e ideográfica por intermédio de registros figurativos e esquemáticos até chegar ao patamar de escrita fonográfica por meio do uso de um alfabeto. Este, diferentemente da escrita pictográfica e da ideográfica, permite a escrita fonográfica, ou seja, a escrita que decompõe as palavras em sons mediante o uso de signos abstratos.

Relativamente à criação de um alfabeto para representar o código oral, Biderman (2001 p. 56) afirma que:

> Em matéria de escrita o código alfabético constitui a grande invenção humana. Tendo partido da fase silábica, os fenícios inventaram um sistema fonográfico para representar os sons consonânticos. Tal modelo foi retomado pelos gregos e aprimorado, reutilizando símbolos fenícios de consoantes inexistentes na sua língua para representar as suas vogais. Assim os gregos analisaram a sílaba da cadeia fônica e reconheceram nela dois tipos de sons: consoantes e vogais que representaram a escrita alfabética. Adaptando o alfabeto grego à sua própria língua, os romanos fizeram-se os grandes divulgadores dessa engenhosa invenção humana no mundo ocidental.

Com um alfabeto criado, começa o processo de dicionarização na Antiguidade. Conforme Fisher (2009), na Mesopotâmia, entre 6.000 e 5.700 anos atrás, foram encontradas 30 mil tábuas com listas de palavras bilíngues, distribuídas em campos semânticos e que retratavam as atividades comerciais da época. Nessa fase, podemos afirmar que dicionários tinham como objetivo principal tornar possível a comunicação entre pessoas que falavam línguas diferentes. Nascem assim os dicionários bilíngues, visto que as tábuas encontradas

anotavam palavras sumérias (língua falada na Mesopotâmia) e suas traduções para o eblaíta (língua falada na Síria).

As indicações de pronúncia apareceram nos dicionários por volta de 2500 a.C. e surgiram da exigência do diálogo entre as nações. Nessa época havia grande comercialização entre os egípcios e outros povos e, para facilitar a comunicação, os escribas aplicaram diferentes convenções para indicar o valor fonético das palavras estrangeiras. Fischer (2009, p. 53) defende que os "escribas compilaram os primeiros dicionários do mundo, os quais eram compostos por listas de palavras, ordenadas de acordo com a pronúncia, forma do signo e sentido".

Com base nessas referências, depreendemos que o dicionário surgiu devido à necessidade de compreensão, retenção e transmissão de forma organizada do conteúdo linguístico necessário para se obter bons resultados nas relações comerciais e culturais entre diferentes povos.

Todo esse material lexicográfico foi considerado um verdadeiro tesouro linguístico e serviu de modelo para que os gregos e romanos elaborassem, posteriormente, seus primeiros dicionários. Segundo Humblé (2001), no primeiro século d.C., por volta de 900 anos após a publicação de *Ilíada* e de *Odisseia*, os gregos encontravam cada vez mais dificuldade em compreender as palavras escritas por Homero. Assim, os estudiosos dessas epopeias tiveram a ideia de reunir comentários sobre as palavras difíceis usadas pelo autor, realizando uma tradução intralingual do grego antigo para o grego moderno.

O processo de dicionarização no Império Romano começou por volta do ano 400 d.C. com os monges copistas. Eles copiavam os livros antigos e faziam anotações elucidando o sentido de determinadas palavras e expressões que encontravam nos manuscritos. Consoante Durão (2010), essas anotações foram se tornando tão frequentes que receberam o nome de glosas. A autora expõe que, do ponto de vista formal, pode-se dizer que, ao organizarem as glosas alfabeticamente, os monges copistas aperfeiçoaram o processo de criação dos dicionários e da Lexicografia.

E assim surgiram os primeiros dicionários monolíngues, na medida em que os povos precisavam explicar o significado das palavras para as suas transações mercantis ou para

transcrever textos antigos com palavras que iam caindo em desuso, tornando-se raras e incompreensíveis, e a prática de compilar listas de palavras foi se desenvolvendo.

Do século XI ao XVI, com a emergência da escrita das línguas vernáculas europeias e, paralelamente, a escolarização do latim, teve origem a dicionarização das línguas vulgares. A língua portuguesa faz parte desse grupo e, a respeito disso, Verdelho e Silvestre (2007, p. 15) escrevem:

> A língua portuguesa, pelo menos desde o século XIII, ao mesmo tempo em que tinha acesso à sistematização da escrita, começou a ser utilizada numa produção pré-lexicográfica, baseada em listagens glossarísticas medievais bilíngues (latim-vernáculo), que eram já utilizadas por outras línguas vulgares da Europa, desde a mais remota Idade Média, como auxiliares da escolarização do latim.

A Lexicografia da língua portuguesa, assim como da italiana, da espanhola e da francesa, nasceu dos dicionários bilíngues que puseram em confronto o latim e as línguas vulgares e as línguas românicas entre si.

Com o avanço do fazer dicionarístico bilíngue, emergiram dicionários comparativos entre línguas vulgares e línguas anglo-saxônicas. Essas obras tinham como objetivo facilitar a comunicação entre os falantes que não sabiam latim. No final da Idade Média, mais precisamente em 1447, uma lista de palavras em italiano-alemão foi compilada com o propósito de auxiliar os desbravadores em suas viagens e, assim, ajudá-los na comunicação para as relações comerciais entre esses países. O repertório das entradas era feito por temas ou assuntos, o qual recebe hoje, na Lexicografia, o nome de organização onomasiológica (Humblé, 2001).

Esses exemplos demonstram que, já em tempos remotos, as obras lexicográficas cumpriam um importante papel no processo do ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras.

A frequência dos dicionários bilíngues foi ainda maior durante o ressurgimento do latim clássico no período renascentista (entre o final do século XIV e o início do século XVII): toda uma gama de dicionários bilíngues de latim, grego e hebraico foi publicada. Essas obras surgiram principalmente da necessidade de decodificação de textos bíblicos e do latim clássico. Além disso, esses dicionários serviram também para aprendizes do latim clássico. A organização onomasiológica coexistiu com a alfabética durante o renascimento e,

posteriormente, essa última tornou-se predominante na prática lexicográfica, a qual recebe atualmente o nome de organização semasiológica.

Fernández (2003, p. 33) assume que foi no Renascimento que os dicionários surgem na qualidade de gênero didático moderno. Segundo as palavras da autora:

> Ainda que a composição de repertórios léxicos conte com uma dilatada tradição que se remonta às culturas mais antigas do oriente, podemos dizer que o dicionário, enquanto gênero didático moderno surge na Europa do Renascimento com impulsos da corrente humanista que, em sua vertente pedagógica, viria renovar os métodos de ensino do latim, propiciando não somente a edição depurada dos autores clássicos – verdadeiros modelos do bom uso da língua –, como também o cultivo de novos instrumentos didáticos com os quais substituíram as obsoletas ferramentas da tradição medieval[11].

É também no período renascentista na Europa, que os dicionários do humanista Jerónimo Cardoso (1510-1569) marcam o início da dicionarização portuguesa. De acordo com Verdelho e Silvestre (2007, p. 16), na obra bilíngue denominada *Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem* (1562), Jerónimo Cardoso "promoveu a primeira alfabetação do *corpus* lexical vernáculo e deu assim origem a todos os subsequentes dicionários do português, repercutindo-se efetivamente na técnica dicionarística, no levantamento das unidades lexicais, na referenciação do seu valor semântico e na fixação da sua imagem ortográfica". Essa obra foi a primeira a estabelecer um confronto entre o léxico do latim com as formas correspondentes no português. O *Dictionarium* passou a ser um manual útil ao ensino e à aprendizagem da língua latina em confronto com a portuguesa.

Ainda no Renascimento, as línguas portuguesa, italiana, espanhola e a francesa expandiram seus vocabulários por meio de empréstimos de palavras do latim e do grego. As novas palavras iam surgindo e os falantes desconheciam seu significado, o que deu origem aos novos dicionários monolíngues. Corroboramos com o que é afirmado por Nunes (2006, p. 48) sobre a importância do período renascentista para a Lexicografia:

> O Renascimento marca um momento significativo da dicionarização, pois é quando surgem os dicionários das línguas maternas, os dicionários monolíngues, e quando

[11] No original: "Aunque la composicion de repertorios léxicos cuente con una diltada tradición que se remonta a las culturas más antiguas de oriente, podemos decir que el diccionario, en tanto que género didáctico moderno, surge en la Europa del Renacimiento a impulsos de la corriente humanista que, en su vertiente pedagógica, vendría a renovar los métodos de enseñanza del latín, propiciando no solo la edición depurada de los autores clássicos – verdaderos modelos del buen uso de la lengua –, sino también el cultivo de nuevos instrumentos didácticos con los que sustituir a las obsoletas herramientas de la tradición medieval".

> se costuma indicar o estabelecimento da lexicografia. O período renascentista reúne vários fatores que condicionam o desenvolvimento desse campo de saber: a administração dos grandes Estados, a literalização dos idiomas e a relação com a língua nacional (uma nação, uma língua), a imprensa, a expansão colonial, viagens, comércio, contato entre povos de diferentes línguas.

É nessa época de expansão colonial e, por conseguinte, do contato entre povos de línguas diferentes que teve início o processo de dicionarização no Brasil, o qual é marcado pela descrição de línguas indígenas no início da colonização. Relacionado a isso, Nunes (2006, p. 50) escreve:

> A gramatização de línguas indígenas nesse período atingiu apenas três línguas indígenas: o tupinambá que era falado na costa, o kariri e o manau, além das chamadas línguas gerais. Destacam-se as gramáticas do tupinambá, de Anchieta (1595) e de Figueira (1621), e do kariri, de Mamiani (1699), bem como o *Vocabulário da Língua Brasílica.* Este último deve ter sido composto durante a segunda metade do século XVI e início do XVII.

Segundo Nunes (2006, p. 51), a produção de relatos de viajantes e missionários pode ser considerada precursora das práticas lexicográficas no Brasil: "Nessa produção, encontramos palavras indígenas que são transcritas, comentadas e explicadas, dispostas em listas temáticas".

Na dicionarização brasileira não é um texto antigo que serve de fonte para as compilações e as interpretações lexicais, como na lexicografia europeia, é o relato dos viajantes que produz as primeiras descrições, definições e comentários. Os relatos desses viajantes de diversas procedências, entre eles portugueses, alemães, franceses e holandeses, tiveram como consequência a variação quanto à ortografia dos termos indígenas.

A língua indígena, de tradição oral, foi transcrita conforme o saber fonético espontâneo dos falantes. A dificuldade de pronúncia dos sons do tupi causou grande variação na escrita dos autores na época e o léxico acumulou grafias diferentes para a mesma palavra. Por exemplo, Jean de Léry, viajante francês e autor de *Colóquio*, transcreveu da seguinte maneira o nome "tupinambás": *Tououpinambaoults* (NUNES, 2006).

Os primeiros dicionários brasileiros são bilíngues e colocaram em confronto o português e o tupi. Essas obras foram elaboradas pelos jesuítas nos séculos XVI e XVII e tinham como objetivo apoiar a comunicação entre os estrangeiros e os índios.

É dessa época a obra Vocabulário da Língua Brasílica (doravante VLB), de autoria desconhecida. A seu respeito Nunes (2006, p. 55) assenta:

> O VLB, enquanto primeiro instrumento lexicográfico, traz a representação de uma unidade do espaço linguístico brasileiro: a chamada "língua brasílica", a que Anchieta se refere também como "a língua mais falada na costa do Brasil", caracterização geográfica e política que serviu ao movimento de conquista dos colonizadores. Esse dicionário foi elaborado com o interesse prático de ensinar aos missionários a língua indígena, a fim de converter os nativos. Insere-se em uma situação social em que conviviam índios, colonos e mestiços. O tupi era ensinado, juntamente com o português, às crianças (índios, filhos de colonos, crianças trazidas de Portugal) nas "escolas de ler, escrever e contar" dos jesuítas.

Ainda consoante Nunes (2006), foi a partir dessa obra que se fixaram as transcrições baseadas no alfabeto e na pronúncia portuguesa. Os verbetes incluíam comentários gramaticais, entre eles esclarecimentos fonéticos, gráficos, morfológicos, sintáticos.

Infere-se, com o que foi exposto até aqui, que a primeira função dos dicionários era didática e de preservação das línguas. O caráter normativista dos dicionários, como regulador da norma culta de uma língua, surgiu tempos depois acompanhando a evolução das línguas e das sociedades. Confirmamos isto com a afirmação de Rey (1970, p. 21 apud Krieger, 2007, p. 297):

> É então a necessidade de preservar o uso ameaçado das línguas mortas e de facilitar a aquisição das línguas vivas que determinou a elaboração de verdadeiros dicionários bilíngues. Do mesmo modo, a preocupação de preservar o tesouro do passado da língua ou de fazer prevalecer um 'bom uso' sobre todos os outros possíveis levou ao surgimento dos dicionários monolíngues.

Relativamente à nova maneira de fazer dicionários monolíngues das línguas românicas, conhecidos como *thesaurus* e tendo o *Vocabolario degli Accademici della Crusca* (editado em 1612) como precursor, Humblé (2001, p. 31) pondera:

> O dicionário Crusca representa uma mudança notável no objetivo dos dicionários. Anteriormente, o objetivo era ajudar na comunicação, intra ou interlíngual, sincrônica ou diacronicamente, a partir de então apenas dicionários bilíngues poderiam reivindicar a exclusividade desse objetivo. Além disso, do La Crusca em diante, os dicionários começaram a incorporar, progressivamente, conhecimento e cultura. Assim, o objetivo dos dicionários mudou de prático para simbólico, de funcional para emblemático. Os dicionários monolíngues tornaram-se "tesouros", com a intenção primeira de serem possuídos e não usados, e por incluírem o máximo de informação em palavras que se pode reunir – significando, etimologia, gramática,

> sinônimos, antônimos – independentemente da utilidade de tal informação ou a que público esta informação atenderá[12].

Nos séculos XVIII e XIX, os dicionários foram compilados com o propósito de fixar as formas, com vistas ao ensino das línguas e, entre os itens de ensino/aprendizagem, está a pronúncia. As produções lexicográficas desse período tinham uma maior preocupação com a pronúncia correta das palavras da língua inglesa, o que ocasionou em um considerável aumento na publicação de dicionários dedicados principalmente à pronúncia (Landau, 1991).

No século XIX, com o fazer dicionarístico estabelecido, foi a vez dos dicionários gerais incluírem a pronúncia na palavra-entrada que era registrada, na maioria das obras, por meio da transcrição fonética e com a utilização do Alfabeto Fonético Internacional (Quilis et al., 1999).

Até esse momento da história, a Lexicografia era uma atividade que consistia em observar, coletar, selecionar, analisar e descrever em um dicionário um número de itens lexicais pertencentes a uma ou mais línguas. Essa parte da matéria, isto é, a compilação dos dicionários, é chamada de Lexicografia Prática. Acerca disso, Silva (2008, p.330) assenta:

> É fato que por muitos séculos os dicionários vinham sendo copiados ou compilados de modelos anteriores, sem que o lexicógrafo considerasse os avanços em outras áreas e na sociedade. Não havia reflexão sobre as diferentes aplicações de uma obra lexicográfica e sobre seu público-alvo. O dicionário, enquanto objeto e, ao mesmo tempo, ferramenta, deve acompanhar sua época.

A partir do século XX, se iniciaram as reflexões em relação à maneira de fazer dicionários que atendesse melhor o usuário. Passou-se a estudar aspectos como a história dos dicionários, sua estrutura, sua tipologia, sua finalidade, sua relação com outras disciplinas, a metodologia da sua elaboração e a crítica de dicionários. Essa parte ficou sendo chamada de Lexicografia Teórica. A respeito disso, Lara (2004, p. 134) anota:

---

[12] No original: "The Crusca dictionary represents a remarkable shift in the purpose of dictionaries. Whereas formerly their aim was to assist communication, intralingually or interlingually, synchronically or diachronically, from then on only bilingual dictionaries could claim to have this exclusive purpose. In addition, from La Crusca onwards dictionaries start to embody literacy and culture. Hence, the purpose of dictionaries changed from practical to symbolic, from functional to emblematic. Monolingual dictionaries have become 'treasures,' intended primarily to be owned and not to be used, and they include as much information on words as can be gathered about them – meaning, etymology, grammar, synonyms, antonyms –, regardless of the usefulness of such information or what audience this information has to serve".

> Somente a partir dos três imprescindíveis livros de Josette Rey-Debove, de Alain Rey e de Bernard Quemada, na década de 1970, o dicionário começou a merecer uma consideração que foi mais além do método e o submeteu a uma indagação linguística.

O caráter pré-científico da Lexicografia teve início, portanto, quando os lexicógrafos deixaram a concepção de lexicografia como "arte" ou "técnica" de lado, aproximando-se das disciplinas linguísticas e voltando-se para a reflexão sobre os dicionários, observando as funções que endossam e justificam a elaboração de cada obra lexicográfica.

E, a partir desse novo fazer lexicográfico, foram fomentados tipos diferenciados de dicionários que refletem os desenvolvimentos técnicos e científicos das sociedades modernas. A Lexicografia e, consequentemente, os dicionários passaram a ser elaborados à luz dos avanços da linguística moderna e da tecnologia.

A disseminação do computador, a partir dos anos de 1980, significou uma revolução para a Lexicografia da língua inglesa; a partir disso, emergiram os dicionários eletrônicos. Prognosticou-se inclusive o desaparecimento do dicionário impresso, o que não aconteceu[13]. Quando surgiu o computador, com suas possibilidades de armazenamento enormes, a primeira coisa que se fez foi colocar em forma digital o que estava impresso em livros, a forma de encontrar as palavras ficou mais fácil, porém o conteúdo do dicionário eletrônico era igual ao do impresso.

Em seguida, surgiu uma geração de dicionários eletrônicos que reproduziam a versão impressa, porém com mais recursos. Conforme Humblé (2007, p. 5), "o primeiro foi o Cobuild, que colocou em um CD-ROM um dicionário, uma gramática e um *corpus*. O mais sofisticado dessa geração é o Longman 4, que traz uma série de obras reunidas em um CD-ROM, com a possibilidade de escutar a pronúncia, fazer exercícios e buscar exemplos em um *corpus*[14]".

A última geração é a dos dicionários eletrônicos *on-line* – nesses, o desenho dos sites não imita mais as páginas dos dicionários tradicionais. Um recurso relevante dos dicionários

[13] O dicionário da língua italiana '*Lo Zingarelli'* lança praticamente todo ano uma versão impressa, sendo a última de 2016. Dos dicionários que analisamos, a maioria deles foi editada depois de 2009.

[14] No original: "El primero fue el Cobuild, que puso en un CD un diccionario, una gramática y un corpus. El más sofisticado de esa generación es el Longman 4 que trae una serie de obras reunidas en un CD, con la posibilidad de escuchar la pronunciación, hacer ejercicios, buscar ejemplos en un corpus".

eletrônicos é a sugestão de entradas apresentadas logo abaixo da caixa de digitação, pois agiliza a busca e oferece sugestões de grafias na forma correta. Outra novidade foi a possibilidade de colaboração dos usuários.

Como se pode observar com esta pequena síntese histórica do processo de dicionarização, a elaboração dos dicionários partiu da oralidade para a escrita, ou seja, somente quando se adentrou no território dos fonogramas, os quais simbolizam, mediante signos abstratos, os sons que constituem palavras, é que se entrou, efetivamente, no horizonte da escrita completa. E o que presenciamos hoje na compilação dos dicionários é uma importância maior à escrita do que ao som, quando as duas deveriam, em um mesmo grau de importância sanar as dúvidas dos consulentes, dado que os dicionários se propõem a fornecer ambas as informações.

Na maioria das empresas lexicográficas, as transcrições fonéticas são consideradas de importância secundária, como se fossem uma peça adicional de informação; nossa proposta é tornar a pronúncia central, devido ao fato de ela ser uma parte integral de um item lexical.

Constatamos também, no apanhado histórico, que a origem dos dicionários está relacionada com o aprendizado das línguas, fato que nos leva a destacar que o dicionário é naturalmente um instrumento de ensino.

E sendo um objeto de ensino, todas as informações que fazem parte do dicionário, entre elas a pronúncia, esclarecimentos gramaticais e significado, devem receber atenção igual na definição das entradas em um dicionário. A pronúncia, em particular, é um pré-requisito nos dicionários voltados para os aprendizes, porque essas obras servem especialmente para os usuários que estão aprendendo a falar uma língua estrangeira.

Sabemos que o trabalho do lexicógrafo é difícil e extremamente cansativo, mas possui o fascínio de poder melhorar continuamente a própria obra, fazendo mudanças de uma edição para outra.

1.1.2 Tipos de dicionários

Existe um grande número de tipos de dicionários e também muitas maneiras de classificá-los de diferentes pontos de partida[15]. Há dicionários monolíngues para falantes nativos e para falantes não nativos. Há dicionários bilíngues que são unilaterais e outros que são bilaterais. E há os que são em parte monolíngues, em parte bilíngues, os denominados dicionários bilingualizados ou híbridos[16]. Esses últimos costumam ter a definição da palavra-entrada na língua estrangeira e, em seguida, há uma tradução na língua do usuário. E há também os dicionários eletrônicos que englobam todos os tipos citados anteriormente.

Além das diferenças arroladas acima, Krieger (2007, p. 299-300) escreve que:

> O universo dos dicionários comporta uma série de classificações que levam em conta inúmeras variáveis, tais como: formato, extensão da nomenclatura, caráter sincrônico, diacrônico, normativo, descritivo, número de línguas, tipo de informação microestrutural, forma de tratamento dos dados entre outros componentes. Por essa razão, torna-se difícil e heterogênea sua taxionomia, bem como se encontram denominações variadas a exemplo de: dicionário de língua, dicionário padrão de língua, dicionários etimológicos, descritivos, de uso, dicionários bi ou multilíngues, dicionário escolar, minidicionários, entre outras denominações concernentes à proposta lexicográfica que privilegiam.

Não queremos ser exaustivos no tratamento da classificação dos dicionários por haver muitas, por isso, conceituamos de maneira prática os tipos de dicionários, sendo o número de línguas o principal critério para a classificação que levamos em conta.

Uma primeira constatação que se pode fazer do dicionário monolíngue (DM) é que ele contém só uma língua. O objetivo primário dos dicionários monolíngues é esclarecer o sentido das entradas por meio de outras palavras na mesma língua, descrevendo como e em que contextos a palavra procurada pode ser usada.

Segundo Hernández (1989), uma língua tem de oferecer aos seus usuários pelo menos três tipos de dicionários monolíngues:

1) dicionários de língua geral: são as obras que inventariam e definem todo o léxico da língua; servem para garantir a unidade do idioma e facilitam a decodificação de qualquer enunciado por mais distante que esteja da realidade espaço-temporal em que se encontra o usuário, são os denominados *thesaurus*;

2) dicionários de uso: são as produções que refletem o léxico atual de uma língua;

---

[15] Limitamo-nos a descrever os tipos de dicionários utilizados em nossa pesquisa (monolíngue, bilíngue, bilingualizado e eletrônico).

[16] Nós usaremos o termo "dicionário bilingualizado".

3) dicionários escolares: são as obras que servem às necessidades léxicas dos estudantes, apresentando uma seleção de entradas e acepções convenientes e adequando as definições a seu nível de compreensão.

Os objetivos do DM mudaram de ênfase ao longo dos anos. Dependendo da era e do lugar, os DMs serviram para preservar uma língua que se julgava ter chegado a um estado de perfeição, para afirmar uma identidade nacional, além de ajudar na elucidação de palavras difíceis ou na ortografia. Os DMs ainda têm esses objetivos, mas agora somam-se outros, entre eles: tratar das unidades lexicais de uma dada língua, definindo-as, apresentar sinônimos e disponibilizar orientações fonéticas, morfológicas e sintáticas, auxiliando assim os usuários na aprendizagem de um idioma.

Expressando de maneira objetiva, o dicionário bilíngue (doravante DB) é usado para promover a interação e possibilitar a comunicação com pessoas que falam outra língua. Não é por acaso que o dicionário bilíngue foi inventado mais de dois mil anos antes de Cristo, como apreciamos anteriormente.

Discorrendo de uma maneira mais técnica, o DB é uma obra de referência que trata da equivalência das unidades lexicais de duas línguas distintas, fornece, portanto, a tradução do item de uma língua para outra, ou seja, um DB é, no seu formato mais simples, uma lista de palavras numa língua A de um lado e uma lista de palavras numa língua B de outro.

Quanto ao público-alvo, o DB pode ser unilateral, isto é, destinado aos falantes de uma língua materna em contato com uma língua estrangeira, ou bilateral, apropriado aos falantes das duas línguas em contato, situação em que as funções de língua materna e língua estrangeira se alternam de acordo com os usuários.

Os dicionários bilíngues têm muitas funções, entre elas é possível afirmar que cada parte do DB pode apoiar-se tanto na codificação quanto na decodificação. Assim como eles são usados para muitas tarefas, são consultados por muitos grupos de usuários, entre eles os tradutores, estudantes de línguas estrangeiras, técnicos e literários.

Landau (1991) assevera que há dois propósitos em se usar um DB: para compreensão, em atividades de leitura em língua estrangeira e para produção ou conversação com um estrangeiro, ajudando o aluno a se expressar em atividades escritas e orais.

A importância dos DBs é incontestável, porque uma das convicções das pessoas em geral é a necessidade de haver uma obra desse tipo para contribuir nas atividades de tradução e na aprendizagem de língua estrangeira.

Conforme Piotrowski (1994), os dicionários bilíngues não são tipicamente dicionários descritivos. Para o autor, são dicionários pedagógicos os quais são utilizados para aprender algo, são obras prescritivas, em que sua função está na orientação da comunicação, auxiliando o usuário a produzir novas ocorrências.

O principal objetivo do DB é, portanto, dar apoio ao usuário na comunicação com outra comunidade linguística.

O terceiro tipo descrito por nós são os dicionários bilingualizados (doravante DBZ), que incluem as definições e exemplos em língua estrangeira e ao final de cada acepção se acrescenta uma tradução na língua do usuário. Eles se dirigem a um público desejoso de estudar a língua estrangeira e não de simplesmente resolver um problema de leitura, por isso são considerados dicionários de aprendizagem.

O DBZ combina características do dicionário monolíngue e do bilíngue, esperando que essa combinação favoreça a aprendizagem da língua estrangeira, visto que desempenha diversas atividades bastante importantes para a aquisição de uma língua estrangeira: com essa obra, o consulente pode decodificar e compreender o idioma que está aprendendo e também codificar e se expressar na língua estrangeira.

Para finalizar, tratamos agora dos dicionários eletrônicos. De um ponto de vista técnico, um dicionário eletrônico pode ser produzido para ser usado *off-line* ou *on-line.* No uso *off-line,* o dicionário é instalado no computador por uma mídia externa: CD-ROM, DVD ou baixado da Internet. No uso *on-line,* o dicionário só pode ser consultado via Internet. Svensén (2009, p. 438) escreve a respeito da principal diferença entre essas duas maneiras de produção: "enquanto o dicionário *off-line*, assim como o dicionário impresso, pode ser considerado um produto acabado, o dicionário *on-line* é, em princípio, um produto inacabado que pode ser continuamente revisado e aumentado[17]".

[17] No original: "While the off-line dictionary, like the print dictionary, can be regarded as a finished product, the on-line dictionary is in principle an unfinished product that can be continuously revised and enlarged".

De um ponto de vista lexicográfico, um dicionário eletrônico pode ser constituído de uma versão digitalizada de um dicionário impresso ou ter sido produzido desde a sua concepção como um dicionário eletrônico. Acerca disso Svensén (2009, p. 439)[18] escreve:

> O que tem sido afirmado é que os dicionários eletrônicos são fortemente conectados com os dicionários impressos e a atividade lexicográfica em geral, já dicionários eletrônicos de bolso não são produzidos normalmente por editoras de dicionários, mas por companhias pertencentes ao setor eletrônico. O melhor resultado é ter uma contínua cooperação entre lexicógrafos e especialistas em tecnologia da informação.

Embora o dicionário eletrônico ainda seja espelhado no impresso, o computador viabilizou um enorme avanço à Lexicografia. Libertou o lexicógrafo e o usuário de alguns de seus principais entraves, entre eles: libertação da ordem alfabética, rapidez na procura, facilidade de acesso a outras partes através de *links*, busca aproximada (se o usuário não souber exatamente como escrever uma palavra, o dicionário eletrônico pode ajudar a encontrar) e o principal de todos os benefícios: o uso do *corpus,* o qual mudou a rotina do lexicógrafo na medida em que ele não precisa mais confiar unicamente na sua intuição. O *corpus* atesta, com centenas de exemplos, como e quando uma palavra pode ser usada. No tocante à pronúncia, o dicionário eletrônico possibilitou a reprodução acústica das entradas.

Existem tipos diferentes de dicionários porque eles têm diferentes propostas. As obras lexicográficas são produzidas para satisfazer necessidades individuais de informação; elas dão suporte para a comunicação tanto para consulentes falantes nativos de um idioma, quanto para falantes de uma língua estrangeira e também dão suporte para a aprendizagem de qualquer língua.

Os dicionários são usados para diferentes funções em conexão com as mais diversas atividades linguísticas. A relação entre estes três fatores: tipo de dicionário, função dessas obras e atividade linguística são de fundamental importância para o desenho e uso do dicionário.

O desconhecimento das diferenças entre os tipos de dicionário pode causar frustração ao consulente, que busca em uma produção lexicográfica, soluções para dúvidas as quais a

[18] No original: "It has asserted that PC dictionaries are rather strongly connected with print dictionaries and the lexicographic profession in general, whereas pocket electronic dictionaries are usually not produced by regular dictionary publishers but by companies belonging to the electronics sector. The best result is probably obtained through close and continuous co-operation between professional lexicographers and IT specialists".

obra consultada não se propõe explanar. Sendo assim, é necessário conhecer o objeto que se tem em mãos e, para isso, a leitura do material introdutório é imprescindível para o usuário conhecer as funções e os objetivos que o dicionário escolhido tem.

1.1.3 O dicionário e suas funções

O dicionário é o lugar em que o léxico de um idioma é compilado de forma sistemática e isto, segundo Krieger (2007, p. 295-296), atribui ao dicionário:

> O estatuto de instância de legitimação do léxico, constituindo-se em consequência, em paradigma linguístico modelar dos usos e sentidos das palavras e expressões de um idioma. O dicionário assume, nessa medida, o papel de código normativo de um sistema linguístico, e, como tal, nas sociedades de cultura, goza de uma autoridade que não é menor. Ao contrário, a autoridade é socialmente institucionalizada, posto que é consultado em todos os lugares, e por todos os segmentos sociais e profissionais que procuram respostas, sobretudo, sobre o significado das palavras.
> Mas, o dicionário também responde a outras questões, envolvendo aspectos – históricos, ortográficos, prosódicos, gramaticais e discursivos – relacionados à estrutura e funcionamento das línguas. Estes são dados informativos que as obras lexicográficas costumam oferecer a quem os consulta.

Concordamos com a citação acima que, embora a principal função dos dicionários de língua seja a de inventariar uma série de palavras de um idioma e oferecer seu significado, no caso dos dicionários monolíngues e bilingualizados, e a tradução ou equivalência em outro idioma, em se tratando de dicionários bilíngues e bilingualizados, é sabido, baseado em pesquisas, que os consulentes esperam muito mais dessas produções. Além do significado e da tradução os usuários desejam encontrar nas obras lexicográficas a maior quantidade possível de esclarecimentos gramaticais.

Esse anseio dos usuários em relação ao que eles buscam nas obras lexicográficas é corroborado por Ettinger (1982). Esse autor admite que os dicionários não devem só informar sobre as unidades lexicais aceitáveis e suas significações, mas têm de fazer afirmações a respeito da ortografia, da pronúncia, do nível linguístico e da frequência de uso.

Seguindo a trilha do caráter orientativo dos dicionários, Dubois e Dubois (1971) assentam que os dicionários são objetos manufaturados, cuja produção é fundamental para as sociedades desenvolvidas, respondendo às exigências de comunicação. São instrumentos de

educação permanente, pois são ao mesmo tempo o livro da idade escolar e o da idade adulta, são o ponto de referência da língua e da cultura para todos os indivíduos pertencentes a uma comunidade. Os dicionários são o símbolo de uma cultura avançada, são objetos culturais, testemunham uma civilização em um dado momento histórico e linguístico.

Fornecer fundamentos gramaticais é uma atribuição para qualquer dicionário. A maior razão se deve ao fato de o dicionário ser institucionalmente destinado ao público de não especialistas, aos quais resulta útil os esclarecimentos gramaticais. Estas informações auxiliam no desenvolvimento cognitivo do usuário e podemos destacar entre elas: ampliação do vocabulário, aprender os múltiplos significados de palavras e expressões, conhecer a norma padrão da língua, saber os aspectos históricos e dominar os aspectos gramaticais dos itens lexicais.

Constatamos, em vista disso, que a função das obras lexicográficas é muito mais do que ser um repositório de palavras, elas assumem papéis que podem ser pedagógicos e normativos. Por conseguinte, tais obras desdobram-se em vários formatos, objetivando estar em conformidade com seus propósitos e a necessidade dos usuários. São usadas para obter orientações que ajudam o consulente no processo da junção das peças do discurso, isto é, de produzir, de compreender e de traduzir seja qual for o idioma.

Esse caráter comunicacional do dicionário sobrepõe-se na prática da consulta. Essa função discursiva não é exclusiva dos dicionários monolíngues, é intrínseca também às obras bilíngues e bilingualizadas.

Acerca do escopo dos dicionários estar voltado para a comunicação, Assunção (1979, p. 41, grifos da autora) escreve:

> Eles facilitam assim a comunicação linguística ou científica contribuindo para nivelar a competência dos falantes. Dentro desta abordagem, podemos analisar os objetivos dos dicionários sob quatro aspectos:
> I. Valorizar o comportamento verbal, desenvolvendo ou aperfeiçoando os meios de expressão pela análise semântica, sintática, morfológica ou fonética: *dicionários monolíngues*.
> II. Traduzir de modo satisfatório mensagens, sentido, permitindo ultrapassar as barreiras encontradas num enunciado em língua estrangeira: *dicionários bilíngues.*
> III. Decodificar corretamente normas sociais ou científicas de diferentes universos de discursos. Ampliar a competência linguística com relação à compreensão do léxico de grupos diversos daquele a que o leitor pertence ou dos campos de experiência que domina: *dicionários técnicos ou de assuntos*.
> IV. Aumentar ou desenvolver o saber sobre o mundo, através de informações mais completas sobre os dados da experiência em qualquer área do conhecimento: *dicionários enciclopédicos*.

De forma indiscutível, os dicionários são instrumentos potenciais para o aprendizado e desenvolvimento da leitura, da redação e da comunicação em geral. Eles permitem saber da existência de alguma palavra e de seus sentidos, como a palavra é escrita ou pronunciada. Krieger (2007, p. 301) escreve que, "além dos conhecimentos que favorecem o desenvolvimento da competência comunicativa do sujeito e do saber sobre o funcionamento da língua, a consulta lexicográfica pode contribuir para o processo de alfabetização". A autora continua: "os dicionários com suas propostas estruturais distintas podem auxiliar, de muitas maneiras, as diversas atividades didáticas que motivam o aprendizado, tanto no ensino fundamental, quanto no ensino médio". Incluímos a esses, o auxílio do dicionário no ensino de uma língua estrangeira.

Findamos o item referente à função dos dicionários com uma citação de Longo (2006, p. 49):

> Se os lexicógrafos se derem conta de que cada verbete pode conter informações que reflitam, até certo ponto, a competência dos falantes para estabelecer relações entre as unidades do léxico, serão capazes de construir eficientes ferramentas de auxílio no uso da língua. Vistos assim, os dicionários levarão seus consulentes não apenas à compreensão do item consultado, mas ao seu uso efetivo em situações de comunicação.

1.1.4 O dicionário como instrumento pedagógico

Como constatado na parte da síntese histórica, os primeiros dicionários surgiram como instrumentos no auxílio do aprendizado de uma língua, mas ao longo do tempo foram adquirindo outras funções, como unificadores e normalizadores das línguas, tornaram-se repositórios do vocabulário linguístico de uma sociedade.

O caráter pedagógico na compilação dos dicionários ressurgiu no século XX, com alguns estudos e publicações de estudos aplicados e teóricos, os quais deram origem a uma área especializada dentro da Lexicografia.

Lexicografia pedagógica é o nome dado para denominar a área da Lexicografia que tem como objetivo a elaboração de dicionários com características específicas para um usuário aprendiz, seja ele de língua estrangeira ou de língua materna. O novo fazer lexicográfico despertou um maior interesse dos lexicógrafos para o caráter educacional do

dicionário, os quais passaram a vê-lo não somente como material de apoio e consulta, mas também como um instrumento pedagógico.

Entre os autores que se voltam ao caráter pedagógico dos dicionários em seus estudos está Béjoint (1981). Esse autor assevera que os aprendizes de uma língua estrangeira necessitam, em primeiro lugar, de instruções que os capacitem a uma comunicação mais efetiva na língua que estão aprendendo e eles têm no dicionário uma importante ferramenta a seu dispor, nem sempre perfeita, mas muito útil, que pode levá-los a compreender melhor a abrangência de sentido de uso de uma nova palavra, e propiciar uma produção mais correta e exata nas habilidades escrita e oral.

Desenvolver tais habilidades é um dos principais anseios dos consulentes, os quais necessitam de uma orientação em relação à forma mais apropriada para se expressar em sua língua materna ou em língua estrangeira e o dicionário é um instrumento adequado para satisfazer tal anseio. De acordo com Alves e Antunes (2001, p. 127), "todo dicionário – seja monolíngue ou bilíngue, enciclopédico ou de língua, seletivo ou geral – tem um caráter pedagógico e apresenta, assim, um cunho normativo, já que se atribui ao lexicógrafo o poder de registro a respeito do significado, do uso e do funcionamento de uma unidade lexical".

Os dicionários de cunho pedagógico foram criados ante as necessidades dos estudantes de língua estrangeira no auxílio das atividades linguísticas, se tornando uma ferramenta que os ajudam, não só na recepção (leitura, compreensão oral, versão e aquisição de vocabulário da língua que estão aprendendo), mas também em outras atividades, como a produção de textos orais e escritos. Por esse motivo nos dicionários para aprendizes, tão ou mais pertinente que a definição, é a informação gramatical, isto é, o esclarecimento das regras dos verbos e adjetivos, da morfologia irregular e da pronúncia.

Em suma, para os aprendizes ou falantes de um idioma, aprender e saber como usar uma palavra tem uma importância didática, psicológica e social. Saber como usar um lexema corretamente envolve aprender para entender e usar sua fonologia, sua gramática, sua morfologia e seu potencial sintático.

O professor é relevante para desvelar aos alunos que o dicionário é muito mais do que um repositório de palavras. Höfling et al. (2004) propõem algumas atividades que o professor pode realizar com os alunos, entre elas: a) desenvolvimento da aquisição de vocabulário; b)

interesse nos aspectos gramaticais, fonéticos e culturais da língua que os aprendizes estão estudando. As autoras afirmam também que, para um bom resultado da aplicação dessas atividades, o professor deve selecionar um dicionário apropriado que atenda ao propósito das tarefas e ao grau de conhecimento linguístico desse aprendiz.

Para uma consulta mais efetiva nos dicionários, Ávila Martín (2000 apud Araújo, 2007) apresenta uma descrição dos dados gramaticais que devem ser abrangidos em um verbete para a aprendizagem de uma língua. A autora escreve que todas as informações são essenciais e devem ser claras para que o aluno não tenha dificuldades em interpretá-las, começando pela ortografia que ajuda os alunos a escrever uma palavra de modo correto. E as indicações fonéticas que auxiliam os aprendizes na produção oral, no entanto, muitas vezes, a forma como estão registradas não instruem o usuário a pronunciar a palavra de forma adequada, visto que esse, na maioria das vezes, desconhece os símbolos fonéticos e não consegue entender a simbologia do dicionário.

No processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, os dicionários podem indiretamente facilitar a aquisição do vocabulário e da gramática e, diretamente, facilitar a resolução de problemas específicos durante o processo de comunicação, sendo usados para apoiar na recepção e na produção de um texto.

Relativamente à escolha do dicionário no auxílio ao processo de comunicação, Béjoint (1981) ressalta em seu trabalho que, para as atividades de recepção, o melhor dicionário é aquele que contém o maior número de entradas, e as informações necessárias nesse dicionário são o significado denotativo e conotativo, variações de linguagem e explicações a respeito das irregularidades dos verbos.

Para as atividades de produção, o autor (idem) assevera que, para a escrita, o aluno necessita de informações ortográficas para saber como se escreve uma determinada palavra e como a dividimos, já que em atividades orais as indicações fonéticas são imprescindíveis para se conhecer a pronúncia das palavras.

O dicionário é, portanto, uma ferramenta indispensável na aprendizagem das línguas, e o aluno deve saber manejá-lo para tirar do dicionário todo o proveito possível, visto que é a ferramenta que conduz o aluno à autonomia. Os dicionários são um ótimo instrumento pedagógico, pois eles constituem um recurso de pesquisa e ensino ao incorporar aspectos

semânticos, sintáticos, morfológicos e fonéticos das línguas reunidos em um só lugar. Eles são um instrumento eficaz para a aprendizagem de uma língua, mas ainda não foi possível despertar nos alunos, nativos ou estrangeiros, o interesse por descobrir toda a sua potencialidade ou, quem sabe, os usuários não sabem qual dicionário é o mais pertinente para os seus interesses.

Quando o consulente fica insatisfeito quanto ao uso das obras lexicográficas, costuma-se colocar a "culpa" no dicionário, porém nem sempre o problema de insatisfação reside na obra consultada. Em relação a isso Silva (2008, p. 330) escreve:

> Há que se considerar a prática do usuário de dicionários. Como já mencionado, as pessoas acreditam que o dicionário seja uma obra indispensável para o aprendizado, mas por outro lado, não entendem de fato como se deve usá-lo para tirar dele a informação desejada. Muitos equívocos explicam-se pela falta de familiaridade do consulente com a obra consultada. As causas vão desde a ausência de uma informação explícita, numa estruturação complexa para o tipo de usuários, até a questão do foco da obra – se é um dicionário indicado para codificação ou para a decodificação, se é para aprendizes iniciantes ou avançados etc. Nesse caso, cabe aos profissionais envolvidos (professores, pesquisadores e lexicógrafos) possibilitarem a seu público acesso às informações de forma rápida e eficiente.

Para o consulente evitar algumas frustrações no uso do dicionário, Haensch (1982), cita alguns critérios que devem ser levados em consideração na sua escolha: 1) o tipo de dicionário; 2) o público a que se destina; 3) uma nomenclatura atualizada e não muito extensa; 4) instruções de uso do dicionário bem explicativas; 5) unidades lexicais de diferentes níveis linguísticos; 6) definição clara; 7) exemplos de uso; 8) informações gramaticais suficientes para esclarecer a dúvida do usuário; 9) transcrição fonética; 10) ilustrações; 11) anexos com esclarecimentos relevantes acerca da cultura e da língua que se está estudando.

Afora o não conhecimento do dicionário mais apropriado aos interesses do usuário, Krieger (2007, p. 299) pontua alguns fatores que dificultam um melhor aproveitamento do potencial didático do dicionário no Brasil:

> - a falta de conhecimento de lexicografia teórica ou metalexicografia, disciplina que, raramente integra os currículos de formação de professores;
> - a quase total inexistência de estudos que ofereçam um panorama sistemático e crítico da lexicografia brasileira;
> - a falta de tradição de crítica lexicográfica no país;
> - a ausência de conceitos claros sobre qualidade de dicionário;
> - a equivocada crença de que os dicionários são iguais, são obras neutras que se diferenciam apenas pela quantidade de entradas.

Além dos fatores mencionados e levando em conta que as obras lexicográficas são consultadas especialmente no contexto educacional, é preciso repensar a elaboração dos dicionários em conformidade com as novas metodologias de ensino, a evolução linguística e cultural e, evidentemente, as necessidades, objetivos, dificuldades e resultados obtidos pelo usuário na consulta que realiza.

Apesar dos avanços alcançados pela Lexicografia e pela didática em línguas estrangeiras, ainda faz-se necessário um trabalho de "convencimento" quanto à introdução sistemática do dicionário no ensino das línguas.

Dado o exposto, julgamos que seja necessária a incorporação, no conteúdo programático dos cursos de língua, de atividades que ensinem o aprendiz a conhecer um dicionário e, assim, melhor usufruir de seu uso. Para tanto, é preciso incluir também na formação do futuro professor de línguas disciplinas que abordem sistematicamente os estudos lexicológicos e lexicográficos entre as disciplinas obrigatórias dos cursos de Letras.

Fechamos a respeito do papel pedagógico dos dicionários com uma citação de Borba (2003, p. 16): "Um dicionário nunca deverá ser tomado apenas como um simples repositório ou acervo de palavras, ao contrário, deve ser um guia de uso e, como tal, tornar-se um instrumento pedagógico de primeira linha".

1.1.5 Componentes canônicos dos dicionários

Um dicionário é uma estrutura composta de textos de diferentes partes denominadas componentes, a saber: megaestrutura, *outside matter*[19], macroestrutura e microestrutura. É fundamental estabelecer uma precisa articulação entre todos os componentes do dicionário e essa conexão entre os quatro componentes recebe o nome de medioestrutura.

A megaestrutura corresponde ao dicionário por completo, incluem-se neste componente todos os outros que compõem uma obra lexicográfica.

[19] Noção atribuída a Hartmann (2001), Welker (2004) traduz esse componente, chamando-o de "textos externos". Vários estudos, entre eles teses e artigos, desenvolvidos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul por Fornari (2008), Bugueño Miranda e Farias (2011) mantêm o termo na forma original e esta também é a nossa opção.

O *outside matter* se subdivide em *front*, *middle* e *back matter*[20].

Para Hartmann (2001), o *outside matter* diz respeito à introdução do dicionário e ao índice de abreviaturas linguísticas. Landau (1991) defende que se trata do material introdutório, de um guia de uso para o consulente, cujo objetivo é descrever da maneira mais clara possível todas as informações incluídas no dicionário.

Um dicionário de língua geral, por exemplo, apresenta no *outside matter* o número de entradas; o público a que se destina a obra; os critérios de inclusão das entradas; orientações gramaticais, entre elas: pronúncia, etimologia das palavras e de registro de uso; adição de exemplos e de variações linguísticas; os sinais gráficos utilizados nos verbetes com suas respectivas explicações e o índice das abreviações com seus significados.

Concordamos com Fornari (2008) que o *outside matter* não deve ser entendido como uma introdução, apenas por preceder os demais componentes. O termo "introdução", definido por outros autores, não é elucidativo conforme Fornari (idem), já que pode referir-se simplesmente a uma parte inicial de algo, sem nenhuma especificação estrutural ou funcional.

O *outside matter* não é considerado por muitos autores um componente canônico do dicionário. Bugueño Miranda; Farias (2011), no entanto, julgam-no um componente essencial por duas razões. Em primeiro lugar porque permite informar o consulente sobre o que esperar do dicionário e, em segundo lugar, porque serve como manual de instruções para o usuário.

Fornari (2008) declara que o *outside matter* tem duas funções básicas:

a) apresentar os objetivos que o dicionário pretende cumprir. O *outside matter* deve levar ao conhecimento do consulente para que serve de fato o dicionário, quais são as possibilidades oferecidas pela obra lexicográfica, qual o seu enfoque e o que pretende alcançar;

b) funcionar como um material de instrução acerca da utilização do dicionário por parte do usuário. Deve explicar ao consulente a aplicação de símbolos no interior do verbete, das abreviaturas, da disposição do artigo léxico em geral.

Ainda de acordo com a autora, um bom *outside matter* deve ser conciso e abrangente. O critério de concisão pressupõe que os materiais dispostos no *outside matter* devem ser

[20] No nosso trabalho, não aplicaremos a subdivisão do *outside matter*, pois nos dicionários que analisamos os elementos que fazem parte desse componente estavam tanto no início quanto no final das obras. Por isso sempre usaremos o termo *outside matter*.

explicitados de forma direta e objetiva, permitindo ao consulente acessá-los o mais rápido possível. O critério da abrangência está associado com a qualidade das informações disponibilizadas, o que se traduz na relevância e no grau de informatividade das mesmas.

Constatamos, assim, que a função do *outside matter* não é apenas introdutória, é também informativa, uma vez que esse componente esclarece as características e os objetivos do dicionário, além de auxiliar o consulente no ato de ler e interpretar as informações durante o ato da consulta. Tal componente é uma introdução detalhada que tem como finalidade facilitar ao estudante o acesso às informações léxica, semântica, gramatical e cultural contidas em suas entradas.

Sem passar pelo *outside matter*, dificilmente o usuário poderá compreender a disposição do verbete. No entanto, após a passagem pelo "manual de instrução", o consulente terá plenas condições de tirar o máximo proveito do dicionário.

No âmbito macroestrutural estão incluídas todas as questões associadas ao estabelecimento do número de unidades léxicas listadas, ou seja, quais palavras formarão a nomenclatura; como a unidade será anotada; qual será ordenação no dicionário, isto é, se as palavras-entradas serão organizadas semasiologicamente ou onomasiologicamente.

Quanto à microestrutura, Hartmann (2001) a define como o conjunto ordenado de todas as informações contidas no interior do verbete. No componente microestrutural constam elucidações relativas à forma do vocábulo, tais como categoria gramatical, separação silábica, pronúncia, etimologia e as explicações referentes ao conteúdo semântico da unidade léxica. Para o autor, é necessária a determinação de parâmetros para a apresentação dos elementos na microestrutura, a fim de que eles sejam de fácil compreensão e funcionais, isto é, tenham uma real utilidade para o consulente.

As informações na microestrutura são de natureza distinta, por esse motivo, é pertinente proceder à divisão desse componente em dois: os elementos de propriedades formais e de propriedades semânticas.

Nas formais são explicitados todos os esclarecimentos da palavra-entrada enquanto signo: categoria gramatical, indicação de valência dos verbos, etimologia, transcrição fonética, marcação diatópica, marcas de nível de uso e de campo do saber a que se

relacionam. E as propriedades semânticas englobam as orientações a respeito da palavra-entrada enquanto significado.

De acordo com Bugueño Miranda e Farias (2011), toda informação na microestrutura deve ser discreta e discriminante. Os autores entendem por informação discreta aquela que é efetivamente relevante para o consulente. A informação discriminante é a que permite ao leitor tirar algum proveito em relação ao uso ou ao conhecimento da língua.

Passamos agora a explicar o componente medioestrutural. A medioestrutura é definida por Hartmann e James (2001) como a rede de referências cruzadas que permite tanto aos autores quanto aos usuários de dicionários localizarem o material distribuído nas diferentes partes constituintes, ou seja, a medioestrutura é o conjunto de remissões e reenvio de informações no interior do verbete e dele para outros componentes do dicionário.

Em relação aos possíveis tipos de relações medioestruturais, Wiegand (1989 apud Hartmann 2001) propõe a classificação das referências nas seguintes categorias: a) remissão de um verbete a outro verbete; b) remissão dos verbetes ao *outside matter* e c) remissão de um dicionário a outra obra.

A proposta de Bugueño Miranda (2003) é a de que a medioestrutura seja compreendida sob dois pontos de vista: a) como o componente estrutural do dicionário que estabelece relações entre as suas diversas partes, de tal forma que uma medioestrutura coesa é uma articulação harmônica de todas as partes da obra, e b) como um mecanismo de interação entre o dicionário e os usuários.

A obrigatoriedade da presença do componente medioestrutural se justifica, segundo Martínez de Souza, (1995) por dois motivos: 1) para não repetir informação e 2) para ampliar o conjunto de instruções que o usuário procura no dicionário.

A medioestrutura corresponde, portanto, ao sistema de remissões entre as diferentes partes do dicionário, sendo, desse modo, o componente responsável por conceber relações no interior de uma microestrutura, entre dois segmentos microestruturais de verbetes distintos e entre microestrutura e *outside matter*, ou seja, a medioestrutura se refere ao modo como as partes do dicionário se inter-relacionam. As remissões cumprem um papel indispensável, visto que complementam a informação procurada pelo usuário, que nem sempre é muito clara, além de tornar o dicionário mais coeso.

Encerramos esse item com um excerto de Krieger (2007, p. 302):

> É igualmente importante, preparar o aprendiz para o manejo do lexicográfico, pois a informação considerada suficiente tende a limitar-se à observação da ordem alfabética. Em contrapartida, também é necessário que a obra contenha um bom guia do usuário para orientar corretamente, otimizando a pesquisa do usuário. Em síntese, um olhar docente mais aprofundado para os componentes constitutivos do dicionário, salientando-se a organização macro e microestruturais que articulam um dicionário de língua, é decisivo para estabelecer um aproveitamento mais produtivo desse material, de grande potencial instrucional.

1.2 Versando sobre a informação fônica nos dicionários

Nesta parte da etapa referencial trataremos especificamente da informação fônica nos dicionários. Começamos escrevendo a respeito da importância que os usuários e lexicógrafos dão à presença da pronúncia nos dicionários, em seguida discorremos quanto às maneiras de registrar a pronúncia nas obras lexicográficas e finalizamos discorrendo em relação à inclusão ou não das variações de pronúncia nos dicionários.

1.2.1 Importância que os usuários e lexicógrafos dão à presença da informação fônica nos dicionários

O interesse em elaborar dicionários que tornassem mais produtiva a consulta pelos usuários fez com que lexicógrafos tivessem interesse em investigar sobre, como e para que, os consulentes examinam essas obras. As técnicas de investigação eram feitas utilizando vários recursos: iam desde simples questionários até os protocolos em que os usuários eram filmados e gravados, passando por testes e reflexões introspectivas.

As pesquisas relativas ao uso de dicionários constituem uma das áreas de estudo da lexicografia teórica e são executadas para diversos fins, mas o principal objetivo é aprimorar as obras lexicográficas para públicos específicos, com necessidades específicas.

Nas décadas de 1980 e 1990, houve bastante produtividade quanto às pesquisas referentes ao uso de dicionários. Welker (2004 e 2006) reúne em suas obras vários estudos

concernentes ao uso de dicionários, relatando experimentos com dicionários realizados no Brasil e no exterior. A seguir relatamos alguns desses estudos[21].

Barnhart (1955 apud Welker, 2004) enviou questionários a professores de inglês perguntando quais são as informações que os alunos mais procuram nos dicionários. Os resultados obtidos foram que os consulentes buscam mais pelo significado, seguido pela ortografia e por último a pronúncia.

Greenbaum (1984 apud Welker, 2004) elaborou um questionário para usuários ingleses e americanos. E os resultados atestaram que os consulentes procuram principalmente o significado e a pronúncia das palavras-entrada.

Em uma pesquisa com seis alunos israelenses de um curso de inglês, Neubach & Cohen (1988 apud Welker, 2004) questionaram quais as principais dificuldades que eles encontravam ao consultar um dicionário. Todos os usuários ressaltaram que têm dificuldades em entender a transcrição fonética.

Höfling (2000) apurou em sua dissertação de mestrado que, de acordo com os usuários, a transcrição fonética é um elemento fundamental nos verbetes de um dicionário bilíngue. Os consulentes afirmaram que contam com a informação fônica para as atividades de produção oral e muitas vezes consultam o dicionário bilíngue para a verificação da pronúncia.

A mesma autora, em sua tese (2006), perguntou quais informações os usuários consideravam relevantes para estarem presentes em um dicionário destinado a aprendizes. E os resultados apontaram que, para os consulentes, a definição da unidade lexical é a peça chave do verbete de um dicionário, seguida da transcrição fonética e dos exemplos. Porém, mesmo avaliando a transcrição fonética como parte essencial do verbete, a maioria dos consulentes expressou dificuldade em entender os símbolos fonéticos.

Araújo (2007), em seus estudos com estudantes de inglês no Centro de Línguas em Fortaleza, confirmou que os aprendizes procuram em primeiro lugar o significado, em segundo lugar averiguam a pronúncia e, por último, checam a ortografia.

[21] Atemo-nos em mencionar sobre essas pesquisas somente quais informações que os consulentes procuram nos dicionários, porque nosso interesse é saber qual posição ocupa a busca da pronúncia.

Observamos, com o resultado das pesquisas apresentadas, que a pronúncia está entre as três informações que os consulentes mais procuram nas obras lexicográficas, porém os símbolos usados são difíceis para o usuário decodificar. Aqui reiteramos a importância de nosso trabalho, já que, como a pronúncia é um item que é incluído na maioria dos dicionários e consultada pelos aprendizes, queremos propor maneiras mais apropriadas de registrar a pronúncia nas obras lexicográficas, tornando assim mais fácil a interpretação do consulente das notações aplicadas.

Passamos agora a revelar o que os lexicógrafos assentam acerca da presença da informação fônica nos dicionários.

A correlação entre a forma falada e o sistema de escrita é um argumento bastante questionado entre os autores para a inclusão do componente da pronúncia num dicionário. Como escreve Zgusta (1971, p. 326):

> O lema também deveria indicar a pronúncia da palavra-entrada em sua forma canônica, mas outros esclarecimentos são necessários se houver alguma diferença imprevisível dentro do sistema da língua. A indicação de pronúncia pode ser omitida somente se existe uma correlação um-para-um entre a forma escrita e a falada, ou seja, se o usuário será capaz de saber como pronunciar a forma escrita[22].

A equivalência, ou não, entre a grafia e a pronúncia é também o argumento sustentado por Welker (2004). Esse estudioso acredita que, quando um sistema ortográfico se distancia notavelmente do princípio fonêmico, as indicações relativas à pronúncia são imprescindíveis se o elemento léxico não está na competência do falante, seja ele nativo ou não da língua. Nas línguas como a francesa e a inglesa, por exemplo, não há uma correspondência biunívoca e constante entre os signos gráficos e fônicos, o que ocasiona a imprevisibilidade da pronúncia de muitos lexemas, consequentemente o registro da pronúncia de forma sistemática em todas as entradas são indispensáveis.

Já para línguas como o português, o italiano e o espanhol, Welker (2004) assume que há regras que permitem pronunciar adequadamente a grande maioria dos lexemas, em razão de existir uma maior coincidência entre a grafia e a pronúncia. O autor argumenta que os

---

[22] No original: "The lemma should indicate also the pronunciation of the entry-word in its canonical form; but further indications are necessary if there is some unpredictable variation within the paradigm. The indication of pronunciation can be omitted only if there is a one-to-one correlation between the written form and the spoken one, i.e. if the user will be able to know how to pronounce the written form".

dicionaristas podem usar letras e acentos empregados nessas línguas para esclarecer a pronúncia somente das entradas que possam gerar dúvidas. Por exemplo, em um dicionário de português, nas palavras que contêm o grafema 'x'[23], pode-se incluir as letras '*cs*' para indicar a pronúncia do 'x' em <hexágono>[24], o '*z*' para apontar a pronúncia de <exato> e o '*s*' para anotar a pronúncia de <experiência>.

Da mesma maneira pensa Haensch et al. (1982), os quais defendem que nas obras monolíngues de línguas como o espanhol, o italiano e o português, que possuem um sistema de escrita bem próximo ao que se pronuncia, a transcrição fonética não é necessária, exceto naqueles casos em que a pronúncia apresenta alguma peculiaridade ou nos casos de estrangeirismos.

Outro questionamento que é levantado pelos autores é se, nos dicionários, a informação fônica deve ser inserida de forma sistemática em todas as entradas ou somente naqueles vocábulos com peculiaridades de pronúncia. Bevilacqua et al. (2011) formularam perguntas e reuniram opiniões das pessoas que fazem dicionários, de quem os estuda e de quem os usa. Aos estudiosos de Lexicografia foi perguntado quais informações devem ser consideradas essenciais para serem apresentadas na microestrutura de um dicionário. A maior parte dos entrevistados respondeu que a presença da pronúncia é bastante útil, principalmente para os homônimos, os arcaísmos, os regionalismos e os estrangeirismos.

Ainda a respeito da questão acima, Svensén (1993) assenta que a necessidade de apontar a pronúncia em todas as entradas varia entre as línguas. No italiano e no português, as não correspondências entre a ortografia e pronúncia são poucas e sistemáticas, por esse motivo não é preciso instruções relativas à pronúncia em todas as entradas. No entanto, o autor chama a atenção para a posição do acento nesses idiomas, que não é previsível em muitas palavras, por isso deve ser esclarecido sempre que seja passível de dúvida.

A necessidade de registrar a pronúncia também varia entre os diferentes tipos de dicionários. Para Svensén (2009), as explanações concernentes à pronúncia são indispensáveis nos dicionários que são inteiramente ou parcialmente elaborados para a produção oral, os chamados "dicionários de pronúncia". Nos dicionários monolíngues, a informação fônica é

[23] A convenção adotada por nós é deixar os grafemas entre aspas simples ''.
[24] As palavras que são dadas como exemplos serão exibidas entre parênteses angulares < >.

pertinente apenas nas entradas que podem causar dificuldades, além de todas as palavras estrangeiras e segundo o autor, nos dicionários bilíngues, a pronúncia deve ser apontada em todas as entradas.

Da mesma maneira pensam Zanatta e Bugueño Miranda (2008), os quais asseveram que nos dicionários gerais de língua portuguesa não é tão relevante a indicação de pronúncia das palavras vernáculas. Os autores acreditam que a única circunstância em que a transcrição fonética poderia ser funcional em um dicionário geral de língua portuguesa é quando se trata da pronúncia de estrangeirismos, tais como *<apfelstrudel>, <know-how>*, *<stand-by>, <skinhead>, <workaholic>, <paella>, <déjà-vu>*, entre outros, uma vez que esses mantêm inalterada a forma ortográfica da língua-fonte. Os autores destacam, ainda, que nesses casos a indicação da pronúncia é primordial, dado que nem sempre há o mesmo respaldo fônico entre as letras da língua de origem dos estrangeirismos e a língua que os incorpora.

Contrariamente aos autores mencionados acima, Quilis et al. (1999) admitem que o registro da pronúncia nos dicionários monolíngues é importante para saber qual é a pronúncia mais adequada das palavras. Essa orientação é fundamental para aqueles que fazem da língua falada sua profissão, como os artistas, locutores, oradores e para todos os estrangeiros que queiram adquirir uma pronúncia proficiente da língua em estudo.

Para Landau (1991), a presença da pronúncia depende do público-alvo, para usuários estrangeiros a pronúncia tem grande importância, já para falantes nativos a definição é a principal importância e a pronúncia normalmente é de interesse marginal.

Dado o exposto, pressupomos que podemos responder à seguinte pergunta: Quais instruções relativas à pronúncia devem ser fornecidas para a língua portuguesa e a italiana; e quais entradas devem conter essa informação?

Na língua portuguesa, vários fonemas correspondem a somente uma letra e várias letras correspondem a um fonema. O grafema ‘x’ do português pode ser pronunciado de quatro maneiras: [z], [s], [ʃ] ou [ks][25]. Se um dicionário de língua portuguesa deixar de apontar a pronúncia das palavras que contêm ‘x’ em sua grafia, não ficará claro para um consulente estrangeiro como essa palavra deve ser pronunciada e muitas vezes, nem para o falante nativo.

[25] Os sons sempre serão representados entre colchetes [ ].

Outro exemplo é o grafema ‘c’, que pode ser pronunciado [k] e [s]; e o ‘g’, que dependendo do ambiente em que se encontra é produzido como [g] e [ʒ]. Nesses casos, admitimos que a pronúncia deveria ser registrada na microestrutura em todas as entradas que contenham grafemas ambíguos.

Um bom exemplo do português de um fonema ambíguo é o [s], o qual tem oito maneiras de representação gráfica. Vejamos no quadro abaixo:

Quadro 1 – Grafias do som [s] em português.

Som	**Grafema**	**Exemplo**	**Transcrição fonética**
[s]	s	sapo	[ˈsapʊ]
[s]	ss	massagem	[maˈsaʒẽ]
[s]	c	central	[sẽˈtɾaw]
[s]	ç	maçã	[maˈsã]
[s]	x	máximo	[ˈmasimʊ]
[s]	xc	exceção	[eseˈsãw]
[s]	sç	cresço	[ˈkɾesʊ]
[s]	sc	nascer	[naˈseʀ]

Fonte: Lima; Souza, 2008, p. 56.

Algumas vezes, tendo em vista a complexidade dos princípios que regem o sistema alfabético/ortográfico de uma língua, quando o consulente não sabe ou não lembra a pronúncia de uma palavra, ele precisa do auxílio de um dicionário e nele deve constar a pronúncia de palavras que podem gerar dúvidas, como é o caso do fonema [s] que é representado por diversos grafemas.

No português há também os dígrafos, os quais não têm pronúncia clara; por esse motivo, todas as entradas que contenham esses encontros devem ser seguidas das orientações de pronúncia.

A língua portuguesa contém diversos homógrafos. A homografia é um tipo de homonímia entre duas ou mais palavras que têm significante idêntico sobre o plano gráfico, mas diferente em relação ao plano fônico, tornando, assim, o grau de abertura ou fechamento

distintivo, por exemplo, <séde/sede>, <soquéte/soquete>[26]. Por essa razão julgamos que seja necessário desvelar na microestrutura como se pronunciam todas as palavras homógrafas.

O acento no português pode cair em qualquer sílaba da palavra e nem sempre ele é evidente na escrita. As vogais 'e' e 'o' podem ser pronunciadas como os fonemas [e] e [ɛ], [o] e [ɔ], respectivamente, mas nem sempre o acento agudo (´), que denota que a pronúncia é aberta e o acento circunflexo [^], que aponta que a pronúncia é fechada estão explícitos graficamente. Em vista disso, palavras como <vendedor>, cuja vogal 'o' é representada pelo fonema [o] e <boia>, em que 'o' é transcrito pelo fonema [ɔ], devem ser acompanhadas da transcrição fonética na microestrutura.

A língua italiana também possui diversas ambiguidades fônicas e gráficas. Uma das divergências mais evidentes entre o sistema gráfico e fonético do italiano pertence ao grafema 'c', que produz o som [k], como nas palavras <*cane*> e <*fuoco*> e o som [tʃ] como nas palavras <*aceto*> e <*cibo*>. E além do mais, [k] corresponde na escrita não somente ao 'c', mas também ao 'ch', como em <*chiedere*> e ao 'qu', como em <*quadrato*>. Defendemos o registro da pronúncia em todas as entradas que contenham as ambiguidades citadas, tanto para dicionários monolíngues quanto para os bilíngues.

No italiano, verificam-se inúmeros dígrafos, que também merecem atenção dos dicionários quanto à maneira de pronunciá-los.

Outro caso, que tem de ser contemplado pelos dicionários do italiano, é o das consoantes geminadas. Tais consoantes formam pares mínimos[27], sendo que as palavras têm significado distinto somente pela presença ou ausência da geminação de uma das consoantes, por exemplo, <*cappello*> (chapéu)/<*capello*> (cabelo). As consoantes geminadas são, portanto, representadas ortograficamente por um grafema duplo, enquanto as não geminadas são representadas por um grafema simples. Além da diferença gráfica ocorre também diferença na pronúncia, as consoantes geminadas são pronunciadas com uma duração duas vezes maior em relação às consoantes simples. O consulente, sem essa informação, poderia pronunciar as palavras de uma mesma maneira. Por isso são consoantes que, além da transcrição na microestrutura, devem ter sua pronúncia elucidada no *outside matter*.

---

[26] Esclarecemos que acentuamos essas palavras somente para exemplificar os casos de homografia.

[27] Duas palavras constituem um par mínimo se apresentarem uma diferença de significado devido à alteração de apenas um segmento.

No italiano, o acento é distintivo, porque permite distinguir palavras idênticas no nível segmental, por exemplo, <*sùbito/subìto*>, <*càpitano/capitàno*>[28]. Por conseguinte, as palavras homógrafas devem ter sua pronúncia explicitada.

Nessa língua, a pronúncia dos grafemas 'e' e 'o' não é evidenciada na grafia, elas representam graficamente tanto os fonemas vocálicos abertos [ɛ] e [ɔ] quanto as vogais fechadas [e] e [o]. Assim, essas vogais são as que criam maior dificuldade de pronúncia. Devido a isso, a pronúncia das vogais 'e' e 'o' deve ser sempre revelada nos dicionários.

Depreendemos com isso que, tanto na língua italiana quanto na portuguesa, não somente os estrangeirismos necessitam da indicação da pronúncia, como é sustentado pelos autores referenciados, mas diversas palavras vernáculas também precisam ser clarificadas quanto à pronúncia. Embora sejam idiomas em que o princípio fonêmico se aproxima do gráfico, em ambos ocorrem ambiguidades fônicas e gráficas, a posição do acento também não é evidente na escrita em ambas as línguas, o que pode ocasionar dúvidas e equívocos dos usuários.

No caso dos lexicógrafos de dicionários monolíngues da língua italiana e portuguesa assumirem que é difícil, ou até dispensável, incluir orientações de pronúncia na microestrutura, recomendamos que alguma explicação, a respeito da pronúncia dos símbolos ortográficos que representam mais de um fonema e vice-versa, seja incluída no *outside matter* do dicionário.

1.2.2 Maneiras de registrar a pronúncia

No que concerne às formas de indicar a pronúncia, na microestrutura, encontramos os seguintes sistemas de notação nos dicionários analisados e na literatura consultada:

1) <u>Transposição ortográfica</u>

Nesse método de registro da pronúncia, a palavra-entrada é reescrita com as letras do alfabeto e com o emprego de diacríticos. Os diacríticos são sinais ou pontos adicionados às

[28] Ressaltamos que acentuamos essas palavras somente para exemplificar os casos de homografia.

letras para anotar o valor fonético das entradas. Por exemplo, no dicionário Garzanti a palavra italiana <*appoggiare*> é transposta como [ap-pog-giàre].

Svensén (2009) assenta que esse recurso para apontar a pronúncia é recomendado para línguas que têm uma boa correspondência entre a ortografia e a pronúncia. O autor considera como um benefício desse sistema o fato de que ele tem a vantagem sistemática do IPA sem obrigar o usuário a aprender os símbolos.

Nós explicitamos a seguir duas objeções quanto à aplicação da transposição ortográfica.

A primeira é que não existe nenhum sistema ortográfico em que haja perfeita correspondência entre os grafemas e os fonemas por eles representados. Para que um sistema gráfico fosse ideal, seria necessário que a cada fonema correspondesse somente um grafema e, inversamente, que a cada grafema correspondesse um único fonema. No entanto, não há equivalência entre o sistema fonológico e o sistema alfabético nas línguas.

A língua portuguesa, por exemplo, utiliza 26 letras para simbolizar os seus 33 fonemas, tendo esta língua um déficit de nove símbolos gráficos. Dessa deficiência resulta o uso duplo ou triplo de um fonema para o mesmo símbolo gráfico.

A língua italiana também possui esse desfalque de grafemas. Os signos da língua escrita são 21, mas são contabilizados 30 fonemas. Esse desfalque pode gerar confusão para usuários não nativos, em razão de não ocorrer relação biunívoca entre ortografia e pronúncia

Corroboramos a objeção feita acima com a observação de Landau (1991). Esse autor admite que a transposição ortográfica não é uma forma eficiente de registrar a pronúncia e defende que a principal dificuldade em representar a pronúncia pelas letras do alfabeto é que, com frequência, elas representam mais de um som e algumas vezes duas letras diferentes representam o mesmo som. O mesmo autor assume que a transposição ortográfica pode funcionar bem entre os falantes nativos que estão familiarizados com os sons de sua língua, mas não é um bom método de indicar a pronúncia para os aprendizes estrangeiros, que podem não saber como se pronuncia uma letra e então aplicariam os sons da sua língua para pronunciar uma palavra estrangeira.

A segunda objeção é o incômodo que deriva da necessidade de se criar um conjunto de regras gerais para interpretar fonicamente as marcas diacríticas. Com certeza, o número de

regras será maior quanto maior for a completude com que se queira tratar a transcrição (número de alofones, acentos) e as irregularidades do sistema ortográfico. Gimson (1973 apud Broeders e Hyams, 1983) afirma que a transposição ortográfica não pode ser feita sem o uso de numerosos diacríticos, o que determina diferentes convenções empregadas pelos dicionários no esforço de compensar a inconsistência ortográfica.

Em referência aos diacríticos, Busetto (2006) afirma que o acúmulo de diacríticos pode tornar a palavra ilegível e quando utilizados, devem ser eficientemente distanciados, para não sobreporem-se e assim ser compreensível para o consulente.

Quilis et al. (1999) destacam que uma transcrição o mais próxima possível da ortografia facilita a leitura do consulente. Porém os autores asseveram que os dicionários deveriam atuar sempre no plano fonético, porque esse responde à realidade da pronúncia. Por exemplo, o grafema 'g' no italiano tem diferentes sons, é pronunciado [g] e [dʒ] e a transposição ortográfica não sinaliza essa diferença, como vemos nos seguintes exemplos extraídos do dicionário Garzanti: a palavra <*galassia*> é transcrita [ga-là-ssia] e a palavra <*gelato*> é transcrita [ge-là-to].

Entre o sistema gráfico das línguas e seu inventário fonético não há nunca uma perfeita correspondência. A escrita é um sistema altamente conservador, que permanece imutável ao longo do tempo e assim não acompanha as inevitáveis mudanças de pronúncia a que as línguas são sujeitas no curso dos anos.

2) Transcrição fonética

O único sistema unívoco de representação entre grafema e fonema, para reparar as divergências mencionadas acima, é a transcrição fonética. Por exemplo, no dicionário Michaelis, a palavra italiana <*appoggiare*> é transcrita como [appoddʒˈare].

Os símbolos usados para a transcrição fonética são aqueles do Alfabeto Fonético Internacional, proposto pela *International Phonetic Association.* Normalmente, para tratar deste sistema de símbolos emprega-se a abreviação "IPA", do inglês: *Internacional Phonetic Alfabet.* Esse alfabeto foi concebido em 1889 com um caráter científico para poder representar cada som da fala humana com um único símbolo. A maior parte das letras do IPA originou-se do alfabeto romano, e algumas do grego. Seus símbolos dividem-se em três

categorias: letras (representando sons básicos), diacríticos (que auxiliam para melhor especificar esses sons básicos) e suprassegmentos (que denotam características como: velocidade, tom e acento tônico).

O IPA é considerado um código normalizado que unifica a transcrição nos dicionários das distintas línguas, e é por esse motivo um alfabeto amplamente usado na Lexicografia. Se o consulente conhecer os símbolos do IPA ele pode aplicá-los na aprendizagem de todas as línguas.

Gimson (1973 apud Broeders e Hyams, 1983) admite que o melhor mecanismo de notação para representar a pronúncia são os símbolos do IPA, uma vez que a grande vantagem desse sistema está em sua simplicidade e na possibilidade de coerência na relação som/símbolo.

Welker (2004) partilha da mesma ideia de Gimson, assumindo que, embora muitos consulentes não conheçam o IPA, o melhor seria que ele fosse adotado em todos os dicionários e que ele fosse ensinado nos cursos de língua estrangeira.

Wells (1985) é outro autor que defende a adoção do IPA nas transcrições, afirmando que o uso dos símbolos fonéticos ajuda a resolver a ambiguidade ortográfica de algumas consoantes. Podemos exemplificar a ambiguidade citada pelo autor com os grafemas ‘g’ e ‘j’ do português, em que temos o mesmo som [ʒ] para estas duas letras.

Svensén (2009) assenta que, para as línguas em que há uma grande diferença entre a ortografia e pronúncia, como a língua inglesa, o IPA é o único sistema possível, especialmente para os dicionários bilíngues. O autor também declara que a vantagem do IPA é que ele é sistemático. E a desvantagem é que o usuário deve aprender os símbolos.

A transcrição fonética utilizando o IPA consegue ofertar uma descrição melhor da língua, devido ao fato de levar em conta não apenas os fonemas, mas também os alofones.

3) <u>Pronúncia figurada ou transliteração</u>

Essa forma de registro consiste em uma tradução ortográfica da palavra mediante uma combinação de grafemas e acentos em que figure a pronúncia. Os dicionários adotam os sons da língua materna para representar o som das palavras estrangeiras. Por exemplo, o dicionário Caldas Aulete aponta a pronúncia da palavra inglesa <*know how*> como (nôu-rau).

Para esse modo de transcrição temos duas ressalvas: a primeira é que nem todos os idiomas possuem pronúncia igual para os mesmos caracteres e/ou sílabas, e a outra é que em um mesmo idioma uma letra ou sílaba pode ter pronúncia diferente, dependendo da palavra.

Quilis (1982, p. 331) ressalta que a pronúncia figurada é um "remendo muito mal feito da notação fonética".

Avaliamos que a informação fônica consignada pela pronúncia figurada é fácil de ser compreendida, porém ela não capta todas as nuances da pronúncia da língua e ainda, a nosso ver, as transcrições transliteradas poderiam dar ao aprendiz a falsa impressão de que os sons da língua estrangeira são idênticos aos de sua língua.

4) Indicação diretamente na entrada

Nesse método, o dicionário geralmente indica o acento e também a duração da vogal. Segundo Svensén (2009), esse é o procedimento normal para línguas em que outros esclarecimentos concernentes à pronúncia não são considerados necessários. O autor ainda aconselha que a marcação que evidencia o acento seja colocada entre as letras ou embaixo, porque acima pode parecer que faça parte da ortografia da palavra.

Podemos exemplificar esse mecanismo de consignar a pronúncia com dois dicionários analisados no nosso trabalho. O dicionário bilingualizado Parola Chiave sinaliza qual parte da palavra deve ser pronunciada com mais ênfase, apontando o acento diretamente e em cima da entrada, por exemplo, <chiàve>.

Já o dicionário bilíngue Martins Fontes aponta qual é parte da palavra que recebe acento colocando um sublinhado embaixo da sílaba tônica, por exemplo, <ilogico>.

Relativamente a essa forma de anotar a pronúncia, Svensén (2009, p. 117)[29] escreve:

> Fornecer a pronúncia diretamente no lema com o uso de diacríticos é um método considerado antigo. Isso não é uma transcrição, visto que cada fonema não é sempre representado por um e o mesmo grafema. A vantagem desse sistema é que ele é baseado na ortografia. Por outro lado, ele tem a desvantagem que o usuário pode ter dificuldade de interpretar e lembrar de todos os símbolos. Obviamente, uma

[29] No original: "An older method of showing pronunciation, namely by providing the lemma with diacritics. This is a not a transcription, since each phoneme is not always represented by one and the same character. The advantage of this system is that it is based on spelling. On the other hand, it is the disadvantage that the user may have difficulty in interpreting and remembering all the symbols. Obviously, an additional disadvantage is that the diacritics interfere with clarity. This type of notation, which is suitable only for L1 dictionaries, is gradually being abandoned but may still occur in some dictionaries".

> desvantagem adicional é que os diacríticos interferem na clareza. Esse tipo de notação, que é indicada apenas para dicionários monolíngues, está gradualmente sendo rejeitada, mas pode ainda ocorrer em alguns dicionários.

Em relação ao conselho do autor de essa maneira de registro ser recomendada somente para dicionários monolíngues, não foi o que observamos nos dicionários analisados. Como explicitamos acima, o dicionário bilingualizado Parola Chiave e o bilíngue Martins Fontes utilizam esse recurso para a notação da pronúncia.

Julgamos que a indicação da pronúncia diretamente na entrada é restritiva, pois não apresenta uma descrição da língua, sendo que as obras lexicográficas devem limitar-se a indicar o acento e a duração da vogal, qualquer outra instrução de pronúncia poderia interferir na clareza e deve ser evitado.

5) Indicação por letras e sinais gráficos

Esse recurso para apontar a pronúncia consiste em colocar grafemas e acentos logo após a palavra-entrada. A palavra não é reescrita por completo, somente a parte que pode causar dúvida na sua produção oral é indicada. Por exemplo, o dicionário Houaiss aponta a ortoépia da palavra <sublocar> logo após a entrada, colocando entre parênteses o trecho (sub-lo).

O registro da pronúncia por letras alocadas logo após a palavra-entrada proporciona uma boa economia de espaço nos dicionários impressos, e pode ser viável para línguas como a italiana e a portuguesa, já que são línguas em que há uma correspondência maior entre a forma oral e o sistema de escrita da língua. No entanto, os dicionários devem prestar atenção nas palavras que podem gerar incertezas, por exemplo, no Houaiss a palavra <viroso> é seguida de /ô/ para apontar que a pronúncia do grafema ‘o’ é fechada, mas não fica claro ao consulente a qual dos ‘os’ corresponde essa informação.

A indicação da pronúncia por letras e sinais gráficos também não contempla a descrição dos grafemas e fonemas ambíguos, por isso consideramos esse método de registro restritivo.

6) O formato acústico

Nos dicionários eletrônicos, a pronúncia da palavra pode ser reproduzida acusticamente. Este inovador sistema permite conhecer a pronúncia concreta, visto que a transcrição fonética não deixa de ser uma representação abstrata que se tem de interpretar.

Quilis et al. (1999) assentam que a reprodução acústica é pertinente porque, em geral, o consulente de nível médio desconhece o valor dos símbolos fonéticos e, ainda que os conheça, é impossível, sem ouvir a realidade acústica de uma língua, poder captar tudo o que o som representa, que não é somente uma fricção, por exemplo, mais ou menos anterior, mas carrega todos os caracteres da sua base de articulação, impossível de apreender no abstrato.

Observados os resultados encontrados nos autores citados e nas ponderações feitas por nós, podemos responder à seguinte pergunta: Qual a melhor maneira de registrar a pronúncia na microestrutura?

Para responder tal questionamento explicitamos, a seguir, um quadro sinóptico das maneiras de anotar a pronúncia e os prós e contras de cada uma:

Quadro 2 – Sinopse das formas de registrar a pronúncia na microestrutura dos dicionários.

Maneiras	**Prós**	**Contras**
Transposição ortográfica	1. Facilita a leitura do consulente, o qual conhece as letras do alfabeto.	1. Devido à utilização de numerosos diacríticos, faz com que a leitura se torne confusa. 2. A falta de correspondência entre os grafemas e os fonemas gera ambiguidade das letras e dos sons presentes nas línguas. 3. Não corresponde à realidade da pronúncia, as letras são representadas por sons diferentes no interior de uma palavra.

Transcrição fonética	1. Proporciona a representação da pronúncia de uma forma clara e direta. 2. O único sistema que repara as divergências de representação entre grafema e fonema. 3. Unifica a transcrição nos dicionários das distintas línguas. 4. Resolve a ambiguidade ortográfica e fônica de algumas consoantes 5. Possibilita descrição mais completa das línguas.	1. Em consequência de alguns símbolos serem abstratos é, para alguns usuários, difícil de ser interpretada.
Pronúncia figurada	1. Facilita a leitura do consulente, o qual conhece as letras do alfabeto.	1. Impossibilidade de captar todas as nuances de pronúncia de uma língua. 2. Falsa impressão de que os sons da língua estrangeira são idênticos aos da língua materna.
Indicação diretamente na entrada	1. Economia de espaço. 2. Facilita a leitura do consulente, o qual conhece as letras do alfabeto.	1. Marcar o acento em cima da palavra pode parecer que ele faz parte da ortografia. 2. Limitado do ponto de vista descritivo. 3. A falta de correspondência entre os grafemas e os fonemas gera ambiguidade das letras e dos sons presentes nas línguas. 4. Não corresponde à realidade da pronúncia, as letras são representadas

		por sons diferentes no interior de uma palavra.
Indicação por letras e sinais gráficos	1. Economia de espaço. 2. Facilita a leitura do consulente, o qual conhece as letras do alfabeto.	1. Dificuldade para saber em qual parte da palavra se aplica àa informação fônica. 2. Limitado do ponto de vista descritivo. 3. A falta de correspondência entre os grafemas e os fonemas gera ambiguidade das letras e dos sons presentes nas línguas. 4. Não corresponde à realidade da pronúncia, pois as letras são representadas por sons diferentes no interior de uma palavra.
Formato acústico	1. Permite ao usuário conhecer a pronúncia real.	1. Possibilidade de o consulente ouvir o que busca de semelhante na sua língua.

Fonte: elaborado pela autora.

Analisado o quadro sinóptico concluímos, com base no número de itens a favor, que a transcrição fonética, adotando os símbolos do IPA, é o melhor mecanismo para registrar a pronúncia nos dicionários, pois este sistema denota quais são os sons que efetivamente devem ser produzidos, com as suas qualidades bem definidas, indicando claramente onde caem os acentos das palavras, sem confundir o consulente como ocorre com outras maneiras de transcrição das palavras.

A nossa preferência vai ao encontro com a de Canepari (1979, p. 172) que escreve:

> Para discutir e ainda mais para aprender e ensinar a pronúncia de uma língua é necessário usar um tipo de escrita que represente a estrutura fônica da língua, sem

> nenhuma relação com a grafia tradicional, que seria somente um desperdício de tempo[30].

Nos dicionários eletrônicos, melhor que a transcrição fonética seria a reprodução acústica das entradas, porém ainda que esses dicionários tenham se tornado comuns, na maioria das vezes eles ainda repetem o arranjo dos dicionários impressos. Pouco se tem explorado no que se refere às formas inovadoras de utilizar os recursos computacionais para enriquecer o contato do usuário com o conteúdo do dicionário. E isso se comprovou com os dicionários monolíngues da língua portuguesa que analisamos. Essas obras possuem a versão eletrônica e, tanto o dicionário Houaiss quanto o Aurélio repetem os mesmos elementos do dicionário impresso, inclusive no que concerne à informação fônica. Os dicionários monolíngues da língua italiana também possuem versão eletrônica, a qual é diferente da versão impressa, e, no que tange à indicação de pronúncia, ambas as obras reproduzem acusticamente as entradas. Dos bilíngues, o único que tem versão eletrônica é o Michaelis, no qual encontra-se a reprodução acústica e, também, a transcrição fonética das palavras-entrada.

Complementamos nossa predileção pela transcrição fonética com o que escreve Canepari (1999, p.11):

> Uma transcrição bem feita nos revela, na realidade, muito mais do que possa nos parecer à primeira vista; sem levar em conta o fato notável que a memória visual é muito superior a qualquer outro tipo de memória, girando em torno de 85%, o que nos consente a memorização da verdadeira pronúncia. Assim, a transcrição fonética de uma palavra nos permite ver e entender ao mesmo tempo tudo o que pode ser útil sobre a pronúncia mais aconselhada. De fato, considerando bem, a transcrição é a maneira mais simples para registrar e compreender aquilo que verdadeiramente se diz e se ouve[31].

1.2.3 Modelo de pronúncia e inclusão ou não das variantes

---

[30] No original: "Per discutere e tanto più per imparare e insegnare la pronuncia d'una lingua è necessario usare un tipo di scrittura che rappresenti la struttura fonica della lingua, senza nessuna necessaria relazione colla grafia tradizionale, che sarebbe solo una forviante perdita di tempo".

[31] No original: "Una trascrizione fatta bene ci mostra in realtà molto più di quanto ci possa sembrare a prima vista; senza trascurare il fatto notevole che la memoria visiva è molto superiore a qualsiasi altro tipo di memoria, e s'aggira, infatti, intono all'85%, consentendoci cosí de memorizzarne la vera pronuncia. Sicché, la trascrizione fonetica d'una parola ci permette di vedere e "sentire" allo stesso tempo tutto ciò che ci può servire sulla sua pronuncia più consigliabile. Infatti, a considerare bene, le trascrizione sono la via più semplice per mostrare e far 'sentire' ciò che davvero se dice e si sente".

Uma das questões fundamentais concernente à informação fônica de todos os dicionários incide sobre o modelo de pronúncia que deve ser descrito. Os critérios de escolha variam entre os autores: alguns defendem que o modelo seja representado diatopicamente (relacionado à fala distribuída no espaço físico, se refere aos falantes de origens geográficas distintas); outros acreditam que o modelo deve ser representado diastraticamente (ligado à fala de uma determinada classe social).

Na hipótese de o modelo de pronúncia ser representado diatopicamente, no caso do Brasil, qual pronúncia deve ser representada, a do eixo Rio-São Paulo seria a mais adequada?

Biderman (2001) assume que sim, que o modelo de pronúncia seja definido com base em uma variável diatópica, considerando o eixo Rio-São Paulo.

Desde a primeira metade do século XX tenta-se alcançar um modelo de pronúncia ideal no Brasil. Nessa época houve a realização de dois congressos, os quais tinham como objetivo regulamentar a pronúncia da língua portuguesa em dois gêneros artísticos: o canto lírico e o teatro. O modelo de pronúncia que queriam estabelecer como ideal, nesse período, era o modelo representado diatopicamente. Referentemente a isso escrevem Ilari e Basso (2014, p. 220-21):

> O Congresso Brasileiro de Língua Cantada foi realizado em São Paulo em 1936, por inspiração de Mário de Andrade, e contou com a participação do poeta Manuel Bandeira e do filólogo Antenor Nascentes. O congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro realizou-se em 1957, em Salvador, e teve como relator o filólogo Antônio Houaiss. A despeito da distância no tempo, esses dois congressos tiveram muitos pontos em comum: 1) reconheciam implicitamente que a língua portuguesa, no Brasil, era falada de várias maneiras, que não coincidiam com as maneiras utilizadas em Portugal; 2) partiam do pressuposto de que a norma era sobretudo uma questão de sotaque, que se resolveria se todos tomassem como modelo a fala de alguma cidade ou região do Brasil, eliminado traços que fossem considerados "regionalismos".
>
> As teses aprovadas em 1936 iam ao sentido de apontar como exemplo a fala do Rio de Janeiro, considerada superior por razões culturais e históricas, embora tivesse sido considerada a possibilidade de chegar a uma "média" das diferentes pronúncias regionais. Essa expectativa foi substituída, no segundo congresso, pelo reconhecimento de que há diferentes normas regionais, e que um modelo de pronúncia deveria ser o resultado de uma "negociação" entre as regiões. Um aspecto comum aos dois congressos foi a ideia de que, uma vez definida por um fórum de especialistas, a pronúncia recomendada acabaria se espalhando para áreas cada vez mais amplas do país através do ensino.

Contrariamente a Biderman e ao que foi defendido nos dois congressos anteriormente mencionados, Quilis (1982) assevera que o modelo de pronúncia não deve ser caracterizado

diatopicamente, deve ser determinado diastraticamente, pertencendo a um estrato culto, preferencialmente de nível médio. Da mesma maneira pensa Welker (2004, p. 114), o autor acredita que o modelo a ser definido é aquele que representa a fala das pessoas letradas, por se tratar de uma pronúncia-padrão.

Consolidar o modelo de pronúncia não é uma tarefa fácil, devido à dificuldade em se determinar qual variação é a padrão. No português brasileiro, por exemplo, ocorrem diversas variantes de pronúncia para o grafema 'r' e os dicionários da língua portuguesa devem estabelecer um, dentre os diversos erres existentes no nosso idioma para representá-lo foneticamente.

A língua italiana, possui um modelo de pronúncia que é delimitado diastraticamente e diatopicamente nos dicionários, e esse modelo é chamado de "italiano padrão" ou "neutro". Segundo Canepari (1999, p. 22-23),

> "o italiano neutro se baseia em três categorias de falantes: nos italianos de cultura médio-superior pela acentuação das palavras; nos italianos das regiões centrais pela escolha dos fonemas; nos atores, dubladores etc., de profissionalismo médio-superior pela distribuição dos fonemas e pelas realizações fonéticas e de entonação[32].

Essa pronúncia corresponde ao modelo ensinado ao estudante estrangeiro de língua italiana e é o padrão geralmente adotado em todo o território nacional pelos meios oficiais de comunicação.

De acordo com Gimson (1981 apud Mestre, 1999), a pronúncia-padrão é a mais recomendável para os dicionários – monolíngues e bilíngues – concebidos para a consulta de falantes não nativos. Neles, é de capital importância o modelo de pronúncia que se elege, já que incidem na aprendizagem de uma língua. O usuário dessas obras espera uma pronúncia que seja aceitável para os falantes nativos, e que seja correta.

No Brasil, não há uma pronúncia estabelecida como padrão, o que torna as informações fornecidas pelos dicionários não completamente representativas da realidade.

Na opinião de Zanatta e Bugueño Miranda (2008), para o dicionário representar a realidade, ele deve tomar como base a língua realmente utilizada por uma comunidade

[32] No original: "L'italiano neutro si basa su tre categorie di parlanti: sugli italiani di cultura medio-superiore per l'accentazione delle parole; sugli italiani delle regioni centrali per la scelta dei fonemi; sugli attori, doppiatori ecc. di professionalità medio-superiore per la distribuzione dei fonemi e per le realizzazioni fonetiche e intonative".

linguística, isto é, a norma real. A dificuldade que se revela, sobretudo para o português brasileiro, assenta quanto ao fato de não haver estudos que permitam prescrever uma norma real a ser convertida em norma ideal pelo dicionário a fim de satisfazer o anseio normativo dos falantes, apresentando-lhes o que de fato constitui a língua portuguesa falada no Brasil. Para a instauração de uma norma ideal a ser representada na obra lexicográfica, é de fundamental importância estabelecer onde buscar uma norma que possa ser empregada como norma ideal.

A distinção entre norma real e norma ideal é apresentada por Coseriu (2004). A norma real é a que a comunidade realiza de fato, considerando variáveis diatópicas, diastráticas, diafásicas e diacrônicas. A norma ideal é a que os falantes admitem como um modelo a ser seguido.

Além da questão da definição do modelo há ainda o problema das realizações fonéticas múltiplas, isto é, os casos de variação. A dúvida consiste em determinar se os dicionários devem exibir as formas variantes ou não.

Em todos os idiomas ocorrem variações de pronúncia. Svensén (2009, p.116) descreve que as variações podem ser de três tipos: a) regional; b) estilística[33]; c) prosódica.

As variações diatópicas são aquelas observadas geograficamente. No caso da língua inglesa, por exemplo, os dicionários registram as variações de pronúncia entre o inglês britânico e americano. No dicionário Houaiss, analisado por nós, observamos que algumas variações desse tipo são descritas, como, por exemplo, em seguida à entrada <topete> há a seguinte indicação: (é ou ê), isso significa que o primeiro 'e' pode ser proferido de forma aberta, maneira de pronúncia do português brasileiro ou de forma fechada, pronunciado no português de Portugal.

Segundo Svensén (2009, p. 116)[34], "de um ponto de vista estilístico a pronúncia-padrão é normalmente aquela empregada na fala culta". Se o falante utilizar outra maneira para pronunciar uma palavra, ele está fazendo uso de uma variação diastrática. Existem variações desse tipo que são dicionarizadas e outras não, por exemplo, o dicionário Houaiss aceita as duas formas de pronúncia de <sublinhar>, logo após a entrada há a seguinte

[33] Ao invés de variação regional e estilística, nós usaremos os termos variação diatópica e diastrática, os quais são amplamente usados nos estudos de Sociolinguística.
[34] No original: "From a stylistical point of view, the basic pronunciation is usually that of cultivated speech".

indicação: \sub-li ou su-bli\. Outras pronúncias são frequentes, mas não são aceitas, como por exemplo <subsídio>[35], pronunciada com [zi]. Essa variação não é incluída porque os lexicógrafos levam em conta a força normativa que o dicionário geralmente tem.

Nos dicionários monolíngues do italiano, as variações diastráticas são incluídas e as obras descrevem as variações que são aceitas em um mesmo grau que a pronúncia-padrão, por exemplo, no dicionário Sabatini Coletti, logo após a palavra-entrada <*tralice*>, há a transcrição [tra-lì-ce o trà-li-ce]. Existem casos em que as variações são aceitas, por exemplo, a palavra <*edema*> que o dicionário Garzanti transcreve como [e-dè-ma, o èdema] e no final do verbete há uma nota esclarecendo que a pronúncia <*edèma*> é preferível, mas <*edema*> também é aceitável. E por último existem as variações que devem ser evitadas, por exemplo, no dicionário Sabatini Coletti a entrada <*edile*> vem acompanhada da seguinte orientação: [e-dì-le, evit. è-di-le].

Como variação prosódica, Svensén (idem) considera as diferenças de pronúncia quando uma palavra é proferida isoladamente e em fala concatenada. O autor escreve que a indicação da pronúncia nos dicionários normalmente é dada quando a palavra é pronunciada isoladamente, embora esta não seja a forma mais usual de se pronunciar a palavra. Palavras funcionais do inglês como artigos, pronomes e preposições, geralmente têm uma pronúncia mais fraca em fala concatenada e isso deve ser levado em conta e ser descrito nas obras lexicográficas.

Wells (1985) compartilha do mesmo pensamento de Svensén, afirmando que os dicionários deveriam dar uma atenção especial nos casos das variações de pronúncia da palavra isolada e sua pronúncia na fala concatenada, mas a maioria dos dicionários ignora este fenômeno.

Nos dicionários da língua portuguesa analisados por nós, nenhum registra as variações prosódicas. Ocorre variação desse tipo no português com os artigos definidos e indefinidos quando estão no plural, por exemplo, <as meninas> é pronunciado [azmeˈninas], o fone [m] é

[35] Muitos falantes do português brasileiro pronunciam com [z] a sequência "bs", muito provavelmente pela assimilação do vozeamento do fonema [b]**,** no entanto os dicionários monolíngues da língua portuguesa não evidenciam essa possiblidade de pronúncia que é bastante profícua.

sonoro e a sibilante assimila o vozeamento, sendo então produzido [z] nesse contexto. Já <as casas> é pronunciado [asˈkazas], a sibilante assimila o som de [k] que é surdo.

No italiano há um fenômeno denominado "*raddoppiamento sintattico*". Tal processo consiste na geminação da consoante inicial de uma palavra, quando precedida da maioria dos monossílabos, por exemplo, <*è bello*> é pronunciado [ɛˈbbɛllo]; e quando antecedida por palavras terminadas com vogal acentuada, por exemplo, <*città bela*> é produzida oralmente [tʃitaˈbbɛlla]. Essa variação prosódica é contemplada pelo dicionário Parola Chiave, cujo guia de pronúncia explica que "a duplicação fonossintática leva a pronunciar de modo dobrado a consoante inicial da segunda palavra" (Parola Chiave, 2007, p.1021)[36]. O dicionário também oferece alguns exemplos: <*andò via*> /an'dɔv'via/.

Acerca da maneira como as variações de pronúncia devem ser descritas nos dicionários, Landau (1991) escreve que, comumente, as variações são exibidas no *outside matter*, mas o autor acredita que esta não é a melhor opção, dado que raramente os usuários consultam o *outside matter*. O autor defende que as variações de pronúncia têm de ser incluídas na microestrutura do dicionário, ou seja, deveriam estar junto da pronúncia principal.

Com o que foi relatado acima podemos responder aos seguintes questionamentos: Qual modelo de pronúncia deve ser empregado nos dicionários? Até que ponto as variações devem ser descritas?

Presumimos que o modelo de pronúncia possa ser alcançado através de pesquisas realizadas em alguns setores da população que sejam considerados como representativos da fala que se quer descrever. Isso não sugere que o modelo de pronúncia escolhido tenha que coincidir com um modelo normativo, o importante é que seja de uso corrente e atualizado, por isso, um trabalho interdisciplinar entre lexicógrafos e foneticistas/fonólogos é essencial para determinar o modelo de pronúncia.

Com a tecnologia a serviço da Linguística e da Lexicografia, o lexicógrafo poderia ter à sua disposição *corpora* de textos orais e assim obter dados reais para conceber o melhor modelo de pronúncia para figurar em uma obra lexicográfica. Um *corpus* de língua falada

[36] Sempre que fizermos citações diretas dos dicionários colocaremos o nome do dicionário como fonte e não o nome do(s) autor(es).

seria um material precioso, teria como principal componente a frequência, a repetição estabelecida informalmente, mas que pode testemunhar fenômenos colhidos do uso real e espontâneo da língua. Confirmamos o exposto com Biderman (2002, p.93):

> O uso de um *corpus* informatizado para a confecção de dicionários implica grandes vantagens e benefícios para o produto lexicográfico, a saber:
> 1) Confiabilidade dos dados como representação da língua realmente usada pelos falantes tanto em sua modalidade escrita como oral. [...]

Relativamente à segunda pergunta, Quilis (1982) acredita que as variações regionais devem ser excluídas e devem ser compreendidas somente aquelas que são gerais na língua.

Conforme Bugueño Miranda e Farias (2011), é legítimo exibir as variantes com baixa frequência de uso ou desusadas quando se trata de dicionário geral da língua, porém, para os autores essa descrição não tem um alto valor funcional, já que não constitui uma opção real para a produção da língua.

Caluwe e Van Santen (2003) asseveram que a pronúncia varia em termos de estilo e também com respeito à classe social do falante. Para eles, essas variações deveriam estar dicionarizadas, porém não é a proposta de grande parte dos dicionários descrever as variações da pronúncia e a principal razão para isso é que essas obras são consideradas, para a maioria dos usuários e dos lexicógrafos, representantes da norma ideal da língua.

Svensén (2009, p. 116) assenta que em "um dicionário de língua geral não há razão para detalhar todas as formas variantes, mesmo nos dicionários de pronúncia[37]". O autor finaliza declarando que somente as variações mais importantes devem ser contempladas.

Percebemos também que a decisão de incluir as variantes depende da extensão e do tipo de dicionário. Em uma breve consulta em dicionários monolíngues e bilíngues do inglês, observamos que essas produções geralmente indicam as pronúncias britânica e americana. Nas obras do português e do italiano constatamos que nos dicionários monolíngues são registradas as variações de pronúncia na microestrutura e nos bilíngues não. A respeito da questão do tamanho, Piotrowski (1987 apud Mestre, 1999) assume que, para obras com extensão reduzida, é melhor que conste somente uma pronúncia, a do dialeto ensinado e usado no país.

[37] No original: "In a general-purpose dictionary there is, generally speaking, no reason to show all the details and variant forms included in special pronouncing dictionaries".

Nós defendemos que, se as variações forem frequentes em âmbito nacional, deverão ser dicionarizadas. Os dicionários da língua portuguesa que analisamos não registram, por exemplo, a variação dos ditongos, os quais sofrem o processo de monotongação[38]. Essa variação, de acordo com Hora e Ribeiro (2006, p. 209), é "bastante comum de norte a sul do Brasil" e poderia estar contida nos dicionários, segundo a nossa opinião.

Contudo, também ponderamos que um dicionário – seja monolíngue, bilíngue ou bilingualizado – não deve pretender ser exaustivo. Uma abordagem puramente descritiva, listando todas as pronúncias aceitáveis, claramente não é apropriada para essas obras. No português falado no Brasil ocorrem diversos casos de variação diatópica, que fazem parte somente de uma determinada região e essas variações, a nosso ver, não precisam estar contidas nos dicionários. Citamos, como exemplo, a pronúncia das palavras <vamos> e <gente>, que. em algumas regiões do Nordeste, principalmente no Ceará, são pronunciadas como [ˈhamʊ], [hẽtɪ] (Ilari; Basso 2014, p.167).

A língua italiana possui mais de três mil dialetos, os quais diferem do italiano padrão no nível fonético-fonológico. Inserir todas essas variações nos dicionários seria completamente inviável.

Findamos esta parte com um excerto de Biderman (2004, p. 185) que completa muito bem tudo o que foi exposto anteriormente:

> O dicionário é o depositário do acervo lexical da cultura. O dicionário descreve o léxico em função de um modelo ideal de língua – a língua culta e escrita; pode, porém, registrar usos dialetais, populares. Por conseguinte, o dicionário convalida e promove a linguagem aceita e valorizada em sua comunidade.

1.3 Versando sobre Fonética e Fonologia

Neste item faremos uma breve explanação dos conceitos básicos da Fonética e da Fonologia que utilizaremos em nosso estudo.

A Fonética e a Fonologia são as áreas da Linguística que estudam os sons das línguas. Por terem o mesmo objeto de estudo, são ciências relacionadas e são duas áreas

[38] Em palavras como <beijo>, <faixa> e <ouro> ocorre tal processo e a pronúncia da maioria dos brasileiros para essas palavras, inclusive em situações mais formais, é [ˈbejʊ], [ˈfaʃɐ], [ˈorʊ].

complementares. Conforme Lima e Souza (2008, p. 40), "é muito difícil tratar de Fonética sem fazer menção a questões de ordem fonológica e vice-versa. O estudo da produção articulada de toda e qualquer língua passa obrigatoriamente pela descrição fonética e fonológica".

A oposição entre Fonética e Fonologia faz parte de uma convenção que permite tornar o objeto de estudo mais claro. A Fonologia estuda de que modo os sons de uma língua são estruturados e organizados no interior de um sistema linguístico. De acordo com Canepari (1979, p. 5), a Fonologia "se interessa ao valor, à função que os sons de uma língua têm, unindo o aspecto fônico da língua ao psíquico da comunicação verbal e ao significado das palavras, ou signos linguísticos[39]".

A unidade mínima da Fonologia é o fonema. O fonema tem valor distintivo, porque a sua substituição por outro fonema resulta na troca de significado de uma palavra. Por exemplo, no português a palavra <pato> é formada por quatro fonemas, a substituição de /p/ por /t/ modifica o significado, que se torna <tato>, isso significa que /p/ e /t/ são fonemas distintivos. A Fonologia está preocupada, portanto, em determinar quais dentre todos os sons possíveis possuem valor distintivo, isto é, quais destes sons podem ser usados para distinguir palavras.

Nem todos os sons que produzimos mudam o significado das palavras. Por exemplo, o português brasileiro tem uma grande variedade de sons do grafema 'r'. Quando pronunciamos a palavra <porta>, o fato de empregar o "r-caipira", o "r-gaúcho", o "r-carioca" não fará nenhuma diferença, ou seja, essas variantes não provocarão mudança de sentido. O estudo dos sons, dos fones, chamados também de alofones[40], sem considerar a função distintiva no interior do sistema de uma língua, compete à Fonética. Assim, cabe à Fonética estudar os vários modos possíveis de pronunciar o 'r' do português, ou seja, a principal preocupação da Fonética é descrever os sons da fala.

O objeto de estudo da Fonética são os sons no local onde eles encontram-se e se manifestam em sua plenitude, isto é, na cadeia da fala e no discurso. A Fonética preocupa-se

[39] No original: "S'interessa al valore, alla funzione, che i suoni d'una lingua hanno e ai rapporti che esistono tra di loro, collegando l'aspetto fonico della lingua a quello psichico della comunicazione verbale e al significato delle parole, o segni linguistici".
[40] Alofone é a forma variante de um fonema.

com o aspecto físico dos sons das línguas, dedica-se à investigação do material sonoro e de sua fonte de produção, deixando de lado a função do som como elemento de significação.

Resumimos o acima exposto com uma citação de Massini-Cagliari e Cagliari (2001, p. 106).

> Enquanto a Fonética é basicamente descritiva, a Fonologia é uma ciência explicativa, interpretativa; enquanto a análise fonética se baseia na produção, percepção e transmissão dos sons da fala, a análise fonológica busca o valor dos sons de uma língua – em outras palavras, sua função linguística.

Para descrever os sons, a Fonética divide-se em três subáreas: fonética articulatória, que estuda como os sons são produzidos; fonética acústica, que estuda as propriedades físicas dos sons, isto é, como eles são transmitidos; e fonética perceptiva, que estuda os mecanismos de decodificação dos sons, ou ainda, estuda como eles são percebidos pelo ouvinte. (Massini-Cagliari; Cagliari, 2001). Nossa atenção recai particularmente em relação à primeira, ou seja, sobre a produção.

Como mencionado acima, a fonética articulatória examina os sons do ponto de vista da sua produção. Para tal, contempla toda a parte fisiológica envolvida na produção dos sons da fala humana. Podemos dividir em três grupos os órgãos do corpo humano que desempenham um papel na produção dos sons: o sistema respiratório, o sistema fonatório e o sistema articulatório (Silva, 1999).

O sistema respiratório e o fonatório, os quais consistem no pulmão e nas cordas vocais, respectivamente, são os órgãos inferiores. Os pulmões são os responsáveis pelo armazenamento do ar que será expirado no momento da produção. As cordas vocais têm um papel fundamental na fonação, pois a sua vibração, ou não, determina se o segmento produzido é sonoro ou surdo (Silva, 1999).

O sistema articulatório é composto pelos órgãos superiores, são eles: a faringe, o nariz e a boca. No interior da boca, muitas regiões participam da articulação para a produção dos sons, trata-se dos dentes, dos alvéolos, do palato e da língua. Todos esses órgãos são os responsáveis pela produção dos segmentos consonantais e vocálicos.

As consoantes são produzidas com alguma obstrução nos órgãos superiores, podendo haver obstrução total ou parcial da passagem da corrente de ar, ou ainda pode ou não haver fricção (Lima; Souza, 2008). Por exemplo, para pronunciar o fonema [f], devemos tocar

levemente o lábio inferior nos dentes superiores e provocar uma fricção no ponto de contato entre os lábios e os dentes. Para produzir o [v], realizamos o mesmo processo, com uma pequena diferença: fazemos vibrar nossas cordas vocais.

Na produção das vogais a passagem de ar não é interrompida por nenhum órgão, não havendo, portanto, obstrução ou fricção. No momento da produção das vogais, as cordas vocais se aproximam e começam a vibrar, em seguida o ar passa livremente pela faringe e sai pela boca ou pelo nariz (Silva, 1999).

De um ponto de vista articulatório, os sons podem se classificar conforme seu ponto de articulação e seu modo de articulação.

Concernentemente ao ponto de articulação, as consoantes se dividem em muitas classes, as principais são: bilabiais, labiodentais, dentais, alveolares, alveopalatais, palatais, velares. Com relação ao modo de articulação as consoantes se subdividem em oclusivas, nasais, fricativas, africadas, laterais, vibrantes, tepe e retroflexa (Seara et al., 2015).

Do ponto de vista articulatório, os sons vocálicos têm sido classificados com base nos movimentos da língua nos eixos vertical e horizontal. O vertical diz respeito à distância entre a língua e o palato, é a medida da elevação da língua do baixo para o alto, assim, tem-se vogais fechadas, semifechadas, semiabertas e abertas[41]. O eixo horizontal refere-se à posição do corpo da língua, isto é, em direção a qual ponto palatal se move a parte mais alta da língua e isso distingue as vogais em anteriores e posteriores e central. A forma dos lábios também pode modificar o timbre das vogais, classificando-as em arredondadas e não arredondadas (Massini-Cagliari e Cagliari, 2001).

Quanto às transcrições, podemos transcrever uma palavra fonética e fonologicamente. Na transcrição fonética são levados em conta todos os sons de uma dada língua, da variante padrão às variantes regionais, assim como outros aspectos acústicos tais como a duração dos sons. Por convenção, as transcrições fonéticas são indicadas entre colchetes (Lima; Souza, 2008). Por exemplo, a palavra <ditado> transcrita como [dʒiˈtadʊ] é uma representação fonética de uma produção de falantes de uma determinada região.

Na transcrição fonológica, são considerados somente os fonemas, são prescindidos os sons que não têm caráter distintivo. Por convenção, as transcrições fonológicas são indicadas

[41] Concorrem com esses os seguintes termos: alta, médio-alta, médio-baixa e baixa.

entre barras. Por exemplo, a transcrição fonológica da palavra <ditado> é /diˈtado/, tendo apenas uma representação possível para o fonema /d/.

A transcrição fonológica é uma abstração da realidade da fala, uma forma pouco detalhada de registrar a pronúncia. Além do mais, a representação fonológica pode ser facilmente confundida com a representação ortográfica. Por essa razão no nosso trabalho, sempre que as transcrições são feitas por nós, elas serão sempre fonéticas. A opção pelas transcrições fonéticas decorre do fato de que essas revelam informações explícitas sobre a pronúncia.

Nas nossas transcrições adotamos o IPA, que julgamos ser o melhor sistema para transcrever uma palavra e, além do mais, esse alfabeto resultou do estabelecimento da Fonética enquanto ciência dedicada à descrição e análise do sistema sonoro de uma língua. Mais uma vez gostaríamos de enfatizar que esse alfabeto fonético tornou possível transcrever mais apuradamente os sons das línguas em virtude da consistência entre o símbolo escrito e o som que ele representa.

O IPA recomenda que o acento seja marcado com o diacrítico [ˈ] precedendo a sílaba em que ocorre a vogal tônica e é desse modo que procederemos nas transcrições.

Passadas as noções básicas de fonética articulatória, explicitamos no quadro a seguir a classificação dos sons do português brasileiro com exemplos e transcrições:

Quadro 3 – Classificação dos sons do português brasileiro.

Símbolo do IPA	**Classificação**	**Exemplo**
Vogais		
[a]	central aberta não arredondada	pato [ˈpatʊ]
[ɐ] (alofone)	central aberta não arredondada	pacata [paˈkatɐ] [42]
[ã]	central aberta não arredondada nasal	expansão [espãˈsãw]

[42] Como nossas transcrições têm um escopo descritivo, mais que normativo, optamos por transcrever os grafemas ‘a’, ‘e’, ‘i’ em posição átona final como [ɐ], [ɪ] e [ʊ], respectivamente. Este fenômeno é contemplado por Ilari; Basso (2014, p.98), “em posição átona final, as oposições [o]–[u], [e]–[i] são normalmente neutralizadas, ficando em seus lugares, respectivamente, os fones [ʊ] e [ɪ]. Em posição átona final, encontramos também o fone [ɐ], ao invés de [a]”.

[e]	anterior semifechada não arredondada	apelo [aˈpelʊ]
[ẽ]	anterior semifechada não arredondada nasal	pente [ˈpẽtʃi]
[ɛ]	anterior semiaberta não arredondada	pé [ˈpɛ]
[i]	anterior fechada não arredondada	apito [aˈpitʊ]
[ɪ] (alofone)	anterior fechada não arredondada	tapete [taˈpetʃɪ]
[ĩ]	anterior fechada não arredondada nasal	ímpeto [ˈĩpetʊ]
[o]	posterior semifechada arredondada	poço [ˈposʊ]
[õ]	posterior semifechada arredondada nasal	comparar [kõpaˈrar]
[ɔ]	posterior semiaberta arredondada	oratória [oraˈtɔrjɐ]
[u]	posterior fechada arredondada	número [ˈnumerʊ]
[ʊ] (alofone)	posterior fechada arredondada	tudo [ˈtudʊ]
[ũ]	posterior fechada arredondada nasal	junto [ʒũtʊ]
Semivogais[43]		
[j]	palatal sonora	piano [ˈpjanʊ]
[w]	labiovelar sonora	pauta [ˈpawtɐ]
Consoantes		
[p]	oclusiva bilabial surda	palavra [paˈlavrɐ]
[b]	oclusiva bilabial sonora	bebida [beˈbidɐ]
[t]	oclusiva dental-alveolar surda	tabela [taˈbɛlɐ]
[d]	oclusiva dental-alveolar sonora	data [ˈdatɐ]
[k]	oclusiva velar surda	caderno [kaˈdɛrnʊ]
[g]	oclusiva velar sonora	gato [ˈgatʊ]
[tʃ] (alofone)	africada alveopalatal surda	tia [ˈtʃiɐ]

[43] As semivogais são também chamadas de semiconsoantes. Essa é uma questão que ainda não se chegou a um consenso entre os linguistas e não é o escopo do nosso trabalho tratar dessa problemática. Optamos por chamar os fonemas aproximantes [j] e [w] de semivogal.

[dʒ] (alofone)	africada alveopalatal sonora	dia [ˈdʒiɐ]
[f]	fricativa labiodental surda	faca [ˈfakɐ]
[v]	fricativa labiodental sonora	vaca [ˈvakɐ]
[s]	fricativa alveolar surda	sala [ˈsalɐ]
[z]	fricativa alveolar sonora	zebra [ˈzebrɐ] casa [ˈkaza]
[ʃ]	fricativa alveopalatal surda	chata [ˈʃatɐ] xícara [ˈʃikarɐ]
[ʒ]	fricativa alveopalatal sonora	jaca [ˈʒakɐ] gema [ˈʒemɐ]
[x] (alofone)	fricativa velar surda	carro [ˈkaxʊ] corta [ˈkɔxtɐ]
[ɣ] (alofone)	fricativa velar sonora	corda [ˈkɔɣdɐ]
[h] (alofone)	fricativa glotal surda	carro [ˈkahʊ] corta [ˈkɔhtɐ]
[ɦ] (alofone)	fricativa glotal sonora	corda [ˈkɔɦdɐ]
[m]	nasal bilabial sonora	mala [ˈmalɐ]
[n]	nasal alveolar sonora	nada [ˈnadɐ]
[ɲ]	nasal palatal sonora	sonho [ˈsoɲʊ]
[ɾ]	tepe alveolar sonora	cara [ˈkarɐ] corta [ˈkɔɾtɐ] mar [ˈmaɾ]
[r] (alofone)	vibrante alveolar sonora	carro [ˈkarʊ] rio [ˈriʊ]
[ɹ] (alofone)	retroflexa alveolar sonora	corta [ˈkɔɹtɐ] mar [ˈmaɹ]
[l]	lateral alveolar sonora	lata [ˈlatɐ] placa [ˈplakɐ]
[ʎ]	lateral palatal sonora	palha [ˈpaʎɐ]
[ɬ] (alofone)	lateral velar sonora	mal [ˈmaɬ]

Fonte: Adaptado pela autora a partir dos quadros desenvolvidos por Silva (1999, p. 37-40) e Seara et al. (2015, p. 29-31).

Explanamos no quadro a seguir a classificação dos sons do italiano com exemplos e transcrições:

Quadro 4 – Classificação dos sons da língua italiana.

Símbolo do IPA	**Classificação**	**Exemplo**
Vogais		
[a]	central aberta não arredondada	albero [ˈalbero]
[e]	anterior semifechada não arredondada	perché [perˈke]
[ɛ]	anterior semiaberta não arredondada	vento [ˈvɛnto]
[i]	anterior fechada não arredondada	lista [ˈlista]
[o]	posterior semifechada arredondada	giorno [ˈdʒorno]
[ɔ]	posterior semiaberta arredondada	cuore [ˈkwɔre]
[u]	posterior fechada arredondada	uva [ˈuva]
Semivogais		
[j]	palatal sonora	piano [ˈpjano]
[w]	labiovelar sonora	buono [ˈbuɔno]
Consoantes		
[p]	oclusiva bilabial surda	parola [paˈrɔla]
[b]	oclusiva bilabial sonora	bibita [ˈbibita]
[t]	oclusiva dental-alveolar surda	tavola [ˈtavola]
[d]	oclusiva dental-alveolar sonora	diritta [diˈritta]
[k]	oclusiva velar surda	concorso [konˈkorso]
[g]	oclusiva velar sonora	galleria [galleˈria]
[tʃ]	africada alveopalatal surda	cervello [tʃerˈvɛllo]
[dʒ]	africada alveopalatal sonora	giraffa [dʒiˈraffa]
[ts]	africada dental-alveolar surda	pazzo [paˈttso]
[dz]	africada dental-alveolar sonora	zebra [ˈdzɛbra]
[f]	fricativa labiodental surda	felice [feˈlitʃe]
[v]	fricativa labiodental sonora	valere [vaˈlere]

[s]	fricativa alveolar surda	sedile [seˈdile]
[z]	fricativa alveolar sonora	riso [ˈrizo]
[ʃ]	fricativa alveopalatal surda	scena [ˈʃɛna]
[m]	nasal bilabial sonora	misura [miˈzura]
[n]	nasal alveolar sonora	naso [ˈnazo]
[ɲ]	nasal palatal sonora	sogno [ˈsoɲo]
[r]	vibrante alveolar sonora	romano [roˈmano]
[l]	lateral alveolar sonora	linea [ˈlinea]
[ʎ]	lateral palatal sonora	paglia [ˈpaʎa]

Fonte: Adaptado pela autora a partir dos quadros desenvolvidos por Canepari (1979) e Babini (2002).

Conhecer os símbolos fonéticos, saber quais são os pontos de articulação necessários para produzir os sons e as suas combinações propicia não somente pronunciar os sons adequadamente e com desenvoltura, mas possibilita adquirir também a prática das coordenações dos movimentos, da língua, dos lábios etc., essenciais para poder passar com naturalidade de um som ao outro nas emissões fônicas.

Com a consciência articulatória é possível saber que os dentes superiores intervêm na articulação do [t] em contato com a ponta da língua, ou do [f] em contato com o lábio inferior. Que o [ɲ] é articulado com o dorso da língua contra o palato. É perceber diferenças sutis na produção dos fonemas, as quais envolvem o modo de articulação: por exemplo, para articular o [t] e o [d], a ponta da língua bloqueia o ar que sai dos pulmões, formando um obstáculo, quando encosta nos dentes superiores; para produzir o [k] e [g] o ar é bloqueado pelos lados da língua em contato com os lados do palato; para realizar o [f] e [v] ocorre um contato entre os dentes superiores e o lábio inferior, que, todavia não bloqueia o ar que passa entre os interstícios dos dentes.

Uma compreensão ainda mais apurada permite saber as diferenças entre os pares exibidos no parágrafo acima. Estas diferenças consistem na participação ou não da vibração das cordas vocais. O [k] é um som surdo, esse termo significa que não há vibração das cordas vocais e na produção do seu par [g] ocorre a vibração, sendo assim um som sonoro.

Assumimos, portanto, que o conhecimento da fonética articulatória é de grande importância para todos aqueles que queiram aprender a pronunciar os fonemas das línguas. Corroboramos essa afirmação com a citação de Seara et al. (2015, p. 37): “Compreender como e onde os sons são produzidos, isto é, o modo e o ponto de articulação, facilita entender e memorizar a nomenclatura técnica usada na área”.

CAPÍTULO 2

2. ETAPA ANALÍTICA

Nesta etapa, discorremos sobre os dicionários utilizados na pesquisa e fazemos uma análise lexicográfica crítica concernente à informação de pronúncia compreendida nas obras analisadas.

Para construir nosso *corpus* de estudo, selecionamos três dicionários monolíngues da língua portuguesa, dois impressos: a) Dicionário Aurélio da língua portuguesa; b) Dicionário Houaiss da língua portuguesa e um *on-line*: c) Dicionário Caldas Aulete. No que concerne à língua italiana, elegemos três dicionários monolíngues, dois impressos: a) lo Zingarelli 2014; b) Garzanti italiano; e um *on-line*: c) Dizionario della lingua italiana, il Sabatini Coletti. Para a análise dos dicionários bilíngues, foram escolhidos dois: 1) Michaelis italiano-português, português-italiano; 2) Martins Fontes italiano-português. E selecionamos um dicionário bilingualizado: 1) Parola Chiave - Dizionario di italiano per brasiliani.

Como metodologia, nesta etapa da nossa pesquisa, valemo-nos do conceito denominado por Marconi e Lakatos (2003, p. 188): "procedimentos específicos para coleta de dados". Segundo as autoras,

> Os estudos que usam procedimentos específicos para coleta de dados para o desenvolvimento de ideias são aqueles estudos exploratórios que utilizam exclusivamente um dado procedimento, como, por exemplo, análise de conteúdo, para extrair generalizações com o propósito de produzir categorias conceituais que possam vir a ser operacionalizadas em um estudo subsequente.

O conteúdo que analisamos é o da informação fônica registrada nos dicionários. E o procedimento de análise será o da verificação de qual sistema de notação é aplicado para anotar a pronúncia das palavras vernáculas e dos estrangeirismos. Observamos se a indicação da pronúncia é completa nas entradas ou se somente uma parte da pronúncia da palavra é evidenciada. Consultamos se os dicionários registram a pronúncia das homógrafas. Averiguamos se os dicionários apresentam as variações de pronúncia existentes no português

brasileiro e no italiano. Também reproduzimos parcialmente os guias de pronúncia dos dicionários e analisamos a maneira como a informação fônica é descrita no *outside matter*. Por fim, refletimos se as obras analisadas conseguem fornecer ao consulente nativo e ao estrangeiro, de forma clara e satisfatória, as orientações que eles buscam quanto à pronúncia.

2.1 Dicionários da língua portuguesa

Nas obras da língua portuguesa, observamos qual sistema de notação é utilizado para anotar a pronúncia dos estrangeirismos, das palavras homógrafas e das letras e sons que são ambíguos. Verificamos se os dicionários contemplam a diversidade fonética da língua portuguesa. E, por fim, reproduzimos e analisamos os guias de pronúncia, os quais são incluídos no *outside matter*.

Ao analisar como os dicionários monolíngues da língua portuguesa tratam da informação fônica, podemos afirmar, de modo conciso, que no Aurélio e no Houaiss não são registradas a pronúncia das entradas por meio da transcrição fonética, exceto para as palavras de origem estrangeira. Nessas obras são tratadas apenas algumas informações de pronúncia das palavras vernáculas, entre elas: a diferença de significação em função do acento prosódico, em caso de hiatos, e dos sons do grafema ‘x’. No Caldas Aulete é adotada a transposição ortográfica para registrar a pronúncia das palavras vernáculas e a pronúncia figurada para os estrangeirismos. Em todos os dicionários, as indicações de pronúncia precedem a classificação gramatical. As maneiras diferentes de apontar a pronúncia dos três dicionários analisados nos possibilitou avaliar qual é a melhor forma de indicar a pronúncia nos dicionários de língua portuguesa.

2.1.1 Dicionário Aurélio da língua portuguesa[44]

[44] Ao longo do texto sobre as análises do dicionário Aurélio da língua portuguesa, referimo-nos a ele como: dicionário Aurélio, dicionário, Aurélio e obra.

O Aurélio é um dicionário de língua geral e a versão que analisamos é a de 2010, sendo esta a 5ª edição. Não consta o número de verbetes que o dicionário compreende[45]. A obra é acompanhada por um CD-ROM. Averiguando as informações fônicas da versão eletrônica, constatamos que elas são as mesmas daquelas indicadas na versão impressa.

No dicionário Aurélio são utilizadas letras e acentos da língua portuguesa para registrar a pronúncia na microestrutura; a indicação está entre parênteses, em seguida da palavra-entrada. Nessa obra não estão indicadas a pronúncia de todas as entradas, é apontada a ortoépia de algumas palavras quando é passível de dúvida. Estão compreendidos os seguintes casos: das vogais ‘e’ e ‘o’ quando têm a pronúncia fechada e não recebem acento gráfico; da ortoépia dos ditongos orais abertos; com a exclusão do trema na grafia a pronúncia da letra ‘u’; a pronúncia normativa da letra ‘s’ seguida do ‘b’ mudo; a pronúncia do prefixo <sub- > seguido do grafema ‘l’; o acento secundário de palavras compostas pelo prefixo <hetero- >; e a pronúncia dos hiatos. Em (1) são disponibilizados alguns exemplos:

(1) apneia (éi)
vinculador (ô)
boia (ói)
cunhete (ê)
heterônimo (èt)
pinguim (güim)
subsequente (qüen)
subsistência (sis)
subliminar (sub-li)
tainha (a-í)

A pronúncia dos estrangeirismos é registrada com a aplicação do IPA. A representação é fonética e está entre colchetes; logo após a transcrição, entre parênteses, é exibida a língua de origem do estrangeirismo, como se pode ver em (2):

(2) scherzo [ˈskɛ̄rtso] (It.)
storyboard [ˈstɔɹijbɔɹd] (Ingl.)

[45] Ilari e Basso (2014, p. 205) assentam que o dicionário Aurélio possui 160 mil verbetes.

teenager [ˈtijneidʒɚ] (Ingl.)
croissant [kʁwaˈsɑ̃] (Fr.)
sashimi [saʃimi] (Jap.)

As palavras homógrafas, as quais têm grafia idêntica e pronúncia diferente – e essa diferença prosódica atribui diferentes significados às palavras – estão separadas em duas entradas, como exibido em (3):

(3) colher (é)
colher (ê)

Os homógrafos de <corte> estão separados em duas entradas, no entanto, no dicionário não é indicada a pronúncia aberta [ɔ], somente fechada [o], o mesmo procedimento é utilizado para <lobo>. Em <sede> e <soquete>, só é apontada a pronúncia do [e].

Os parônimos[46] formados por verbo e substantivo, por exemplo, <pratica> (3ª pess. sing. pres. ind.) e <prática>; e verbo e adjetivo, por exemplo <critico> (1ª pess. sing. pres. ind.) e <crítico> estão dicionarizados no final de ambos os verbetes[47], porém nenhuma orientação de pronúncia é disponibilizada.

O grafema 'x' é o mais ambíguo da língua portuguesa, dado que possui quatro sons diferentes. Todavia no Aurélio estão incluídos, ao lado das palavras-entrada, três sons do 'x'. Em (4) explanamos como está inserido no dicionário:

(4) auxiliar (ss)
executar (z)
existência (z)
hexágono (cs)
toxina (cs)
taxinomia (tàcs)

[46] Parônimos são palavras com escrita e pronúncia parecidas, mas com significado diferente (Terra, 1995, p. 41). Nos exemplos que apresentamos, a diferença na escrita é gerada pela presença do acento gráfico e a diferença prosódica está na sílaba tônica.

[47] No final do verbete <crítico>, há a seguinte remissão: [Cf. critico, do v. criticar]. E no final do verbete <criticar> também há remissão: [pres. ind. critico, Cf. crítico, adj.]. O outro exemplo que oferecemos é dicionarizado da mesma maneira.

No dicionário Aurélio não estão registradas as pronúncias das palavras em que a letra ‘x’ é pronunciada com [s] na sequência ‘exc’ como <exceto>, <exclamar> e [ʃ] como em <taxa>, <peixe>.

Na obra em análise são fornecidas poucas explanações em relação às variações de pronúncia da nossa língua. É apontada a ortoépia das palavras que podem ser pronunciadas com ou sem trema (variação diastrática) e a pronúncia aberta ou fechada da vogal ‘e’ e ‘o’ (variação diatópica)[48]. Em (5) são exibidos alguns exemplos:

(5) liquescer (ques ou qües)
liquidificador (qui ou qüi)
colmeia (êi ou éi)
zigoto (ô ou ó)

No dicionário, a entrada <bofete> é tratada de maneira diversa. Consta a seguinte explicação sobre a variação de pronúncia: “bofete (é) [Var. pros.: bofete (ê). A pronúncia brasileira (ao menos a mais corrente) é *bofete*, com *é* aberto]” (Aurélio 2010, p. 329).

Algo adequado, que está presente no Aurélio, é o fornecimento de instruções de pronúncia das palavras-entrada em sua forma flexionada, esses esclarecimentos estão no final do verbete entre colchetes, como exposto em (6):

(6) abade... [Fem., abadessa (ê), pl. abadessas (ê)]
averiguar... [Apresenta dois paradigmas: a) com acento tônico e gráfico no *i* das formas rizotônicas – pres. ind.: averíguo, averíguas, averígua, averígua; pres. subj.: averígue (ü), averígues (ü) etc. b) com acento fônico, porém não gráfico no *u* das formas rizotônicas: pres. ind.: averiguo (ú), averiguas (ú) etc.][49]
caroço... [pl.: caroços (ó)]
imposto... [Flex.: imposta (ó), impostos (ó), impostas (ó)
ovo... [Pl.: ovos (ó)]
preso... [flex.: presa (ê), presos (ê), presas (ê)]
porco... [fles.: porcos (ó); porca(s) (ó)]

[48] Inferimos que as variações diatópicas contempladas se referem à variação entre o português falado no Brasil e em Portugal, no entanto no dicionário Aurélio não consta nenhuma explicação.
[49] No dicionário são oferecidos mais exemplos, porém mostramos alguns para ilustração.

porto... [Pl.: portos (ó). Cf. porto[50], do v. portar[51]]

Os casos de metafonia[52] que não estão contempladas são os das palavras <olho/olhos> e <novo/novos>. Na entrada <novo> há a indicação de como a palavra é escrita no plural, porém não há a informação de como se pronuncia; na obra insere-se a remissão "Ver novos"; consultamos a entrada <novos> e também não consta que o primeiro 'o', no plural, é pronunciado aberto [ɔ].

As informações fônicas do Dicionário Aurélio estão em conformidade com o que é defendido por Welker (2004). O autor assume que, para a língua portuguesa, não é necessário que a pronúncia seja incluída em todas as entradas, mas somente nas palavras que possam gerar dúvidas.

A nosso ver, o aprendiz da língua portuguesa terá algumas dúvidas ao se deparar com a maneira de registrar a pronúncia adotada pelo Aurélio, pois, ainda que haja uma grande coincidência entre a grafia e a pronúncia, no português diversos sons e letras são ambíguos. Por exemplo, a letra 'x' do português pode ser pronunciada com quatro fonemas /z/, /s/, /ʃ/ ou /ks/. Se um dicionário de língua portuguesa deixar de indicar a pronúncia do 'x' não ficará claro para o consulente como essa letra deve ser pronunciada.

Um problema considerado por nós é que na obra não há um padrão quanto aos casos de homografia, já que o dicionário se propõe a anotar a ortoépia dos homógrafos – deveria fazê-lo em todas as ocorrências e não só em algumas, visto que nas palavras homógrafas o que define o significado é a pronúncia da vogal ser aberta ou fechada e o usuário, não tendo esse esclarecimento, pode pronunciar de uma maneira inadequada e o que ele pronunciou pode não ser o correto no contexto.

Passamos agora para a reprodução e análise do guia de pronúncia do Aurélio, que está incorporado ao *outside matter* e é composto de três páginas. Salientamos que a sequência e

[50] Mais uma vez os casos de homografia não são bem trabalhados no dicionário Aurélio; na obra há a remissão, porém não é explicitada a diferença de pronúncia; o substantivo <porto> é pronunciado com [o] e a forma flexionada <porto> (1ª pess. sing.) é pronunciado com [ɔ]. O mesmo ocorre para os homógrafos <posto> [o] / <posto> (1ª pess. sing) [ɔ]

[51] Verificamos a entrada <portar>: no final do verbete há a seguinte explicação: [Pres. ind.: porto, etc. Cf. porto (ô), s.m.] (Aurélio 2010, p. 1682). Como é possível observar, o dicionário não indica a diferença de pronúncia.

[52] Ocorre metafonia com alguns substantivos, quando se pluralizam, mudam o 'o' fechado [o] para 'o' aberto [ɔ]. (Terra, 1995, p.85).

exemplos são um resumo das transcrições feitas a partir do dicionário, sofrendo apenas algumas alterações[53].

Primeiramente são disponibilizados os símbolos fonéticos do IPA, em seguida noções de fonética articulatória e, por último, quando o som tem correspondência em português, são dados exemplos. Nessa primeira parte são explicados também os sinais especiais utilizados[54]:

Vogais

ʌ posterior semiaberta, como no ingl. <f*unk*>, <*rush*>; próxima da vogal neutra [ə], mas geralmente acentuada, e pronunciada com a língua mais recuada e a boca mais aberta.

e semifechada anterior; como no port. <*ver*>, <*verde*>.

ɔ semiaberta posterior; corresponde aproximadamente ao /o/ aberto, como em <*sorte*>.

y fechada anterior; sem correspondente em port.; a boca na forma do /u/, com a língua na posição do /i/. É a pronúncia do '*u'* fr., como em <*fondue*>, <*déjà vu*>; e do '*ü'* do alemão, como em <*Kümme*>*l,* <*über*>.

Consoantes

g velar sonora; como no port., <*gato*>, <*açougue*>.

ʒ fricativa palatoalveolar sonora; como no port. <*jogo*>.

ɹ contínua (sem fricção); a língua não chega a tocar o céu da boca, i. e., não produz oclusão; é o som representado tipicamente pelo 'r' do ingl.: <*rock-and-roll*>, <*software*>.

ç fricativa palatal; sem correspondente em port.; a fricção é semelhante à pronúncia do [ʃ], mas o dorso da língua é recuado, i.e., levado à parte posterior do palato, como no al. <*Reich*>.

Semivogais

w bilabial; pronuncia-se como o /u/ semivogal de ditongo, no port. <*quadro*>, <*chapéu*>.

j palatal; pronuncia-se como o /i/ semivogal de ditongo, no port. <*boi*>, <*herói*>, <*colégio*>.

---

[53] O guia de pronúncia completo pode ser visualizado no Anexo I.

[54] Sempre que forem partes reproduzidas, do guia de pronúncia do dicionário, elas estarão entre aspas duplas " " e no final constará a página da qual as extraímos. Isso vale para todos os dicionários analisados.

Sinais especiais

ạ representa a vogal aberta posterior na pronúncia do ingl.; é semelhante ao [a], mas realizada com a língua em posição mais recuada e a boca um pouco mais fechada e arredondada; ingl. <*shop*>, <*top*>.

ˈ sinal que precede a sílaba tônica

ː indica duração completa (ou longa)" (Aurélio, 2010, p. XVIII).

Em seguida, é apresentado: um quadro que lista os símbolos fonéticos usados na transcrição de palavras e expressões estrangeiras; é oferecida a classificação fonética do IPA e, por último, são fornecidos exemplos.

Quadro 5 – Símbolos fonéticos de palavras estrangeiras.

Símbolo IPA	**Classificação IPA**	**Exemplo**
	Consoantes	
θ	consoante fricativa dental desvozeada	bluetooth ['bluwtuwθ] (ingl.)
ts	consoante africada alveolar desvozeada	pizzicato [ˌpit.tsiˈkato] (it.)
ʂ	consoante fricativa retroflexa desvozeada	feng chui [fə́nʂwèj] (chin.)
	Vogais	
ʌ	vogal posterior meio-aberta arredondada	cup [kʌp] (ingl.)
ɯ	vogal posterior fechada não arredondada	surimi (sɯɾiˈmi)
ɜ˞	vogal central meio-aberta não arredondada roticizada	t-shirt [tij ʃɜ˞t] (ingl.)
	Diacríticos	
◌̄	tom alto (tom 1 do chinês mandarim)	shantung [ʃ ān˙ˈd̪ūn] (chin.)
◌̆	breve	ad interim [adˈintĕrem] (lat.)
◌̟	vogal anteriorizada	ad infinitum [ad e̟nˈfine̟to(m)] (lat.)

Fonte: dicionário Aurélio, 2010, p. XIX-XX.

No guia de pronúncia do Aurélio há esclarecimentos sobre fonética articulatória – isso é pertinente para saber como se pronunciam os fonemas que não existem na língua portuguesa. Havendo correspondente em português, é disponibilizado um exemplo desse idioma contribuindo, assim, para o usuário identificar a letra correspondente daquele fonema. Nos casos em que não há correspondência, é ensinado como se produz determinado fonema, explicando quais pontos de articulação devem ser utilizados para a sua produção, cooperando dessa forma com a habilidade oral do usuário brasileiro. Por tudo isso, acreditamos que o guia de pronúncia do Aurélio é de boa qualidade para instruir o usuário nativo a pronunciar os estrangeirismos.

Avaliamos que o quadro oferecido é desnecessário, em razão da maioria das informações se repetirem em relação à primeira parte do guia de pronúncia. Ao invés de fornecer o quadro, seria mais vantajoso se o dicionário ocupasse esse espaço tecendo algumas considerações acerca da ortoépia da língua portuguesa, o que favoreceria o usuário estrangeiro para entendimento do português e o consulente nativo a conhecer mais da sua própria língua.

2.1.2 Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa[55]

O Houaiss é um dicionário que se insere no grupo dos monolíngues de língua geral. A edição analisada é de 2009. A obra contém aproximadamente 146 mil entradas e acompanha um CD-ROM. Em uma verificação da versão eletrônica, percebemos que as indicações de pronúncia se repetem em relação à versão impressa.

No que tange à informação fônica, no dicionário Houaiss é anotada a ortoépia de algumas palavras para clarificar a pronúncia nos casos que podem gerar dúvidas aos consulentes. A pronúncia na microestrutura é registrada nos seguintes casos: informa a respeito do fechamento das vogais ‘e’ e ‘o’ quando não recebem acento gráfico; aponta a pronúncia dos ditongos orais abertos; esclarece a pronúncia da letra ‘u’ com a exclusão do trema na grafia; orienta sobre a ortoépia dos hiatos; instrui como se pronuncia, de acordo com

[55] Ao longo do texto sobre as análises do dicionário Houaiss da língua portuguesa, referimo-nos a ele como: dicionário Houaiss, dicionário, Houaiss e obra.

a gramática normativa, a letra ‘s’ seguida do ‘b’ mudo; indica o som das vogais tônicas de timbre aberto que não recebem acento gráfico, quando se trata de vocábulos terminológicos ou não muito correntes; e a pronúncia do prefixo <sub- > seguido da letra ‘l’. A informação fônica é indicada logo após a palavra-entrada e está entre barras invertidas como vemos em (1)[56]:

(1) armazenador \ô\
nervo \ê\
ipomeia \éi\
caixana \a-i\
subsídio \sí\
linguista \gü\
cateter \tér\
sublunar \sub-lu\

A indicação da pronúncia dos estrangeirismos segue o que é recomendado pelos estudiosos[57], pois é apontada no Houaiss com a utilização do IPA e os símbolos estão entre barras invertidas. Em seguida à transcrição está registrada, de maneira abreviada e entre colchetes, a língua a que pertence o estrangeirismo, isto é ilustrado em (2):

(2) forfait \fɔʀˈfɛ\ [fr.]
paella \paˈeʎa\ [esp.]
recall \ ɹɪˈkɔl\ [ing.]
scherzo \ˈskertso\ [it.]
weltanschauung \ˈvɛltanʃɑwun\ [al.]

No Houaiss, o procedimento é mesmo do dicionário Aurélio, na dicionarização das palavras homógrafas. Elas estão separadas em duas entradas e, em seguida, entre barras invertidas, é indicado se a vogal é aberta ou fechada, como exposto em (3):

[56] Não seguiremos a ordem numérica. A cada novo dicionário apresentado recomeçamos do número um.
[57] Como exposto na etapa referencial, entre os autores que consideram que os estrangeirismos devem ser registrados com os símbolos do IPA estão: Zanatta e Bugueño Miranda (2008); Svensén (2009).

(3) forma \ó\
forma \ô\
corte \ó\
corte \ô\
lobo \ó\
lobo \ô\

Os dicionários analisados não seguem um padrão na apresentação dos homógrafos; em algumas palavras são registradas a pronúncia aberta e a fechada, em outras somente a fechada, como por exemplo, <colher>, <sede> e <soquete>, em que no Houaiss é indicada somente a pronúncia do [e].

Os parônimos como, por exemplo, <auxilio> (1ª pess. sing. pres. ind.) e <auxílio> (s.m.) são explanados no final de ambos os verbetes[58], mas não é apontada a diferença de pronúncia entre eles.

Nas palavras que contêm o grafema 'x', no dicionário é incluído, ao lado da palavra-entrada, as letras *cs, z* e *ss* para anotar as diferentes pronúncias, as quais são explicitadas em (4):

(4) hexacampeão \z, cs ou gz\
taxiar \cs\
oxigênio \cs\
êxito \z\
exercer \z\
auxílio \ss\

No dicionário Houaiss também não são registrados os casos em que a letra 'x' é pronunciada com [s] <têxtil>, <exclamar> e [ʃ] <xícara>, <graxa>.

Landau (1991) assevera que as variações de pronúncia devem ser inseridas na microestrutura do dicionário, logo após a palavra-entrada, e é desse modo que é feito no

[58] No final do verbete <auxílio> consta o seguinte esclarecimento: PAR auxilio (fl.auxiliar). E no final de <auxiliar> há a seguinte nota: PAR auxilio (1ªpess.sing.) /auxílio (s.m.).

Houaiss. Na obra são compreendidos os casos de variação diatópica entre o português do Brasil e o de Portugal[59]. Estas variações são contempladas em (5):

(5) colmeia \éi ou êi\
gameta \ê ou é\
topete \é ou ê\
zigoto \ô ou ó\

Algumas variações diastráticas também são descritas no dicionário: são apresentadas as palavras que podem ser pronunciadas com ou sem trema; estão descritas as variações de pronúncia do prefixo <hex-> e o encontro consonantal 'bl' que em alguns contextos pode ser pronunciado na mesma sílaba ou em sílabas diferentes. Em (6) estão alguns exemplos:

(6) antiguidade \gu ou gü\
líquido \qu ou qü\
hexagonal \z, cs ou gz\
sublinhar \sub-li ou su-bli\[60]

No Houaiss é informada a pronúncia das entradas em sua forma flexionada; e das palavras que mudam o timbre fechado do singular [o] para aberto [ɔ] no plural. A informação fônica é indicada no final do verbete, como exemplificado em (7):

(7) caroço... GRAM pl.: caroços \ó\.
corpo... GRAM pl.: corpos \ó\.
imposto... GRAM pl.: impostos \ó\.
povo... GRAM pl.: povos \ó\.
portar... HOM porto[61] (1ªp.s.) / porto \ô\ (s.m.)

[59] Não está explicitado, no *outside matter,* que são variações regionais entre o PB e o PP. Inferimos que se trata desse tipo de variação, devido ao fato de a segunda possibilidade de pronúncia não estar presente em nenhuma região brasileira.
[60] Na obra não está registra, porém, a variação da palavra <subliminar>, é apontada somente a pronúncia normativa \sub-li\; no entanto, a forma variante \su-bli\ é muito mais corrente.
[61] A pronúncia aberta [ɔ] da forma flexionada <porto> não é explicada.

preso... HOM presa \ê\ (f.) presas \ê\ (f.pl.); PAR *prezo* (fl. prezar); presa \ê\ (f.) presas \ê\ (f.pl.) / *preza, prezas* (fl. prezar)[62].

Na obra, no entanto, não são apontados os casos de metafonia das palavras <olho/olhos>, <morto/mortos>, <grosso/grossos>, <novo/novos> e <torto/tortos>, entre outros.

O procedimento adotado pelo dicionário Houaiss segue o que é proposto pela maioria dos lexicógrafos, os quais defendem que, para a língua portuguesa, não é necessário o registro da pronúncia em todas as entradas. São utilizados acentos e letras da nossa língua para esclarecer a pronúncia das palavras que possam gerar dúvidas aos consulentes.

No entanto, na língua portuguesa vários fonemas correspondem a somente uma letra e várias letras correspondem a um fonema. Por isso acreditamos que para todas as letras e sons que são ambíguos, deveria ser clarificada a pronúncia na microestrutura. Os diferentes sons do grafema 'c', que pode ser pronunciado [k] e [s]; do 'g', que dependendo do ambiente em que se encontra é produzido com [g] e [ʒ]; e do 's', que se pronuncia com [s] e [z], não são expostos no dicionário analisado.

Na sequência, reproduzimos e analisamos o guia de pronúncia do Houaiss, o qual é composto por uma página e está separado em tópicos. Destacamos que a sequência e exemplos são um resumo do guia disponibilizado pelo dicionário, sofrendo apenas algumas modificações[63].

Inicialmente, há a definição de ortoépia e transcrição fonética. A primeira é a indicação normativa da pronúncia de um vocábulo, enquanto a segunda é uma explanação apenas informativa. Há o esclarecimento de que a ortoépia é fornecida em verbetes da língua portuguesa e a transcrição fonética em palavras e locuções de outras línguas.

Posteriormente, há explicações sobre o que significam as letras e símbolos presentes na microestrutura. No tocante à ortoépia são esclarecidos:

"1) o timbre das vogais tônicas fechadas 'e' e 'o', quando não são acentuadas graficamente, por exemplo, <gaveta> \ê\;

[62] São exibidas as mesmas observações na entrada <prezar>, porém em nenhum dos verbetes consta que a pronúncia do 'e' é aberta [ɛ] nas formas flexionadas <prezo>, <prezas>, <presa>.
[63] O guia completo pode ser visto no Anexo II.

2) os hiatos, por exemplo, <distribuidor> \u-i...ô\;

3) o som da letra ‘x’, por exemplo, <hexágono> \z, cs ou gz\;

4) o timbre dos ditongos orais abertos, por exemplo, <ideia> \éi\;

5) com a queda do trema a pronúncia da letra ‘u’, por exemplo, <linguiça> \gü\.” (Houaiss, 2012, p. XV).

Normalmente é dicionarizado o som das vogais tônicas de timbre aberto que não recebem acento gráfico, especialmente quando se trata de vocábulos terminológicos ou não muito correntes, disponibilizando, assim, ao usuário a pronúncia dessas entradas, por exemplo, <cateter> \tér\.

No caso das entradas que são vocábulos ou locuções estrangeiras é registrada a pronúncia pela transcrição fonética, adotando o IPA para esse fim. Por exemplo, <*déjà-vu*> \deˈʒa vy\.

Em seguida, há explicações sobre os diacríticos utilizados na transcrição fonética:

- “[ˈ] acento de intensidade – indica, nos vocábulos de duas ou mais sílabas, que a sílaba seguinte a esse diacrítico é a tônica.
- [−] acento melódico – indica se a curva melódica se mantém no mesmo nível ao longo do vocábulo, por exemplo, a palavra japonesa <*kana*> \kaa̅na\. Ou se ao contrário, decai a partir de certo ponto, por exemplo, <*aikido*> \aj̅kido:\.
- Tom lexical – nas línguas tonais, o tom lexical é representado por um acento gráfico agudo [˝] (tom alto) ou grave [ˋ] (tom baixo), ou por um algarismo alceado junto à sílaba em que ocorre.
- [:] duração – após uma vogal indica se ela é longa, isto é, se tem duração maior que a duração padrão das vogais na língua”. (Houaiss, 2012, p.XV)

Depois de aclarar as indicações de pronúncia contidas na microestrutura e das informações fônicas relativas à língua portuguesa, é oferecido um quadro dos fonemas vocálicos e outro dos fonemas consonânticos, os quais são utilizados para a transcrição das palavras estrangeiras. Os quadros contêm os símbolos fonéticos, o ponto e modo de articulação e exemplos:

Vogais

Quadro 6 – Fonemas vocálicos da língua portuguesa e de outras línguas.

ɛ	vogal semiaberta, anterior, não arredondada	Port. p*é*, Fr. adr*e*sse
ʌ	vogal semiaberta, anterior, não arredondada	Ing. B*u*s
ɪ	vogal de grau de abertura entre fechado ([i]) e semifechado ([e]), posição da língua entre anterior e central, não arredondada	Ing. B*i*g
u	vogal fechada, posterior, arredondada	Port. L*u*a Fr. bo*u*levard
ɯ	vogal fechada, posterior, não arredondada	Jap. Shiats*u*

Fonte: dicionário Houaiss, 2012, p. XV.

Consoantes

Quadro 7 – Fonemas consonânticos da língua portuguesa e de outras línguas.

k	consoante oclusiva velar surda	Port. *C*ama
θ	consoante fricativa dental surda	Ing. *Th*iller
ɸ	consoante fricativa bilabial surda	Jap. To*fu* Gr. *Ph*ysis
ɬ	consoante aproximante lateral alveolar velarizada	Rus. Ku*l*ak
ʎ	consoante aproximante lateral palatal	Port. Ca*lh*a It. passacag*l*ia Esp. Pae*ll*a
ʀ	consoante vibrante ou fricativa uvular	Fr. *R*affiné

Fonte: dicionário Houaiss, 2012, p.XV-XVI.

O guia de pronúncia do Houaiss é um guia conciso, que oferece informações pertinentes e não repetitivas. Expressa a ortoépia da língua portuguesa, o que auxilia o usuário nativo e o aprendiz a compreender a nossa língua. Fornece um quadro com os símbolos do IPA utilizados para transcrever os estrangeirismos, nele constam noções de fonética articulatória e exemplos no português e na língua estrangeira, o que contribui para a decodificação dos fonemas. Avaliamos que o guia de pronúncia do Houaiss é o melhor dentre

os dicionários monolíngues da língua portuguesa que analisamos, pois acreditamos que esse guia atende tanto o consulente estrangeiro, quanto o usuário nativo.

2.1.3 Dicionário Caldas Aulete *on-line*[64]

O Caldas Aulete é um dicionário monolíngue eletrônico. Na página de abertura a obra se define como "um dicionário de crescimento infinito, sempre em interação com a língua portuguesa" (Caldas Aulete, 2007, s.p.). Consta na introdução que o dicionário possui mais de 818 mil verbetes e que está em permanente atualização.

No Aulete é adotada a transposição ortográfica para registrar a pronúncia das palavras vernáculas, as indicações aparecem na maioria das entradas e estão entre parênteses. É realizada a separação silábica e a sílaba tônica está evidenciada em itálico; a pronúncia fechada das vogais 'e' e 'o' é indicada entre colchetes, como vemos em (1):

(1) advogado (ad.vo.*ga*.do)
babador (ba.ba.*dor*) [ô]
baioneta (bai.o.*ne*.ta) [ê]
chamar (cha.*mar*)
correio (cor.*rei*.o)
sebáceo (se.*bá*.ce:o)
seccionado (sec.ci:o.*na*.do)

A maneira de registrar a pronúncia dos estrangeirismos é pela pronúncia figurada, a qual é indicada entre barras oblíquas. É assinalada, também, a língua de origem da palavra estrangeira. Exemplos são exibidos em (2):

(2) scherzo (It. /squêrtzo/)
merchandising (Ig. /mertchandáisin/)
know how (Ig. /nôu-rau/)

[64] Ao longo do texto sobre as análises do dicionário Caldas Aulete *on-line*, referimo-nos a ele como: dicionário Caldas Aulete, dicionário, Aulete e obra.

croissant (Fr. /croassã/)
sashimi (Jap. /sachimí/)

No Caldas Aulete, as palavras homógrafas estão separadas em duas entradas. Em seguida à entrada há a transposição ortográfica e, logo após entre colchetes, o acréscimo do acento circunflexo (^) e do acento agudo (´) aponta se as vogais 'e' e 'o' são pronunciadas de maneira fechada ou aberta. Explicitamos em (3) como são tratados os homógrafos:

(3) sede (*se*.de) [é]
sede (*se.*de) [ê]
lobo (*lo*.bo) [ó]
lobo (*lo*.bo) [ô]
corte (*cor*.te) [ó]
corte (*cor*.te) [ô]

Nos homógrafos de <colher>, é indicada somente a ortoépia do (ê).

As palavras <soquete> e <forma> estão divididas em duas entradas e não é apontada a diferença ortoépica do 'e' e do 'o' para nenhum dos homógrafos.

Os parônimos formados entre verbos e substantivos e verbos e adjetivos são tratados da mesma maneira que aquela observada nos dicionários Aurélio e Houaiss.

Nas palavras-entrada que contêm o grafema 'x', são incluídas as letras '*cs*', '*z*', '*ss*' para apontar as diferentes pronúncias do 'x', como exemplificado em (4):

(4) hexágono (he.*xá*.go.no) [cs ou z]
taxi (*tá.*xi) [cs]
exato (e.*xa.*to) [z]
exemplar (e.xem.*plar*) [z]
auxílio (au.*xí.*l:io) [ss]

Porém, para palavras como <experiência>, <expelir> em que 'x' é pronunciado pela maioria dos brasileiros com o fonema [s], e para palavras como <macaxeira>, <mexicano>, que se pronunciam com o fonema [ʃ], não é fornecido nenhum esclarecimento.

O único caso de variação diastrática que está dicionarizada no Caldas Aulete é a do prefixo <hex->, e de variação diatópica é da pronúncia aberta ou fechado da vogal ‘o’, como exibido em (5):

(5) hexagonal (he.xa.go.*nal*) [cs ou z]
hexaedro (he.xa.*e*.dro) [cs ou z]
zigoto (zi.*go*.to) [ô ou ó]

Na obra há o registro no final de alguns verbetes, entre colchetes, a pronúncia das palavras-entrada no plural. Em (6) são apresentados alguns exemplos:

(6) caroço... [Pl.: ó.]
esforço... [Pl.: ó.]
grosso... [Pl.: ó.]
olho... [Pl.: ó.]
posto... [Pl.: ó.]
tijolo... [Pl.: ó.]

Outros casos em que as palavras mudam o timbre fechado do singular [o] para aberto [ɔ] no plural não são contemplados pelo Caldas Aulete, como por exemplo, <morto/mortos>, <destroço/destroços>, <novo/novos>, <fogo/fogos>, <ovo/ovos> e <povo/povos>.

O dicionário Caldas Aulete não oferece nenhum guia de pronúncia. Por se tratar de um dicionário *on-line*, poderia conter *links* que auxiliassem os usuários a obter respostas para os seus prováveis questionamentos. As indicações de pronúncia oferecidas pelo dicionário não são muito claras e esta é apreendida por dedução. Por exemplo, a sílaba tônica está em itálico, mas em nenhum momento é explicitado que aquele conjunto de letras deve ser produzido com mais ênfase e não é fácil de perceber a diferença entre as fontes (itálico e romano). Outra pergunta que pode surgir são os dois pontos inseridos em seguida de uma vogal, como por exemplo, na palavra <seccionado> transcrita (sec.ci:o.*na*.do), o que significa os dois pontos logo após a vogal ‘i’? Normalmente indica que a duração da vogal é longa, porém no português não temos vogais longas, então deduzimos que os dois pontos apontam que esse encontro vocálico pode ser pronunciado como ditongo ou hiato.

O Caldas Aulete, por se tratar de um dicionário *on-line,* poderia utilizar diversos recursos para registrar a pronúncia e, entre eles a reprodução acústica. Todavia, repete a ordenação dos dicionários impressos.

Nas nossas análises investigamos se os dicionários auxiliam o consulente nas atividades orais, nas quais as orientações concernentes à fonética são necessárias para se conhecer a pronúncia das palavras. E se esclarecem as dúvidas do falante nativo que ele possa ter na pronúncia dos estrangeirismos e das palavras que variam no próprio idioma.

A opção de indicar a pronúncia pelas letras do alfabeto, como os dicionários monolíngues da língua portuguesa fazem, pode funcionar bem entre os falantes nativos que estão familiarizados com os sons de sua língua, mas não funciona entre aprendizes estrangeiros, que podem não saber como se pronuncia uma letra e podem aplicar os equivalentes da sua língua (Landau, 1991).

A nosso ver, no caso de esses dicionários serem usados por um aprendiz do português, o mesmo terá várias dúvidas, pois ainda que exista uma grande coincidência entre a grafia e a pronúncia, no nosso idioma, diversos sons e letras são ambíguos. Certamente o consulente teria dúvidas para pronunciar os grafemas ‘ç’, ‘c’, ‘s’, ‘x’ e os encontros consonantais ‘ss’, ‘xc’, ‘sç’, ‘sc’, ‘dv’, ‘dj’, ‘ct’. As letras não podem fazer um estrangeiro pronunciar sons que ele ainda não conhece.

Como mencionado anteriormente, há oito maneiras para representar graficamente o som [s]. Certamente um estrangeiro que não conhece bem o português teria bastante dificuldades para ler e pronunciar as palavras que são pronunciadas com esse som.

A nossa sugestão para resolver o problema das letras e sons ambíguos é a de que a pronúncia seja registrada na microestrutura mediante transcrição fonética e com o emprego dos símbolos do IPA. Ficaria mais fácil para o consulente conhecer os valores fonéticos do grafema ‘x’ se ele fosse transcrito foneticamente.

Outro problema observado é o fato de as obras não seguirem um padrão em relação aos homógrafos. Diante dessa constatação, consideramos pertinente ressaltar que, caso os dicionários optem por fornecer informações dessa natureza, o façam de forma sistemática e de modo que o consulente seja capaz de compreendê-las fácil e rapidamente.

Nos dicionários Aurélio e Houaiss, o registro da pronúncia dos estrangeirismos é feito com a utilização o IPA e, sendo assim, as obras aderem à recomendação feita pelos lexicógrafos. Retomamos o que é defendido por Zanatta e Bugueño Miranda (2008), os quais acreditam que a única circunstância em que a transcrição fonética poderia ser funcional em um dicionário geral de língua portuguesa é quando se trata da pronúncia de estrangeirismos. Os autores destacam, ainda, que nesses casos a indicação da pronúncia é fundamental, dado que nem sempre há o mesmo respaldo fônico entre as letras da língua de origem dos estrangeirismos e a língua que os incorpora. Os dicionários acertam ao registrar a pronúncia dos estrangeirismos adotando o IPA, o que evita a impressão de que as palavras estrangeiras sofreram adaptação dos sons da língua de chegada. Além da transcrição fonética na microestrutura, as duas obras explicam satisfatoriamente os símbolos do IPA no *outside matter*. Com certeza, se aluno ler o guia de pronúncia, ele será capaz de pronunciar a contento as palavras estrangeiras.

A pronúncia figurada utilizada pelo dicionário Aulete *on-line* para apontar a pronúncia dos estrangeirismos não é clara; por exemplo, a palavra <*merchandising*> é transcrita como /mertchandáisin/. Esta maneira de indicar a pronúncia não esclarece de que maneira deve ser pronunciado o grafema ‘r’e, além disso, o consulente poderia ser induzido a interpretar o som conforme seu próprio padrão. Imaginemos, por exemplo, como gaúchos, cariocas, paulistas e baianos diriam essa palavra, uma vez que a letra ‘r’, como sabemos, possui variações de pronúncia no território brasileiro. Usar letras da nossa língua não é a melhor alternativa, visto que a transcrição feita através desse método pode gerar confusão ao usuário que está acostumado a associar as letras aos sons da sua língua. Tomemos como exemplo a letra ‘h’ que, para os falantes de português, é uma consoante muda, já para os ingleses é uma consoante que tem som.

A informação fônica se repete nos dicionários estudados, no Aurélio e no Houaiss o registro da pronúncia é feito da mesma maneira e para as mesmas entradas. Nas análises feitas inferimos que dicionários oferecem as indicações de pronúncia somente para os falantes da língua portuguesa, já que estes conhecem os sons da sua língua e provavelmente não teriam dúvidas com as consoantes ambíguas. No entanto, se um falante nativo tivesse dúvidas quanto à variação mais aceita de uma palavra, ficaria sem esclarecimento, pois são demonstradas as

variações, mas os dicionários não exprimem qual das formas se usa mais, qual é a mais aconselhada.

A língua portuguesa falada no Brasil possui inúmeras variações, em função disso os dicionários de língua geral, inclusive os que estamos analisando, fornecem poucos dados em relação à pronúncia de palavras que variam. Concordamos com essa atitude dos lexicógrafos, porque se fossem descrever todas as variações os dicionários teriam que contemplar e representar a diversidade fonética do português brasileiro.

Consideramos que os dicionários analisados não assistem o aprendiz do português nas possíveis dúvidas que ele poderia ter quanto à pronúncia. Cremos que o dicionário Houaiss seja mais adequado por tecer no *outside matter* explicações da ortoépia da língua portuguesa e explanar o que significam as letras e sinais gráficos alocados seguidamente à palavra-entrada.

Queremos enfatizar novamente a relevância do guia de pronúncia, em razão de ser difícil para os usuários que não têm conhecimento do IPA, a decodificação de símbolos de difícil compreensão. Se nos guias constarem as noções de fonética articulatória, a exposição dos grafemas, dos símbolos fonéticos e exemplos das consoantes e dígrafos contribuiria para a decodificação dos fonemas.

2.2 Dicionários da língua italiana

Assim como acabamos de fazer com os dicionários da língua portuguesa, quanto aos dicionários da língua italiana estudados, reproduzimos e analisamos os guias de pronúncia, bem como observamos na microestrutura qual sistema de notação é utilizado para registrar a pronúncia das palavras vernáculas e dos estrangeirismos; verificamos também se os dicionários selecionados contemplam a diversidade fonética da língua italiana.

No dicionário Garzanti e no Sabatini Coletti é adotada a transposição ortográfica para registrar a pronúncia das palavras italianas. A transposição ortográfica é baseada na transcrição fonológica e por convenção deve estar entre barras oblíquas / /, porém nos dois dicionários examinados as transcrições estão entre colchetes [ ].

No Zingarelli, a pronúncia é indicada diretamente na entrada para as palavras italianas e é usado o IPA na transcrição fonética das palavras estrangeiras.

As maneiras diferentes de anotar a pronúncia nos dicionários analisados nos possibilitou avaliar qual seria a melhor forma de indicar a pronúncia nos dicionários de língua italiana.

2.2.1 Dizionario Lo Zingarelli 2014[65]

O dicionário Zingarelli é do tipo monolíngue de língua geral. A publicação analisada no nosso trabalho é de 2014 e esta é a 12ª edição. O número de entradas é por volta de 145 mil.

O registro da pronúncia diretamente na palavra-entrada proporciona uma boa economia de espaço e pode ser viável para o italiano, dado que é um idioma em que há uma correspondência maior entre a forma oral e a forma escrita. A informação fônica nessa obra é indicada na entrada com o uso de um acento, o qual aponta a sílaba tônica. É utilizado, também, pontos subscritos às consoantes e um traço embaixo das vogais para ilustrar particularidades de pronúncia de algumas palavras. Segue em (1) exemplos extraídos do dicionário:

(1) appetìto
affettụóso (o -s-)
fìsico
glicemìa
lozióne
salòtto
schizofrenia

[65] Ao longo do texto sobre as análises do dicionário Lo Zingarelli 2014, referimo-nos a ele como: dicionário Zingarelli, dicionário, Zingarelli e obra.

As palavras homógrafas estão separadas em duas entradas e o acento indica qual é a parte que deve ser pronunciada com maior ênfase. O acento grave aponta que a pronúncia é aberta e o agudo anota que a palavra é pronunciada de maneira fechada, como explicitado em (2):

(2) àncora
ancóra
cólto
còlto
cómpito
compìto
fóro
fòro
pèsca
pésca
sùbito
subìto
vòlto
vólto

Observamos que, quando uma das palavras homógrafas é composta pelo particípio passado dos verbos, elas são dicionarizadas, por exemplo: <*cólto*>, <*subìto*> e <*vòlto*>[6667]. Os homógrafos formados por verbo flexionado (presente do indicativo) e por substantivos no plural não estão separados em duas entradas e nem são contemplados no final dos verbetes. No entanto, nas entradas <*ancora*> e <*compito*>, há uma remissão[68], a qual leva o consulente

[66] Mais uma vez salientamos que essas palavras não possuem o acento gráfico, o mesmo foi inserido para exemplificação.
[67] Essas palavras também são os adjetivos <colhido>, <subido>, <voltado>, respectivamente.
[68] A remissão é esta: V. nota d'uso ACCENTO.

até a entrada <*accento*>, verbete em que são exibidos diversos exemplos de palavras homógrafas[69].

As variações de pronúncia descritas pelo Zingarelli são somente as do tipo diastrática. Em algumas palavras é reescrita a forma variante e em outras é informada somente a letra que varia. Em alguns casos, antes da forma variante, é colocado entre parênteses a abreviatura *evit.*, ou seja, o usuário deve evitar a variação. São apresentados exemplos em (3):

(3) àutobus o (*pop.*) autobùs, (*evit*.) autòbus
edìle (*evit*.) èdile
casalìnga (o -s-)[70]
mesétto (o -s-)
persuadére (*evit*.) persuàdere
scorbùto o scòrbuto
zàmpa (o z-)[71]

A pronúncia dos estrangeirismos é registrada com a utilização do IPA e está entre barras oblíquas. Antes da transcrição é indicada a língua que deu origem ao estrangeirismo. Para várias entradas, primeiramente, é transcrita a palavra "italianizada" e, posteriormente, como se pronuncia na língua de origem. Em (4) está explicitado como estão transcritas as palavras estrangeiras no Zingarelli:

(4) charlotte /*fr*. ʃaʀˈlɔt/
kràpfen /ˈkrafen, *ted.* ˈkʀapfn/
maracujá /*portg.* mʌɾʌkuˈʒa, maɾa/
paella /paˈɛʎʎa, *sp*. paˈeʎa, -ʒa/

[69] Alguns exemplos de como o dicionário apresenta os homógrafos na entrada <*accento*>: *prìncipi* (nome, da prìncipe) e *princìpi* (nome, da princìpio); *férmati* (verbo, imperativo) e *fermàti* (verbo, participio); *collèga* (nome) e *colléga* (verbo). (Zingarelli, 2014, p.30).
[70] Em praticamente todas as entradas que têm o grafema 's' em posição intervocálica, é apontado que pode ser pronunciado tanto com o som surdo [s] quanto com o sonoro [z]. O ponto subscrito à letra 's' quer dizer que o som é sonoro e essa informação o consulente obtém no *outside matter*.
[71] O grafema 'z' pode ser pronunciado com [ts] ou [dz] em início de palavra e está dicionarizada essa variação.

No italiano, somente as palavras oxítonas contêm acento gráfico, por exemplo: <*università*>, <*caffè*>, <*virtù*>. Tanto as paroxítonas quanto as proparoxítonas não recebem acento gráfico e, como bem salientou Svensén (2009), o fato de se registrar a pronúncia com o sinal diacrítico sobre a vogal permite entender que o mesmo faz parte da ortografia da palavra, o que poderia ocasionar interpretações errôneas dos consulentes do dicionário em análise, dado que a marcação do acento é indicada acima da vogal. A fim de marcar essa diferença, são utilizados símbolos distintos no dicionário, o acento gráfico em um tom mais escuro de azul e o sinal diacrítico para marcar a sílaba tônica em azul mais claro, mas o usuário precisa estar muito atento para perceber essa diferença de tons.

Avaliamos que é adequada a maneira adotada pelo dicionário em análise de marcar as palavras que têm alguma particularidade de pronúncia com pontos subscritos às consoantes e um traço embaixo das vogais, pois estimula o usuário a ir buscar mais esclarecimentos no *outside matter,* ao se deparar com esses sinais.

Passamos agora à descrição do guia de pronúncia do Zingarelli. São reservadas três páginas para o guia: uma com explicações concernentes à pronúncia do italiano e duas com tabelas contendo símbolos do IPA e exemplos. O excerto abaixo é uma transcrição do dicionário com algumas alterações e a tradução é nossa[72].

As primeiras explanações retratam as dificuldades que o usuário pode ter na pronúncia da língua italiana, como podemos ver nos casos abaixo:

- "Quanto à posição do acento tônico: se diz <*edìle*> ou <*èdile*>, <*persuadère*> ou <*persuádere*>.
- Quanto à abertura ou fechamento das vogais 'e' e 'o': se pronuncia fechado como em <*Róma*> e <*vérde*> ou aberto como em <*ròba*> e <*vento*>.
- Quanto à sonoridade do 's' e do 'z': o som é surdo como em <*òsso*> e <*tàzza*> ou sonoro como em <*rosa*> e <*gàzza*>.

• ••

- Quanto à pronúncia do trigrama 'gli': se pronuncia com a palatal lateral /ʎ/ como em <*àglio*> ou /gli/ como em <*glìcine*> e <*negligente*>.

• •

[72] O guia de pronúncia completo está presente no Anexo III.

- Quanto à pronúncia do dígrafo ‘gn’: geralmente se pronuncia com a nasal palatal /ɲ/ como em <*bàgno*> e <*gnomo*> e raramente com /gn/ como em <*gnèis*>*s* e <*gnòsi*>.” (Zingarelli, 2014, p.11)

• • •

Após elencar as possíveis dificuldades que o consulente pode ter na pronúncia da língua italiana como exposto acima, são apresentadas as soluções desses questionamentos. No dicionário há afirmação de que a resolução desses problemas pode ser realizada com simples soluções gráficas, as quais não deixam a leitura cansativa e, concomitantemente, respondem de maneira imediata e eficaz todas as possíveis dúvidas, como vemos em seguida:

- “No dicionário, todos os vocábulos italianos são acentuados. Quando o acento faz parte da grafia sua cor é mais forte, no italiano o acento deve ser obrigatoriamente escrito somente quando recai na última vogal, por exemplo: <*perché*>, <*libertà*>, <*sì*>. Quando o acento tem a função de marcar a sílaba tônica e não faz parte da grafia sua cor é mais fraca, por exemplo: <*bène*>, <*mèglio*>, <*córsa*>.

  Os monossílabos são uma exceção à solução acima. Para evitar qualquer possibilidade de confusão entre acentos gráficos e os que são usados para indicar a sílaba tônica, o dicionário acentua na palavra-entrada somente os monossílabos que são acentuados graficamente, por exemplo, <*sì*>, <*dà*>. Para os monossílabos que não são acentuados, a obra esclarece se a vogal é aberta ou fechada pela transcrição fonológica, por exemplo, <*no*> /nɔ/, <*se*> /se/.
- Tanto o acento que faz parte da grafia quanto o que não faz são sempre graves nas vogais ‘a’, ‘i’, ‘u’. Já nas vogais ‘e’, ‘o’ podem ser graves ou agudos; o acento grave indica a pronúncia aberta (/ɛ/, /ɔ/), como em <*bèlla*> /ˈbɛlla/, <*fòrza*> /ˈfɔrtsa/; o acento agudo indica a pronúncia fechada (/e/, /o/) como em <*mela*> /ˈmela/, <*rossa*> /ˈrossa/.
- Um ponto embaixo do trigrama ‘*gli’* evidencia que a pronúncia é /gli/ como em <*glicemia*> /glitʃeˈmia/.

•

A ausência do ponto indica a pronúncia palatal lateral /ʎ/, como em <*pìglio*> /ˈpiʎʎo/.

- Um ponto sob o dígrafo '*gn'* esclarece que a pronúncia é /gn/ como em <*gnèiss*>.

A ausência do ponto indica a pronúncia nasal palatal como em <*gnomo*> /ˈɲɔmo/.

- Um traço embaixo de uma vogal aponta que não forma ditongo com a vogal que segue, por exemplo, <*sci̲atóre*> – sci-a-to-re, <*dualismo*> – du-a-li-smo." (Zingarelli, 2014, p. 11)

Seguidamente das soluções propostas pelo Zingarelli, são exibidos os casos em que é usada a transcrição fonológica, a qual é codificada com os símbolos do IPA:

- "Nos latinismos cuja pronúncia não se pode deduzir pela grafia e nos estrangeirismos. A transcrição é precedida pela indicação da língua de origem. Por exemplo: <*curriculum vitae*> /*lat*. kurˈrikulumˈvite/, <*saloon*> /*ingl*. /səˈluːn/.
- Nos lemas italianos derivados de palavras estrangeiras sem italianização da grafia. Exemplo: <*autoroulòtte*> /autoruˈlɔt/.
- Nos verbetes de origem estrangeira ou dialetal que têm a sua pronúncia italianizada. Exemplo: <*flìpper*> /ˈflipper, *ingl*. ˈflɪpə(r)/, <*baùscia*> /baˈuʃʃa, *lomb*. /baˈyʃa/.
- Nas palavras italianas cuja pronúncia desvia-se da grafia. Exemplo: <*amfetamina*> /anfetaˈmina/.
- Nas siglas que são pronunciadas por soletração. Exemplo: <DNA> /diddeˈa/." (Zingarelli, 2014, p. 11)

No Zingarelli, após a explicação de como a pronúncia é registrada, são disponibilizadas dois quadros distintos: o primeiro é um elenco das equivalências entre os

grafemas e os fonemas da língua italiana; o segundo, é dos símbolos empregados na transcrição fonética, no qual são explanados os fonemas do italiano e das línguas que emprestam palavras à língua italiana.

Quadro 8 – Grafemas e fonemas da língua italiana.

Quadro das equivalências entre grafemas e fonemas		
Grafema	**Fonema**	**Exemplos**
a, à (acento com a cor mais clara) à (acento com a cor mais escura)	a a	andàta /an'data/, Pìsa /'pisa/ bontà /bon'ta/, farà /fa'ra/
m	m	fàme /'fame/
r	r	rìmini /'rimini/ tàrga /'targa/
z z • zz zz ••	ts, tts tz, ddz tts ddz	azióne /at'tsjone/ zero /'dzero/ • pizza /'pittsa/ azzùrro /ad'dzurro/ ••

Fonte: dicionário Zingarelli, 2014, p. 12.

Em seguida ao primeiro quadro, são fornecidas algumas explicações em relação aos símbolos usados e sobre a pronúncia de algumas consoantes do italiano. Abaixo transcrevemos tais orientações:

- "O símbolo /ˈ/ precede a sílaba tônica e indica onde recai o acento na palavra. O símbolo /ˌ/ pode aparecer nas transcrições das línguas estrangeiras e indica um acento secundário, por exemplo, <*airbag*> /erˈbɛg, ingl. ˈɛəˌbəg/.
- Os fonemas /ʎ, ɲ, ʃ, ts, dʒ/ se geminam em /ʎʎ, ɲɲ, ʃʃ, tts, ddʒ/ quando estão em posição intervocálica.
- As letras 'h', (exceto dos grupos 'ch' e 'gh'), 'j', 'k', 'w', 'x', 'y' estão presentes quase que exclusivamente nos estrangeirismos, com pronúncias que

podem ser muito diferentes das indicadas como pronúncias mais comuns nas formas italianizadas.

- z inicial, na pronúncia tradicional e no dialeto toscano, é pronunciado /ts/, porém a pronúncia com /dz/ também é acrescentada porque é aceita, por exemplo, <*zìo*> /ˈtsio, ˈdzio/." (Zingarelli, 2014, p. 12).

Quadro 9 – Símbolos fonéticos da língua italiana e de outras línguas.

Quadro dos símbolos fonéticos empregados nas transcrições					
Fonemas do italiano			**Fonemas de outras línguas**		
ɛ	ˈdʒɛlo	gelo	ɒ	hɒt	hot (ingl.)
o	ˈsole	sóle	ʀ	deˈkɔːʀ	décor (fr.)
ɲ	ˈseɲɲo	ségno	ç	iç	ich (ted.)
k	ˈtakki	tàcchi	ɕ	na.ɕi	nashi (giapp)
tʃ	ˈbrattʃo	bràccio	ɣ	malaˈɣeɲa	malagueña (sp.)

Fonte: dicionário Zingarelli, 2014, p.13.

Consideramos o guia de pronúncia do dicionário Zingarelli bastante adequado, porque são oferecidas informações relevantes e não repetitivas. As explicações concedidas na primeira parte e os quadros fornecidos instruem o aprendiz de italiano na produção oral, visto que é expressada a ortoépia da língua italiana, há indicação do timbre das vogais, são esclarecidos como se pronunciam os encontros consonantais que possam causar dificuldades para o usuário, há explicação sobre as consoantes geminadas que são pronunciadas com uma duração maior e inclusive formam pares mínimos (pares de palavras que se diferenciam somente pela presença ou pela ausência da geminação de uma consoante).

Na consulta ao guia de pronúncia do Zingarelli, o consulente nativo também seria beneficiado, uma vez que tem a possibilidade de aprender mais da sua própria língua e a oportunidade de conhecer os fonemas de outras línguas.

Uma proposta para melhorar o guia de pronúncia do dicionário Zingarelli é a de incluir noções de fonética articulatória, o que contribui para a decodificação dos fonemas.

2.2.2 Dizionario Garzanti Italiano[73]

O Garzanti é um dicionário monolíngue de língua geral. A publicação que analisamos é de 2013. A obra possui mais de 250 mil entradas.

Nesse dicionário, o registro da pronúncia é feito utilizando a transposição ortográfica e está entre colchetes. A informação fônica é indicada em todas as entradas, é realizada a separação silábica e a sílaba tônica é acentuada. Segue em (1) alguns exemplos:

(1) assicurazione [as-si-cura-zió-ne]
cagna [cà-gna]
gnomo [gnò-mo]
isagono [i-ʃà-go-no][74]
mangiare [man-già-re]
regolarizzare [re-go-la-riʒ-ʒà-re][75]

As palavras homógrafas estão separadas em duas entradas e em seguida é feita a transposição ortográfica, como exemplificado em (2):

(2) ancora [àn-co-ra]
ancora [an-có-ra]
colto [cól-to]
colto [còl-to]
compito [com-pì-to]
compito [cóm-pi-to]
foro [fó-ro, o fòro]
foro [fò-ro]
pesca [pè-sca]
pesca [pé-sca]

[73] Ao longo do texto sobre as análises do dicionário Garzanti italiano, referimo-nos a ele como: dicionário Garzanti, dicionário, Garzanti e obra.
[74] Em algumas palavras, o Garzanti transcreve o grafema 's', quando em posição intervocálica com a sibilante [ʃ], ao invés de [z] que seria a pronúncia-padrão do italiano.
[75] O grafema 'z' pode ser pronunciado como [ts] ou [dz] no italiano padrão. Nos casos em que é pronunciado com [dz], o dicionário Garzanti transcreve como [ʒ], símbolo esse utilizado em textos mais antigos.

subito [sù-bi-to]

subito [su-bì-to]

Também são dicionarizadas as palavras homógrafas quando uma delas é formada pelo particípio passado. Outros homógrafos compostos por verbos flexionados (presente do indicativo) e substantivos, como <*scrivano*> (3ª pess. pl. pres. sub.) / <*scrivano*> (s.m) não são explanados. Não há registro da homografia nos casos em que as palavras são formadas por substantivo no plural, como <*botte*> (pl. de botta) / <*botte*> (s.m).

No Garzanti há inclusão da variação de pronúncia na microestrutura, logo após a entrada, nas ocorrências em que a forma variante é aceita em um mesmo grau da pronúncia-padrão. Em algumas entradas, no final das acepções, há a inserção de uma nota explicativa, como explicitamos em (3):

(3) coccige [coc-cì-ge, o còccige]

Nota: As pronúncias *coccìge*, que reflete a latina, e *còccige*, que reflete a grega, são ambas corretas; a segunda é usada nos ambientes médicos[76].

bimare [bì-ma-re, o bimàre]

piretro [pi-rè-tro, o pìretro]

presumere [pre-ʃù-me-re, o presùmere][77]

presunzione [pre-ʃun-zió-ne, o presunzióne]

scorbuto [scor-bù-to, o scòrbuto]

Nota: As pronúncias *scorbùto* e *scòrbuto* são ambas corretas; a primeira é mais moderna, a segunda mais tradicional[78].

Em outros casos de variação diastrática, somente a pronúncia-padrão é transcrita e há adição de notas no final das acepções, nas quais é descrito se a variação é tolerada e se é incorreta. Segue em (4) alguns exemplos:

---

[76] No original: "Le pronunce coccìge, che riflette quella latina, e còccige, che riflette quella greca, sono entrambe corrette; la seconda è diffusa negli ambienti medici".

[77] A grande maioria das palavras que contêm o grafema 's' entre vogais variam a pronúncia das sibilantes [s, z], porém o Garzanti apresenta a variação somente dos vocábulos que são formados por 'presu-'.

[78] No original: "*Le pronunce* scorbùto *e* scòrbuto *sono entrambe corrette; la prima più moderna, la seconda più tradizionale*".

(4) aerobus [à-e-ro-bus]

Nota: A pronúncia mais correta é *àerobus*; aceitável também *aerobùs*, desaconselhável *aèrobus*[79].

ecumene [e-cu-mè-ne]

Nota: A pronúncia mais correta é *ecumène;* desaconselhável *ecùmene*[80].

edile [e-dì-le]

Nota: A pronúncia correta é *edíle*; incorreta *èdile*[81].

É retratada também a variação regional do dígrafo 'sc' que é pronunciado [ʃ] no italiano padrão e [tʃ] na pronúncia regional. Há transcrição na microestrutura e no final do verbete adiciona uma nota, na qual consta a qual região pertence a variação, como exemplificado em (5):

(5) discentrare [di-scen-trà-re; pr. /diʃʃenˈtrare/, o /distʃenˈtrare/

Nota: A pronúncia /distʃenˈtrare/ pertence a algumas regiões setentrionais[82].

scervellarsi [scer-vel-làr-si; pr. /ʃervelˈlarsi/, o /stʃervelˈlarsi/.

Nota: A pronúncia /stʃervelˈlarsi/ pertence a algumas regiões setentrionais[83].

A pronúncia dos estrangeirismos é apontada com a utilização do IPA (de modo simplificado). A transcrição é fonológica e está entre barras oblíquas. Em (6) exibimos alguns exemplos:

(6) awareness / aˈwɛrnɛs /

art nouveau / arnuˈvo /

holding /ˈoldiŋg /

jam session /dʒɛmˈsɛʃʃon/

match point / mɛtʃ ˈpɔjnt /

[79] No original: "*La pronuncia più corretta è* àerobus*; accettabile anche* aerobùs*, sconsigliabile* aèrobus*"*.
[80] No original: "*La pronuncia più corretta è* ecumène*; sconsigliabile* ecùmene*"*.
[81] No original: "*La pronuncia corretta è* edíle*; scorretta* èdile*"*.
[82] No original: "*La pronuncia /distʃenˈtrare/ appartiene ad alcune regioni settentrionali*".
[83] No original: "*La pronuncia /stʃervelˈlarsi/ appartiene ad alcune regioni settentrionali*".

No *outside matter* do dicionário é informado que a indicação de pronúncia dos estrangeirismos não está na sua forma original, ou seja, como são pronunciados na língua de origem, mas na forma adaptada, isto é, como os italianos os pronunciam. Em vista disso, o Garzanti não vai ao encontro com o que é sustentado pelos autores estudados, os quais defendem que os estrangeirismos devem ser transcritos na sua forma de origem.

No dicionário em questão são disponibilizados poucos esclarecimentos no *outside matter*. É oferecido somente um quadro com símbolos fonéticos e exemplos. A transcrição optada pelo Garzanti é a fonológica[84]:

Quadro 10 – Fonemas do italiano e de outras línguas.

Símbolos	**Exemplos**
/ɛ/	terra /ˈtɛrra/ piede /ˈpjɛde/
/ɔ /	fuoco /ˈfuɔko/, corpo /ˈkɔrpo/
/ œ/	fr. viveur /viˈvœr/ alm. Röntgen /ˈrœntgen/
/k/	casa /ˈkasa/, acqua /ˈakkwa/, che /ke/, chiave /ˈkjave/
/ʎ/	gli /ʎi/ paglia /ˈpaʎʎa/
/ʒ/	fr. jacquerie /ʒakeˈri/ gigolô /ʒigɔˈlo/
/ts/	zeppa / ˈtseppa /, azione /atˈtsjone/

Fonte: dicionário Garzanti, 2013, p. XVIII.

Ao final do quadro, há explicação de que os símbolos empregados na transcrição fonológica das palavras têm o valor, acima indicado, somente no contexto individualizado pela barra de abertura e fechamento (/ /). Isso significa que é registrada a pronúncia das palavras-entrada quando proferidas isoladamente.

O guia de pronúncia do Garzanti é bastante breve e a transcrição das palavras do quadro é fonológica. São apresentados, no mesmo quadro, os fonemas da língua italiana e das palavras estrangeiras acompanhados de exemplos.

Nenhuma orientação a respeito de acentos e das consoantes geminadas é dada no *outside matter*, o que nos faz inferir que é um dicionário elaborado para falantes nativos.

[84] O guia de pronúncia completo pode ser visualizado no Anexo IV.

2.2.3 Dizionario della lingua italiana, il Sabatini Coletti *on-line*[85]

O dicionário Sabatini Coletti possui versão impressa e *on-line,* a que analisamos foi a *on-line* e a datação é de 2008. Não consta na apresentação da obra o número de entradas.

Nesse dicionário, o registro da pronúncia é feito por meio da transposição ortográfica e é indicada em todas as entradas de palavras vernáculas. A pronúncia dos estrangeirismos não é apontada. A informação fônica na microestrutura está entre colchetes, é realizada a separação silábica e a sílaba tônica é expressa pelo acento empregado acima da vogal e está entre colchetes. Segue em (1) alguns exemplos:

(1) azienda [a-zièn-da]
caccia [càc-cia]
correggere [cor-règ-ge-re]
globo [glò-bo]
locuzione [lo-cu-zió-ne]
miglio [mì-glio]

As palavras homógrafas dicionarizadas pelo Sabatini Coletti são as mesmas encontradas nos dicionários Zingarelli e Garzanti, exceto para os particípios passados <*subito*>, <*colto*> e <*volto*>, que, com exceção do terceiro são citados, e também estão separadas em duas entradas, como exibido em (2):

(2) ancora [àn-co-ra]
ancora [an-có-ra]
compito [cóm-pi-to]
compito [com-pì-to]
foro [fó-ro]
foro [fò-ro]
pesca [pè-sca]
pesca [pé-sca]

[85] Ao longo do texto sobre as análises do dicionário Sabatini Coletti *on-line*, referimo-nos a ele como: dicionário Sabatini Coletti, dicionário, Sabatini Coletti e obra.

No dicionário Sabatini Coletti são indicadas as variações diastráticas na microestrutura em seguida da transcrição da pronúncia-padrão. Quando a forma variante e a padrão são igualmente aceitas estão acompanhadas da palavra <ou>. Nos casos em que o uso da variante não é aconselhada, é adicionada a palavra <evitar> de forma abreviada (*evit*.). Segue em (3) exemplos para melhor compreensão:

(3) tralice [tra-lì-ce o trà-...]
edile [e-dì-le, evit. è-....]
persuadere [per-sua-dé-re, evit. ....-suà-.....]

Admitimos que a maneira adotada pelo dicionário em análise não seja a maneira mais adequada para o registro da pronúncia no italiano, pois nesse idioma uma letra pode ter dois sons, o que causa ambiguidade. Por exemplo, a letra 'c' se pronuncia como [k] diante das vogais 'a', 'o', 'u' e como [tʃ] diante das vogais 'e' e 'i'. Tomando como exemplo a palavra <*caccia*>, que está registrada como [càc-cia] no dicionário, não é possível perceber que há diferença de pronúncia do grafema 'c'.

O mesmo acontece para o grafema 'z', que pode ser pronunciado com [ts] e [dz]. Na palavra <*azienda*>, o 'z' se pronuncia [dz] e na palavra <*locuzione*> se pronuncia com [ts]. A maneira como é apontada a pronúncia dessas palavras, no dicionário, [a-zièn-da] e [lo-cu-zió-ne] respectivamente, não fica claro como o grafema 'z' é pronunciado.

O dicionário Sabatini Coletti não se serviu de nenhum recurso tecnológico para registrar a pronúncia. Seria benéfico se a obra tivesse *links,* os quais auxiliariam os usuários na obtenção de respostas para os seus prováveis questionamentos concernentes à pronúncia. Mas o dicionário não fornece nem ao menos o guia de pronúncia.

Na página inicial, o Sabatini Coletti se define como "um dicionário italiano que se consulta não somente para conferir a grafia exata e a pronúncia exata das palavras ou para conhecer o significado das palavras[86]..." (Sabatini Coletti, s.p.). Não concordamos, porém, com a frase "pronúncia exata", porque a indicação da pronúncia pela transposição ortográfica não é capaz de evidenciar os diferentes fonemas que um mesmo grafema possui.

[86] No original: "Un dizionario italiano che si consulta non solo per controllare l'esatta grafia e l'esatta pronuncia delle parole o per conoscere il significato di quelle ignote" (Sabatini Coletti, s.p.).

Com as nossas análises foi possível averiguar se os dicionários monolíngues da língua italiana contribuem com o aprendiz nas atividades de produção oral. Observamos se as obras instruem o usuário nativo com suas possíveis dificuldades em pronunciar os estrangeirismos e se explicitam as variações de pronúncia.

Svensén (2009) defende que, para línguas como o italiano, em que há bastante coerência entre a grafia e a pronúncia, a informação fônica pode ser apontada diretamente na entrada sem necessidade de repetição; no entanto, a sílaba tônica nem sempre é previsível nessa língua. Nesse caso, o autor assevera que o acento pode ser empregado na palavra-entrada, mas deve ser indicado entre as letras ou embaixo, porque acima pode parecer parte da ortografia da palavra. No dicionário Zingarelli, a pronúncia é registrada dessa forma, porém ele peca ao marcar o acento prosódico em cima da palavra, visto que erros de produção escrita poderão ocorrer devido ao fato de, na língua italiana, somente as oxítonas receberem acento gráfico.

O mesmo autor julga que a transposição ortográfica é o método mais conveniente para apontar a pronúncia das línguas em que há uma boa correspondência entre a ortografia e a pronúncia. E é desse modo que a pronúncia é registrada no dicionário Garzanti e no Sabatini Coletti.

Embora os dicionários analisados estejam em consonância com o que é assumido por Svensén, a nosso ver, o aprendiz de italiano terá várias dúvidas ao se defrontar com as maneiras de anotar a pronúncia escolhidas pelos dicionários monolíngues em análise, pois ainda que tenha certa coincidência entre a grafia e a pronúncia, no italiano diversos sons e letras são ambíguos, isto é, não há equivalência entre o sistema fonológico e o sistema alfabético na língua italiana. Com frequência os grafemas representam mais de um som e algumas vezes duas letras diferentes representam o mesmo som. Como descrevemos anteriormente, essa língua possui 21 grafemas que dão conta de 30 fonemas. Essa diferença pode gerar dificuldades de pronúncia para usuários não nativos dos dicionários monolíngues.

Os dicionários monolíngues do italiano também não seguem um parâmetro bem definido em relação aos homógrafos, já que os dicionários analisados se propõem em indicar a pronúncia das palavras homógrafas, deveriam fazê-lo em todas as ocorrências e não só em

algumas, principalmente pelo fato de as palavras terem diferença de significação devido ao acento prosódico ser aberto ou fechado.

No dicionário Zingarelli, o registro da pronúncia dos estrangeirismos é feito por meio da transcrição fonética e com o uso dos símbolos do IPA e sendo assim está em consonância com o que é sugerido pelos lexicógrafos. A indicação da pronúncia para os estrangeirismos é fundamental e deve ser feita adotando o IPA; qualquer outra maneira de apontar a pronúncia daria a impressão de que as palavras estrangeiras sofreram adaptação dos sons da língua de chegada e, na maioria dos casos, a palavra mantém a pronúncia da língua de origem. Embora haja a transcrição fonética dos estrangeirismos, o dicionário Zingarelli, em seu *outside matte,* não menciona qualquer informação de fonética articulatória. Sem a orientação de como se pronunciam os fonemas, pode ser que o consulente italiano não consiga decodificar os símbolos.

Os dicionários analisados incluem as variações de pronúncia na microestrutura, como é proposto por Landau (1991). A forma como são apontadas as variações de pronúncia é apropriada, acreditamos que o consulente nativo saberá qual a forma é mais adequada e qual deve ser evitada. O Garzanti é o melhor no que se refere à dicionarização das variações, pois é disponibilizado o maior número de palavras que variam e é evidenciado qual maneira de pronunciar é a mais recomendada, qual é desaconselhada e qual está incorreta.

Avaliamos que os dicionários analisados não esclarecem as possíveis dúvidas que um aprendiz do italiano possa ter quanto à pronúncia. O dicionário Zingarelli é um pouco melhor por tecer no *outside matter* diversas explicações acerca da pronúncia do italiano, revelando com os símbolos fonéticos como se pronunciam os grafemas e os dígrafos.

Asseveramos que, para a língua italiana, a indicação da pronúncia na microestrutura deveria ser feita através da transcrição fonética e com os símbolos do IPA. Wells (1985) é partidário da utilização do IPA, afirmando que o uso dos símbolos fonéticos ajuda a resolver a ambiguidade ortográfica de algumas consoantes.

2.3 Dicionários bilíngues

Quanto às obras bilíngues, observamos o sistema de notação adotado para registrar a pronúncia e reproduzimos e examinamos os guias de pronúncia. Com as observações apresentadas, foi possível analisar se as obras monolíngues instruem o aprendiz do italiano nas tarefas de produção oral.

2.3.1 Michaelis dicionário escolar italiano-português, português-italiano[87]

O dicionário bilíngue Michaelis intitula-se "*dicionário escolar italiano*" e, como o próprio nome denota, seu público-alvo é o estudante de língua italiana. A publicação é de 2009 e é a 2ª edição. A obra possui por volta de 28 mil verbetes.

O dicionário bilíngue Michaelis possui versão *on-line.* Analisando-a, constatamos que, nessa versão, a pronúncia é registrada acusticamente e há, também, a transcrição fonética.

Nesse dicionário, a pronúncia é apontada com a utilização do IPA, a representação é fonética e está entre colchetes. A pronúncia é registrada de forma sistemática na microestrutura de todas as entradas, tanto na parte reservada ao português quanto ao italiano.

Em (1) exemplificamos como é tratada a informação fônica na parte reservada à língua italiana:

(1) assicurazione [assikuratsˈjone]
azalea [adzaˈlɛa]
cucina [kuˈtʃina]
gnomo [ɲɔmo]
mangiare [mandʒˈare]
cagna [kˈaɲa]

Poucas ocorrências de homografia estão dicionarizadas no Michaelis na parte do italiano. Nesse idioma, ocorrem diversos casos de palavras homógrafas entre verbos flexionados e substantivos, mas o dicionário anota somente o caso de homografia formado por <*colto*> (part. pass. de *cogliere*) e <*colto*> (adj.). No Michaelis, todos os homógrafos estão

[87] Referimo-nos a esse dicionário ao longo das análises como: dicionário Michaelis, dicionário, Michaelis e obra.

separados em duas entradas e a transcrição é completa nas duas palavras, segue em (2) alguns exemplos:

(2) ancora [ˈankora]
ancora [ankˈora]
colto [ˈkolto]
colto [ˈkɔlto]
compito [ˈkompito]
compito [komˈpito]
foro [fˈoro]
foro [fˈɔro]
pesca [pˈɛska]
pesca [pˈeska]

Outros homógrafos compostos por verbo na forma flexionada, especialmente no presente do indicativo, e substantivo, como <*perdono*> (3ª pess. pl. pres. ind.) / <*perdono*> (s.m), e palavras homógrafas compostas por plural e verbo, como <*leggere*> (pl. de <leggera>) / <*leggere*> (verbo), não são contempladas nem no final dos verbetes. Como o Michaelis é um dicionário bilíngue, voltado para a aprendizagem do idioma italiano, os homógrafos deveriam ser mais bem retratados.

No dicionário em estudo não são descritas as variações de pronúncia da língua italiana na microestrutura, há somente uma observação no guia de pronúncia em relação ao o dialeto toscano. Na parte reservada à descrição do *outside matter,* retomaremos este assunto.

Passamos agora a exibir como a pronúncia da língua portuguesa é tratada no Michaelis. Segue em (3) alguns exemplos da transcrição fonética inserida na microestrutura:

(3) confirmar [kõfirmˈar]
experimento [esperimˈẽtu]
gnomo [gnˈomu]
palha [pˈaʎə]

As palavras homógrafas estão separadas em duas entradas e a transcrição fonética é completa nas duas palavras, exemplificadas em (4):

(4) forma [fˈɔrmə]
forma [fˈormə]
corte [kˈɔrti]
corte [kˈorti]
colher [koʌˈɛr]
colher [koʌˈer]
lobo [lˈobu]
lobo [lˈɔbu]
sede [sˈedi]
sede [sˈɛdi]

Dentre as palavras que procuramos, o único caso em que não é assinalada a homografia, entre substantivos, é da palavra <soquete>, somente a pronúncia fechada é apontada. Os homógrafos formados por verbos flexionados não são dicionarizados.

No Michaelis não há nenhum registro referente às variações de pronúncia da língua portuguesa.

A seguir, retratamos o guia de pronúncia do dicionário Michaelis. São reservadas quatro páginas para explicações concernentes à informação fônica da língua italiana e duas páginas para a língua portuguesa. Abaixo fizemos uma reprodução parcial do guia de pronúncia da parte do italiano[88].

A obra inicia exibindo o alfabeto italiano, é apontada a letra, o nome da letra e a transcrição fonética. Seguem alguns exemplos extraídos do dicionário (Michaelis, 2003, p. 11):

Letra	nome	
A	a	[ˈa]
C	ci	[tʃˈi]
E	e	[ˈe]
F	effe	[ˈɛffe]

[88] O guia de pronúncia completo está presente no Anexo V.

Posteriormente são apresentados os símbolos fonéticos, é apontado qual é o som correspondente no português e são oferecidos exemplos na língua italiana. Essa parte do dicionário está dividida em quatro quadros: o primeiro é relativo às vogais; o segundo se refere às consoantes que são pronunciadas da mesma maneira no italiano e no português; o terceiro é sobre as consoantes e dígrafos que diferem entre as duas línguas; e o último quadro exibe as consoantes e dígrafos que estão presentes em palavras estrangeiras. Abaixo reproduzimos parcialmente os quadros disponíveis no dicionário:

a) As vogais são sempre orais, mesmo seguidas de m e n.

Quadro 11 – Vogais do italiano.

e	[e]	fechado como em vejo, pode ser átono ou tônico.	belezza [belleˈttsa] perché [perkˈe]
	[ɛ]	aberto como em fé, é sempre tônico.	bello [bˈɛllo] lei [lˈɛj]
i	[i]	sempre como em vi.	ti [tˈi], simile [sˈimile]
	[j]	i semivogal, como em lei.	buio [bˈujo]
o	[o]	fechado como em hoje, pode ser átono ou tônico.	molto [mˈolto]
	[ɔ]	aberto como em nó, é sempre tônico.	eroe [erˈɔe], fuori [fˈwɔri]

Fonte: dicionário Michaelis, 2003, p. 11.

b) As consoantes b, d, f, m, n, p, t e v pronunciam-se como em português.

Quadro 12: Consoantes iguais no italiano e no português.

[b]	badare [badˈare]
[f]	fiume [fˈjume]
[n]	nave [nˈave]
[t]	tardi [tˈardi]

Fonte: dicionário Michaelis, 2003, p. 12.

c) As consoantes e dígrafos abaixo diferem da pronúncia portuguesa.

Quadro 13 – Consoantes diferentes no italiano.

c	[k]	como c em cal, antes de a, o, u ou consoante.	capo [kˈapo], classe [klˈasse].
	[tʃ]	como tch em tcheco, antes de e, i.	certo [tʃˈɛrto], ciondolo [tʃˈɔndolo].
ch	[k]	como c em cal, antes de e, i.	chiesa [kˈjɛza]
gl	[ʎ]	como lh em palha, antes de i, ia, ie, io, iu.	gli [ʎˈi], aglio [ˈaʎo].
	[gl]	como gl em globo, antes de a, e, o, u.	globo [glˈɔbo]
	[gl]	como gl em glicerina, antes de i, em pouquíssimas exceções.	glicerina [glitʃerˈina]
gn	[ñ]	como nh em banha.	bagno [bˈaño]
l	[l]	como l em lápis, em início de sílaba. Em final de sílaba, pronunciado à moda gaúcha.	lento [lˈɛnto], il [ˈil]
r	[r]	inicial ou entre duas vogais, como r em caro, porém com mais vibração da língua.	rapido [rˈapido], gara [gˈara]
rr	[r̄]	é um r forte duplo, sem semelhante em português.	butirro [butˈi r̄o]

Fonte: dicionário Michaelis, 2003, p. 12-13.

No final do guia de pronúncia, há esclarecimentos acerca das consoantes geminadas. No dicionário elas são chamadas de consoantes duplas e há explicação de que devem ser pronunciadas distinta e separadamente, como se houvesse um hífen entre elas e há como exemplo as seguintes palavras:

> “Bello [bˈɛl-lo]
> Nonno [nˈɔn-no]
> Pacco [pˈak-ko]” (Michaelis, 2003, p. 14).

Por fim, há algumas considerações a respeito das variações de pronúncia da língua italiana.

> "A influência regional na Itália ainda é forte, causando divergências na pronúncia. Na Toscana, o s entre vogais, em certas terminações e algumas palavras, é pronunciado como [s] e não [z], como está em nossa transcrição. Essa pronúncia não foi indicada porque procuramos adotar um padrão razoavelmente "neutro", que não fosse identificado como de uma região específica, e cujo uso fosse mais generalizado". (Michaelis, 2003, p. 14).

São disponibilizados os seguintes exemplos (Michaelis, 2003, p. 14):

"Exemplos	toscano	nossa transcrição
Così	[kosˈi]	[kozˈi]
Famoso	[famˈoso]	[famˈozo]"

Expomos a seguir o guia de pronúncia da língua portuguesa, que é iniciado com a apresentação do alfabeto português, seguido pela letra, o nome da letra e a transcrição fonética. Seguem alguns exemplos extraídos do dicionári:

"Letra	nome	
A	a	[a]
C	cê	[se]
F	efe	[ˈɛfi]
J	jota	[ʒˈɔtə]
L	ele	[ˈɛli]
O	o	[ɔ]
T	tê	[te]". (Michaelis, 2003, p. 15)

No Michaelis são fornecidos, em seguida, os símbolos fonéticos com exemplos no português. Essa parte é dividida em quatro quadros. O primeiro é relativo às vogais orais, o segundo é sobre as vogais nasais, o terceiro se refere às semivogais e o último quadro denota as consoantes. A seguir, reproduzimos parcialmente os quadros incluídos no dicionário:

a) vogais orais

Quadro 14 – Vogais orais do português.

[a]	caro [kˈaru]
[ɔ]	nó [nˈɔ]
[o]	nome [nˈomi]
[u]	uva [ˈuvə], livro [lˈivru]

[ə]	mesa [mˈezə]
[ʌ]	cama [kˈʌmə]

Fonte: dicionário Michaelis, 2003, p. 15.

b) vogais nasais

Quadro 15 – Vogais nasais do português.

[ã]	canto [kˈãtu]
[ĩ]	fim [fˈĩ]
[ũ]	bunda [bˈũdə]

Fonte: dicionário Michaelis, 2003, p. 15.

c) semivogais

Quadro 16: Semivogais do português.

[j]	peixe [pˈejʃi]
[w]	para u brando ou l final: mau [mˈaw], banal [banˈaw]

Fonte: dicionário Michaelis, 2003, p. 15.

d) consoantes

Quadro 17 – Consoantes do português.

[g]	g antes de a, o, u: gato [gˈatu]; goma [gˈomə]; guerra [gˈɛr̃ə]
[ʒ]	g antes e, i: gelo [ʒˈelu], gigante [ʒigˈãti]; para j: jato [ʒˈatu]
[k]	c antes de a, o, u ou antes de uma consoante: casa [kˈazə]; pacto [pˈaktu]; para qu: queijo [kˈejʒu]
[ʃ]	ch ou x: cheiro [ʃˈejru], enxame [ẽʃˈʌmi], xarope [ʃarˈɔpi]
[z]	s entre vogais, z ou x antes de vogal: rosa [r̃ˈɔzə], zebra [zˈebrə], exemplo [ezˈẽplu]

Fonte: dicionário Michaelis, 2003, p. 15.

No guia de pronúncia do dicionário Michaelis é explicada, de maneira satisfatória, a informação fônica para ambas as línguas. São apresentados respectivamente: os grafemas, os símbolos fonéticos, exemplos dos fonemas em palavras do português e exemplos do italiano.

Uma solução para resolver as dificuldades inerentes ao trabalho com pronúncia é uma abordagem contrastiva, na qual a língua materna do aprendiz e a língua estrangeira almejada são comparadas no que compartilham ou diferem. E é com essa abordagem que, no Michaelis, na parte reservada à língua italiana, estão retratados os quadros no *outside matter*.

O conhecimento das diferenças e das similaridades entre a pronúncia do italiano e do português permite reduzir as interferências que acontecem com o aprendiz brasileiro. Além da descrição contrastiva, o dicionário transcreve as palavras foneticamente adotando o IPA. Se o aluno consultar o guia de pronúncia terá a instrução de que o grafema 'c' é pronunciado com a oclusiva velar surda [k] diante das vogais 'a', 'o', 'u' e de consoante; e é pronunciado com a africada alveopalatal surda [tʃ] antes das vogais 'i' e 'e'. Além do mais, quando a pronúncia é registrada por meio da transcrição fonética, o consulente verá que o grafema 'c' possui mais de um fonema, por exemplo, a palavra <*camicia*> transcrita no Michaelis como [kamˈitʃa] deixa claro os sons da letra 'c', não dando margem para equívocos.

Com as análises feitas, avaliamos que o dicionário Michaelis auxiliaria o aprendiz do italiano nas orientações que ele busca quanto à pronúncia.

2.3.2 Dicionário Martins Fontes italiano-português[89]

O Dicionário Martins Fontes se descreve como um dicionário bilíngue inovador. As razões se devem ao fato de a obra ter sido feita para atender o usuário brasileiro e por ser um dicionário abrangente, que contempla a terminologia técnica e muitos usos antigos do italiano. A publicação é de 2004. Essa obra possui mais de 82 mil palavras-entrada e compreende somente a língua italiana.

A informação fônica nessa obra é registrada diretamente na entrada. A maneira usada para a indicação é um sublinhado na vogal para apontar a sílaba tônica. Nas vogais 'e' e 'o' além do sublinhado, é utilizado um ponto subscrito para diferenciar a tonicidade dessas vogais, que podem ser pronunciadas de maneira aberta e fechada. Como explicitado em (1):

[89] Referimo-nos a esse dicionário ao longo das análises como: dicionário Martins Fontes, dicionário, Martins Fontes e obra.

(1) assertivo
bianco
illogico
liberatore
•
meglio
penna
•

As palavras homógrafas, nas quais a diferença de significação é suscitada pelo acento prosódico, estão separadas em duas entradas, um sublinhado na vogal evidencia qual é a sílaba tônica e indica que a pronúncia é aberta e um ponto sob a vogal aponta que é fechada, como exibido em (2):

(2) ancora
ancora
•
colto
•
colto
foro
foro
•
pesca
pesca
•
subito
subito
volto
•
volto

No italiano, a maioria dos homógrafos são compostos por substantivos e verbos na forma flexionada e, casos como <*capitano*> (3. pess. pl. pres. ind.) / <*capitano*> (s.m) não são contemplados. Não é esclarecida a pronúncia das palavras homógrafas que são formadas por plural e numeral, por exemplo, <*venti*> (pl. de vento) / <*venti*> (num.).

As variações de pronúncia da língua italiana não são dicionarizadas no Martins Fontes.

A maneira de indicação da pronúncia adotada pelo Martins Fontes segue o que é proposto por Svensén (2009). O estudioso assenta que a marcação da tonicidade da palavra pode ser anotada diretamente na palavra-entrada, porém o acento, quando marcado na entrada, deve estar entre as letras ou abaixo delas e é dessa forma que é feito pela obra.

As vogais 'e' e 'o' no italiano são pronunciadas de maneira átona e tônica. No dicionário, para destacar essa diferença prosódica, há inserção de um sublinhado para indicar que a pronúncia é aberta e um ponto subscrito à vogal aponta que a pronúncia é fechada. Para ter essa informação, o usuário deve se dirigir ao guia de pronúncia onde é elucidada a aplicação desses recursos.

Sendo esse dicionário voltado para aprendizes da língua italiana, avaliamos que a maneira adotada pelo Martins Fontes para registrar a pronúncia não é a mais adequada, pois em uma atividade de produção oral o usuário ficaria com dúvidas quanto à pronúncia de algumas consoantes e dos dígrafos, visto que nenhum esclarecimento desses itens é dado na microestrutura.

Exibimos a seguir o guia de pronúncia do Martins Fontes, o qual tem somente três páginas. O início é sobre a acentuação na língua italiana. Há explicação que, no italiano, somente as oxítonas têm sinal gráfico e há como exemplos as palavras: <*virtù*>, <*qualità*>, <*così*>, <*perché*>.

Seguidamente são explicados os mecanismos aplicados para evidenciar a sílaba tônica das palavras não oxítonas, que são o sublinhado e o ponto subscrito à vogal. Está anotado que a indicação da sílaba tônica é feita por meio de sua vogal sublinhada. E no Martins Fontes, o grau de abertura e fechamento das vogais 'e' e 'o', é evidenciado utilizando os recursos de sublinhado quando a pronúncia é aberta e um ponto subscrito quando é fechada.

Ulteriormente estão explicitadas as pronúncias das consoantes e das vogais do italiano. É usada a ordem alfabética para inserção das letras do italiano e do lado, entre colchetes, é utilizada a grafia portuguesa dos sons que são equivalentes. Segue uma reprodução parcial do guia de pronúncia[90]:

"A [a] sempre aberto, mesmo quando precede 'm' ou 'n'.

[90] O guia de pronúncia completo pode ser visualizado no Anexo VI.

E [é] [ê]

G diante de *'a', 'o', 'u'* = [g]: ga [ga], go [go], gu [gu]

diante de *'i', 'e'* = [dj]: <*giro*> [djiro], <*gesto*> [djesto].

L [l] <*bel*> [bel], <*del*> [del], <*selva*> [selva], <*palo*> [palo]

Obs: sua pronúncia é sempre de *l,* mesmo em posição pós-vocálica na sílaba. Assim, a pronúncia de <*selva*>, por exemplo, não se assemelha à do português <*seuva*>.

R [r], [rr] <*ramo*> [ramo], <*treno*> [treno]

Z [ts] em palavras como: <*pizza*> [pittsa] <*pazzo*> [pattso]

[dz] em palavras como: <*zero*> [dzero] <*pranzo*> [prandzo]". (Martins Fontes, 2004, p. XIII-XIV).

Seguidamente são apresentados os grupos consonânticos da língua italiana e ao lado são inseridos os equivalentes da língua portuguesa:

"Chi [qui] <*chilo*> [quilo], <*maschile*> [masquile]

Ghi [gui] <*ghirlanda*> [guirlanda], <*laghi*> [lagui]

Gui [güi] <*guida*> [güida]

Sci [chi] <*pesci*> [pechi]

Gl [gl] <*globo*> [globo], <*glutine*> [glutine]

[lhe] <*maglie*> [magle]". (Martins Fontes, 2004, p. XIV).

A obra finaliza o guia de pronúncia tratando acerca das consoantes geminadas. Abaixo seguem exemplos de como esse item é tratado:

"Para pronunciar as consoantes geminadas, alonga-se o som nos casos das consoantes 'f', 'r', 's', 'v', 'z'.

ff <*muffa*> [muffa]

rr <*carro*> [carro]

Nos demais casos (‘b’, ‘c’, ‘d’, ‘g’, ‘l’, ‘m’, ‘n’, ‘p’, ‘t’), a primeira consoante é articulada, mas permanece na fase implosiva e não é pronunciada, havendo uma pequena pausa, após a qual se pronuncia a segunda:

bb <*babbo*> [ba”bo]

ll <*gallo*> [ga”lo]

tt <*tetto*> [te”to]”. (Martins Fontes, 2004, p. XV).

•

No guia de pronúncia do Martins Fontes está exposto a respeito da acentuação das palavras oxítonas do italiano, mas não clarifica sobre a pronúncia ser aberta ou fechada. No italiano, quando o acento gráfico é grave (`) se pronuncia de maneira aberta, por exemplo, <*caffè*>*;* quando é agudo (´), a pronúncia é fechada, por exemplo, <*perché*>. Não havendo essa orientação, provavelmente haveria erros na produção do consulente, pois na língua portuguesa o acento agudo é sempre pronunciado de maneira aberta.

No dicionário não é oferecida nenhuma noção de fonética articulatória. O ‘r’ do italiano é produzido com várias batidas da língua nos alvéolos. Um estudante brasileiro, público-alvo do dicionário, provavelmente produziria o ‘r’ de acordo com seu idioleto, já que não consta na obra como é a pronúncia do ‘r’ no italiano.

Referentemente às consoantes geminadas há uma breve explicação. Esse é o único item em que elementos de fonética articulatória são dados, porém não concordamos com as aspas duplas (”) adotadas para simbolizar a duração das consoantes na transcrição das palavras. Existe um diacrítico que simboliza a duração maior dos segmentos que é [ː]; o emprego desse diacrítico acrescentaria conhecimento para o consulente.

Não consideramos adequado o guia de pronúncia do Martins Fontes, primeiramente porque ele quis evitar o uso do IPA. Por exemplo, o grafema ‘g’ diante das vogais ‘e’ e ‘i’ é transcrito como [dj] pelo dicionário, provavelmente um brasileiro leria separadamente essas letras, pronunciaria como produz a palavra ‘adjetivo’, isto é, deixando o ‘d’ mudo, ou ainda inserindo uma vogal epentética entre o ‘d’ e o ‘j’.

O dicionário utiliza a pronúncia figurada na transcrição das palavras no guia de pronúncia e, como bem pondera Quilis (1982, p. 331), a pronúncia figurada é “um remendo muito malfeito da notação fonética”.

2.4 Dicionário Bilingualizado Parola Chiave[91]

Selecionamos o dicionário Parola Chiave por se tratar de uma obra que foi concebida especialmente para os estudantes brasileiros da língua italiana. A publicação é de 2007. A obra contém mais de 20 mil entradas e o seu formato é híbrido, isto é, cumpre o papel de um dicionário monolíngue, visto que nos verbetes é fornecido o significado na língua italiana, mas é disponibilizado, também, no final das acepções uma tradução em português, cumprindo assim o papel de dicionário bilíngue.

O registro da pronúncia diretamente na palavra-entrada proporciona uma boa economia de espaço e pode ser viável para o italiano, segundo alguns autores referenciados, dado que é um idioma em que há uma correspondência maior entre a forma oral e a forma escrita. Essa é a opção feita pelo dicionário Parola Chiave, a informação fônica nessa obra é apontada na entrada com o uso de um acento, o qual indica a sílaba tônica. Seguem em (1) exemplos extraídos do dicionário:

(1) chiàve
equivalére
idealizzàre
misùra
sógno
spìna
tìngere

As palavras homógrafas estão separadas em duas entradas: o acento grave aponta que a pronúncia é aberta e o agudo que deve ser produzido de maneira fechada, como exemplificado em (2):

(2) àncora
ancóra
fóro

[91] Ao longo do texto referimo-nos ao dicionário Parola Chiave como: dicionário Parola Chiave, dicionário, Parola Chiave e obra.

fòro

pèsca

pésca

Dos dicionários analisados, o Parola Chiave é o que apresenta menos casos de homografia. Nenhum dos homógrafos formados por verbo flexionado é dicionarizado e, como é uma obra que visa o aprendiz brasileiro do italiano, deveria explicitar as palavras homógrafas de forma sistemática.

No Parola Chiave, as variações de pronúncia são descritas no *outside matter*, as quais serão retomadas mais à frente.

A nosso ver, o aprendiz de italiano terá várias dúvidas ao se defrontar com a forma de indicar a pronúncia adotada pelo Parola Chiave, pois ainda que tenha uma grande coincidência entre a grafia e a pronúncia, no italiano diversos sons e letras são ambíguos.

A opção de apontar a pronúncia na palavra-entrada pode funcionar bem entre os falantes nativos que estão familiarizados com os sons de sua língua, mas não funciona entre aprendizes estrangeiros, que podem não saber como se pronuncia uma letra e podem empregar os equivalentes da sua língua. Por exemplo, no dicionário a palavra <*appiglio*> é registrada desta maneira: appìglio. Tal forma de anotar a pronúncia deixa o usuário falante do português sem nenhuma instrução, o que pode levá-lo a uma pronúncia errada, uma vez que na língua portuguesa, no encontro consonantal ‘gl’ sempre se pronunciam as duas letras, como por exemplo: <*glicose*>, <*globo*>. Na língua italiana, o ‘gl’ é pronunciado diferentemente, dependendo do ambiente em que se encontra: diante da vogal ‘i’ é pronunciado como o fonema /ʎ/, e, em português, este fonema é representado pelo dígrafo ‘lh’. Nos outros contextos vocálicos, o ‘gl’ em italiano é pronunciado como em português.

Além disso, como expusemos na etapa referencial, Svensén (2009) assevera que o método de registrar a pronúncia diretamente nas palavras-entrada é antigo. O autor afirma que é um mecanismo de notação recomendada apenas para dicionários monolíngues, ou seja, não é uma boa maneira de informar a pronúncia já que o Parola Chiave é um dicionário voltado para aprendizes da língua italiana.

Concordamos com os autores estudados que a melhor maneira de indicar a pronúncia nos dicionários bilíngues e bilingualizados é por meio da transcrição fonética com o emprego dos símbolos do IPA. O consulente, mesmo que não conheça os símbolos e que eles possam parecer difíceis à primeira vista, pode aprender a decodificá-los lendo o *outside matter*. Isso posto, queremos enfatizar novamente a relevância do guia de pronúncia. No guia poderia ter elementos de fonética articulatória, a exposição dos grafemas, dos símbolos fonéticos, exemplos das consoantes e dígrafos que se pronunciam diferentemente de uma língua para outra.

A seguir, passamos a analisar o guia de pronúncia do dicionário Parola Chiave, o qual é exibido no final da obra e são reservadas dez páginas para tratar da pronúncia da língua italiana. Salientamos que a sequência e exemplos foram transcrições feitas a partir do dicionário, sofrendo apenas algumas alterações[92].

Primeiramente é fornecido um quadro, no qual está presente o alfabeto italiano, os nomes das letras e os símbolos do IPA:

Quadro 18 – Vogais e consoantes do italiano.

Letra	**Nome**	**Pronúncia IPA**
A	A	/a/
G	G	/j/ /g/
C	Ci	/c/ /k/
S	Esse	/s/ /z/
Z	Zeta	/dz/ /ts/

Fonte: dicionário Parola Chiave, 2007, p. 1017.

Em seguida do quadro, há mais detalhes da pronúncia da língua italiana. É esclarecido que no italiano há grande correspondência entre os sons e a sua representação gráfica, possuindo onze letras do alfabeto que representam de modo unívoco os onze sons

[92] O guia de pronúncia completo está presente no Anexo VI.

correspondentes e cada um deles é pronunciado de uma única maneira, são eles: ‘a’, ‘b’, ‘d’, ‘f’, ‘l’, ‘m’, ‘n’, ‘p’, ‘r’, ‘t’, ‘v’. As outras letras exprimem sons diversos.

No dicionário, há uma breve observação acerca das variações de pronúncia existentes na Itália, é ressaltado que há muitas pronúncias regionais e locais e que, por isso, é necessário optar por um modelo de pronúncia. E a variedade escolhida pelo Parola Chiave foi a florentina culta, devido ao fato de essa ser a variedade preponderante nos meios de comunicação de massa.

As explanações concernentes às vogais e consoantes são separadas e a obra começa explicando as vogais com um quadro que contém o símbolo do IPA, a representação ortográfica e exemplos:

Quadro 19 – Vogais do italiano.

Representação do som no alfabeto	**Representação na grafia corrente**	**Exemplos na grafia corrente da língua italiana**
/a/	a – à	casa – papà
/ɛ/	e – è	bello – caffè
/e/	e – é	pena – perché
/i/	i – ì	libro – così

Fonte: dicionário Parola Chiave, 2007, p. 1018.

Logo após ao quadro, é informado que o alfabeto italiano prevê cinco letras para expressar as vogais, mas o sistema de sons vocálicos é formado por sete sons. As vogais ‘e’ e ‘o’ são as responsáveis por essa biunivocidade, as quais são abertas e representadas pelos sons vocálicos /ɛ/, /ɔ/; e quando são fechadas são representadas pelos sons vocálicos /e/, /o/.

Seguidamente, são tratados dos homógrafos: há explicação de que são palavras escritas da mesma maneira e distinguem-se pela pronúncia aberta ou fechada das vogais e há seguintes exemplos:

“pesca /’peska/ (pronúncia fechada) = ‘ação de pescar, de pegar peixes’

pesca /’pɛska/ (pronúncia aberta) = ‘fruto do pessegueiro’

venti /’venti/ (pronúncia fechada) = ‘o número 20’

venti /’vɛnti/ (pronúncia aberta) = plural de *vento*, ‘deslocamento de massa de ar’.” (Parola Chiave, 2007, p. 1019).

Após as considerações acima, são fornecidos mais detalhes da pronúncia das vogais ‘e’ e ‘o’ quando em posição tônica”

“A pronúncia do ‘e’ tônico é aberto e representado pelo símbolo /ɛ/ nos seguintes casos:

a) No gerúndio dos verbos e nas palavras que terminam em –endo, -enda. Exemplo: <*correndo*> /kor’rɛndo/.

b) No particípio presente dos verbos. Exemplo: <*scrivente*> /skri’vɛnte/.

c) No condizionale presente dos verbos. Exemplo: <*verrei*> /ver’rɛi/.

d) No ditongo ‘ie’. Exemplo: <*piede*> /’pjɛde/.

e) Em várias formas verbais do verbo *essere*. Exemplo: <*eravamo*> /ɛra’vamo/.

f) Nas palavras que terminam em –eca; -ema; -ello, -ella; -enza; -estre. Exemplo: <*ombrello*> /om’brɛllo/.

A pronúncia do ‘e’ tônico é fechada e representada por /e/ nos seguintes casos:

a) Nos advérbios terminados em –mente. Exemplo: <*velocemente*> /veloce’mente/.

b) Nas palavras que contêm o sufixo –mento. Exemplo: <*portamento*> /porta’mento/.

c) Nas palavras formadas por uma só sílaba. Exemplo: <*ne*> /ne/.

d) No infinitivo dos verbos em –ere. Exemplo: <*vedere*> /ve’dere/.

e) Nas desinências verbais dos verbos em –ere. Exemplo: <*vedremo*> /ve’dremo/.

f) Nas conjunções com sílaba tônica no final. Exemplo: <*perché*> /per’ke/.

g) Nas contrações. Exemplo: <*delle*> /’delle/.

h) Nas palavras que terminam em –eccia, -eccio, -efice, -eggio, -egna, -egno, -esca, -esco, -esse, -esa, -eso, -essa, -etta, -etto, -ezza. Exemplo: <*dottoressa*> /dotto'ressa/.

A pronúncia do 'o' tônico é aberta e seu símbolo correspondente /ɔ/ ocorre nos seguintes casos:

a) Nas palavras monossilábicas. Exemplo: <*no*> /'nɔ/.

b) Nas palavras com sílaba tônica no final. Exemplo: <*perciò*> /per'ʧɔ/.

c) Nas palavras que terminam em –occhia, -occhio, -occia, -occio, -olo. Exemplo: <*coccio*> /'kɔttʃo/.

d) Nas palavras com ditongo 'uo'. Exemplo: <*uovo*> /'wɔvo/.

A pronúncia do 'o' tônico é fechada e simbolizada por /o/ nos seguintes casos:

a) Nas palavras com os sufixos –oio, -oni, -ione, -oce, -onda, -ondo, -ona, -one, -onte, -ore, -osa, - oso, -uosa, -uoso, -zione. Exemplo: <*mattone*> /mat'tone/." (Parola Chiave, 2007, p. 1019).

Em seguida, há exposição das consoantes. É iniciado com um quadro que contém: os símbolos do IPA, as características fonéticas do som, a representação ortográfica e exemplos.

Quadro 20 – Consoantes do italiano.

Representação do som no IPA	**Características fonéticas do som**	**Signo do som simples ou dobrado**	**Exemplos**
/p/	bilabial oclusiva surda	p; pp	papa – pappa
/b/	bilabial oclusiva sonora	b; bb	bambino – babbo
/ts/	alveolar africada surda	z; zz	azione – pizza
/dz/	alveolar africada sonora	z; zz	zero – azzerare

/tʃ/	palatal africada surda ce – ci – cia – cio – ciu	c; cc	cena – ciabatta – accecare
/k/	velar oclusiva surda ca – co – cu – ch – che – chi – k – qu – qua – que – qui – quo – c + consoante	c, cc, cch, cq	casa, cuore, chiedere, quadro, acquistare

Fonte: dicionário Parola Chiave, 2007, p. 1020.

Ao final do quadro, há explicações de que as consoantes não são apresentadas em ordem alfabética, mas segundo: a) o ponto de articulação dos órgãos de fonação começando pelo mais anterior e terminando com o mais posterior (labial, labiodental, alveolar, palatal e velar); b) o modo de articulação (fricativa, africada, oclusiva, nasal e líquida); c) a presença ou ausência da vibração das cordas vocais (surda, sonora).

Está ressaltado que a letra ‘h’ não corresponde a nenhum som. É uma consoante usada nas conjugações do verbo <*avere*>, nas exclamações e para indicar o som velar de ‘c’ /k/ e de ‘g’ /g/ quando precedem as vogais ‘i’ e ‘e’.

Separando por tópicos, são esclarecidas algumas características das consoantes da língua italiana, são exibidas as consoantes geminadas e em seguida é tratado dos grafemas que possuem fonemas ambíguos:

> 1) “Todas as consoantes, exceto o ‘h’, podem geminar-se e ter a emissão dobrada. A geminação pode ocorrer entre duas vogais ou entre uma vogal e as letras ‘l’ e ‘r’. Exemplo: <*allagare*>, <*applicare*>.
>
> Consoantes simples e geminadas distinguem palavras diferentes. Exemplo: <*capello*> /ka’pello/ x <*cappello*> /kap’pɛllo/.
>
> Os sons consonantais /ʎ/ (gl), /ɲ/ (gn), /ʃ/ (sc), /ts/ e /dz/ (z), quando se encontram entre duas vogais, são pronunciados de modo dobrado, mesmo que não estejam representados ortograficamente. Exemplo: <*azoto*> /ad’dzɔto/.
>
> Numa sequência de duas palavras, a duplicação fonossintática leva a pronunciar de modo dobrado a consoante inicial da segunda palavra e ocorre quando a primeira palavra termina com vogal acentuada e com palavras monossilábicas. Essa duplicação

ocorre sobretudo na variedade toscana e centro-meridional. Exemplo: <*andò via*> /an'dɔv'via/.

2) As consoantes 'c' e 'g' têm som velar /k/, /g/ diante de 'a', 'o', 'u'. Exemplo: <*casa*>, <*cura*>, <*gara*>, <*gola*>. Têm som palatal /tʃ/, /dʒ/ diante de 'e', 'i'. Exemplo: <*cena*>, <*cinema*>, <*gita*>.

3) As consoantes 's' e 'z' têm dois sons diferentes cada uma. Podem ser sonoro /z/, /dz/ e surdo /s/, /ts/.

A pronúncia do 's' é sonora /z/ nos seguintes casos:

- Quando precede outra consoante sonora 'b', 'd', 'g', 'l', 'm', 'n', 'v', 'z'. Exemplo: <*sbadato*> /zba'dato/.
- Quando está entre duas vogais. Exemplo: <*genesi*> /'dʒɛnezi/.
- Nas palavras que terminam em –esima, esimo; -asi, -isi, -usi. Exemplo: <*ventesimo*> /ven'tɛzimo/.

A pronúncia do 's' é surda /s/ nos seguintes casos:

- Quando precede outra consoante surda 'c', 'f', 'p,' 'q', 't'. Exemplo: <*spontaneo*> /spon'taneo/.
- Em início de palavra, quando precede uma vogal. Exemplo: <*sera*> /'sera/.
- Quando segue outra consoante. Exemplo: <*psicofarmaco*> /psiko'farmako/.
- Nas palavras que terminam em –ese e –oso. Exemplo: <*generoso*> /dʒɛne'roso/.
- Quando é geminada. Exemplo: <*rossa*> /'rossa/.

A pronúncia do 'z' é sonora /dz/ nos seguintes casos:

- Em muitas palavras que contêm os sufixos –izzare, -izzatore, -izzazione. Exemplo: <*colonizare*> /kolonid'dzare/.
- Quando se encontra em início de palavra. Exemplo: <*zanzara*> /dzan'dzara/.

A pronúncia do 'z' é surda /ts/ nos seguintes casos:

- Frequentemente no grupo 'z' + 'i' + vogal. Exemplo: <*spazio*> /'spattsjo/.

- Em muitas palavras que terminam em –anza, -enza, -ezza, -ozza, - uzza, -uzzo. Exemplo: <*tendenza*> /ten'dɛntsa/." (Parola Chiave, 2007, p. 1021-22).

Nesse último item optamos pela correção do símbolo /ts/. No dicionário está transcrito com /tz/, o que não está correto.

Após as elucidações concernentes às consoantes, são fornecidas explicações em relação às semiconsoantes e as semivogais:

> "O 'i' e 'u', em início de palavra ou sílaba e precedendo uma vogal, são considerados semiconsoantes, as quais são encontradas apenas nos ditongos. As semiconsoantes /j/, /w/ são pronunciadas como as vogais /i/ e /u/, porém têm um som mais breve. Exemplo: <*ieri*> /'jɛri/, <*uomo*> /'wɔmo/.
>
> Quando seguem uma vogal, o 'i' e 'u' são considerados semivogais e também são pronunciados de maneira mais breve. Exemplo: <*farai*> /fa'rai/, <*Laura*> /'laura/." (Parola Chiave, 2007, p. 1022-23)

Posteriormente há esclarecimentos acerca dos ditongos, tritongos e hiatos da língua italiana:

> "Os ditongos e tritongos são formados respectivamente por duas e três vogais pronunciadas numa só emissão de voz, formando assim uma só sílaba. A primeira vogal é sempre um 'i' ou 'u'. Exemplo: <*ieri*> /'jɛri/, <*miei*> /'mjɛi/, <*uomo*> /'wɔmo/, <*guai*> /'gwai/.
>
> Ocorre hiato quando duas ou três vogais próximas uma da outra são pronunciadas com distintas emissões de voz, ocasionando duas sílabas diferentes. Quando as vogais 'i' e 'u' são tônicas e 'i' faz parte de um prefixo são chamadas de hiato. Exemplo: <*paura*> /pa'ura/, <*riavere*> /ria'vere/." (Parola Chiave, 2007, p. 1023).

Sucessivamente há explicações sobre a divisão silábica no italiano, é definido o que é sílaba e é informado que para formar uma sílaba é sempre necessária a presença de uma vogal. As regras de silabação da língua italiana são essas:

- "Separam-se as consoantes geminadas. Exemplo: <*babbo*> – bab-bo.

- Separam-se os grupos de duas ou três consoantes, diferentes uma da outra, que nunca poderiam ser encontradas no início de palavra. Exemplo: <*grande*> – gran-de.
- Não se separam os grupos consonantais formados por ‘b’, ‘c’, ‘d’, ‘f’, ‘g’, ‘p’, ‘t’, ‘v’ + ‘l’ ou ‘r’. Exemplo: <*centrale*> – cen-tra-le.
- Não se separa ‘s’ + consoante. Exemplo: <*pasta*> – pa-sta.
- Não se separam os grupos consonantais que podem ser encontrados no início de palavra. Exemplo: <*aspro*> – a-spro.
- Uma vogal inicial de palavra, seguida de consoante, forma sozinha uma sílaba e separa-se do restante da palavra. Exemplo: <*alla*> – a-la.
- Não se separam os grupos consonantais ‘gl’, ‘gn’, ‘sc’, ‘gh’, ‘sch’, conhecidos como dígrafos e trígrafos, seguidos de uma ou duas vogais. Exemplo: <*lavagna*> – la-va-gna.
- Não se separam os ditongos e tritongos. Exemplo: <*ieri*> – ie-ri.
- Separam-se as vogais que formam hiato. Exemplo: <*paura*> – pa-u-ra.” (Parola Chiave, 2007, p. 1023-24).

Posteriormente, é aclarado a respeito da acentuação da língua italiana:

“O acento tônico nem sempre é indicado graficamente e a maioria das palavras italianas tem acento tônico na penúltima sílaba, chamadas de paroxítonas. Exemplo: <*amico*> /a’miko/.

Algumas palavras têm acento tônico na vogal final, nomeadas de oxítonas, as quais quase sempre têm acento gráfico. Exemplo: <*caffè*>, <*perché*>, <*può*>.

As proparoxítonas que têm acento tônico na antepenúltima sílaba ocorrem no italiano, sobretudo, nos superlativos terminados em –issimo e nas terceiras pessoas dos verbos que contêm mais de uma sílaba. Exemplo: <*belíssimo*> /bɛl’lissimo/, <*ridevano*> /ri’devano/.

O acento tônico é indicado graficamente na forma de acento grave para marcar o som aberto e de acento agudo para marcar o som fechado. Na língua italiana o uso do acento gráfico é obrigatório nos seguintes casos:

- Em palavras polissilábicas oxítonas. Exemplo: <*benché*>, <*sentirà*>.
- Em algumas palavras monossilábicas que contêm duas vogais. Exemplo: <*può*>, <*già*>.
- Em algumas palavras monossilábicas para diferenciar os homônimos. Exemplo: <*è*> (verbo) <*e*> (conjunção); <*sì*> (afirmação) e <*si*> (pronome).” (Parola Chiave, 2007, p. 1024).

Finalizando o guia de pronúncia, são apresentadas as noções de elisão e de apócope:

“Na elisão, que na escrita é indicada por um apóstrofo, ocorre a perda da vogal final diante de outra palavra que comece por vogal. “Ocorre a elisão com os artigos <*uma*>, <*lo*>, <*la*>; com <*questo*>, <*quello*> no singular; com a preposição <*di*>; com a palavra <*come*> + conjugações do verbo <*essere*>; e com muitas locuções. Exemplo: <*l’amico*>, <*un’oca*>, <*quest’uomo*>, <*d’inverno*>, <*com’è*>, <senz’altro>.

A apócope ou o troncamento é a queda do último elemento de uma palavra composta por mais de uma sílaba. Na apócope pode ocorrer a queda da vogal mesmo que a palavra seguinte comece por consoante e não se costuma usar apóstrofo. Exemplo: <*ciascun libro*>,<*un bel cane*>,<*il signor Bruno*>.” (Parola Chiave, 2007, p. 1021-22).

Passadas algumas páginas do guia de pronúncia, é retomado o assunto relativo à informação fônica; é abordada a questão relativa às variações de pronúncia e, também, sobre quando se usa o acento gráfico no italiano.

É esclarecido que a pronúncia de algumas palavras deixam os falantes em dúvida porque não têm como saber onde recai o acento tônico. Os exemplos estão divididos em duas colunas: a da esquerda é considerada pelo Parola Chiave a pronúncia mais adequada e, a da direita, embora seja usada é inadequada:

“amàca	àmaca
guaìna	guàina
persuadére	persuàdere
zaffìro	zàffiro.” (Parola Chiave, 2007, p. 1034)

Seguidamente são expostas as variações que devem ser evitadas. De acordo com o dicionário, na coluna da esquerda a pronúncia é a correta e a da direita é a errada:

“edìle	èdile
elèttrodo	elettròdo
friùli	Frìuli
rubrìca	rubrica.” (Parola Chiave 2007, p.1034)

Referentemente ao acento gráfico, é enfatizado que no italiano o acento gráfico é obrigatório nas palavras polissílabas oxítonas e, nos monossílabos, sempre que houver possibilidade de confusão com outra forma muito usada. Seguem alguns exemplos:

“è (verbo)	e (conj.)
lì (adv.)	li (pronome)
là (adv.)	la (art.)
tè (s.)	te (pronome).” (Parola Chiave, 2007, p.1034)

Finalizando essa parte, é esclarecido que o acento gráfico no italiano pode ser grave [`], que aponta o som aberto da vogal, ou agudo [´], indicando a pronúncia fechada. É ressaltado, também, que o acento gráfico das vogais finais diferentes de ‘e’ é sempre grave, e há os seguintes exemplos: <*più*>, <*sì*>, <*però*>, <*città*>.

Avaliamos que o guia de pronúncia do dicionário Parola Chiave é bom, pois: expressa a ortoépia da língua italiana; descreve o timbre das vogais ‘e’ e ‘o’; ensina como se pronunciam os dígrafos; chama a atenção para as consoantes geminadas que são pronunciadas com uma duração maior e inclusive formam pares mínimos; aborda a diferença de pronúncia do grafemas ‘c’ e ‘g’; explicita a ambiguidade fônica dos grafemas ‘s’ e ‘z’; além de possuir orientações que não estão presentes nas outras obras analisadas, como elisão e apócope.

Um problema observado por nós são as falhas de revisão do guia. Esses equívocos podem ocasionar alguns erros dos usuários, como no caso da transcrição da letra ‘g’ que em alguns momentos é transcrita como /dj/ e também /j/ quando deveria ser /dʒ/. E a letra ‘c’, que nos casos de a pronúncia ser velar, ao invés de o dicionário transcrever com o fonema /k/, a

obra registra com /c/, símbolo este nem existente no IPA. A transcrição da letra ‘z’ também tem problemas: é transcrito /tz/, o que não está certo, o símbolo /ts/ é o correto.

Os quadros expostos são completos, o dicionário faz uso dos símbolos do IPA, nos quais constam noções de fonética articulatória e exemplos da língua italiana, o que contribui para a decodificação dos fonemas.

No guia de pronúncia são fornecidas informações relevantes e não repetitivas. As explicações oferecidas instruem o aprendiz de italiano na produção oral. É fundamental, na confecção de um dicionário, dar importância ao *outside matter*, verificando a qualidade do guia de pronúncia, pois é essencial que as obras contenham noções de fonética articulatória, que mostrem os grafemas, os símbolos fonéticos e exemplos das consoantes e dígrafos que se pronunciam diferentemente de uma língua para outra e a obra em análise relata todos esses esclarecimentos.

Seja qual for o código adotado para registrar a pronúncia na microestrutura, ainda que tenhamos preferência pela transcrição fonética, os dicionários devem atentar para a qualidade do guia de pronúncia, o qual tem grande relevância no auxílio aos usuários em responder as suas perguntas a respeito dos símbolos usados na microestrutura. No *outside matter,* devem ser reproduzidas e clarificadas as informações de pronúncia que estão contidas no interior dos verbetes. Caso o consulente se depare com algum símbolo no interior de um verbete que não é entendido, tal dúvida poderá ser elucidada no *outside matter*.

CAPÍTULO 3

3. ETAPA PROPOSITIVA

Nesta etapa dissertamos a respeito de nossas sugestões para aprimorar a informação fônica nos dicionários monolíngues e bilíngues. Com essa proposta pretendemos auxiliar: os alunos na aprendizagem da pronúncia das línguas portuguesa e italiana e o consulente nativo a conhecer mais do sistema fonético da própria língua.

Uma possível solução para o problema da pronúncia nos dicionários é o componente medioestrutural, definido como um sistema de referências cruzadas que interliga as partes componentes do texto lexicográfico, a saber: a macroestrutura, a microestrutura, a megaestrutura e o *outside matter*. Um sistema de concatenação entre os diferentes elementos que formam o dicionário é essencial no processo de consulta do usuário, cuja necessidade de informações vai além daquelas fornecidas no nível macro e microestrutural. O uso da medioestrutura poderia sanar e prever as dúvidas das quais o usuário nem seria consciente ao se deparar com a transcrição na microestrutura; ele partiria desse componente para o *outside matter* para obter uma resposta, percebendo por si só a necessidade de remissão, ou ainda, o dicionário poderia dispor de sinais que marquem a remissão, induzindo o consulente a essa prática.

Sabe-se que, normalmente, os usuários não possuem habilidades suficientes para explorar todo o potencial de um dicionário. Essa dificuldade natural por parte do consulente pode ser sanada através do *outside matter*, visto que esse componente atua como um facilitador entre o dicionário e o usuário, influenciando diretamente no resultado da consulta.

O *outside matter* deve levar ao conhecimento do consulente para que serve de fato o dicionário, qual é o seu enfoque e o que pretende alcançar. A segunda tarefa refere-se à questão da complexidade estrutural de um dicionário. Para que sejam obtidos bons resultados no ato da consulta, o usuário deve lançar mão de conhecimentos elementares acerca da

simbologia, das abreviaturas, da disposição do artigo léxico em geral, conhecimentos esses que somente podem ser adquiridos através do *outside matter*, agindo nessa condição de manual de instruções.

Estreitamente concatenados ao *outside matter* estão os conceitos de abrangência e concisão. De acordo com Fornari (2008, p. 7):

> O termo abrangência relaciona-se à qualidade daquilo que é exposto no *outside matter*, aquilo que é dito deve ser relevante para o usuário e deve ter a capacidade de informar a respeito da estrutura e dos conteúdos do dicionário. Já o termo concisão está relacionado à questão da quantidade das informações, ou seja, o *outside matter* deve informar e auxiliar de forma direta e objetiva, procurando alcançar o maior poder de síntese possível. As informações necessárias para o usuário devem estar dispostas de maneira acertadamente concisa, almejando praticidade em comunhão com relevância.

O *outside matter* esquematiza, organiza e explica o conteúdo do dicionário, no entanto, para o bom aproveitamento desse componente, deve haver parâmetros que garantam a ligação com os outros componentes do dicionário. Essa ligação é possível por meio do componente medioestrutural.

Relembrando a definição de medioestrutura: corresponde ao sistema de remissões explícitas ou implícitas, que guiam o usuário entre diferentes pontos no dicionário, possibilitando esclarecer o modo como a informação foi exibida ou para suplementar ou aprofundar a informação já encontrada.

Bugueño Miranda (2008, p. 12) propõe os seguintes princípios para o desenho da medioestrutura de um dicionário:

a) uma referência medioestrutural deve obedecer a um movimento único, levando o consulente rapidamente à informação que o dicionário pretende fornecer;
b) uma referência medioestrutural deve ser facilmente inferida pelo consulente e corresponder a uma motivação;
c) uma referência medioestrutural sempre deve acarretar um acréscimo de informação para o consulente.

A informação fônica é inserida na microestrutura e no guia de pronúncia dos dicionários. Para aprofundar a indicação de pronúncia registrada na microestrutura, é

primordial fazer uma associação entre a transcrição fonética e o guia de pronúncia e a medioestrutura é o componente que guiaria os usuários entre esses itens.

Nossa proposta sugere a inter-relação desses três componentes, e através do componente medioestrutural o consulente partiria, por meio de uma remissão explícita, da transcrição fonética indicada na microestrutura para o *outside matter* e, nesse componente, haveria orientações que auxiliariam o consulente na decodificação dos símbolos fonéticos aplicados na microestrutura.

Uma remissão explícita pode ser feita por elementos textuais ou símbolos, como flechas, triângulos etc., as quais anunciam a presença de uma referência cruzada. O fato de uma palavra estar anotada em negrito ou itálico ou a presença de símbolos não deve ser uma barreira para o entendimento do consulente, mas sim uma ferramenta de auxílio na compreensão das informações expostas pelos dicionários.

A remissão por elementos textuais geralmente consiste de palavras como 'ver' e 'cf.' (abreviação de conferir). Svensén (2009) defende que essas duas remissões são usadas por muitos dicionários de maneira indiscriminada e sem seu significado ser propriamente definido. E o autor define as remissões feitas por 'ver' e 'cf.' da seguinte maneira:

> Uma palavra como 'ver xxxx' pode significar: a palavra não é tratada aqui, veja xxxx ao invés. Uma palavra como 'cf. xxxx', por outro lado, pode significar: confira xxxx, onde mais informações sobre a palavra são dadas. Assim, 'ver' tem mais ênfase do que 'cf.', pois tem que ser consultado de forma a se obter mais instruções (referência cruzada obrigatória), já 'cf.' significa que informações complementares podem ser encontradas no ponto indicado (referência cruzada opcional)[93] (SVENSÉN, 2009, p. 229).

Em nossa proposta, optamos por fazer a remissão pela palavra 'ver' e a colocaremos logo após a transcrição fonética na microestrutura, isso porque nosso objetivo é mostrar ao consulente a necessidade de buscar mais esclarecimentos concernentes à pronúncia no *outside matter*.

---

[93] No original: "Cross-reference markers consisting of words such as 'see', 'cf'., etc., are used by many dictionaries rather indiscriminately and without their meaning being properly defined. However, the users should not be left in any uncertainty as to what kind of information they can expect to find at the cross-reference address. A wording such as 'see xxxxx' can suitably mean 'The word is not dealt with here; look up xxxxx instead'. A wording such as 'cf. xxxxx', on the other hand, should mean 'Look up xxxxx, where more information about the word is given'. Thus 'see' conveys a stronger invitation than 'cf.' one that has to be accepted in order to get any information at all (obligatory cross-reference), whereas 'cf.' means only that supplementary information is to be found at the place indicated (optional cross-reference)".

Com o objetivo de instruir os consulentes na produção oral com foco na pronúncia, a nossa proposição recorre:

- à transcrição fonética na microestrutura, adotando os símbolos do IPA;
- à inserção do elemento referencial ‘ver’ logo após a transcrição fonética;
- à representação dos fenômenos fonéticos/fonológicos mediante imagens, quadros e regras no *outside matter*.

Para a transcrição fonética, tanto na microestrutura quanto no *outside matter,* adotaremos os símbolos do IPA, uma vez que esse alfabeto apresenta completa representação fonética dos sons das línguas naturais.

Em relação à maneira de transcrever uma palavra, há dois tipos de transcrições que podem ser assumidas: a transcrição fonética ampla e a transcrição fonética restrita. Silva (1999) define como transcrição fonética ampla aquela que revela apenas as propriedades segmentais e omite os aspectos condicionados por contexto ou características específicas da língua ou dialeto. A autora exemplifica esse método de transcrição com a palavra “quilo” [ˈkilʊ].

Já a transcrição fonética restrita esclarece todos os detalhes observados articulatoriamente, incluindo as propriedades secundárias. Nesse modo de transcrição, a palavra “quilo” seria transcrita como [ˈkʲilʷʊ], explicitando a palatalização de [k] (que diante de vogais anteriores acaba sendo produzida com a língua fazendo a oclusão em um ponto mais anterior do que o ponto velar) e também a labialização de [l] (na produção da lateral diante de vogais arredondadas, considera-se o movimento de projeção dos lábios) (Silva, 1999).

Em nosso trabalho, aplicamos a transcrição fonética ampla, dessa maneira omitimos o registro das propriedades articulatórias previstas por contexto.

3.1 Dicionários monolíngues da língua portuguesa

3.1.1 Proposta para o registro da pronúncia na microestrutura

A nossa asserção seguirá o que é recomendado pela maioria dos estudiosos das obras lexicográficas, ou seja, que para a língua portuguesa não é necessário incluir a informação fônica em todas as entradas por se tratar de um idioma que contém relativa compatibilidade entre o sistema gráfico e fônico.

O ‘p’, ‘b’, ‘t’, ‘d’, ‘f’ e ‘v’ são grafemas que têm uma relação biunívoca, isto é, os seus respectivos fonemas /p/, /b/, /t/[94], /d/, /f/, v/ serão sempre representados pelos mesmos grafemas, não importando diante de qual vogal estejam ou que posição ocupem na palavra, terão sempre o mesmo valor. (Seara et al., 2015). Como esses fonemas e grafemas são mais fáceis de serem aprendidos, acreditamos ser dispensável transcrevê-los na microestrutura.

No entanto, como constatamos anteriormente, ocorrem diversos casos de grafemas que representam mais de um som, ou de fonemas que representam mais de um grafema, nesse caso em todas as entradas que possuem esse tipo de ambiguidade serão incluídas as transcrições fonéticas na microestrutura e logo após a transcrição terá a remissão que levará o consulente até o *outside matter*.

Abaixo explicitamos como se daria a transcrição fonética, a remissão e a explicação no *outside matter*[95] para as consoantes que não possuem relação biunívoca entre grafemas e fonemas. Começamos descrevendo os grafemas que possuem mais de um fonema. Essa descrição orienta o aprendiz/usuário na passagem do signo linguístico para a forma fônica e vice-versa.

❖ Grafemas que possuem mais de um fonema

O grafema ‘x’ tem no português quatro sons diferentes e a transcrição fonética deve ser incluída em todas as entradas que contêm esse grafema. A nossa sugestão para desambiguizar essa letra é a criação de uma regra no *outside matter* que seja de fácil interpretação. O consulente será levado à regra pela remissão introduzida logo após a transcrição fonética registrada na microestrutura:

abacaxi [abakaˈʃi] (ver p.166 - X)

[94] O fonema /t/ possui um alofone [tʃ], o qual ocorre diante do ‘i’ e do ‘e’ em final de palavra, no entanto não achamos necessário apontar essa informação na microestrutura, ela será fornecida no quadro fonético da língua portuguesa.

[95] A proposta do guia de pronúncia será apresentada em seguida deste item.

exclamar [eskla'mar] (ver p.166 - X)
examinar [ezami'nar] (ver p.166 - X)
tórax ['toraks] (ver p.166 - X)

O grafema ‘s’ pode ser pronunciado [s] ou [z], dependendo das letras que o precedem e/ou seguem e da posição que ocupa na palavra. Nesse caso, em todas as entradas que possuem tal grafema deve ter a informação fônica na microestrutura.

sacola [sa'kɔlɐ] (ver p.167 - S)
pulso ['puwsʊ] (ver p.167 - S)
respeito [res'pejtʊ] (ver p.167 - S)
resignar [dezig'nar] (ver p.167 - S)
cósmico ['kɔzmikʊ] (ver p.167 - S)

O grafema ‘c’ pode ser pronunciado [k] ou [s] dependendo do ambiente em que se encontra. Para não haver dúvida do consulente sugerimos a adição da transcrição fonética em todas as entradas que possuem a letra ‘c’. Vejamos abaixo a sugestão para esclarecer esse grafema:

cinema [si'nemɐ] (ver p.167 - C)
precedente [prese'dẽtʃɪ] (ver p.167 - C)
bacalhau [baka'ʎaw] (ver p.167 - C)
recuperar [rekupe'rar] (ver p.167 - C)

Outro grafema que pode gerar dificuldade de pronúncia é o ‘g’, devido à sua ambiguidade fônica. Assim, defendemos a presença da transcrição na microestrutura, de todas as palavras que contenham a letra ‘g’:

agosto [a'gostʊ] (ver p.168 - G)
gato ['gatʊ] (ver p.168 - G)
glória ['glɔrjɐ] (ver p.168 - G)
esguichar [ezgi'ʃar] (ver p.168 - G)
legítimo [le'ʒitimʊ] (ver p.168 - G)
magnético [mag'nɛtikʊ] (ver p.168 - G)

origem [oˈriʒẽj] (ver p.168 - G)
regra [ˈrɛgrɐ] (ver p.168 - G)
segunda [seˈgũdɐ] (ver p.168 - G)

O grafema ‘l’, dependendo do ambiente em que se encontra, pode ser pronunciado de duas maneiras: [l] e [w]. Quando ‘l’ está na posição de uma sílaba travada (CVC), ou em final de palavra, a maior parte dos brasileiros semivocaliza essa consoante e julgamos ser pertinente ter tal informação registrada no dicionário. Vejamos abaixo a nossa sugestão pra indicar a pronúncia desse grafema:

bloco [ˈblɔkʊ] (ver p.168 - L)
delicado [deliˈkadʊ] (ver p.168 - L)
claro [ˈklarʊ] (ver p.168 - L)
calcular [kawkuˈlar] (ver p.168 - L)
pincel [pĩˈsɛw] (ver p.165 - L)

O grafema ‘r’ pode ser pronunciado de diversas maneiras, as quais são condicionadas pela variedade sociolinguística e pelo contexto grafêmico. Segue nossa sugestão para transcrição fonética desse grafema:

resumo [reˈzumʊ] (ver p.168 - R)
correio [koˈrejʊ] (ver p.168 - R)
desregulado [dezreguˈladʊ] (ver p.168 - R)
mar [ˈmar] (ver p.168 - R)
carta [ˈkartɐ] (ver p.168 - R)
prato [ˈpɾatʊ] (ver p.168 - R)
coração [koɾaˈsãʊ] (ver p.168 - R)

A pronúncia das vogais médio-altas, ‘e’ e ‘o’, pode ser aberta e fechada, porém essa diferença nem sempre é evidenciada na grafia. Em vista disso, a pronúncia dessas vogais deve ser sempre elucidada, através da inclusão da transcrição fonética na microestrutura. Nesse caso não precisa haver a remissão explícita, uma vez que o consulente tem a orientação de como pronunciar a vogal diretamente na transcrição:

apneia [apˈnɛjɐ]
boia [ˈbɔjɐ]
esforço [esˈforsʊ]
imposto [ĩˈpostʊ]
palacete [palaˈsetʃi] (ver p.167 - C)
paleozoico [paleoˈzɔjkʊ]
panaceia [panaˈsɛjɐ] (ver p.167 - C)
tabloide [taˈblɔjdʒɪ]
talvez [tawˈves] (ver p.168 - L)

❖ Letra ‘h’

A letra ‘h’ não possui som em português e consideramos importante que os dicionários tragam essa informação, pois, em diversas outras línguas, o ‘h’ tem som e isso poderia ocasionar em erros na pronúncia das palavras que contêm essa letra:

homem [ˈomẽj] (ver p.169 - H)
humanidade [umaniˈdadʒɪ] (ver p.169 - H)

❖ Dígrafos

Os dígrafos ‘ch’, ‘lh’, ‘nh’, ‘qu’ e ‘gu’ também precisam ter sua pronúncia evidenciada. Para esses segmentos, pressupomos que a transcrição fonética na microestrutura já orienta o usuário a pronunciá-los[96]:

chave [ˈʃavi]
folha [ˈfoʎɐ]
ganhar [gaˈɲar]
moleque [moˈlɛki]
seguir [seˈgir]

[96] A pronúncia dos dígrafos será também indicada no *outside matter*, mas consideramos não haver necessidade da inserção da remissão explícita.

Passamos agora a demonstrar nossa sugestão para os fonemas que possuem mais de um grafema. Nesses casos não há necessidade de remissão explícita para o *outside matter,* uma vez que somente a transcrição fonética na microestrutura já elucida a pronúncia para o consulente.

❖ Fonemas que possuem mais de um grafema

O fonema [s] tem várias maneiras de representação gráfica e isso poderia acarretar em dificuldades para quem está aprendendo o português. Os grafemas 'c', 's' e 'x' já estão compreendidos nas transcrições acima, mas ainda têm os grafema 'ç' e os dígrafos 'ss', 'xc', 'xs' e 'sc' cuja pronúncia é preciso clarificar. Nossa recomendação é que se insira a transcrição fonética na microestrutura. Se um dicionário trouxer a indicação de pronúncia de todas as palavras que se realizam com o fonema [s] utilizando o IPA, o consulente estrangeiro poderá encontrar subsídios na transcrição fonética que lhe permitirá estabelecer relações mais próximas entre o grafema e o som correspondente:

passagem [paˈsaʒẽj]
maçaneta [masaˈnetɐ]
excelência [eseˈlẽsiɐ]
exsurgir [esurˈʒir]
descer [deˈser]

O fonema [ʒ] é representado graficamente pelo 'g' e 'j'. Como assinalado acima, o 'g' faz parte do grupo dos segmentos que necessitam de remissão por ser um grafema ambíguo. Esse não é o caso da letra 'j' que só é pronunciada com [ʒ], por isso o registro da pronúncia na microestrutura já é suficiente:

janela [ʒaˈnɛlɐ]
julho [ˈʒuʎʊ]
jogar [ʒoˈgar]
sujeito [suˈʒejtʊ]

❖ Casos de homonímia

Conforme já afirmamos, os homógrafos e parônimos podem ser causadores de dúvidas no tocante à pronúncia, por se tratarem de palavras com grafias iguais (homógrafos) e semelhantes (parônimos), porém com significados totalmente distintos devido à pronúncia ser diferente de uma palavra para outra. Portanto, a presença de instruções de pronúncia no dicionário, relativas a esses fenômenos, são altamente relevantes. Nossa proposta é que os homógrafos formados por dois substantivos e constituídos por um verbo na sua forma flexionada e um substantivo sejam separados em duas entradas e que sejam seguidos pela transcrição fonética:

corte [kˈɔrti]
corte [kˈorti]
colher [koʌˈɛr]
colher [koʌˈer]
forma [fˈɔrmɐ]
forma [fˈormɐ]
lobo [lˈɔbu]
lobo [lˈobu]
porto [ˈpɔrtʊ] (1ª pess. sing.) V. portar
porto [ˈportʊ]
posto [ˈpɔstʊ] (1ª pess. sing.) V. postar
posto [ˈpostʊ]
sede [sˈɛdi]
sede [sˈedi]
soquete [soˈkɛtʃɪ]
soquete [soˈketʃɪ]

Nossa proposição para a pronúncia dos parônimos é que ela seja apontada no final dos verbetes, como os dicionários analisados fazem, porém com o registro da pronúncia realizado por meio da transcrição fonética:

auxiliar [awsiliˈar] (ver p.166 - X) v. ... Cf. par. auxilio [awsiˈljʊ] (1ª pess. sing.)/auxílio [awˈsiljʊ] (s.m.).
auxílio [awˈsiljʊ] (ver p.166 - X) s.m. ... Cf. par. auxilio [awsiˈljʊ] (1ª pess. sing. pres. ind. fl. auxiliar).

iniciar [inisiˈar] (ver p.167 - C) v. ... Cf. par. inicio [iniˈsjʊ] (1ª pess. sing.)/início [iˈnisjʊ] (s.m.).
início [iˈnisjʊ] (ver p.167 - C) s.m. ... Cf. par. inicio [iniˈsjʊ] (1ª pess. sing. pres. ind. fl. iniciar).

praticar [pratʃiˈkar] (ver p.167 - C) v. ... cf. par. pratica [praˈtʃikɐ] (3ª pess. sing.)/prática [ˈpratʃikɐ] (s.f.).
prática [ˈpratʃicɐ] (ver p.167 - C) s.m. cf. par. pratica [praˈtʃikɐ] (3ª pess. sing. pres. ind. fl. praticar).

❖ Metafonia

Nossa sugestão para os substantivos que têm sua pronúncia modificada quando estão no plural é de que essa informação seja inserida ao lado da transcrição fonética da palavra-entrada, dessa forma o consulente nota rapidamente que há diferença de pronúncia quando a palavra está no singular e quando está no plural:

caroço [kaˈrosʊ pl. kaˈrɔsos]
esforço [esˈforsʊ pl. esˈfɔrsos]
grosso [ˈgrosu pl. ˈgrɔsos]
novos [ˈnovʊ pl. ˈnɔvos]
olho [ˈoʎʊ pl. ˈɔʎos]
povo [ˈpovʊ pl. ˈpɔvos]

❖ Variações de pronúncia

Referentemente às variações de pronúncia, sugerimos que as variações amplamente empregadas para a mesma palavra devam ser registradas nos dicionários, tanto as do tipo diastrática quanto diatópica. Variações que são raras, confinadas a áreas regionais específicas

não devem ser contempladas na nossa opinião, como por exemplo, a palatalização do /t/ e /d/ antes de /a/ e /o/; palavras como <oito> e <muito> são pronunciadas [ˈojtʃʊ] e [ˈmũjtʃo] em regiões do sertão nordestino e no Mato Grosso (Ilari; Basso, 2014 p. 168).

As variações no nível fonético-fonológico observáveis no português brasileiro que compreenderemos e que não estão dicionarizadas nas obras lexicográficas analisadas são[97]:

a) Redução dos ditongos /ej/, /aj/ diante de consoantes fricativas ou da vibrante simples, exemplos: a palavra <beijo> é pronunciada pela maioria como [ˈbeʒʊ], <cheiro> se pronuncia [ˈʃerʊ] e a pronúncia de <caixa> é [ˈkaʃa].
b) Redução do ditongo /ow/ em todos os contextos, exemplos: <dourado> se fala [doˈɾadʊ] e <couro> se pronuncia [ˈkorʊ].
c) A adição de uma vogal epentética nas palavras com consoantes mudas, exemplos: "advogado" se fala [adʒivoˈgadʊ] ou ainda [adevoˈgadʊ], "etnia" se pronuncia [etʃiˈniɐ].
d) Substituição do [s] pelo [z] na pronúncia de palavras como: <subsidiar>, <subsistência>.

Além das variações apontadas acima, também incluímos aquelas que foram descritas pelos dicionários analisados, excetuando as do tipo diatópico, que assinalam a variação entre o português falado no Brasil e em Portugal.

Apreciamos a maneira com a qual o dicionário Garzanti trata das variações, assim baseamo-nos neste dicionário para indicar as variações de pronúncia. A nossa sugestão então é de que as variações de pronúncia apareçam na microestrutura[98], em seguida da pronúncia-padrão e, no final do verbete, tenha uma nota explicativa, constando se a variação é aceita em um mesmo grau que a pronúncia-padrão, se é tolerada e os casos em que a variação não é aceita:

advogado [advoˈgadʊ var. adʒivoˈgadʊ/adevoˈgadʊ]

Nota: a inserção de uma vogal epentética em alguns encontros consonantais é comum na fala dos brasileiros, no entanto não é aceita pela norma culta.

[97] As variações que são contempladas no nosso trabalho, são compreendidas nos estudos de Ilari e Basso (2014, p.98-100, 160-176) e Seara *et al*. (2015, p.148-156).
[98] Seguimos a recomendação feita por Landau (1991).

hexagonal [ezagoˈnaw var. eksagoˈnaw/egizagoˈnaw]
Nota: Todas as pronúncias são adequadas. A variação [egizagoˈnaw] é mais rara.

líquido [ˈlikidʊ var. ˈlikwidʊ]
Nota: Ambas as pronúncias são igualmente aceitas.

roteiro [roˈtejɾʊ var. roˈteɾʊ]...
Nota: o apagamento do 'i' nos ditongos decrescentes é comum na pronúncia dos brasileiros; o seu uso, no entanto, é inadequado em um contexto formal e tolerado na fala informal.

ouro [ˈowɾʊ var. ˈoɾʊ]...
Nota: o apagamento do 'u' é comum na pronúncia dos brasileiros; o seu uso, no entanto, é inadequado em um contexto formal e tolerado na fala informal.

psicologia [psikoloˈʒiɐ var. pisikoloˈʒiɐ]
Nota: a inserção de uma vogal epentética em alguns encontros consonantais é comum na fala dos brasileiros, no entanto não é aceita pela norma culta.

subsídio [subˈsidʒjʊ var. subˈzidʒjo]...
Nota: variação bastante comum na pronúncia dos brasileiros, porém não é aceita pela norma culta.

subliminar [sublimiˈnar var. sublimiˈnar]..
Nota: A variação [su-blimiˈnar] é a mais falada pelos brasileiros, porém a forma adequada, de acordo com a norma padrão é [sub-limiˈnar].

❖ Estrangeirismos

O dicionário Aulete *on-line* transcreve os estrangeirismos utilizando a pronúncia figurada. Por exemplo, a palavra *merchandising* é transcrita /mertchandáisin/, porém essa maneira de apontar a pronúncia não clarifica como o "erre" deve ser pronunciado.

Registrar a pronúncia dos estrangeirismos usando a pronúncia figurada talvez não seja a melhor alternativa, dado que a transcrição feita através desse método causa a impressão de que as palavras estrangeiras sofreram adaptação dos sons da língua de chegada e na maioria

dos casos a palavra mantém a pronúncia da língua de origem. Na pronúncia figurada é usada a grafia da língua de chegada para a transcrição, porém isso pode gerar confusão ao usuário que está acostumado a associar as letras aos sons da sua língua.

A melhor opção para o registro dos estrangeirismos é através da transcrição fonética com a utilização dos símbolos do IPA. Sabemos que há alguns símbolos que são de difícil decodificação e a nossa sugestão para o usuário poder interpretar os símbolos é o dicionário inserir, logo após a transcrição da palavra na microestrutura, uma remissão que leve o usuário ao guia de pronúncia. No *outside matter*, o consulente teria noções de fonética articulatória que o orientariam na decodificação dos símbolos.

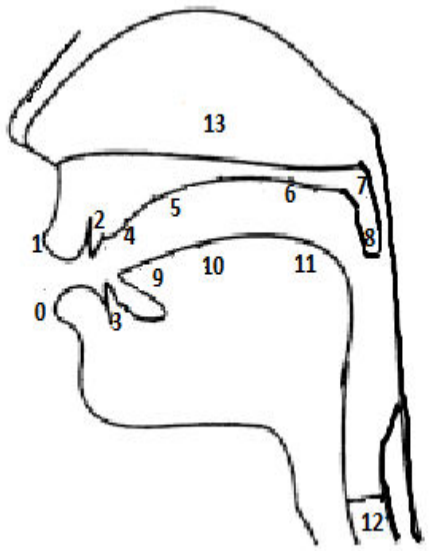
paparazzo [papaˈrattso] it. (ver p.141 - quadro fonético)
backup [ˈbækʌp] ing. (ver p.164 - quadro fonético)
entrechat [ɑ̃tʀəˈʃa] fr. (ver p.164 - quadro fonético)
kümmel [ˈkyməl] al. (ver p.164 - quadro fonético)
kung fu [koŋ fu] chn. (ver p.164 - quadro fonético)
merchandising [ˈməːtʃəndʌɪsɪŋ] (ver p.164 – quadro fonético)

3.1.2 Proposta de um guia de pronúncia

A nossa proposição para um guia de pronúncia do português é que ele sirva tanto para o consulente nativo, quanto para o usuário estrangeiro.

Para estudar a pronúncia de uma língua é primordial ter uma ideia razoavelmente clara da estrutura e das funções dos órgãos de fonação. Em vista disso, presumimos ser útil a adição de uma figura do trato vocal no *outside matter*, indicando quais são os órgãos necessários para a produção dos sons.

Assim sendo, a nossa sugestão é que o guia de pronúncia seja iniciado com a figura do trato vocal:



0 - lábio inferior
1- lábio superior
2 - dentes superiores
3 - dentes inferiores
4 - alvéolos
5 - palato duro
6 - palato mole
7 - véu do palato
8 - úvula (campainha)
9 - ápice (ponta da língua)
10 - lâmina da língua
11 - dorso da língua
12 - cordas vocais
13 - cavidade nasal

Figura 1: órgãos articulatórios do aparelho fonador.
Fonte: Adaptado pela autora a partir da figura presente em Seara et al. (2015, p.41).

Seguidamente à figura do trato vocal, sugerimos a inserção de um quadro do sistema fonético do português. Nossa proposta é que sejam contemplados os fonemas e também os alofones. Recomendamos que o quadro seja composto pelos fonemas, que tenha classificação dos sons de acordo com o IPA e exemplos com as transcrições fonéticas. A versão do IPA adotada, nas nossas transcrições, é a revisada de 2015.

Acreditamos que a inclusão do quadro, com noções de fonética articulatória, enriquece o conhecimento dos consulentes e os orienta a pronunciar os fonemas.

Segue nossa sugestão para o quadro fonético da língua portuguesa[99]:

[99] Esses quadros diferem daquele apresentado na etapa referencial: nesses são assinalados em quais contextos os alofones vocálicos ocorrem; a qual dialeto correspondem os alofones consonânticos e também há explicações de como se pronunciam os fonemas.

VOGAIS

Quadro 21 – Sons vocálicos do português brasileiro.

Símbolo do IPA	**Classificação**	**Exemplo**
Não arredondadas – vogais produzidas com os lábios distendidos. Centrais – vogais em que a língua está em uma posição mais centralizada.		
[a]*	central aberta não arredondada	pato [ˈpatʊ]
[ɐ]	central quase-aberta não arredondada (esse alofone ocorre quando a vogal 'a' estiver na posição átona em final de palavra)	pacata [paˈkatɐ]
[ã]*	central aberta não arredondada nasal (o grafema 'a' antes de nasais 'm' e 'n' sempre é pronunciado com a nasal [ã])	expansão [espãˈsãw]
Anteriores – vogais em que o corpo da língua se dirige para a parte anterior do trato vocal, em direção aos alvéolos.		
[e]	anterior semifechada não arredondada	apelo [aˈpelʊ]
[ẽ]	anterior semifechada não arredondada nasal (o grafema 'e' antes de nasais 'm' e 'n' sempre é pronunciado com a nasal [ẽ])	pente [ˈpẽtʃi]
[ɛ]	anterior semiaberta não arredondada	pé [ˈpɛ]
[i]	anterior fechada não arredondada	apito [aˈpitʊ]
[ɪ]	anterior quase fechada não arredondada (esse alofone ocorre quando a vogal 'e' estiver na posição átona em final de palavra)	tapete [taˈpetʃi]
[ĩ]	anterior fechada não arredondada nasal (o grafema 'i' antes de nasais 'm' e 'n' sempre é pronunciado com a nasal [ĩ])	ímpeto [ˈĩpetʊ]
Arredondadas – vogais produzidas com os lábios arredondados. Posteriores – vogais em que o corpo da língua se movimenta para a parte posterior do trato vocal, em direção ao palato mole.		
[o]	posterior semifechada arredondada	poço [ˈposʊ]
[õ]	posterior semifechada arredondada nasal (o grafema 'o' antes de nasais 'm' e 'n' sempre é pronunciado com a nasal [õ])	comparar [kõpaˈrar]
[ɔ]	posterior semiaberta arredondada	oratória [oraˈtɔrjɐ]

[u]	posterior fechada arredondada	número [ˈnumerʊ]
[ʊ]	posterior quase fechada arredondada (esse alofone ocorre quando a vogal 'o' estiver na posição átona em final de palavra)	tudo [ˈtudʊ]
[ũ]	posterior fechada arredondada nasal (o grafema 'u' antes de nasais 'm' e 'n' sempre é pronunciado com a nasal [ũ])	junto [ʒũtʊ]

Fonte: elaborado pela autora.

* Na língua portuguesa existem vogais orais e nasais. Na produção das vogais orais, o véu do palato fecha a passagem para a cavidade nasal, fazendo com que o ar saia somente pela cavidade oral. Nas vogais nasais, o véu palatino encontra-se abaixado, permitindo que o ar passe também pela cavidade nasal (Ver figura do trato vocal).

SEMIVOGAIS

Quadro 22 – Semivogais do português brasileiro.

Símbolo do IPA	Classificação	Exemplo
[j]	palatal sonora	piano [ˈpjanʊ]
[w]	labiovelar sonora	pauta [ˈpawtɐ] palma [ˈpawmɐ]*

Fonte: elaborado pela autora.

*na pronúncia da maioria dos brasileiros ocorre a semivocalização do grafema 'l' quando em sílaba fechada (CVC).

CONSOANTES

Quadro 23 – Sons consonânticos do português brasileiro.

Símbolo do IPA	Classificação	Exemplo
Consoantes surdas – não ocorre vibração das cordas vocais. Consoantes sonoras – ocorre vibração das cordas vocais. Oclusivas – são as consoantes produzidas com um bloqueio total e momentâneo do fluxo de ar na cavidade oral.		
[p]	oclusivas bilabiais surda e sonora – são produzidas com o lábio inferior em contato com o lábio superior.	palavra [paˈlavrɐ]
[b]		bebida [beˈbidɐ]

[t]	oclusivas dentais-alveolares surda e sonora – são produzidas com a ponta língua em contato com os dentes superiores e os alvéolos.	tabela [taˈbɛlɐ]
[d]		data [ˈdatɐ]
[k]	oclusivas velares surda e sonora – são produzidas com o dorso da língua em contato com o palato mole.	caderno [kaˈdɛrnʊ]
[g]		gato [ˈgatʊ]
Africadas – consoantes produzidas com um bloqueio total e momentâneo do fluxo de ar, seguida de um estreitamento do canal bucal e o ar sai produzindo fricção.		
[tʃ] (alofone do fonema [t] antes da vogal 'i' e da vogal 'e' em final de palavra)	africadas alveopalatais surda e sonora – são produzidas com a lâmina da língua em contato com o palato duro.	tia [ˈtʃiɐ] porte [ˈpɔrtʃɪ]
[dʒ] (alofone do fonema [d] antes da vogal 'i' e da vogal 'e' em final de palavra")		dia [ˈdʒiɐ] cidade [siˈdadʒi]
Fricativas – os articuladores se aproximam estreitando o trato vocal; o ar sai produzindo fricção.		
[f]	fricativas labiodentais surda e sonora – são produzidas com o lábio inferior em contato com os dentes superiores.	faca [ˈfakɐ]
[v]		vaca [ˈvakɐ]
[s]	fricativas alveolares surda e sonora – são produzidas com os lados da língua em contato com os alvéolos.	sala [ˈsalɐ] calça [ˈkawsɐ]
[z]		zebra [ˈzebrɐ] casa [ˈkaza]
[ʃ]	fricativas alveopalatais surda e sonora – são produzidas com a lâmina da língua em contato com o palato duro.	chata [ˈʃatɐ] xícara [ˈʃikarɐ]
[ʒ]		jaca [ˈʒakɐ] gema [ˈʒemɐ]
[x] (alofone presente na pronúncia da capital do Rio de Janeiro)	fricativas velares surda e sonora – são produzidas com o dorso da língua em contato com o véu do palato.	carro [ˈkaxʊ] corta [ˈkɔxtɐ]
[ɣ] (alofone presente na pronúncia da capital do Rio de Janeiro)		corda [ˈkɔɣdɐ]

[h] (alofone presente na pronúncia de Minas Gerais e São Paulo)	fricativas glotais surda e sonora – são sons produzidos pelas cordas vocais	carro [ˈkahʊ] corta [ˈkɔhtɐ]
[ɦ] (alofone presente na pronúncia de Minas Gerais e São Paulo)		corda [ˈkɔɦdɐ]
Nasais – consoantes produzidas com um bloqueio total e momentâneo do fluxo de ar na cavidade oral; ocorre um abaixamento simultâneo do véu do palato, permitindo a liberação do ar pela cavidade nasal.		
[m]	nasal bilabial sonora – é produzida com o lábio inferior em contato com o lábio superior.	mala [ˈmalɐ]
[n]	nasal alveolar sonora – é produzida com a ponta da língua em contato com os alvéolos.	nada [ˈnadɐ]
[ɲ]	nasal palatal sonora – é produzida com a lâmina da língua em direção ao palato duro.	sonho [ˈsoɲʊ]
[ɾ] (fonema presente na pronúncia do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e de São Paulo)	tepe alveolar sonora – é produzida com uma rápida e única batida da ponta da língua em contato com os alvéolos.	cara [ˈkaɾɐ] corta [ˈkɔɾtɐ] mar [ˈmaɾ]
[r] (fonema presente na pronúncia do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e na capital de São Paulo)	vibrante alveolar sonora – é produzida com várias e rápidas batidas da ponta da língua em contato com os alvéolos.	carro [ˈkarʊ] rio [ˈriʊ]
[ɻ] (alofone presente na pronúncia do dialeto caipira; falado no interior de São Paulo, Paraná)	aproximante retroflexa sonora – é produzido com o levantamento e encurvamento da ponta da língua em direção ao palato duro.	corta [ˈkɔɻtɐ] mar [ˈmaɻ]
Laterais – o fluxo de ar é bloqueado na linha central da boca pelos articuladores; o ar sai pelos lados da boca.		
[l]	lateral alveolar sonora – é produzida com a ponta da língua em contato com os alvéolos.	lata [ˈlatɐ] placa [ˈplakɐ]
[ʎ]	lateral palatal sonora – é produzida com a lâmina da língua em direção ao palato duro.	palha [ˈpaʎɐ]
[ɬ] (alofone presente na pronúncia de algumas regiões do sul do Brasil)	lateral velar sonora – é produzida com o dorso da língua em contato com o véu do palato.	mal [ˈmaɬ]

Fonte: elaborado pela autora.

Com o conhecimento de como se produzem os sons da língua portuguesa e do trato vocal, admitimos que ficará mais fácil para o consulente conseguir pronunciar os fonemas das palavras estrangeiras existentes no nosso idioma.

Asseveramos que, a proposta de combinar as informações contidas nos quadros com a figura do trato vocal é de grande valia para o usuário. Corroboramos isto com a asserção de Canepari (1979, p. 13, grifos do autor):

> É vantajoso aprender os termos empregados para descrever o mecanismo de fonação e examinar, quando possível, os órgãos fonatórios e os seus movimentos na produção dos sons da própria língua, bem como com a ajuda de figuras "sentir" os movimentos usados durante a execução dos sons, pois não é fácil, ou não é possível, ver efetivamente os órgãos enquanto se fala. Fazendo dessa maneira, se adquirirá uma *cinestesia* (ter consciência dos movimentos e das posições dos órgãos antes desconhecidos) que permitirá ter o controle necessário do aparato fonatório para poder conseguir articular qualquer som de qualquer língua[100].

Por isso, na sequência, sugerimos a adição de um quadro[101] com os fonemas empregados na transcrição fonética dos estrangeirismos e instruções de como pronunciá-los[102]:

Quadro 24 – Fonemas de palavras estrangeiras.

Símbolo IPA	**Classificação**	**Exemplos**
Vogais		
ə	Som semelhante ao [e], mas com a língua um pouco mais recuada.	workaholic [wɜːkəˈhɑlɪk]
ɪ	som semelhante ao [i], mas com a boca e a língua na posição da vogal [e].	miss [mɪs]

[100] No original: "Sarà opportuno imparare i termine usati per descrivere il meccanismo di fonazione ed esaminare, per quanto possibile, gli organi fonatori e i loro movimenti nella produzione dei suoni della propria lingua cercando, coll'auito dei diagrammi di "sentire" anche i movimenti durante l'esecuzione di suoni per i quali non è facile, o non è possibile, veder effetivamente gli organi mentre si parla normalmente. Così facendo s'acquisirà una sufficiente *cinestesia* (l'aver coscienza dei movimenti e delle posizione degli organi prima sconosciute) che permetterà d'avere il controllo necessario sull'apparato fonatorio per poter arrivare ad articolare qualsiasi suono di qualsiasi lingua".

[101] Para elaboração do quadro utilizamos alguns dos fonemas estrangeiros presentes nos quadros fonéticos dos dicionários Aurélio (2010) e Houaiss (2012). Para transcrever os estrangeirismos do inglês usamos as transcrições fonéticas do dicionário Cambridge *on-line*; para as do francês empregamos as transcrições do Aurélio (2010); e as transcrições do italiano foram feitas por nós.

[102] Na transcrição adotamos a variação americana para os estrangeirismos da língua inglesa, assim como é feito pelos dicionários Aurélio (2010) e Houaiss (2012).

æ	som semelhante ao da vogal [ɛ], mas com a boca mais aberta.	backing vocal [ˈbækɪŋ ˈvoʊkl]
ɒ	som semelhante ao [a], mas com a boca menos aberta e a língua mais recuada	blockbuster [ˈblɒkbʌstəɹ]
ʌ	som semelhante ao [ɔ], mas com os lábios estendidos	cover [ˈkʌvəɹ]
ʊ	Ver quadro das vogais do português acima.	e-book [ˈiːbʊk]
y	som semelhante ao [i], mas com os lábios arredondados	fondue [fɔ̃ˈdy]
Ø	som semelhante ao [e], mas com os lábios arredondados	cordon-bleu [kɔʁˈdɔ blØ]
œ	som semelhante ao [ɛ], mas com os lábios arredondados	tailleur [tɒˈjœʁ]
Consoantes		
θ	fricativa dental surda som semelhante ao [s], mas é produzido com a ponta da língua entre os dentes.	bluetooth [ˈbluːtuːθ]
ð	fricativa dental sonora som semelhante ao [z], mas é produzido com a ponta da língua entre os dentes.	brother [ˈbɹʌðəɹ]
ŋ	nasal velar sonora dorso da língua em direção ao palato mole e o ar sai pelo nariz	mailing [ˈmeɪlɪŋ]
ts	africada dental-alveolar surda pronúncia como o “z” de pizza	paparazzi [papaˈratzːi]
dz	africada dental-alveolar sonora pronúncia como do [ts], mas com vibração das cordas vocais	mezzosoprano [mɛdzːosoˈprano]
h	fricativa glotal surda Ver quadro das consoantes do português acima	hacker [ˈhækəɹ]
r	vibrante alveolar sonora som produzido com algumas batidas da língua em direção aos alvéolos Ver quadro das consoantes do português acima	ravioli [raviˈɔli]

ɻ	retroflexa alveolar sonora som produzido com o levantamento e encurvamento da ponta da língua em direção ao palato duro. Ver quadro das consoantes do português acima	relax [ɹɪˈlæks]
ʁ	fricativa uvular sonora som produzido com o dorso da língua em direção à úvula pronúncia do "rr" em algumas regiões do Brasil	brie [bʁi]
ː	diacrítico que indica vogal longa e consoante geminada a pronúncia é contínua pelo dobro do tempo em comparação a uma vogal curta e consoante simples.	teenager [ˈtiːneɪdʒəɹ] Ing. cappuccino [kapːuˈtʃːino]

Fonte: elaborado pela autora.

Visando o consulente estrangeiro, sugerimos o estabelecimento de algumas regras[103], as quais auxiliariam na aprendizagem do sistema gráfico e fonético da língua portuguesa.

Estas regras também podem ajudar o falante nativo a entender melhor o sistema fonético e gráfico da língua portuguesa.

Regra do x

O grafema 'x' se pronuncia:

- [ʃ] quando inicia uma sílaba seguida de vogal. Exemplo: abacaxi, xícara.

  Quando está entre os ditongos 'ei', 'ou', 'ai' e vogal. Exemplo: feixe, caixa.

  Quando está entre a letra 'n' e vogal. Exemplo: enxame.
- [ks] quando é a última letra de uma palavra. Exemplo: tórax.

  Quando inicia sílaba seguida de vogal. Exemplo: táxi.
- [z] quando a palavra inicia por 'e' e o 'x' começar a sílaba seguinte e ser seguido por vogal. Exemplo: exato.

[103] As regras que elaboramos foram baseadas no estudo sobre o sistema alfabético do português brasileiro, realizado por Scliar-Cabral (2003).

A anteposição de um prefixo não invalida a regra. Exemplo: reexaminar

- [s] quando está no final de sílaba precedido pela vogal ‘e’ e seguido por ‘p’, ‘t’, ‘c’, ‘f’. Exemplos: explicar, texto, exclamar. Nesse caso a pronúncia também pode ser [ʃ], dependendo da variedade sociolinguística.
  Nas palavras máximo, máxima, trouxe.

Regra do s

O grafema ‘s’ se pronuncia:

- [s] quando estiver em início de palavra. Exemplo: sistema.
  Quando estiver depois das letras ‘n’, ‘l’ e ‘r’. Exemplos: senso, bálsamo, concurso.
  Seguido das consoantes ‘p’, ‘t’, ‘c’, ‘q’ e ‘f’. Essas consoantes são surdas (produzidas sem vibração das cordas vocais) e o ‘s’ assimila o som da consoante que o segue. Exemplo: costa, pescar, casca, esfinge. Nesse caso a pronúncia também pode ser [ʃ], dependendo da variedade sociolinguística.
- [z] quando estiver entre vogais ou semivogais. Exemplos: mesa, casual, deusa.
  Seguido das consoantes ‘b’, ‘d’, ‘g’, ‘v’, ‘m’, ‘n’, ‘l’, ‘r’. Essas consoantes são sonoras (produzidas com vibração das cordas vocais) e o ‘s’ assimila o som da consoante que o segue. Exemplos: dislexia, desde, desvario. Nesse caso a pronúncia também pode ser [ʒ], dependendo da variedade sociolinguística.

Regra do c

O grafema ‘c’ se pronuncia:

- [s] quando seguido pelas vogais ‘i’ e ‘e’ com ou sem acento gráfico. Exemplos: acesso, cênico, círculo, reciclar.
- [k] quando seguido pelas vogais ‘a’, ‘o’, ‘u’ com ou sem acento gráfico. Exemplos: cabo, seco, cubo.
  Quando seguido das consoantes ‘l’ e ‘r’. Exemplos: clave, cravo.

Regra do g

O grafema ‘g’ se pronuncia:

- [ʒ] quando seguido pelas vogais ‘i’ e ‘e’ com ou sem acento gráfico. Exemplos: girar, egípcio, rege, agência.
- [g] quando seguido pelas vogais ‘a’, ‘o’, ‘u’ com ou sem acento gráfico. Exemplos: colega, negócio, degustar, seguir.

  Quando seguido pelas consoantes ‘l’, ‘n’ e ‘r’. Exemplos: glicerina, gnomo, agradecer.

Regra do l

O grafema ‘l’ se pronuncia:

- [l] quando inicia palavra ou sílaba seguido por vogal. Exemplo: lua, cola, louco.

  No encontro consonantal com ‘b’ e ‘c’. Exemplo: tablado, concluir.
- [w] quando em final de sílaba e de palavra ocorre a semivocalização do ‘l’. Exemplo: calma, papel.

Regra do r

O grafema ‘r’ se pronuncia:

- [r] em início de palavra e de sílaba. Em início de sílaba é representado graficamente por dois erres ‘rr’. Exemplo: regra, sorriso. No português há variadas pronúncias para o ‘r’ e ‘rr’, como por exemplo, [ɣ] fricativa velar sonora (falado pelos cariocas), [h] fricativa glotal surda (falado pelos mineiros).

  Em início de sílaba, depois das letras ‘l’, ‘n’, ‘s’. Exemplos: enrugar, desrespeito.

  Quando em final de sílaba e de palavra. Exemplos: triunfar, reforço. Nesse caso também pode ter diversas formas de realização do ‘r’, por exemplo, [ɹ] retroflexa alveolar sonora (falado no interior de São Paulo, Paraná).

Pelo fato de o ‘r’, nos contextos recém-mencionados e o ‘rr’ admitirem diversas pronúncias, condicionadas conforme a região do falante, optamos por transcrever com [r].

- [ɾ] quando em início de sílaba entre vogais ou entre vogal e semivogal, ou entre semivogal e vogal. Exemplo: caro, bruxaria, couro.
  No encontro consonantal com ‘b’, ‘c’, ‘d’, ‘f’, ‘g’, ‘p’, ‘t’. Exemplo: bravo, cravo, frenético, contrato.

Regra do h

A letra ‘h’ não tem som em português em todos os contextos. Exemplo: super-homem, hoje, Ah!.

Dígrafos da língua portuguesa

Por último, sugerimos que os dígrafos tenham sua pronúncia explicitada, em razão de serem segmentos que variam na grafia e na pronúncia de uma língua para outra:

ch – sempre se pronuncia com o fonema [ʃ]. Exemplo: chave [ˈʃavi]

lh - sempre se pronuncia com o fonema [ʎ]. Exemplo: folha [ˈfoʎa]

nh - sempre se pronuncia com o fonema [ɲ]. Exemplo: ganhar [gaˈɲar]

qu - sempre se pronuncia com o fonema [k] quando seguido das vogais ‘e’ e ‘i’. Exemplo: moleque [moˈlɛke]

gu - sempre se pronuncia com o fonema [g] quando seguido das vogais ‘e’ e ‘i’. Exemplo: Seguir [seˈgir]

ss - sempre se pronuncia com o fonema [s]. Exemplo: passagem [paˈsaʒẽj]

xc - sempre se pronuncia com o fonema [s]. Exemplo: excelência [eseˈlẽsia]

xs - sempre se pronuncia com o fonema [s]. Exemplo: exsurgir [esurˈʒir]

sc - sempre se pronuncia com o fonema [s]. Exemplo: descer [deˈser]

sç - sempre se pronuncia com o fonema [s]. Dígrafo encontrado na conjugação de alguns verbos. Exemplo: nasço [naˈso].

3.2 Dicionários monolíngues da língua italiana

3.2.1 Proposta para o registro da pronúncia na microestrutura

Na língua italiana, o que se lê é bastante próximo ao que se escreve. Devido a isso, a nossa proposta para esse idioma é indicar a pronúncia na microestrutura, por meio de transcrição fonética, somente dos fonemas e grafemas que não possuem relação biunívoca, seguindo assim a linha de pensamento da maioria dos lexicógrafos.

Como verificamos anteriormente, no italiano existem 21 grafemas que dão conta de representar 30 fonemas. Esse déficit gera diversas ambiguidades gráficas que devem ser mais bem descritas nos dicionários. Nossa sugestão para desambiguizar as letras e fonemas é que, logo depois da palavra-entrada, se insira a transcrição fonética e, em seguida, se introduza uma remissão que leve o usuário até o *outside matter*. Abaixo descrevemos a respeito dos grafemas que podem gerar dúvidas na produção oral.

❖ Grafemas que possuem mais de um fonema

O grafema ‘c’ possui duas possibilidades de pronúncia, dependendo do contexto pode ser pronunciado com o fonema [tʃ] ou [k]:

cinema [ˈtʃinema] (ver p.180 - C)
cervello [tʃerˈvɛllo] (ver p.180 - C)
colega [koˈllega] (ver p.180 - C)
crisi [ˈkrizi] (ver p.180 - C)

O grafema ‘g’ pode ser pronunciado [dʒ] ou [g]:

giro [ˈdʒiro] (ver p.181 - G)
gente [ˈdʒɛnte] (ver p.181 - G)
garanzia [garanˈtsia] (ver p.181 - G)
glossario [gloˈssarjo] (ver p.181 - G)
grigio [ˈgridʒo] (ver p.181 - G)

O grafema ‘s’ pode ser pronunciado [s] ou [z], dependendo das letras que o precedem e/ou seguem e da posição que ocupa na palavra:

somma [ˈsɔmma] (ver p.181 - S)
squadra [ˈskwadra] (ver p.181 - S)
occasione [okkaˈzjone] (ver p.181 - S)
sgradevole [zgraˈdevole] (ver p.181 - S)

O grafema ‘z’ pode ser produzido oralmente como [ts] e [dz] e isso faz a pronúncia dessa letra ser potencialmente ambígua:

zaino [ˈdzajno] (ver p.181 - Z)
traduzione [traduˈtsjone] (ver p.181 - Z)

A pronúncia das vogais médio-altas, ‘e’ e ‘o’, não é transparente, elas podem ter pronúncia aberta e fechada, porém essa diferença não é evidenciada na grafia. Por conseguinte, a pronúncia das vogais médio-alta deve ser sempre esclarecida nos dicionários, mediante a inclusão da transcrição fonética na microestrutura. Nesse caso não precisa haver a remissão explícita, uma vez que o consulente tem a instrução de como pronunciar a vogal diretamente na transcrição:

alimento [aliˈmento]
interprete [inˈtɛrprete]
regione [reˈdʒone] (ver p.181 - G)
polo [ˈpɔlo]

❖ Dígrafos e trigramas

A língua italiana possui dígrafos, são eles: ‘ch', ‘gh’, ‘gn’, ‘gl’, ‘sc’, ‘ci’, ‘gi’; e trigramas[104] ‘sci’, ‘gli’. Como se pronuncia o encontro de duas letras e três letras pode não ser

[104] No italiano existe também o trigrama ‘gni’, no entanto é bem pouco frequente. Trata-se de algumas formas verbais na 1ª pessoa do plural, por exemplo, <bagniamo>, <sogniamo>. Por isso, não incluímos as palavras-entrada que contêm esse trigrama.

fácil para os consulentes, assim sendo em nossa opinião a informação fônica deve ser registrada na microestrutura com a transcrição fonética da palavra-entrada:

chiamare [kjaˈmare]
ghiotto [ˈgjɔtto]
legno [ˈleɲo]
gli [ʎi]
scelta [ˈʃɛlta]
cioccolata [tʃokkoˈlata]
giovane [ˈdʒovane]
sciare [ʃiˈare]
paglia [ˈpaʎʎa]

❖ Consoantes geminadas

Na língua italiana, a oposição entre consoantes breves *versus* consoantes longas, ou geminadas, é de grande importância, na medida em que define pares de vocábulos diferentes. Por exemplo, <*caro*>['karo] ~ <*carro*> ['karro], <*ala*> ['ala] ~ <*ala*> ['alla], <*vano*> ['vano] ~ <*vanno*> [ˈvanno], <*eco*> [ˈeko] ~ <*ecco*> [ˈekko] são pares mínimos que se distinguem exclusivamente pelo traço da duração consonantal, ou seja, cada palavra do par tem um significado diferente devido à presença de uma consoante breve ou longa. Por isso, os dicionários devem transcrever foneticamente as palavras que tenham consoantes geminadas e explicar no *outside matter* como se elas são produzidas quando comparadas aos seus pares simples[105]:

amministrare [amminisˈtrare]
diciotto [diˈtʃɔtto]
cappello [kaˈppɛllo] (ver p.182 - PP)
pappa [ˈpappa] (ver p.182 - PP)

[105] A nossa proposta é ter a remissão explícita somente nos casos de palavras que formam pares mínimos, já que a presença ou ausência da geminação inside em diferença de significado. Para os casos que não formam pares mínimos, haveria somente a transcrição fonética.

❖ Palavras homógrafas

Com as análises dos dicionários da língua italiana, constatamos que eles não são coerentes quanto à dicionarização dos homógrafos. As obras apresentam algumas palavras homógrafas e outras não. Acreditamos que essas ocorrências devem ser registradas de forma sistemática nos dicionários, pois são palavras com grafias iguais, porém com pronúncias diferentes, o que ocasiona diferentes significados. Nossa proposição é que os homógrafos sejam separados em duas entradas e que sejam seguidos pela transcrição fonética, desse modo o consulente será capaz de perceber a diferença de pronúncia rapidamente[106]:

accetta [atʃˈtʃetta]
accetta [atʃˈtʃɛtta] (3ª pess. sing. pres. ind. v. accettare)
ancora [ˈankora]
ancora [anˈkora]
colto [ˈkolto]
colto [ˈkɔlto] (part. pass. v. cogliere)
perdono [perˈdono]
perdono [ˈpɛrdono] (3ª pess. pl. pres. ind. v. perdere)
subito [ˈsubito]
subito [suˈbito] (part. pass. v. subire)
venti [ˈventi]
venti [ˈvɛnti] (pl. s.m. vento)

❖ Variações de pronúncia

Nossa proposta é que os dicionários de língua italiana forneçam as variações de pronúncia que ocorrem dentro do italiano padrão[107] e somente as do tipo diastrático sejam contempladas[108]. As variações serão incluídas na microestrutura, em seguida da pronúncia-padrão.

---

[106] Não expomos todos os homógrafos da língua italiana, exibimos alguns para ilustrar nossa proposta.
[107] Na seleção de indicação das formas variantes, baseamo-nos nas variações de pronúncia exibidas no Dizionario di pronuncia italiana, escrito por Luciano Canepari no ano de 2009.
[108] Não indicaremos a variação da sibilante [z], por exemplo, <*affettuoso*> é pronunciado [affettuˈozo] no italiano padrão; a pronúncia de [s] no lugar de [z], é uma variação regional, a qual ocorre na região da Toscana.

Servimo-nos do modelo proposto pelo dicionário Garzanti para descrever o grau de aceitabilidade da forma variante. Então, no final do verbete há uma nota explicativa, constando se a variação é admitida em um mesmo grau que a pronúncia-padrão, se é tolerada e os casos em que a variação deve ser evitada:

aeroporto [aeroˈpɔrto var. areoˈpɔrto]
Nota: a variação de pronúncia [areoˈpɔrto] deve ser evitada.

affittasi [afˈfittasi var. afˈfitazi]
Nota: a variação de pronúncia [afˈfitazi] deve ser evitada.

badiale [badiˈale var. baˈdjale]
Nota: ambas as pronúncias são igualmente aceitas.

cognome [koɲˈɲome var. koɲˈɲɔme]
Nota: ambas as pronúncias são igualmente aceitas.

febre [ˈfɛbbre var. ˈfebbre]
Nota: a variação [ˈfebbre] é tolerada.

mentore [ˈmɛntore var. ˈmentore/menˈtore]
Nota: a variação [ˈmentore] é tolerada; [menˈtore] deve ser evitada.

prototipo [proˈtɔtipo var. protoˈtipo]
Nota: a variação [protoˈtipo] deve ser evitada.

❖ Estrangeirismos

Os dicionários Zingarelli e Garzanti registram os estrangeirismos, na microestrutura, por meio da transcrição fonética e essa também é a nossa proposta. Além da transcrição, recomendamos que, em seguida da transcrição, haja uma remissão explícita que leve o consulente até o guia de pronúncia, onde estão contidas orientações de como se produzem os fonemas das palavras estrangeiras:

backstage [bækˈsteɪdʒ] ing. (ver p.179 – quadro fonético)
blitz [blɪts] al. (ver p.179 - quadro fonético)

caipirinha [kaipiˈrĩɲa] port. (ver p.179 - quadro fonético)

découpage [dekuˈpaʒ] fr. (ver p.179 - quadro fonético)

wrestling [ˈreslɪŋ] esp. (ver p.179 - quadro fonético)

3.2.2 Proposta de um guia de pronúncia

A nossa proposição para um guia de pronúncia do italiano é que ele sirva tanto para o consulente nativo, quanto para o usuário estrangeiro.

Sugerimos que se inicie o guia com a figura do trato vocal, esclarecendo quais são os órgãos necessários para produção dos sons. Conforme Seara et al. (2015, p.37), "o contato com a fisiologia do trato vocal e com os órgãos responsáveis pela produção de fala conduz a um entendimento mais apurado sobre as vogais e consoantes no nível articulatório".

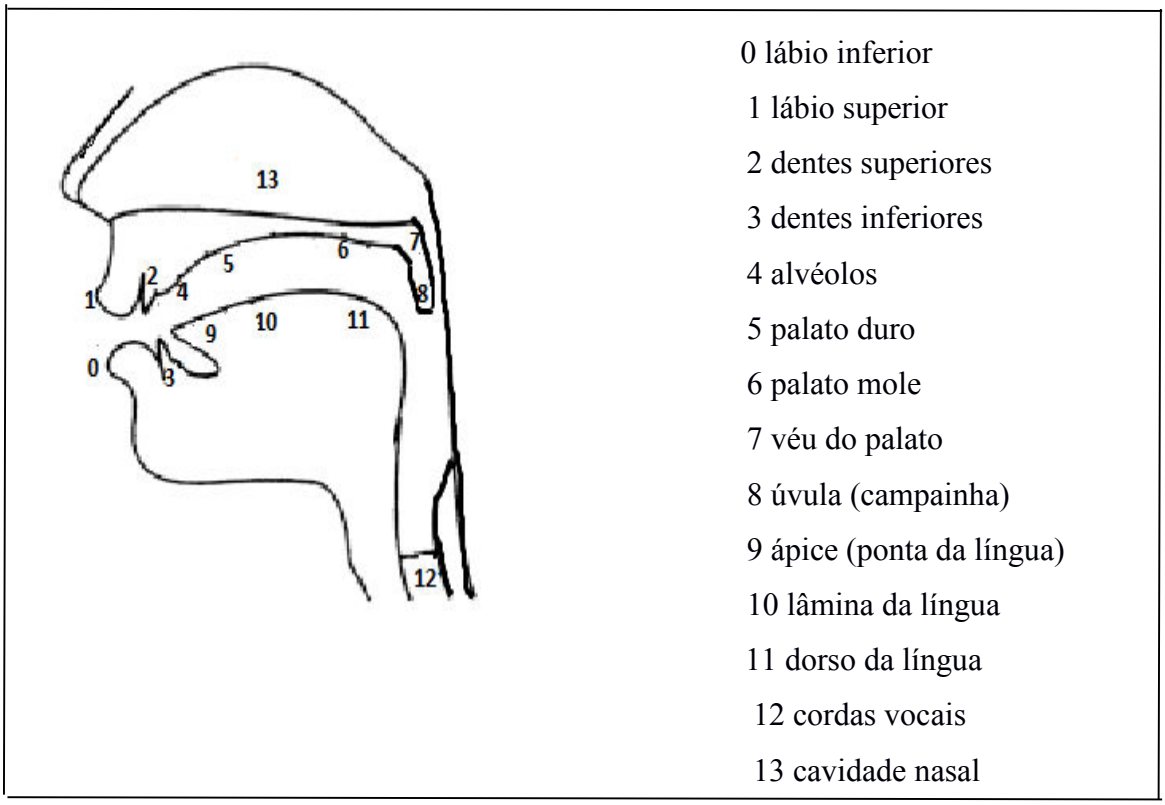


Figura 2: órgãos articulatórios do aparelho fonador.

Fonte: Adaptado pela autora a partir da figura presente em Seara et al. (2015, p.41).

Seguidamente à figura do trato vocal, sugerimos a inclusão de dois quadros: no primeiro, são abrangidos os fonemas da língua italiana; no segundo, os fonemas das línguas estrangeiras. Os quadros propostos são compostos dos símbolos fonéticos, da classificação dos sons de acordo com o IPA[109] e de exemplos seguidos pela transcrição fonética. A distribuição das instruções de pronúncia através de quadros permite fácil visualização e é de grande ajuda ao consulente, visto que a busca é prática e as respostas são esclarecidas de maneira rápida e ágil.

Inserimos também, nos quadros, elementos de fonética articulatória, porque acreditamos que essas noções enriquecem o conhecimento dos consulentes e os instrui na pronúncia dos fonemas.

Segue nossa sugestão para o quadro fonético da língua italiana[110]:

VOGAIS

Quadro 25 – Fonemas vocálicos da língua italiana.

Símbolo do IPA	**Classificação**	**Exemplo**
Não arredondadas – vogais produzidas com os lábios distendidos. Central – vogal em que a língua está em uma posição mais centralizada.		
[a]	central aberta não arredondada	albero [ˈalbero]
Anteriores – vogais em que o corpo da língua se dirige para a parte anterior do trato vocal, em direção aos alvéolos.		
[e]	anterior semifechada não arredondada	perché [perˈke]
[ɛ]	anterior semiaberta não arredondada	vento [ˈvɛnto]
[i]	anterior fechada não arredondada	lista [ˈlista]
Arredondadas – vogais produzidas com os lábios arredondados. Posteriores – vogais em que o corpo da língua se movimenta para a parte posterior do trato vocal, em direção ao palato mole.		

[109] A versão do IPA adotada é a revisada de 2015.

[110] Esses quadros diferem daquele apresentado na etapa referencial, pois é demonstrado como pronunciam os fonemas.

[o]	posterior semifechada arredondada	giorno [ˈdʒorno]
[ɔ]	posterior semiaberta arredondada	cuore [ˈkwɔre]
[u]	posterior fechada arredondada	uva [ˈuva]

Fonte: elaborado pela autora.

SEMIVOGAIS

Quadro 26 – Semivogais da língua italiana.

Símbolo do IPA	**Classificação**	**Exemplo**
[j]	palatal sonora	piano [ˈpjano]
[w]	labiovelar sonora	buono [ˈbuɔno]

Fonte: elaborado pela autora.

CONSOANTES

Quadro 27 – Fonemas consonânticos da língua italiana.

Símbolo do IPA	**Classificação**	**Exemplo**
Consoantes surdas – não ocorre vibração das cordas vocais. **Consoantes sonoras – ocorre vibração das cordas vocais.** **Oclusivas – são as consoantes produzidas com um bloqueio total e momentâneo do fluxo de ar na cavidade oral.**		
[p]	oclusivas bilabiais surda e sonora* – são produzidas com o lábio inferior em contato com o lábio superior.	parola [paˈrɔla]
[b]		bibita [ˈbibita]
[t]	oclusivas dentais-alveolares surda e sonora – são produzidas com a ponta da língua em contato com os dentes superiores e os alvéolos.	tavola [ˈtavola]
[d]		diritta [diˈritta]
[k]	oclusivas velares surda e sonora – são produzidas com o dorso da língua em contato com o palato mole.	concorso [konˈkorso]
[g]		galleria [galleˈria]
Africadas – consoantes produzidas com um bloqueio total e momentâneo do fluxo de ar, seguida de um estreitamento do canal bucal e o ar sai produzindo fricção.		

[tʃ]	africadas alveopalatais surda e sonora – são produzidas com a lâmina da língua em contato com o palato duro.	cervello [tʃerˈvɛllo]
[dʒ]		giraffa [dʒiˈraffa]
[ts]	africada dental-alveolar surda	pazzo [paˈttso]
[dz]	africada dental-alveolar sonora	zebra [ˈdzɛbra]
Fricativas – os articuladores se aproximam estreitando o trato vocal; o ar sai produzindo fricção.		
[f]	fricativas labiodentais surda e sonora – são produzidas com o lábio inferior em contato com os dentes superiores.	felice [feˈlitʃe]
[v]		valere [vaˈlere]
[s]	fricativas alveolares surda e sonora – são produzidas com os lados da língua em contato com os alvéolos.	sedile [seˈdile]
[z]		riso [ˈrizo]
[ʃ]	fricativas alveopalatais surda e sonora – são produzidas com a lâmina da língua em contato com o palato duro.	scena [ˈʃɛna]
Nasais – consoantes produzidas com um bloqueio total e momentâneo do fluxo de ar na cavidade oral; ocorre um abaixamento simultâneo do véu do palato, permitindo a liberação do ar pela cavidade nasal.		
[m]	nasal bilabial sonora - é produzida com o lábio inferior em contato com o lábio superior.	misura [miˈzura]
[n]	nasal alveolar sonora – é produzida com a ponta da língua em contato com os alvéolos.	naso [ˈnazo]
[ɲ]	nasal palatal sonora – é produzida com a lâmina da língua em direção ao palato duro.	sogno [ˈsoɲo]
[r]	vibrante alveolar sonora – é produzida com várias e rápidas batidas da ponta da língua em contato com os alvéolos.	romano [roˈmano]
Laterais – o fluxo de ar é bloqueado na linha central da boca pelos articuladores; o ar sai pelos lados da boca.		
[l]	lateral alveolar sonora - é produzida com a ponta da língua em contato com os alvéolos.	linea [ˈlinea]
[ʎ]	lateral palatal sonora - é produzida com a lâmina da língua em direção ao palato duro.	paglia [ˈpaʎa]

Fonte: elaborado pela autora.

Seguidamente, sugerimos a inserção de um quadro[111] com os fonemas aplicados na transcrição fonética dos estrangeirismos e instruções de como pronunciá-los[112]:

Quadro 28 – Fonemas de palavras estrangeiras.

Símbolo IPA	Classificação	Exemplos
Vogais		
ə	Som semelhante ao [e], mas com a língua um pouco mais recuada.	wireless [ˈwaɪələs]
ɪ	som semelhante ao [i], mas com a boca e a língua na posição da vogal [e].	hit [hɪt]
æ	som semelhante ao da vogal [ɛ], mas com a boca mais aberta.	backup [ˈbækʌp]
ɒ	som semelhante ao [a], mas com a boca menos aberta e a língua mais recuada.	hot spot [ˈhɒtˌspɒt]
ʌ	som semelhante ao [ɔ], mas com os lábios estendidos.	custom [ˈkʌstəm]
ʊ	som semelhante ao da vogal [u], mas com a boca menos fechada.	booking [ˈbʊkiŋ]
y	som semelhante ao [i], mas com os lábios arredondados.	fondue [fɔ̃ˈdy]
Ø	som semelhante ao [e], mas com os lábios arredondados.	cordon-bleu [kɔʀˌdɔ̃ˈblØ]
œ	som semelhante ao [ɛ], mas com os lábios arredondados.	tailleur [taˈjœʀ]
Consoantes		
θ	fricativa dental surda. som semelhante ao [s], mas é produzido com a ponta da língua entre os dentes.	thriller [ˈθrɪlə]
ð	fricativa dental sonora. som semelhante ao [z], mas é produzido com a ponta da língua entre os dentes.	fathom [ˈfæðəm]
ŋ	nasal velar sonora. produzida com o dorso da língua em direção ao palato mole e o ar sai pelo nariz.	bang [ˈbæŋ]

[111] Para a elaboração do quadro, utilizamos alguns dos fonemas de palavras estrangeiras presentes no quadro fonético do dicionário Zingarelli (2014). Para transcrever os estrangeirismos do inglês, empregamos as transcrições fonéticas do dicionário Cambridge *on-line*; para as do francês, aplicamos as transcrições do Zingarelli (2014); e as transcrições do português foram feitas por nós.

[112] Na transcrição adotamos a variação britânica para os estrangeirismos da língua inglesa, assim como é feito pelo dicionário Zingarelli (2014).

ʒ	fricativa alveopalatal sonora. produzida com a lâmina da língua em contato com o palato duro.	maracujá [marakuˈʒa]
ɣ	fricativa velar sonora. produzida com o dorso da língua em contato com o véu do palato.	malagueña [malaˈɣeɲa]
h	fricativa glotal surda. som produzido pelas cordas vocais.	handball [ˈhændˌbɔːl]
ɾ	tepe alveolar sonora produzida com uma rápida e única batida da ponta da língua em contato com os alvéolos.	vaquero [baˈkeɾo]
ç	fricativa palatal surda. produzida com a lâmina da língua em direção ao palato duro.	Reich [ʀaeç]
ː	diacrítico que indica vogal longa e consoante geminada. a pronúncia é contínua pelo dobro do tempo em comparação a uma vogal curta e consoante simples.	teenager [ˈtiːneɪdʒəɹ] Ing. cappuccino [kapːuˈtʃːino]

Fonte: elaborado pela autora.

Visando o consulente estrangeiro, sugerimos o estabelecimento de algumas regras, as quais auxiliariam na aprendizagem da pronúncia da língua italiana. Com elas pretendemos colaborar no desenvolvimento da capacidade de compreensão e orientar o aprendiz para uma produção oral bastante próxima à do falante nativo do italiano.

Estas regras também podem ajudar o falante nativo a entender mais o sistema fonético e gráfico da língua italiana.

Regra do c

O grafema ‘c’ se pronuncia:

- [tʃ] quando seguido pelas vogais ‘i’ e ‘e’. Exemplos: cintura, celeste.
- [k] quando seguido pelas vogais ‘a’, ‘o’, ‘u’. Exemplos: capo, conto, cugino.
  Quando seguido das consoantes ‘l’ e ‘r’. Exemplos: classico, criminale.
  Quando seguido da letra ‘h’, formando com essa um dígrafo. Exemplos: chiave, chirurgia.

Regra do g

O grafema ‘g’ se pronuncia:

- [dʒ] quando seguido pelas vogais ‘i’ e ‘e’. Exemplos: gioco, genio.
- [g] quando seguido pelas vogais ‘a’, ‘o’, ‘u’. Exemplos: gatto, governo, gusto.
  Quando seguido pelas consoantes ‘l’ e ‘r’. Exemplos: globo, grande.
  Quando seguido da letra ‘h’, formando com essa um dígrafo. Exemplos: ghirlanda, ghigliottina.

Regra do s

O grafema ‘s’ se pronuncia:

- [s] em início de palavra. Exemplo: sale.
  Em início de palavra e final de sílaba seguido das consoantes ‘p’, ‘t’, ‘c’, ‘q’ e ‘f’. Essas consoantes são surdas (produzidas sem vibração das cordas vocais) e o ‘s’ assimila o som da consoante que o segue. Exemplo: scarpa, stipendio, spazio, sforzo, squadra, prestito.
  Depois das letras ‘n’, ‘l’ e ‘r’. Exemplos: pensare, pulsare, corso.
- [z] quando estiver entre vogais ou semivogais. Exemplos: inciso, cazuale.
  Em início de palavra seguido das consoantes ‘b’, ‘d’, ‘g’, ‘v’, ‘m’, ‘n’, ‘l’, ‘r’. Essas consoantes são sonoras (produzidas com vibração das cordas vocais) e o ‘s’ assimila o som da consoante que o segue. Exemplos: sbarco, sdraiare, snodare, slavo, sregolato.

Regra do z

O grafema ‘z’ se pronuncia:

- [dz] em início de palavra. Exemplos: zebra, zero.
- [ts] em início de sílaba no interior de palavra. Exemplos: invenzione, indirizzo.

Os fonemas [ts] e [dz] têm uma distribuição pouco homogênea, podendo oscilar frequentemente.

Consoantes geminadas

A língua italiana possui consoantes geminadas, chamadas também de consoantes duplas ou longas. Nessa língua, a duração das consoantes tem valor distintivo, isto é, a

presença ou a ausência de consoantes geminadas muda o significado das palavras. As consoantes geminadas são pronunciadas com uma duração duas vezes maior em relação às consoantes simples e, sendo assim, o consulente precisa dessa orientação para uma produção apropriada. Seguem alguns exemplos de palavras que diferem de significado pela presença de consoantes geminadas:

cappello [kapˈpɛllo] X capello [caˈpello]
cammino [kamˈmino] X camino [caˈmino]
palla [ˈpalla] X pala [ˈpala]
nonno [ˈnɔnno] X nono [ˈnɔno]
ritto [ˈritto] X rito [ˈrito]
tutta [ˈtutta] X tuta [ˈtuta]

Pronúncia dos dígrafos e trigramas do italiano

Dígrafo e trigrama ocorrem quando duas e três letras, respectivamente, estão juntas na mesma palavra e formam um único fonema. Seguem abaixo os dígrafos e trigramas da língua italiana:

ch – sempre se pronuncia [k] antes das vogais ‘e’, ‘i’. Exemplo: chimica [ˈkimika].

gh – sempre se pronuncia [g] antes das vogais ‘e’, ‘i’. Exemplo: ghirlanda [girˈlanda].

ci – sempre se pronuncia [tʃ]. Exemplo: ciabatta [tʃaˈbatta]

gi – sempre se pronuncia [dʒ]. Exemplo: giovane [ˈdʒovane].

gl – sempre se pronuncia [ʎ] antes da vogal ‘i’. Exemplo: figli [ˈfiʎʎi].

Atenção: nas palavras glicerina, negligenza, o ‘gl’ é um encontro consonantal e não um dígrafo, por isso são pronunciadas e transcritas de maneira diferente, [glitʃeˈrina], [negliˈdʒɛntsa].

gn – quase sempre se pronuncia [ɲ]. Quando estiver entre vogais o fonema [ɲ] é sempre longo, por exemplo, *ragno* em transcrição fonética [ˈraɲɲo]. O único caso que se pronuncia [gn] é na palavra *gneiss*.

sc – sempre se pronuncia [ʃ]. Exemplo: pesce [ˈpeʃe].

gli – sempre se pronuncia [ʎ] seguido de ‘a’, ‘e’, ‘o’, ‘u’. Exemplo: moglie [ˈmoʎʎe], aglio [ˈaʎʎo].

sci – sempre se pronuncia [ʃ] seguido de ‘a’, ‘e’, ‘o’, ‘u’. Exemplo: coscienza [koʃˈʃɛntsa].

gni – sempre se pronuncia [ɲ]. É pouco frequente, ocorre em alguns verbos na 1ª pess. pl. Exemplo: insegniamo [inseɲˈɲamo].

3.3 Dicionários bilíngues italiano-português e dicionários bilingualizados

3.3.1 Proposta para o registro da pronúncia na microestrutura

Como já expusemos na etapa analítica e em consonância com os autores referenciados, nossa sugestão é que os dicionários bilíngues e bilingualizados forneçam a informação de pronúncia em todas as entradas e por meio da transcrição fonética, sempre adotando os símbolos do IPA.

Em algumas entradas, além da transcrição fonética, é profícua a inclusão de uma remissão explícita que leve o consulente até o guia de pronúncia, local em que estariam instruções para uma melhor aprendizagem da língua em estudo. Os dicionários que se dirigem aos aprendizes brasileiros da língua italiana deveriam dar atenção às dificuldades de pronúncia que o consulente possa ter. Por exemplo, os fonemas [r], [ts], [dz], [dʒ], [tʃ] e as consoantes geminadas são motivos de equívocos e dificuldades na aprendizagem do italiano.

Dado o exposto, nossa proposta é que, nas entradas que contenham esses fonemas, logo após a transcrição fonética haja uma remissão explícita por meio do marcador “ver”:

azienda [aˈdzjɛnda] (ver p.190 - [dz])
cervello [tʃerˈvɛllo] (ver p.189 - [tʃ])
egemonia [edʒemoˈnia] (ver p.190 - [dʒ])
polizia [poliˈtsja] (ver p.190 - [ts])
reazione [reaˈtsjone] (ver p.191 - [r] e p.190 - [ts])

Os grafemas ‘t’ e ‘d’ diante de ‘i’ são produzidos com o fonema oclusivo dental-alveolar surdo [t] e sonoro [d] no italiano. No português, esse mesmo contexto é pronunciado

na maioria das regiões brasileiras com a consoante africada alveopalatal surda [tʃ] e sonora [dʒ], o que pode ocasionar uma interferência fonológica de substituição na produção dos brasileiros. Então, nas entradas que contenham os grafemas ‘t’ e ‘d’ seguidos pelo ‘i’ deve haver uma remissão na microestrutura que leve o consulente até o guia de pronúncia para ele conhecer mais a respeito das regras da língua italiana:

diluire [diˈluire] (ver p.190 - di)
titolo [ˈtitolo] (ver p.190 - ti)

Os dígrafos e trigramas da língua italiana também podem causar dúvidas na produção oral e, para esses encontros, também sugerimos a adição da remissão explícita logo após a transcrição:

chiave [ˈkjave] (ver p.191 - ch)
ghepardo [geˈpardo] (ver p.191 - gh)
giorno [ˈdʒorno] (ver p.191 - gi)
cielo [ˈtʃɛlo] (ver p.191 - ci)
gli [ʎi] (ver p.192 - gl)
ogni [ˈoɲɲi] (ver p.192 - gn)
cuscino [kuʃˈʃino] (ver p.192 - sc)
liscio [ˈliʃo] (ver p.192 - sci)
foglia [ˈfɔʎʎa] (ver p.192 - gli)

A língua italiana possui inúmeras palavras com consoantes geminadas e, por isso, inserir uma remissão explícita em todos os casos deixaria o verbete com informações muito repetitivas. Por esse motivo, nossa sugestão é adicionar a remissão somente nas palavras que formam pares mínimos e diferem de significado por terem uma consoante geminada:

cervello [tʃerˈvɛllo]
ciabatta [tʃaˈbatta]
alla [ˈalla] (ver p.192 - ll)
ecco [ˈɛkko] (ver p.192 - cc)

3.3.2 Proposta de um guia de pronúncia

Quando um indivíduo se expressa através de uma língua estrangeira, é comum que se verifiquem problemas de interferência da língua materna na sua comunicação. No processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, o falante estrangeiro tem a tendência intuitiva de se apoiar na língua materna como ponto de referência linguístico e, por esse motivo, eventualmente comete desvios na produção em língua estrangeira, ao construir estruturas baseadas no padrão da sua língua materna. Um dos aspectos em que essa interferência é identificada de forma mais evidente é na pronúncia.

Devido às interferências que podem ocorrer na aprendizagem da pronúncia da língua italiana por um brasileiro, a nossa proposta é tratar a pronúncia nos DBs e DBZ em caráter contrastivo no *outside matter*, já que faremos comparações entre os fonemas e os grafemas do português e do italiano, o que permite uma leitura dinâmica da informação fônica.

Segundo Babini (2002, p.25), a pronúncia contrastiva "é o estudo bem como o ensino da pronúncia de uma língua dada a estrangeiros, feitos em comparação com as normas de pronúncia das línguas dos aprendizes".

A sugestão de trabalhar com o método contrastivo vem do fato de que, "no momento da aprendizagem de uma língua estrangeira, se manifestam, na produção oral e escrita do aprendiz, vários tipos de interferências fonológicas motivadas pela língua materna" (Babini (2002, p.26). Ainda segundo o autor, boa parte dessas interferências pode ser eliminada através da comparação das normas linguísticas que regem a pronúncia das duas línguas. A partir desse confronto poderão ser evidenciadas as diferenças e as similaridades dos sons nas duas línguas, tornando possível determinar quais situações específicas poderiam constituir pontos de dificuldade na produção desses sons pelos aprendizes brasileiros.

A nossa proposta é a elaboração de um guia que auxilie na aprendizagem da pronúncia da língua italiana. Com ele pretendemos ajudar o consulente a desenvolver a capacidade de compreensão e orientá-lo para uma produção oral bastante próxima à do falante nativo do italiano.

Como se trata de um guia voltado para falantes do português brasileiro, enfatizamos aspectos da pronúncia do italiano primordiais para os brasileiros que aprendem o italiano

como língua estrangeira. O modelo de pronúncia admitido é o italiano padrão, o qual é ensinado nos cursos de língua italiana.

A seguir tratamos de cada um dos sons do italiano. Primeiramente, apresentamos os sons e grafemas que são iguais na língua italiana e portuguesa e em seguida os que se diferem, tanto na pronúncia quanto na grafia. Em algumas informações de pronúncia que presumimos ser relevantes, inserimos um asterisco e maiores explicações são dadas ao final do quadro:

Quadro 29 – Vogais das línguas italiana e portuguesa.

VOGAIS					
Fonema Italiano	Fonema português	Grafema italiano	Grafema português	Exemplo italiano	Exemplo português
[a]	[a]	a à	a á	casa [ˈkaza] città [tʃitˈta]	casa [ˈkaza] amável [aˈmavew]
[e]*	[e]	e é	e ê	pane [ˈpane] perché* [perˈke]	mesa [ˈmeza] escocês [eskoˈses]
[ɛ]*	[ɛ]	e è	e é	erva [ˈɛrba] caffè* [kafˈfɛ]	erva [ˈɛrva] médico [ˈmɛdʒiko]
[i]	[i]	i ì	i í	pirata [piˈrata] lunedì [luneˈdi]	pirata [piˈrata] líder [ˈlider]
[o]*	[o]	o	o	euforia [ewfoˈria]	euforia [ewfoˈria]
[ɔ]*	[ɔ]	o ò	o ó	dote [ˈdɔte] però [peˈrɔ]	dote [ˈdɔtʃi] ótimo [ˈɔtʃimo]
[u]	[u]	u ù	u ú	curare [kuˈrare] schiavitù [skjaviˈtu]	uva [ˈuva] litúrgico [liˈturʒiko]

Fonte: elaborado pela autora.

*Atenção para o acento gráfico nas palavras oxítonas, quando o sinal gráfico é agudo (`) a pronúncia é aberta, quando é grave (´) a pronúncia é fechada.

* No italiano, as vogais ‘e’ e ‘o’, em sílaba tônica, podem ser pronunciadas como [ɛ], [e]; [ɔ], [o][113].

[113] As regras referentes a essas vogais foram adaptadas de Babini (2002, p.37-52).

A pronúncia é fechada [e] e [o], nos seguintes contextos:

- Em sílaba travada formada por CVC (C lê-se consoante, V lê-se vogal).
  Exemplo: u.ni.ver.si.tà [universiˈta], ve.lo.ce.men.te [velotʃeˈmente]
  por.ta.re [porˈtare].
- Em sílaba aberta formada por CV.
  Exemplo: in.se.ri.re [inseˈrire], ve.de.re [veˈdere]
  po.li.zi.a [poliˈtsia].
- Em palavras oxítonas e monossilábicas com acento gráfico grave (´).
  Exemplo: per.ché [perˈke], sé [ˈse].
- Na maioria das palavras monossilábicas que não têm acento gráfico.
  Exemplo: me [me], tre [ˈtre], che [ke].
  (essa regra não se aplica ao "o" que nesse contexto é pronunciado sempre aberto. Exemplo: no [ˈnɔ], so [ˈsɔ]).

A pronúncia é tônica, ou aberta [ɛ] e [ɔ], nos seguintes contextos:

- Diante de consoante + semivogal [j].
  Exemplo: media [ˈmɛdja], genio [ˈdʒɛnjo].
  olio [ˈɔljo], matrimonio [matriˈmɔnjo].
- Em palavras oxítonas e monossilábicas com acento gráfico agudo (`).
  Exemplo: caffè [kafˈfɛ], tè [ˈtɛ].
  però [peˈrɔ], perciò [perˈtʃɔ].
- Nas palavras que terminam em: -ea, -eo, -eca, -ella, -ema, -embre, -enda, -ente, -enza, -era, -esimo, -estra, entre outras.
  Exemplo: assemblea [assemˈblɛa], tema [ˈtɛma], settembre [setˈtɛmbre], finestra [fiˈnɛstra].
  -oe, -obile, - occio, --oco, -ogico, -oma, -oppo, -oto, entre outras.
  Exemplo: eroe [eˈrɔe], approccio [apˈprɔtʃtʃo], aroma [aˈrɔma], foto [ˈfɔto].

Obs. Na língua italiana não existem vogais nasais, mesmo quando seguidas pelas consoantes nasais 'm' e 'n', as vogais são pronunciadas de maneira oral, isto é, o ar sai pela boca e não pelo nariz como ocorre em português.

Quadro 30 – Semivogais das línguas italiana e portuguesa.

SEMIVOGAIS					
Fonema italiano	Fonema português	Grafema italiano	Grafema português	Exemplo italiano	Exemplo português
[j]*	[j]	i	i	piano [ˈpjano]	sábio [ˈsabju]
[w]*	[w]	u	u	buono [ˈbwɔno]	mágoa [ˈmagwa]

Fonte: elaborado pela autora.

*As semivogais do italiano, assim como as semivogais do português, formam ditongos com as vogais que as precedem (ditongo decrescente), por exemplo, <causa> [ˈkawza]. E com as vogais que as seguem (ditongo crescente), por exemplo, <piano> [ˈpjano].

Expressando de maneira mais simples, nos ditongos decrescentes a vogal vem antes da semivogal; e nos crescentes a semivogal vem antes da vogal.

Formam também tritongos, que são compostos por duas semivogais e uma vogal, por exemplo, <quieto> [ˈkwjɛto].

As semivogais são sempre representadas graficamente pelo ‘i’ e ‘u’.

Quadro 31 – Consoantes iguais na língua italiana e na língua portuguesa.

CONSOANTES					
Fonema italiano	**Fonema português**	**Grafema italiano**	**Grafema português**	**Exemplo italiano**	**Exemplo português**
[p]	[p]	p	p	pane [ˈpane]	patriota [patriˈɔta]
[b]	[b]	b	b	buono [ˈbwɔno]	balanço [baˈlãso]
[f]	[f]	f	f	finale [fiˈnale]	final [fiˈnaw]
[v]	[v]	v	v	vino [ˈvino]	vinho [ˈviɲo]
[m]	[m]	m	m	meglio [ˈmɛʎo]	melhor [meˈʎɔr]

[n]	[n]	n	n	niente [ˈnjɛnte]	nada [ˈnada]
[s]	[s]	s	s	saluto [saˈluto] scuola* [sˈcwɔla]	sílaba [ˈsilaba]
[z]	[z]	s	s	casa [ˈkaza] sbarcare* [zbarˈkare]	casa [ˈkaza]
[l]	[l]	l	l	località [lokaliˈta] calmo* [ˈkalmo]	localidade [lokaliˈdadʒi]

Fonte: elaborado pela autora.

*O "*s-impura*", isto é, 's' seguido de consoante em início de palavra, assimila o som do segmento que o segue. Então 's' é pronunciado com a surda [s] diante de 'ca', 'co', 'cu', 'f', 'p', 'q', 't' (consoantes surdas). E é pronunciado com a sonora [z] diante de 'b', 'd', 'g', 'l', 'm', 'n', 'r', 'v' (consoantes sonoras).

* Atenção: o grafema 'l' em sílaba travada CVC, por exemplo, <cal.mo> [ˈkalmo], ou em final de palavra, por exemplo, <il> [ˈil], é sempre pronunciado [l]. Na pronúncia do português ocorre semivocalização, isto é, substitui-se o [l] pelo [w], por exemplo, cal.mo [ˈkawmo], túnel [ˈtunew], o que não ocorre no italiano.

Abaixo são explicados os grafemas e os fonemas italiano que diferem da pronúncia portuguesa:

[k] - na escrita esse som é indicado pelo grafema 'c' quando seguido das vogais 'a', 'o', 'u' e das consoantes 'l', 'r'. Exemplos: cane [ˈkane], codice [ˈkɔditʃe], credere [ˈkredere]; e pelo grafema 'q' seguido de 'u'. Exemplo: quanto [ˈkwanto]

Esse fonema se realiza de forma igual no português e no italiano.

[tʃ] - na escrita esse som é indicado pelo grafema 'c' se as vogais que o segue são 'i', 'e'. Exemplos: cibo [ˈtʃibo], cento [ˈtʃɛnto].

No português [tʃ] é pronunciado como na palavra tchau [ˈtʃaw]. E na maioria das regiões do Brasil quando a letra 't' é seguida por 'i' e 'e' em final de palavra. Exemplos: tia [ˈtʃia], gente [ˈʒẽtʃi].

[g] - na escrita esse som é indicado pelo grafema ‘g’ quando seguido das vogais ‘a’, ‘o’, ‘u’ e das consoantes ‘l’, ‘r’. Exemplos: gatto [ˈgatto], gusto [ˈgusto], guardia [ˈgwardja], grande [ˈgrande].

Esse fonema se realiza de forma igual no português e no italiano.

[dʒ] – na escrita esse som é indicado pelo grafema ‘g’ se as vogais que o seguem são ‘i’, ‘e’. Exemplo: girafa [dʒiˈraffa], gelato [dʒeˈlato].

No português [dʒ] é pronunciado como na palavra jeans [ˈdʒĩs]. E na maioria das regiões do Brasil quando a letra ‘d’ é seguida por ‘i’ e ‘e’ em final de palavra. Exemplos: dia [ˈdʒia], cabide [kaˈbidʒi].

[ts]* - na escrita esse som é indicado pelo grafema ‘z’. Exemplo: forza [ˈfɔrtsa].

No português [tz] é pronunciado como na palavra pizza [ˈpitsa] e seus derivados (pizzaria, pizzaiolo).

[dz]* - na escrita esse som é indicado pelo grafema ‘z’. Exemplo: zona [ˈdzɔna].

Não existe correspondente em português. Para pronunciar esse fonema os pontos de articulação são os mesmos que o [ts], o que os diferencia é que no [dz] ocorre vibração das cordas vocais.

*A pronúncia desses fonemas é ambígua e a sua distribuição é pouco homogênea; em posição inicial de palavra prevalece quase que exclusivamente a sonora [dz] e a surda [ts] se realiza nos outros contextos.

[t] - na escrita esse som é indicado pelo grafema ‘t’. Exemplo: tiro* [ˈtiro], tavola [ˈtavola].

Esse fonema se realiza de forma igual no português e no italiano.

*Atenção: a pronúncia do ‘t’ seguido de ‘i’ é sempre [ti] no italiano e não [tʃi] como ocorre na fala dos brasileiros.

[d] - na escrita esse som é indicado pelo grafema ‘d’. Exemplos: diritto* [diˈritto], durare [duˈrare].

Esse fonema se realiza de forma igual no português e no italiano.

*Atenção: a pronúncia do ‘d’ seguido de ‘i’ é sempre [di] no italiano e não [dʒi] como ocorre na fala dos brasileiros.

[r] - na escrita esse som é indicado pelos grafemas ‘r’ e ‘rr’. Exemplos: rito [ˈrito], terra [ˈtɛrra].

O [r] é produzido com uma batida da língua contra os alvéolos quando o ‘r’ inicia a palavra e quando está entre vogais (grafado com um ‘r’); e ao menos três batidas quando é duplo na grafia ‘rr’.

No português [r] é pronunciado em algumas áreas do sul do Brasil e em São Paulo (capital).

Dígrafos e trigramas

A seguir serão apresentados os dígrafos* e trigramas do italiano e como eles são pronunciados:

*Os dígrafos são dois grafemas que representam um único fonema.

ch – pronunciado com [k] antes das vogais ‘e’, ‘i’. Exemplo: chimica [ˈkimika].

No português, o dígrafo ‘qu’ equivale ao ‘ch’ do italiano. Exemplo: química [ˈkimika].

ci – pronunciado com [tʃ]. Exemplo: ciabatta [tʃaˈbatta].

O grafema ‘i’ no dígrafo ‘ci’ sofre apagamento na pronúncia.

gh – pronunciado com [g] antes das vogais ‘e’, ‘i’. Exemplo: ghirlanda [girˈlanda].

No português, o dígrafo ‘gu’ equivale ao ‘gh’ do italiano. Exemplo: guirlanda [girˈlãda].

gi – pronunciado com [dʒ]. Exemplo: giovane [ˈdʒovane].

O grafema ‘i’ no dígrafo ‘gi’ sofre apagamento na pronúncia.

gl – pronunciado com [ʎ] (consoante lateral palatal sonora) antes da vogal ‘i’. Exemplo: gli [ˈʎi].

No português, o dígrafo ‘lh’ equivale ao ‘gl’ do italiano. Exemplo: filho [ˈfiʎo]

Atenção: nas palavras glicerina, negligenza o ‘gl’ é um encontro consonantal e não um dígrafo, por isso são pronunciadas e transcritas de maneira diferente, [glitʃeˈrina], [negliˈdʒɛntsa].

gn – pronunciado com [ɲ] (consoante nasal velar sonora). Exemplo: gnomo [ˈɲɔmo].

Obs: O único caso que se pronuncia [gn] é na palavra *gneiss.*

No português, o dígrafo ‘nh’ equivale ao ‘gn’ do italiano. Exemplo: ninho [ˈniɲo].

sc – pronunciado com [ʃ] (consoante fricativa alveopalatal surda). Exemplo: pesce [ˈpeʃe].

No português, o dígrafo ‘ch’ equivale ao ‘sc’ do italiano. Exemplo: bicho [ˈbiʃo].

gli – sempre se pronuncia [ʎ] seguido de ‘a’, ‘e’, ‘o’, ‘u’. Exemplo: figlio [ˈfiʎʎo].

sci – sempre se pronuncia [ʃ] seguido de ‘a’, ‘e’, ‘o’, ‘u’. Exemplo: coscienza [koʃˈʃɛntsa].

gni – sempre se pronuncia [ɲ]. É pouco frequente, ocorre em alguns verbos na 1ª pess. pl. Exemplo: insegniamo [inseɲˈɲamo].

Consoantes geminadas

A língua italiana possui consoantes geminadas, chamadas também de consoantes duplas ou longas. Nessa língua, a duração das consoantes tem valor distintivo, isto é, a presença ou a ausência de consoantes geminadas muda o significado das palavras. Veja exemplos abaixo:

cappello [kapˈpɛllo] (chapéu) X capello [caˈpello] (cabelo)
cammino [kamˈmino] (caminho) X camino [caˈmino] (chaminé)
palla [ˈpalla] (bola) X pala [ˈpala] (pá)
nonno [ˈnɔnno] (avô) X nono [ˈnɔno] (nono)
ritto [ˈritto] (estaca; em pé) X rito [ˈrito] (ritual)
tutta [ˈtutta] (toda) X tuta [ˈtuta] (macacão)

A língua portuguesa não possui consoantes realizadas como longas. Consequentemente, produzir geminadas no italiano é algo a ser aprendido por um falante que

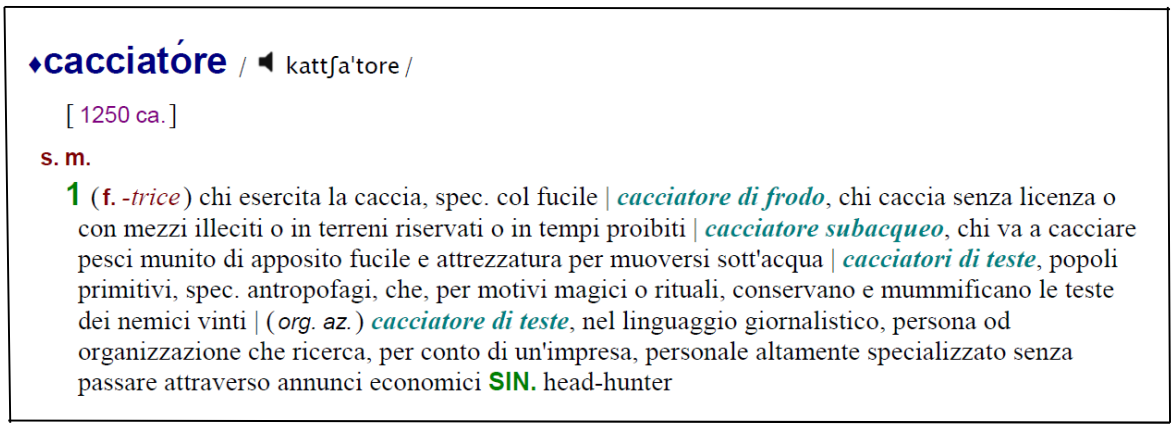
tem o português como língua materna. Diante disso, o aprendiz de italiano deve ter atenção ao pronunciar palavras que contenham consoantes geminadas, elas são pronunciadas com uma duração duas vezes maior em relação às consoantes simples.

3.4 Proposta para dicionários eletrônicos

Nossa sugestão, para esse tipo de obra que não disponibiliza a reprodução acústica, é a de transcrever foneticamente as palavras-entrada e logo após a transcrição haver *links*, que seriam a remissão explícita, os quais levariam o usuário até o guia de pronúncia.

Para os dicionários eletrônicos que viabilizam a reprodução acústica, sugerimos também a inserção da transcrição fonética, que, além de possibilitar escutar a pronúncia da palavra, ajuda muito também no emprego dos símbolos fonéticos os quais, uma vez empregados e associados com o registro acústico, perdem todo o aspecto de mistério que alguns símbolos possuem.

A versão eletrônica do dicionário Zingarelli (2014)[114] aponta a pronúncia dessa maneira, tanto para as palavras vernáculas quanto para os estrangeirismos[115]:


♦**cacciatóre** / kattʃa'tore /

[1250 ca.]

s. m.

1 (**f.** *-trice*) chi esercita la caccia, spec. col fucile | ***cacciatore di frodo***, chi caccia senza licenza o con mezzi illeciti o in terreni riservati o in tempi proibiti | ***cacciatore subacqueo***, chi va a cacciare pesci munito di apposito fucile e attrezzatura per muoversi sott'acqua | ***cacciatori di teste***, popoli primitivi, spec. antropofagi, che, per motivi magici o rituali, conservano e mummificano le teste dei nemici vinti | (*org. az.*) ***cacciatore di teste***, nel linguaggio giornalistico, persona od organizzazione che ricerca, per conto di un'impresa, personale altamente specializzato senza passare attraverso annunci economici **SIN.** head-hunter

Figura 3 – Indicação da pronúncia da palavra-entrada <*cacciatore*>.

Fonte: dicionário Zingarelli 2014, s.p.

[114] A versão eletrônica vem em um CD-ROM, que acompanha o dicionário impresso. O consulente tem acesso ao formato eletrônico somente se adquirir a obra impressa.

[115] Para as palavras estrangeiras, primeiramente é registrada a forma italianizada e em seguida a pronúncia na língua original.

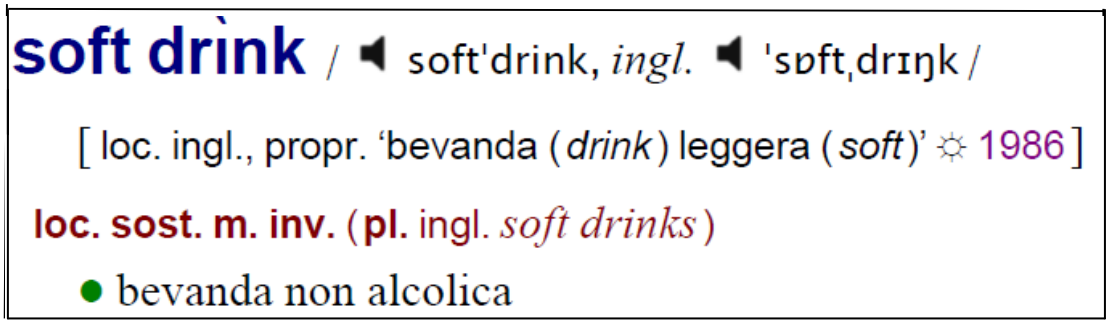


Figura 4 – Indicação da pronúncia da palavra-entrada <*soft drìnk*>.

Fonte: dicionário Zingarelli 2014, s.p.

O guia de pronúncia da versão eletrônica do Zingarelli é igual à impressa no conteúdo. Uma diferença significativa é verificada na tabela das equivalências entre os grafemas e os fonemas, na qual também há a reprodução acústica dos exemplos, como exibido na figura abaixo:

TABELLA DELLE EQUIVALENZE TRA GRAFEMI E FONEMI

Grafema	Fonema	Esempi
a, à	a	*andàta* / an'data /[1], *Pìsa* / 'pisa /
à	a*	*bontà* / bon'ta* /, *farà* / fa'ra* /
b	b	*Bellìni* / bel'lini /, *visìbili* / vi'zibili /
c	k	*Còmo* / 'kɔmo /, *vacànza* / va'kantsa /
ch [+*i*, *e*]	k	*Chiànti* / 'kjanti /, *schérzo* / 'skertso /
c [+*i*, *e*]	ʧ	*Cecìlia* / ʧe'ʧilja /, *pàce* / 'paʧe /
ci [+voc.]	ʧ	*ciào* / ʧao /, *cièlo* / 'ʧɛlo /, *bàcio* / 'baʧo /
cì, ci [+voc.]	ʧi	*Lucìa* / lu'ʧia /, *cielìno* / ʧiel'lino /
cc [+*i*, *e*]	ttʃ	*acceleràndo* / attʃele'rando /, *Puccìni* / put'ʧini /

Figura 5 – Tabela das equivalências entre grafemas e fonemas da língua italiana.

Fonte: dicionário Zingarelli 2014, s.p.

Relativamente à versão eletrônica do Zingarelli, temos duas observações a fazer: a primeira é que o dicionário poderia ter acrescentado um *link,* logo após a transcrição fonética, que levasse o consulente ao guia de pronúncia; a segunda é que enriqueceria bastante a obra se fossem explanadas noções de fonética articulatória.

O dicionário Oxford *on-line* (2016) procede dessa maneira, além de ter a reprodução acústica e transcrição fonética. Após a transcrição, há um ponto de interrogação e, clicando no ponto, o consulente é levado até o guia de pronúncia, como pode-se observar na figura abaixo:

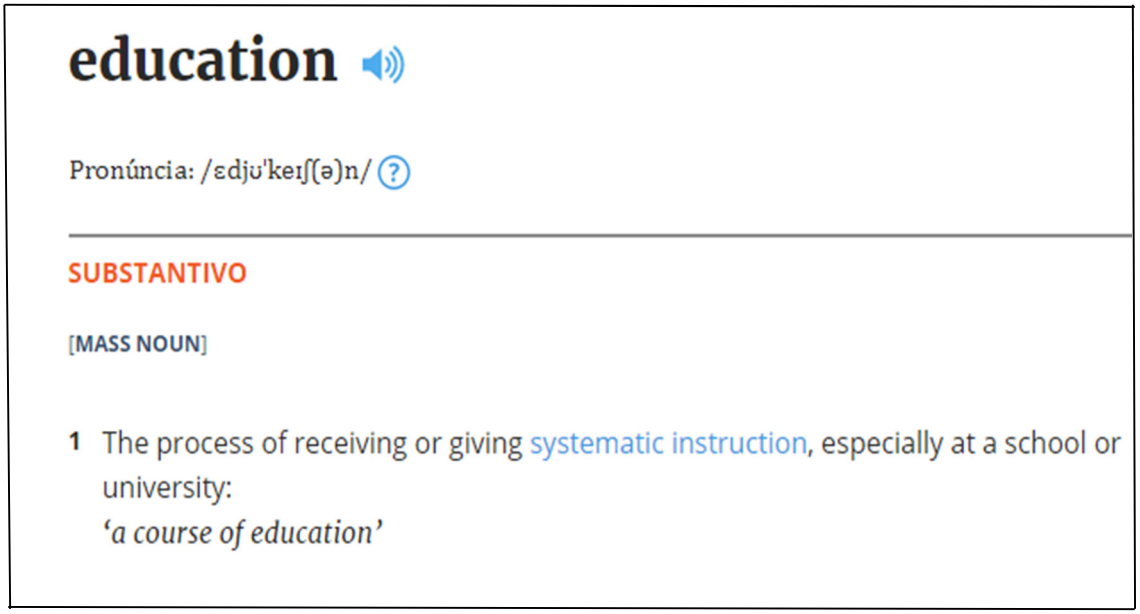


Figura 6 – Indicação da pronúncia da palavra-entrada <*education*>.
Fonte: dicionário Oxford 2016, s.p.

A nossa proposição do guia de pronúncia para dicionários impressos também é apropriada para dicionários no formato eletrônico, visto que as informações de fonética articulatória, contempladas na nossa proposta, orientariam o consulente a produzir os sons que ele ouve.

Conclusão

Ressaltamos que nossas proposições configuram um propósito de contribuir para a melhoria dos dicionários no que se refere ao cumprimento de sua função de guia de orientação linguística, pois, como apreciamos anteriormente, essas obras são, para muitos consulentes, o instrumento ao qual se recorre não somente para conhecer o significado das palavras, mas também para resolver incertezas gramaticais.

Como se pronunciam as palavras de um idioma é uma das dúvidas que os consulentes gostariam de ter clarificadas pelos dicionários. E, na falta desses estudos na lexicografia brasileira, consideramos que um trabalho voltado para a pronúncia nos dicionários seria pertinente. Para desenvolvermos esta tese, passamos por três etapas: a referencial, a analítica e a propositiva.

Na etapa referencial, discutimos, entre outras coisas, acerca das funções das obras lexicográficas e do papel do dicionário como ferramenta pedagógica no ensino e aprendizagem das línguas. Verificamos que os autores estudados defendem que os dicionários são uma fonte de insumo em relação às línguas e têm como objetivo orientar o aprendiz no desenvolvimento do conhecimento da língua que está estudando. Esse desenvolvimento implica a aquisição de vocabulário, o conhecimento dos aspectos gramaticais, sintáticos, fonéticos, semânticos e culturais dessa língua. Portanto, é necessário conhecer o dicionário e saber usá-lo com habilidade, para retirar dele o máximo possível de informações que possam solucionar as dificuldades que um aprendiz de qualquer língua apresenta.

Por esse motivo, fornecer indicações gramaticais deve ser uma das prioridades dos dicionários, e a maior razão se deve ao fato de essas obras serem institucionalmente destinadas ao público de não especialistas. Dessa forma, é fundamental que os professores reforcem seus conhecimentos sobre a lexicografia, principalmente, aquela voltada para a aprendizagem e passem a usar o dicionário em atividades que promovam o conhecimento do aprendiz a respeito dessa obra. Cabe ao professor perceber também o dicionário como um aliado no processo de ensino/aprendizagem, instruir o aprendiz quanto às estratégias de consulta e ao seu uso na aprendizagem de uma língua, seja ela materna ou estrangeira. O

dicionário é um material didático rico de informações de um sistema linguístico e cultural de um povo e, por conseguinte, é um ótimo instrumento pedagógico, uma vez que ele constitui um recurso de pesquisa e ensino por incorporar os mais variados aspectos de um idioma. Basta aprender a usá-lo.

Entre os aspectos linguísticos, incluídos nas obras lexicográficas, está o fonético/fonológico e na etapa referencial também discutimos as maneiras adotadas pelos dicionários para indicar a pronúncia. Com o material teórico consultado e com as análises dos dicionários, foi possível eleger a melhor maneira de anotar a pronúncia.

Como depreendemos na etapa analítica e baseando-nos nos autores estudados, o registro da pronúncia diretamente na palavra-entrada é a maneira mais antiga de indicar a pronúncia e é também a forma mais limitada do ponto de vista descritivo. Consideramos que as marcas introduzidas devem reduzir-se a uns poucos diacríticos ou podem desconfigurar a representação ortográfica da palavra.

A língua oral é viva, é aquela que sofre transformações e se adequa às mudanças no decorrer do tempo, enquanto a língua escrita é mais conservadora e fica prisioneira aos signos do alfabeto existentes. A escrita está sempre atrás em respeito à pronúncia e, consequentemente, indicar a pronúncia pela transposição ortográfica é ficar confinado aos vinte e poucos símbolos gráficos que se encontram nas línguas italiana e portuguesa. E como constatamos anteriormente, os aprendizes podem ter dificuldade em pronunciar símbolos ortográficos que denotam mais de um símbolo fonético. Além do mais, ocorrem certas realizações fonéticas da língua-alvo que não possuem correspondente na língua fonte e, portanto, não podem ser representadas satisfatoriamente pelas letras do alfabeto.

Alguns autores que estudamos assumem que somente em algumas línguas, como o inglês e o francês, há diferença entre os sistemas gráfico e fonético, ou seja, entre como se escreve e como se pronuncia, mas, como averiguamos em nosso trabalho, essa distinção acontece também no português e no italiano. E a única maneira de reparar essas diferenças é por meio da transcrição fonética.

Na etapa propositiva exprimimos que a pronúncia, como qualquer outro aspecto do estudo linguístico, pode ser ensinada cientificamente desde quando se entendeu que é possível analisar e descrever acuradamente a natureza de todos os sons existentes, seja de qual for a

língua. A partir do momento que começamos a distinguir melhor os vários sons da língua materna, torna-se mais simples também o reconhecimento e a produção daqueles das línguas estrangeiras. E sendo assim, a nossa proposta de registrar a pronúncia por meio da transcrição fonética representa viabilizar, ao mesmo tempo, a codificação e a decodificação de cada som de qualquer língua.

Lembramos que a transcrição fonética não deve ser confundida com a transposição ortográfica. Os grafemas são símbolos do sistema ortográfico e símbolos fonéticos expressam propriedades articulatórias da fala. Em vista disso, adotamos os símbolos do IPA nas nossas transcrições, pois eles devem ser "compreendidos como abstrações de rotinas motoras que se manifestam com particularidades articulatórias em contextos específicos" (Silva, 2012, p.32).

Os símbolos fonéticos são de grande ajuda para quem está interessado em melhorar a sua pronúncia e falar uma língua estrangeira adequadamente. Esses símbolos podem parecer estranhos à primeira vista, no entanto, se o aprendiz investir um pouco de seu tempo tentando desvendá-los, poderá tirar muito proveito deles na aprendizagem de uma língua estrangeira. Underhill (1985) assume que a dificuldade dos alunos não está em aprender os símbolos fonéticos em si mesmos, mas sim em entender o que esses símbolos representam. Isso significa que, antes de tudo, é preciso esclarecer que os símbolos fonéticos representam os próprios sons.

Outra vantagem do IPA é que ele pode ser usado para representar os sons de todas as línguas, até mesmo aquelas que são totalmente desconhecidas. E a nossa competência linguística condiciona a capacidade articulatória de muitos sons, motivo pelo qual o conhecimento dos modos e pontos de articulação é etapa imprescindível para se aprender a pronunciar os símbolos fonéticos.

É neste ponto que reafirmamos a importância do guia de pronúncia, o qual é capaz, com a leitura atenta do consulente, de elucidar possíveis dúvidas dos usuários ao se depararem com os símbolos fonéticos. Acreditamos que um guia de pronúncia bem elaborado facilite a compreensão do consulente e seja uma peça essencial para o sucesso do usuário nas respostas que ele busca quanto à informação fônica.

Para levar o consulente até o *outside matter,* propomos um melhor aproveitamento do componente medioestrutural, sendo que a medioestrutura auxilia na harmonia entre as partes

do dicionário, facilitando o acesso à informação que está dicionarizada e possibilita que o usuário seja instruído satisfatoriamente. A eficaz consulta do dicionário favorece a aquisição e o domínio da língua e facilita o trabalho autônomo.

Defendemos que a articulação entre a microestrutura, a medioestrutura e o *outside matter* permite uma melhor utilidade das indicações de pronúncia registradas pelos dicionários. E, em se tratando da informação fônica, mais vale pecar por excesso do que por deficiência, um dicionário exaustivo será mais útil a mais pessoas.

Como exposto no item 1.2.3, referentemente ao modelo de pronúncia que deve figurar nos dicionários, constatamos que no Brasil é difícil determinar tal modelo. Mas, mesmo assim, é possível pois, de acordo com Ilari e Basso (2014, p. 221), "os grandes canais de televisão, que transmitem em cadeia nacional, são certamente, hoje, um fator de uniformização linguística muito importante". Os autores asseveram ainda que, quando se fala em Brasil, é necessário distinguir três modalidades de língua: um português substandard (falado pela população não escolarizada), um português padrão, que corresponde ao uso culto e o português utópico dos gramáticos.

Observamos, nos dicionários monolíngues da língua portuguesa, que eles seguem as indicações das entidades ou obras de referência responsáveis pela orientação normativa da língua e, por essa razão, eles são bastante conservadores e tradicionalistas, não descrevem a realidade dos fatos linguísticos, em particular aqueles do nível fonético-fonológico, limitando-se, geralmente a indicar somente uma pronúncia, a que é considerada ideal.

Sabemos do papel normativo das obras lexicográficas e do anseio normativo de produção oral dos falantes, o qual deve ser satisfeito pelos dicionários através da apresentação de uma norma ideal. Todavia deve ficar claro que essa norma precisa refletir a norma real dos falantes e não pode ser excludente.

A norma real pode ser conseguida pelos lexicógrafos por meio de estudos interdisciplinares, os quais são desenvolvidos pela Fonologia, Fonética e Sociolinguística. Neste caso, a norma real se revela como uma opção a mais para o falante, a qual poderá ser empregada conforme suas necessidades quando da produção linguística; por isso, optamos algumas vezes pelo binômio "adequado"/"inadequado" na descrição das variações de

pronúncia na etapa propositiva, pois o fundamental é que o consulente possa sanar suas dúvidas com relação ao uso da língua quando uma determinada situação exigir.

As observações concernentes aos resultados deste trabalho nos levam a admitir que atingimos os objetivos propostos. Além do objetivo de caráter descritivo e analítico, o nosso objetivo primordial era de caráter propositivo e presumimos que as nossas proposições para apontar a informação fônica nos dicionários serão úteis para os usuários. Elas colaboram com o consulente no desenvolvimento da sua competência comunicativa, com foco na produção oral, da língua que se estuda.

Esperamos que, de uma forma geral, nosso trabalho traga algumas contribuições para os aprendizes de um idioma, para o falante nativo e para os lexicógrafos.

Para concluir, desvelamos um esquema desenvolvido por Dufeu (2008), que esclarece a importância em se saber a pronúncia de uma língua:

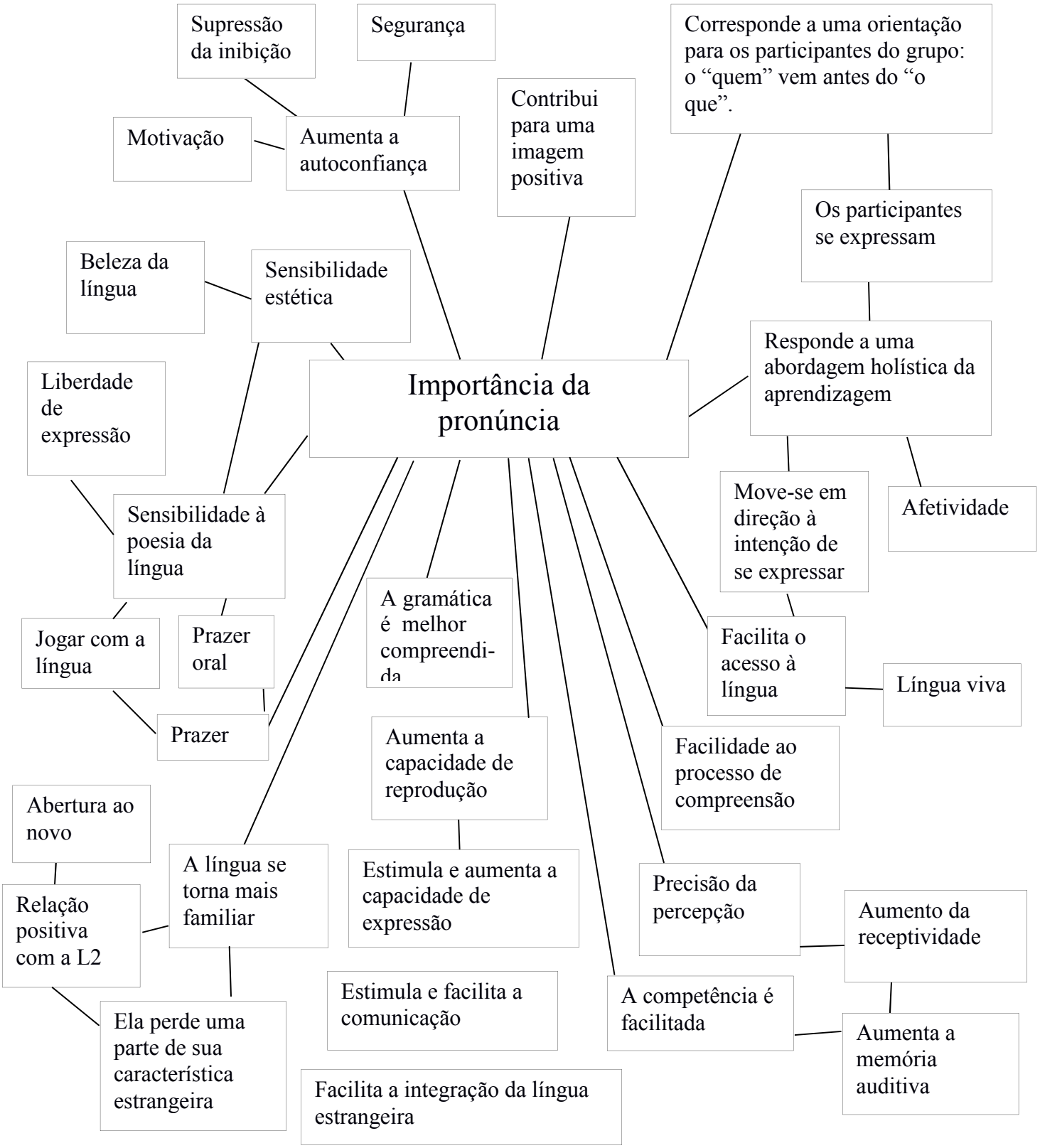


Figura 7 – Importância de aprendizagem da pronúncia. Fonte: Dufeu 2008, p. 11[116].

[116] A tradução do esquema é nossa, no anexo VIII, há a versão original desenvolvida por Dufeu (2008).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Dicionários citados

AULETE, C. *iDicionário Aulete:* o dicionário da língua portuguesa na internet. Lexikon editora digital, 2008. Disponível em: <http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital>. Acesso em: 15 mai. 2016.

BENEDETTI, I. C. *Dicionário Martins Fontes italiano-português*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2004.

CANEPARI, L. Dizionario di Pronuncia Italiana. Bologna, 2009. Disponível em: http://www.dipionline.it/dizionario/. Acesso em: 15 mai. 2016.

FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Positivo Editora, Curitiba, 2010.

GARZANTI. *I grandi dizionari italiani*. Milano: Garzanti, 2013.

GIUNTI, C. *Parola Chiave:* Dizionario di italiano per brasiliani. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

HOUAISS, A; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

OXFORD dictionary: language mothers. Oxford University Press, 2016. Disponível em: http://www.oxforddictionaries.com/pt. Acesso em: 13 mai. 2016.

POLITO, A. G. *Michaelis, dicionário escolar italiano-português, português-italiano*. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

SABATINI, F; COLETTI, V. *Il Sabattini Coletti:* Dizionario della lingua italiana. 2011. Disponível em: http://dizionari.corriere.it/dizionario_italiano/. Acesso em: 13 abr. 2016.

ZINGARELLI, N. *Lo Zingarelli 2014:* Vocabolario della lingua italiana. 12. ed. Milão: Zanichelli, 2013.

Referências bibliográficas citadas

ALVES, I. M.; ANTUNES, L Z. Dicionário básico italiano-português. In: OLIVEIRA, A. M. & ISQUERDO, A. N. (orgs.) *As ciências do léxico:* lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 127-130.

ARAÚJO, E. M. V. M. *O dicionário para aprendizes em sala de aula:* uma ferramenta de ensino e aprendizagem. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Centro de Humanidades. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2007.

ASSUNÇÃO, J. B de. Lexicografia: uma introdução ao estudo de dicionários. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação. Vol. 12. São Paulo, 1979. p. 39-50.

BABINI, M. *Fonética, fonologia e ortoépia da língua italiana*. São Paulo: Annablume, 2002.

BEJOINT, H. The foreign student's use of monolingual English dictionaries: a study of language needs and reference skills. *Applied Linguistics*, v. II, n. 3, 1981. p. 207-222.

BEVILACQUA, C. R.; HUMBLÉ, P. R. M.; XATARA, C. (orgs.). *Dicionários na teoria e na prática:* como e para quem são feitos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BIDERMAN, M. T. C. T*eoria linguística:* (teoria lexical e linguística computacional). 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BIDERMAN, M. T. C. Os dicionários da contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, A. M. P. P., ISQUERDO, A. N. (orgs.). *As ciências do léxico:* Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*.* Campo Grande: Editora da UFMS, 2001, p. 131-144.

BIDERMAN, M. T. C. *Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo*: o Aurélio e o Houaiss. Revista Filologia e Linguística Portuguesa. v.5. São Paulo: USP, 2002, p.85-116. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59701. Acesso em: 15 nov. 2015.

BIDERMAN, M. T. C. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. In: ISQUERDO, A. N. ; KRIEGER, M. da G. (orgs.). *As Ciências do Léxico*: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. v.2. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004. p.185-200.

BORBA, F. da S. *Organização de dicionários*: uma introdução à lexicografia. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BROEDERS, T.; HYAMS, P. The pronunciation component of an English- Dutch Dictionary. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON LEXICOGRAPHY, *Anais*…Exeter: Exeter University, 1983.

BUGUEÑO MIRANDA, F. Problemas medioestruturais em um dicionário de falsos amigos. In: COLÓQUIO NACIONAL LETRAS EM DIÁLOGO E EM CONTEXTO: RUMOS E DESAFIOS, 1., Porto Alegre. *Anais*. Porto Alegre, 2003, p. 1-16.

BUGUEÑO MIRANDA, F. Os dicionários de falsos amigos. In: Encontro do CELSUL, 8, Porto Alegre. *Anais*. Pelotas: EDUCAT, 2008.

BUGUEÑO MIRANDA, F.; FARIAS, V. S. Princípios para o desenvolvimento de uma teoria da definição lexicográfica. *Alfa*, São Paulo, v.55, n.1, 2011, p. 31-61.

BUSETTO, L. Problemi tipografici di trascrizione in un dizionario. In: *Anais do XI Euralex Internacional Congress*, Torino, 2006. p. 1227-1232. Disponível em: <http://www.euralex.org/elx_proceedings/Euralex2006/147_2006_V2_Luca%20BUSETTO_Problemi%20tipografici%20di%20trascrizione%20in%20un%20dizionario.pdf>. Acesso em: 20 set.2012.

CALUWE, J de.; VAN SANTEN, A. Phonological, morphological and syntactic specifications in monolingual dictionaries. In: VAN STERKENBURG, P. *A practical guide to lexicography*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003. p. 71-82.

CANEPARI, L. I*ntroduzione alla fonetica.* Torino: Giulio Einaudi, 1979.

CANEPARI, L. *Dizionario di pronuncia italiana*. Bologna: Zanichelli, 1999.

CANEPARI, L.; GIOVANNELLI, B. *La buona pronuncia italiana del terzo millennio*: Manualetto d'italiano neutro con CD audio, esercizi e test. Roma: Aracneeditrice, 2009. 2ª ed.

COSERIU, E. Sistema, norma e falar concreto. In: _____. L*ições de linguística geral.* Tradução de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 2004. p. 119-125.

DUBOIS, J.; DUBOIS, C. Introduction à la lexicographie. *Le dictionnarie*. Paris: Librairie Larousse, 1971.

DUFEU, B. L'importance de la prononciation dans l'apprentissage d'una langue étrangère. *Franc-parler,* 2008. p. 1-10. Disponível em://http: www.franc-parler.org. Acesso em: 07 de julho de 2015.

DURÃO, A. B de A. B. Seguindo os rastros do dicionário. In: DURÃO, A. B de A. B (org.). *Vendo o dicionário com outros olhos.* Londrina: UEL, 2010. p. 15-28.

ETTINGER, S. La variación lingüística en lexicografía. In: HAENSCH, G. et al. *La lexicografia:* de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982. p. 359-394.

FERNÁNDEZ, D. A. La lexicografia como disciplina linguística. In: GUERRA, A. M. M. (coord.). *Lexicografia Española*. Barcelona: Ariel Linguistica, 2003. p. 33-52.

FISCHER, S. R. *História da escrita*. Trad. Mirna Pinsky. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FORNARI, M. K. Concepção e desenho do front matter do dicionário de falsos amigos espanhol-português. In: *Revista Voz das Letras n. 9*. Concórdia: Universidade do Contestado, 2008. s.p.

HARTMANN, R. R. R. *Teaching and researching lexicography*. London: Longman, 2001.

HARTMANN, R. R. R.; JAMES, G. *Dictionary of Lexicography.* London/New York: Routledge, 2001.

HAENSCH, G. et al. *La lexicografía. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica.* Madrid: Gredos, 1982.

HERNANDÉZ, H. *Los diccionarios de orientación escolar:* contribuición al estudio de la lexicografía monolíngüe española. Tubigen: Niemeyer, 1989.

HERNANDÉZ, H. Hacia un modelo de diccionario monolingue del español para usuarios extranjeros. In: FENTE, R.; MOLINA, A.; MARTÍNEZ, A. *Actas del primer congresso nacional de ASELE.* Granada, 1990, p.159-166

HÖFLING, C. *Da análise crítica de definições de nomes concretos em dicionários para uma proposta de definição padrão*. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista, Araraquara. 2000.

HÖFLING, Camila; SILVA, Maria C. P.; TOSQUI, Patricia. O dicionário como material didático na aula de Língua Estrangeira. *Intercâmbio* – LAEL-PUC/SP, v. 13, 2004. Disponivel em: <http://lael.pucsp.br/intercambio/13/Camila_Hofling.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2014.

HÖFLING, C. *Traçando um perfil de usuários de dicionários – estudantes de Letras com Habilitação em Língua Inglesa: um novo olhar sobre dicionários para aprendizes e a formação de um usuário autônomo*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista, Araraquara. 2006.

HORA, D. da.; RIBEIRO, S. R. Monotongação de ditongos orais decrescentes: fala versus grafia. In: GORSKI, E. M.; COELHO, I. L. (orgs.). *Sociolinguística e ensino*: contribuições para o professor de língua. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006, p. 209-226.

HUMBLÉ, P. R. M. *A vino nuevo, odres nuevos*. La nueva generación de diccionarios electrónicos. Primer Congreso del Instituto de Enseñanza Superior en Lenguas Vivas Juan Ramón Fernández. Argentina, 2007.

HUMBLÉ, P. R. M. *Dictionaries and language learners*. Frankfurt am Main: Haag und Herden, v. 1, 2001. Disponível em: <http://www.academia.edu/387225/Dictionaries_and_Language_Learners >. Acesso em: 5 jul. 2012.

ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente:* a língua que estudamos a língua que falamos. 2.ed., São Paulo: Contexto, 2014.

KRIEGER, M. da G. O dicionário de língua como potencial instrumento didático. In: ISQUERDO, A. N. & ALVES, I. M. (orgs.). *As ciências do léxico:* Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Campo Grande: UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007, p. 295-309.

LANDAU, S. *Dictionaries:* the art and craft of lexicography. Cambridge: CUP, 1991.

LARA, L. F. O dicionário e suas disciplinas. In: KRIEGER, M da G. & ISQUERDO, A. N. (orgs.). *As ciências do léxico:* lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 2004. p. 133-152.

LIMA, R; SOUZA, A, C de. *Estudos Linguísticos I.* Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2008.

LONGO, B. N. de O. Especificações gramaticais em dicionários: um estudo de caso. In: LONGO, B. N. de O.; SILVA, C. D. da. (orgs.). *A construção de dicionários e de base de conhecimento lexical*. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2006, p.45-60.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTÍNEZ DE SOUSA, J. *Diccionario de lexicografía práctica*. Barcelona: Bibliograf, 1995.

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L, C. Fonética. In: MUSSALIM, F; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à Lingüística*: domínios e fronteiras. 1ed.São Paulo: Cortez, 2001, v. 1, p. 105-146

MESTRE, A. R. La transcripción fonética automática del diccionario eletrónico de formas simples flexivas del español: estúdio fonológico en el léxico. *Estudios de Linguística del Español,* 4, Barcelona, 1999. Disponível em: http:elies.rediris.es/elies4/. Acesso em: 25 out. 2012.

NUNES, J. H. *Dicionários no Brasil:* análise e história. Campinas: Pontes Editores, São Paulo: Fapesp, 2006.

PIOTROWSKI, T. *Problems in bilingual lexicography*. Wroclaw: Wydawnictwo Univerwersytetu Wroclawkieg, 1994.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C de. *Metodologia do trabalho científico*: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2.ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUILIS, A. *Diccionarios de pronunciación*. Lingüística Española Actual IV,II, 1982. p. 326-332.

QUILIS, A; CASADO-FRESNILLO, C; MARCOS, R. Dos diccionarios de pronunciación: el primer Diccionario de pronunciación española en CD-Rom con audio y el primer Diccionario de pronunciación del español de España y de Hispanoamérica. *Revista Española de Linguística 29*, Madrid, 1999. p. 434-454. Disponível em: <http://www.uned.es/sel/pdf/jul-dic-99/29-1diccionarios%20de%20pronunciacion.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2012.

SCLIAR-CABRAL, L. *Princípios do sistema alfabético do português do Brasil.* São Paulo: Contexto, 2003.

SEARA, I. C.; NUNES, V, G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. *Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, M. C. P. Reflexões sobre o verbete dos dicionários bilíngues para fins pedagógicos. In: ISQUERDO, A. N. & FINATTO, M. J. B. (orgs.). *As ciências do léxico:* Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Campo Grande: UFMS, 2008, p. 329-349.

SILVA, T, C. *Fonética e Fonologia do Português:* Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 1999.

SILVA, T, C. *Pronúncia do inglês:* para falantes do português brasileiro. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

SVENSÉN, B. *Practical lexicography:* Principles and methods of dictionary-making. Oxford: Oxford University Press, 1993.

SVENSÉN, B. *A handbook of Lexicography. The theory and practice of dictionary-making*. Cambridge: CUP, 2009.

TERRA, E. *Minigramática*. São Paulo: Editora Scipione, 1995.

UNDERHILL, A. *Use your Dictionary:* A Practical Book for Users of Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English and Oxford Student's Dictionary of Current English. Oxford: Oxford University Press, 1980.

UNDERHILL, A. Working with the monolingual learners' dictionary. In: ILSON, R. (ed) *Dictionaries, Lexicography and language learning*. Oxford: Pergamon, 1985, p. 103-113.

VERDELHO, T.; SILVESTRE, J. P. *Dicionarística portuguesa:* inventariação e estudo do patrimônio lexicográfico. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2007. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=ibjsha_dpsYC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em 10 mar. 2016.

WELKER, H. A. *Dicionários – uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.

WELKER, H. A. Pesquisas sobre o uso de dicionários para aprendizes. *Cadernos de Tradução 18*. Florianópolis: Núcleo de Tradução, 2006. p.175-194.

WELLS, J. C. English pronunciation and its dictionary representation. In: ILSON. R. *Dictionaries, lexicography and language learning*. Oxford: Pergamon Press, 1985.

ZANATTA, F.; BUGUEÑO MIRANDA, F. A normatividade em dicionários gerais de língua portuguesa. In: LIMA-HERNANDES, M. C.; MARÇALO, M. J.; MICHELETTI, G; MARTIN, V. L. de R. (Orgs.). *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo: FFLCH-USP, 2008, p. 1-20. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp21/05.pdf. Acesso em 24 mai. 2014.

ZGUSTA, L. *Manual of Lexicography*. The Hague: Mouton, 1971.

Bibliografia consultada

ALVES, I. M. Gramáticas e dicionários: informações gramaticais explícitas e implícitas nos dicionários de língua. In: *Estudos Linguísticos 18*, 1989. p. 145-150.

ALVES, I. M. Para utilizar o dicionário na sala de aula. In: *Leitura,* 4, 1988. p. 59-63.

BERGENHOLTS, H.; TARP, S.; DUVA, G. *Manual of specialized lexicography:* the preparation of specialized dictionaries. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

BISOL, L. *Introdução a Estudos de Fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

BOGAARS, P. Uses and users of dictionary. In: VAN STERKENBURG, P. *An practical guide to lexicography.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003. p. 26-33.

BOOIJ, G. The codification of phonological, morphological, and syntactic onformation. In: VAN STERKENBURG, P. *An practical guide to lexicography*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003. p. 251-259.

CANEPARI, L. *Manuale di pronuncia italiana*. Bologna: Zanichelli, 1996.

FERRAREZI JUNIOR, C. *Guia do trabalho científico*: do projeto à redação final: monografia, dissertação e tese. 1.ed., São Paulo: Contexto, 2013.

HONSELAAR, W. Examples of design and production criteria for bilingual dictionaries. In: VAN STERKENBURG, P. *A practical guide to lexicography*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003.

HOUSEHOLDER, F. W; SAPORTA, S. *Problems in lexicography*. Bloomington: Indiana University, 1975.

KIPFER, B. A. Shapes, sounds, and forms of words. *Workbook on Lexicography Exeter linguistic studies*, 1984.

MARCHIAFÁVEL, V; ZAVAGLIA, C. Transcrição fonética automática para lemas em verbetes de dicionários do português brasileiro. In: *Anais do VIII simpósio brasileiro de tecnologia da informação da linguagem humana*. Cuiabá, 2011. p.154-158.
MAROTTA, G. Elementi di Fonologia e prosodia dell´italiano. In: *Italian Culture on the net*. Pisa, 2002. Disponível em: <http://www.italicon.it/modulo.asp?M=M00199>. Acesso em: 10 jul. 2012.

ONZI, M, L. *Consoantes geminadas do italiano:* um estudo fonético/fonológico. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística). Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2007.

ROMANO, A. Ortografia e pronuncia nella genesi di um dizionario dialettale valsesiano. In: *Anais do XI Euralex Internacional Congress*, Torino, 2006. p. 713-719. Disponível em: <http://www.euralex.org/elx_proceedings/Euralex2006/090_2006_V2_Antonio%20ROMANO_Ortografia%20e%20pronuncia%20nella%20genesi%20di%20un%20dizionario%20dialettale%20valsesiano.pdf>. Acesso em: 20 set. 2012.

SILVA, M. C. P. Os estrangeirismos e o vocabulário fundamental nos dicionários bilíngues. *Cadernos de Tradução 18*. Florianópolis: Núcleo de Tradução, 2006. p.215-234.

VAN STERKENBURG, P. The dictionary: Definition and history. In: VAN STERKENBURG, P. *A practical guide to lexicography*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003. p. 4-17.

ANEXO 1 – Guia de pronúncia do dicionário Aurélio

TABELA DE TRANSCRIÇÕES FONÉTICAS

VOGAIS

a aberta central; como no port. *mar;* fr. **à** *la arte;* it. *da cappo*
æ aberta anterior; sem correspondente em port.; é semelhante ao [a], mas pronunciando-se com a boca menos aberta e a língua menos recuada, na posição próxima à do /e/ aberto ([ɛ]), como no ingl. *back*
ɑ semiaberta posterior; semelhante ao *a*, mas com a boca menos aberta e a língua mais recuada (é o [a] neutro ou reduzido, especialmente observado na pronúncia de Portugal, onde é realizado como vogal semifechada)
ã correspondente nasal do [ɑ], e próxima do port. *lã*; fr. *chantilly, sans-culotte*
e semifechada anterior; como no port. *ver, rede*
ə vogal neutra (xuá): abertura média da boca (entre o [ɛ] e o [e]), com a língua nem muito avançada nem muito recuada na cavidade bucal (entre o [e] e o [o]); típica da pronúncia de Portugal (como em forte, tarde), ou como no fr. *au revoir, première*
ɛ semi-aberta anterior; como no port. *ferro, lebre*
ɛ̃ correspondente nasal do [ɛ]; como no fr. *bien, lingerie, vin*
i fechada anterior; como no port. *cair*
ɪ vogal fechada; pronúncia próxima à do [i], com a boca menos fechada e a língua mais recuada, como no ingl. *bit, chip, kit*
ɨ fechada central; sem correspondente em port.; a boca como na pronúncia do [i] com a língua mais recuada; ingl. *self-service*
o fechada posterior, como no port. *calor*
ɔ semiaberta posterior; corresponde aproximadamente ao /o/ aberto, como em *sorte*
ɔ̃ correspondente nasal do [ɔ]; como no port. *bom, com*; fr. *bon, frisson, jeton, réveillon*
ø semifechada anterior; não há correspondente em port.: a boca arredondada na forma do /o/ fechado ([o]) e a língua na posição do /e/ fechado ([e]), como no fr. *berceuse, monsieur*, e na pronúncia do **ö** (tb. grafado ou transcrito *oe*), em certas palavras e nomes do alemão, como *Goethe*
œ anterior média; sem correspondente em port.; a boca na forma do /o/ aberto ([ɔ]), a língua na posição do /e/ aberto ([ɛ]): fr. *tailleur, peur, œuvre*
u fechada posterior; como no port. *sul, luz*
y fechada anterior; sem correspondente em port.; a boca na forma do /u/, com a língua na posição do /i/: é a pronúncia do *u* no fr., como em *fondue, déjà vu*; e do *ü* no alemão, como em *Kümmel, über*
ʌ posterior semiaberta, como no ingl. *funk, rush*; próxima da vogal neutra [ə], mas ger. acentuada, e pronunciada com a língua mais recuada e a boca mais aberta
ɚ vogal dita r-colorida; equivale a [ɔɹ] e é a pronúncia típica do /er/ em ingl., como *best-seller, buffer, laser* e em outros casos de vogal neutra + r (*network, nurse*)

CONSOANTES

b plosiva bilabial sonora; como no port. *bola*
d plosiva alveolar sonora; como no port. *dedo*
f fricativa labiodental surda; como no port. *fim*
g velar sonora; como no port. *gato, açougue*
k velar surda; como no port. *coração, aqui, aquário*
l lateral alveolar; como no port. *lago*
m nasal bilabial; como no port. *mar*
n nasal alveolar; como no port. *nó*
p plosiva bilabial surda; como no port. *pé* (em ingl., por exemplo, a pronúncia é ger. acompanhada de aspiração)
ɾ vibrante alveolar simples; como no português *cara*
r vibrante múltipla, como no it. *arrivederci*
ɹ contínua (sem fricção); a língua não chega a tocar no céu da boca, i.e., não produz oclusão; é o som representado tipicamente pelo *r* no ingl.: *rock-and-roll, software*
s fricativa alveolar surda; como no port. *sim, passo*
t plosiva alveolar surda; como no port. *ter, até*
v fricativa labiodental sonora; como no port. *ver*
z fricativa alveolar sonora; como no port. *cozer, asa*
ʒ fricativa palatoalveolar sonora; como no port. *jogo*
ʃ fricativa palatoalveolar surda; como no port. *chá, xícara*
θ fricativa interdental surda; não tem correspondente em port.; soa como no ingl. *thriller*, gr. *éthos, páthos*; corresponde, aproximadamente, a um /s/ realizado com a língua de encontro aos dentes frontais
ð fricativa dental sonora; não tem correspondente em port.; como no ingl. *the* (art. def.); corresponde, aproximadamente, a um /z/ realizado com a língua de encontro aos dentes frontais
ŋ nasal velar; tipicamente representada pelo dígrafo *ng* em ingl., como em *camping*
ɲ nasal palatal; semelhante ao som representado em port. pelo dígrafo *nh*, ou como no fr. *peignoir*; esp. *el niño*
ç fricativa palatal; sem correspondente no port.; a fricção é semelhante à da pronúncia do [ʃ], mas o dorso da língua é recuado, i.e., levado à parte posterior do palato, como no al. *Reich*
χ fricativa uvular surda; sem correspondente exato no port.; soa como no al. *Krach, Mach* (antr.); no esp. *Juan* (antr.; cf. *Don Juan);* no ár. *sheik*; no gr. *archê*; a língua fica em posição ainda mais recuada do que na realização do [ç]
ʁ fricativa uvular sonora; o som se aproxima ao da pronúncia do *r* não intervocálico e do *rr* em port. (carne, carro)
ʕ fricativa faríngea, como no ár. *tahine*, hebr. *chanukah*
h fricativa faríngea surda; corresponde à pronúncia aspirada do *h*, como no ingl. *hit, hobby, homepage*; semelhante, no port., a certas pronúncias do *r* em início de palavra: *rato*; *rei*
tʰ é o /t/ acompanhado de aspiração, na pronúncia do dígrafo *th* em latim
ɣ fricativa velar sonora, na pronúncia reconstituída do gama do gr. clássico: *lógos*

SEMIVOGAIS

w bilabial; pronuncia-se como o /u/ semivogal de ditongo, no port. *quadro, chapéu*
j palatal; pronuncia-se como o /i/ semivogal de ditongo, no port. *boi, herói, colégio*

SINAIS ESPECIAIS

ą representa a vogal aberta posterior na pronúncia do ingl.; é semelhante ao [a], mas realizada com a língua em posição mais recuada e a boca um pouco mais fechada e arredondada; ingl. *shop, top*
ɘ sinal usado na transcrição do *i* breve átono, na reconstituição da pronúncia do latim; aproxima-se do [e] e do [ɪ]
lʲ lateral palatal; som correspondente ao do [l] palatalizado: um /l/ pronunciado com o dorso da língua de encontro ao palato, como no esp. *amontillado*; som próximo ao representado pelo dígrafo *lh* em port.

ˈ sinal que precede a sílaba tônica
ˌ sinal que precede sílaba subtônica (us. em algumas transcrições)
ː indica duração completa (ou longa)

CHAVE DE PRONÚNCIA

O quadro a seguir lista os símbolos fonéticos usados na transcrição de palavras e expressões estrangeiras. A versão utilizada do alfabeto fonético internacional (IPA) foi a de 1993 (revista em 1996), em razão de ter sido aquela em que se basearam as transcrições elaboradas para a edição anterior e que foram mantidas na presente edição. Com o objetivo de facilitar a consulta, o quadro apresenta, separadamente, os símbolos para consoantes, vogais e diacríticos usados nas transcrições dos novos verbetes incluídos nesta 5ª edição do *Dicionário Aurélio*, bem como sua classificação de acordo com o IPA e um exemplo para orientar o leitor quanto à sua produção oral.

SÍMBOLO IPA	CLASSIFICAÇÃO IPA	EXEMPLO
	CONSOANTES	
ʎ	Consoante aproximante lateral palatalizada vozeada	goulash ['guʎaʃ] [hún.]
β	Consoante fricativa bilabial vozeada	vino de crianza [βinoðekri'ansa] [Esp.]
ð	Consoante fricativa dental vozeada	vino de crianza [βinoðekri'ansa] [Esp.]
ŋ	Consoante nasal velar vozeada	mailing ['majlɪŋ] [Ingl.]
ɾ	Consoante tepe alveolar vozeada	provolone [provo'lone] [It.]
ʃ	Consoante fricativa pós-alveolar desvozeada	blush ['blʌʃ] [Ingl.]
tʃ	Consoante africada pós-alveolar desvozeada	check-out [tʃek awt] [Ingl.]
θ	Consoante fricativa dental desvozeada	bluetooth ['bluw tuwθ] [Ingl.]
ʋ	Consoante aproximante labiodental vozeada	aquavit [akʋa'ʋit] [Sueco *aqvavit* < lat. *aqua vitae*.]
ʒ	Consoante fricativa pós-alveolar vozeada	beaujolais [boʒo'lɛ] [Fr.]
dʒ	Consoante africada pós-alveolar vozeada	jeans [dʒijnz] [Ingl., do fr. *Gênes*, 'Genova', porto na Itália.]
ts	Consoante africada alveolar desvozeada	pizzicato [ˌpit.tsi'kato] [It.]
dz	Consoante africada alveolar vozeada	jacuzzi [ja'kud.dzi] [It., marca registrada.]
b	Consoante oclusiva bilabial vozeada	bike [bajk] [Ingl.]
d	Consoante oclusiva alveolar vozeada	al dente [al 'dente] [It.]
f	Consoante fricativa labiodental desvozeada	flan [flɑ̃] [Fr.]
g	Consoante oclusiva velar vozeada	gourmet [guʁ'me] [Fr.]
h	Consoante fricativa glotal desvozeada	home theater ['howm 'θɪjətəɾ] [Ingl.]
j	Consoante aproximante palatal vozeada	yakissoba [ja:'kisoba:] [Chin./Jap.]
k	Consoante oclusiva velar desvozeada	cookie ['kʊkij] [Ingl.]
l	Consoante aproximante lateral alveolar vozeada	lan house [læn haws] [Ingl., do acrôn. ingl. *lan* (*local area network*) + *house*.]
m	Consoante nasal bilabial vozeada	mangá [maɴ'ga:] [Jap.]
n	Consoante nasal alveolar vozeada	noir [nwaʁ] [Fr.]
p	Consoante oclusiva bilabial desvozeada	pit bull ['pɪtbʊl] [Ingl.]
r	Consoante vibrante alveolar vozeada	rigatone [riga'tone] [It.]
s	Consoante fricativa alveolar desvozeada	club soda [klʊb 'sowdə] [Ingl.]
t	Consoante oclusiva alveolar desvozeada	top model [tɑp 'mɑdl] [Ingl.]
v	Consoante fricativa labiodental vozeada	van [væn] [Ingl., f. red. de *caravan*, 'caravana'.]
w	Consoante aproximante labiovelar vozeada	webcam ['wɛbkæm] [Ingl.]
z	Consoante fricativa alveolar vozeada	king-size [kɪŋ sajz] [Ingl.]
ʂ	Consoante fricativa retroflexa desvozeada	feng chui [fəŋ ʂwèj] [chin.]

SÍMBOLO IPA	CLASSIFICAÇÃO IPA	EXEMPLO
	CONSOANTES	
ɹ	Consoante aproximante alveolar (retroflexa) vozeada	rafting ['ɹæftɪŋ] [Ingl.]
ɴ	Consoante nasal uvular vozeada	futon [ɸuˈtoːɴ] [Jap.]
ʎ̝	Consoante aproximante lateral palatal vozeada	tempranillo [tempraˈniʎ̝o] [Esp.]
ʁ	Consoante fricativa uvular vozeada	brie [bʁi] [Fr.]
ɥ	Consoante aproximante labiopalatal vozeada	gruyère [gʁyˈɥɛʁ] [Fr.]
ɲ	Consoante nasal palatal vozeada	champignon [ʃɑ̃piˈɲɔ̃] [Fr.]
	VOGAIS	
ɑ	Vogal posterior aberta não arredondada	blockbuster ['blɑkˌbʌstɚ] [Ingl.]
ɯ	Vogal posterior fechada não arredondada	surimi [sɯɾiˈmi] [Jap.]
o	Vogal posterior meio-fechada arredondada	cot [ko] [Fr.]
ɛ	Vogal anterior meio-aberta não arredondada	pet shop [pɛt ʃɑp] [Ingl.]
ɪ	Vogal anterior fechada não tensa não arredondada	chip [tʃɪp] [Ingl.]
y	Vogal anterior fechada arredondada	brut [bʁyt] [Fr.]
ø	Vogal anterior meio-fechada arredondada	bleu [blø] [Fr.]
œ	Vogal anterior meio-aberta arredondada	cache-coeur [kaʃ kœʁ] [Fr.]
ʌ	Vogal posterior meio-aberta não arredondada	cup [kʌp] [Ingl.]
æ	Vogal anterior aberta não arredondada	gadget ['gædʒɪt] [Ingl.]
u	Vogal posterior fechada arredondada	fusilli [fuˈziɫ.li] [It.]
ɔ	Vogal posterior meio-aberta arredondada	offshore [ˌɔfˈʃɔɹ] [Ingl.]
ʊ	Vogal posterior fechada não tensa arredondada	e-book ['ijbʊk] [Ingl.]
ɔ	Vogal média central não arredondada	donut ['downɔt] [Ingl.]
ʉ	Vogal central fechada arredondada	ombudsman [ˌombʉdsˈmɑn] [Sueco *ombud*, 'representante', 'deputado', + ingl. *man*, 'homem'.]
a	Vogal central aberta não arredondada	pasta[2] ['pasta] [It.]
e	Vogal anterior meio-fechada não arredondada	pesto ['pesto] [It.]
i	Vogal anterior fechada não arredondada	petit gâteau [pətigaˈto] [Fr., 'bolinho'.]
ɜ˞	Vogal central meio-aberta não arredondada roticizada	t-shirt [tij ʃɜ˞t] [Ingl.]
ɚ	Vogal média central não arredondada roticizada	call center ['kɔlˌsɛntɚ] [Ingl.]
ɨ	Vogal central fechada não arredondada	zloty ['zlɔ:tɨ] [Pol.]
	DIACRÍTICOS*	
ː	Longo	shiitake ['ʃiːtake] [Jap.]
ˉ	Tom alto (tom 1 do chinês mandarim)	shantung [ʃɑ̄nˈd̪ūŋ] [chin.]
ˋ	Tom descendente (tom 4 do chinês mandarim)	feng chui [fə̀ŋ ʂwèj] [chin.]
˘	Breve	ad interim [ad ˈintĕrɐ̯m] [Lat.]
~	Nasalizado	maison [meˈzõ] [Fr.]
◌̥	Desvozeado	shantung [ʃɑ̄nˈd̪ūŋ] [chin.]
.	Fronteira silábica	farfalle [farˈfal.le] [It.]
◌̝	Vogal anteriorizada	ad infinitum [ad ẹnˈfiṇẹto(m)] [Lat.]
ˊ	Tom ascendente (tom 2 do chinês mandarim)	feng chui [fə́ŋ ʂwèj] [Jap.]
◌̩	silábico	eagle ['ijgl] [Ingl.]
ˌ	Acento secundário	smartphone ['smɑɹtˌfown] [Ingl.]
ˈ	Acento primário	smartphone ['smɑɹtˌfown] [Ingl.]

* Sinais diacríticos ampliados para melhor visualização.

ANEXO 2 – Guia de pronúncia do dicionário Houaiss

CAMPO DA ORTOÉPIA E DA PRONÚNCIA

2 **Ortoépia** é a indicação normativa da pronúncia de um vocábulo, enquanto a *transcrição fonética* é uma indicação apenas informativa. São apresentadas entre barras invertidas, imediatamente a seguir à entrada. A ortoépia é fornecida em verbetes da língua portuguesa, e a transcrição fonética, nos de palavras e locuções de outras línguas.

2.1 Na **ortoépia**, o dicionário indica o timbre das vogais tônicas fechadas *e* e *o*, quando já não expressamente acentuadas com sinal diacrítico na palavra; os hiatos; o som da letra *x*, no caso de valer \cs\, \gz\ ou \z\; o timbre dos ditongos orais abertos que, pelo Acordo Ortográfico de 1990, deixaram de ser acentuados; e, com a queda do trema, a prolação da letra *u*. Exemplos:

gaveta \ê\ *s.f.* (1563) **1** compartimento corrediço encaixado num móvel que se abre puxando e se fecha empurrando (....)
distribuidor \u-i...ô\ *s.m.* (sXV) **1** aquele ou aquilo que distribui **1.1** MKT o que se encarrega da distribuição de (....)
onicorrexia \cs\ *s.f.* DERM enfraquecimento da unha, acompanhado de estriamento longitudinal e ruptura (....)
hexágono /z, cs *ou* gz/ *s.m.* (1604) GEOM **1** polígono de seis lados; hectógono (....)
ideia \éi\ *s.f.* (c1543) **1** representação mental de algo concreto, abstrato ou quimérico (....)

2.1.1 Se houver mais de uma pronúncia possível para determinada palavra, o campo refere-o:

grumete \ê *ou* é\ *s.m.* (sXIII) MAR graduação mais inferior das praças da Armada ◆ ETIM prov. fr. *gourmet* (....)
topete /é *ou* ê/ *s.m.* (sXIII) **1** tufo de cabelos no alto da testa (....)
líquido \qu *ou* qü\ *adj.* (1446) **1** FÍS diz-se do estado da matéria intermediário entre os estados sólido e gasoso (....)

2.1.2 Para melhor elucidação, o dicionário por vezes indica o som de vogais tônicas de timbre aberto não acentuadas com sinal gráfico (diacrítico), especialmente quando se trata de vocábulos terminológicos ou

não muito correntes, fazendo-se necessário esclarecer ao usuário sua pronúncia correta. O mesmo para caracterizar homônimos homógrafos não homófonos.

besta \é\ s.f. (sXIII) ARM antiga arma portátil que consiste em um arco de madeira, chifre ou aço, montado em uma coronha, cujas extremidades são ligadas por uma corda (....)
lobo \ó\ s.m. (1670) **1** ANAT parte mais ou menos bem definida de um órgão, esp. do cérebro, pulmões e glândulas (....)
¹coco \ó\ s.m. (1600) METR medida de capacidade japonesa correspondente a seis alqueires (entre 12,5 e 13,8 litros) [....]
cateter \tér\ s.m. (1836) MED **1** tubo plástico de calibre milimétrico e de comprimento variável **2** tubo ou sonda (....)

2.2 Quando as entradas são *vocábulos* ou *locuções estrangeiros*, o dicionário registra, nesse mesmo campo, a sua **pronúncia** em transcrição fonética.

déjà-vu \de'ʒa vy\ [fr.] s.m.2n. PSIC forma de ilusão da memória que leva o indivíduo a crer já ter visto (e, por ext., já ter vivido) alguma coisa ou situação de fato desconhecida ou nova para si; paramnésia (....)

Utilizou-se para esse fim o Alfabeto Fonético Internacional (ver QUADRO a seguir), mas com uma transcrição fonética ampla, só distinguindo sons próximos, como os vários tipos de R, quando, em dada língua, servem eles para distinguir o significado das palavras (p.ex. os R de caro *versus* carro em espanhol ou português). Quanto aos diacríticos:

2.2.1 **Acento de intensidade:** o sinal [ˈ] indica, nos vocábulos de duas ou mais sílabas, que a sílaba que se lhe segue é acentuada.
2.2.2 **Acento melódico:** o do japonês foi representado sobrepondo à palavra uma linha a indicar se a curva melódica se mantém no mesmo nível ao longo do vocábulo (por exemplo, **kana** \kan̄ā\), ou se, ao contrário, decai a partir de certo ponto (**aikido** \ajk̄ido:\).
2.2.3 **Tom lexical:** nas línguas tonais, o tom lexical é representado seja por um acento gráfico agudo (tom alto) ou grave (tom baixo, exemplo \bà:t\, do tailandês), seja por um algarismo alceado junto à sílaba em que ocorre. No chinês mandarim há quatro tons possíveis: o tom ¹ corresponde a uma nota aguda e uniforme, o tom ² a uma modulação melódica ascendente a partir de um nível médio, o tom ³ a uma modulação descendente-ascendente a partir de um tom baixo, e o tom ⁴ a uma modulação descendente a partir de um tom alto.
2.2.4 **Duração:** o sinal [:] após uma vogal indica se ela é longa, isto é, se tem duração maior que a duração padrão das vogais na língua; o uso desse diacrítico restringiu-se às línguas em que a duração é distintiva.
2.2.5 **Observações:**
a) No caso de pronúncias discrepantes entre o inglês norte-americano e o britânico, optou-se por representar a primeira delas, por ser mais corrente no mundo de hoje.
b) Quanto ao latim e grego, respeitou-se, na transcrição dos vocábulos, a marcação das vogais longas e breves segundo o sistema tradicional, utilizando-se os diacríticos ˘ (braquia) e ¯ (macro) sobrepostos à vogal, para indicar se é breve ou longa, respectivamente.

virgem adj 2g s 2g (....) ◆ ETIM lat. *vīrgo,ĭnis* 'donzela, moça virgem etc.' (....)
arquênteron s.m. (d1877) EMBR cavidade da gástrula, revestida de endoderma ◆ GRAM pl.: *arquentérones* e (B) *arquênterons* ◆ ETIM gr. *arkhḗ* 'origem, início' + *énteron* 'intestino' ◆ SIN/VAR arquêntero

c) Na pronúncia reconstituída do latim clássico, a quantidade geralmente recai na penúltima sílaba da palavra. Não existem oxítonas. Nos vocábulos em que a penúltima sílaba é breve, a quantidade recua para a antepenúltima sílaba (por exemplo, *anĭmus*). Quando a penúltima sílaba possui uma vogal longa (*mandāto*) ou uma vogal que, embora breve, é seguida de uma consoante na mesma sílaba (*consĕnsus*), esta atrai a quantidade.
d) Ao lado da pronúncia reconstituída do latim, utilizada para os vocábulos do latim clássico, o dicionário fornece, ainda, em alguns casos, a sua pronúncia *cor-*

rente ou a do *latim eclesiástico* ou a do *latim escolástico* ou a do *latim científico*.
e) No alfabeto fonético, o sinal [x] equivale ao som do *j* do espanhol, por exemplo, na palavra *J*uán (consoante fricativa velar surda).

2.2.6 Quadro de transcrições fonéticas

Vogais

a vogal aberta, central, não arredondada; port. l*a*r, fr. ch*a*peau
ɑ vogal aberta, posterior, não arredondada; fr. b*a*s-fond, ing. l*o*bby
æ vogal de grau de abertura entre aberto ([a]) e semiaberto ([ɛ]), anterior, não arredondada; ing.bl*a*ck
e vogal semiaberta, anterior, não arredondada; port. p*é*, fr. adresse
œ vogal semiaberta, anterior, arredondada; fr. box*eur*
ʌ vogal semiaberta, posterior, não arredondada; ing. b*u*s
ɔ vogal semiaberta, posterior, arredondada; port. av*ó*, fr. apport
ə vogal de grau de abertura entre semiaberto e semifechado, central, não arredondada; ing. blaz*e*r, fr. at*e*lier
e vogal semifechada, anterior, não arredondada; port. l*ê*, fr. attach*é*
ø vogal semifechada, anterior, arredondada; fr. j*eu*-de-mots
o vogal semifechada, posterior, arredondada; port. av*ô*, fr. compl*o*t
ɪ vogal de grau de abertura entre fechado ([i]) e semifechado ([e]), posição da língua entre anterior e central, não arredondada; ing. b*i*g
ʊ vogal de grau de abertura entre fechado ([u]) e semifechado ([o]), posição da língua entre posterior e central, arredondada; ing. b*oo*k
i vogal fechada, anterior, não arredondada; port. t*i*ro, fr. can*i*che
y vogal fechada, anterior, arredondada; fr. b*u*reau, al. k*ü*mmel
ɯ vogal fechada, posterior, não arredondada; jap. shiats*u*
u vogal fechada, posterior, arredondada; port. l*u*a, fr. b*ou*levard
j semivogal fechada, anterior, não arredondada; ing. d*ay*
ɥ semivogal fechada, anterior, arredondada; fr. s*uè*de
w semivogal fechada, posterior, arredondada; al. ba*u*hau*s*, esp. b*ue*no

Consoantes

p consoante oclusiva bilabial surda; port. *p*orta
b consoante oclusiva bilabial sonora; port. *b*ola
t consoante oclusiva alveolar surda; port. *t*aco
d consoante oclusiva alveolar sonora; port. *d*ama
k consoante oclusiva velar surda; port. *c*ama
g consoante oclusiva velar sonora; port. *g*ato
ɸ consoante fricativa bilabial surda; jap. to*f*u, gr. *ph*ysis
β consoante fricativa bilabial sonora; esp. al*b*orada
f consoante fricativa labiodental surda; port. *f*aca
v consoante fricativa labiodental sonora; port. *v*aca
θ consoante fricativa dental surda; ing. *th*iller
ð consoante fricativa dental sonora; esp. albora*d*a
s consoante fricativa alveolar surda; port. *s*ábio
z consoante fricativa alveolar sonora; port. *z*ebra
ʃ consoante fricativa pós-alveolar surda; port. *ch*ave
ʒ consoante fricativa pós-alveolar sonora; port. *j*eito
ç consoante fricativa palatal surda; al. liebfraumil*ch*
x consoante fricativa velar surda; esp. don*j*uán
ɣ consoante fricativa velar sonora; esp. bode*g*ón
ʕ consoante fricativa faringal sonora; ár. *h*alawi
h consoante fricativa glotal surda; ing. *h*ippie
m consoante nasal bilabial; port. *m*ata
n consoante nasal alveolar; port. *n*ata
ɲ consoante nasal palatal; port. ba*nh*o, fr. champi*gn*on
ŋ consoante nasal velar; ing. camp*ing*
ɴ consoante nasal uvular; jap. gaij*in*
l consoante aproximante lateral alveolar; port. *l*ata
ɫ consoante aproximante lateral alveolar velarizada; rus. ku*l*ak
ʎ consoante aproximante lateral palatal; port. ca*lh*a, it. passacag*l*ia, esp. pae*ll*a

ɹ consoante aproximante alveolar; ing. *r*ush

ɾ consoante vibrante alveolar; esp. *r*umba, it. a*rr*ivederci; ou tape alveolar; port. ca*r*a, esp. pe*r*o

ʁ consoante vibrante ou fricativa uvular; fr. *r*affiné

ts consoante africada alveolar surda; it. ca*z*zone

dz consoante africada alveolar sonora; it. intermezzo

tʃ consoante africada pós-alveolar surda; it. *c*ello, ing. *ch*eck-up

dʒ consoante africada pós-alveolar sonora; it. a*g*itato, ing. *j*eans

2.3 A informação que o dicionário dá a seguir à pronúncia, no caso das unidades léxicas estrangeiras, é a da língua a que pertence tal palavra ou locução, indicada entre colchetes:

souvenir \suv'niR\ [fr.] *s.m.* objeto característico (....)
apfelstrudel \'apfəlʃtRu:dəl\ [al.] *s.m.* CUL espécie de pão doce de massa folhada (....)

ANEXO 3 – Guia de pronúncia do dicionário Lo Zingarelli

13. Pronuncia. Il vocabolario registra la pronuncia dei lemmi, delle varianti di forma e delle forme flesse in due modi distinti. La pronuncia della maggior parte delle parole italiane è indicata dall'accento (chiaro o scuro, acuto o grave, come si dirà in seguito) e da altri segni grafici (per es. da un punto sottoscritto alla *s* o *z* per indicarne il suono sonoro). La pronuncia delle parole straniere e delle parole italiane anomale è invece indicata dalla trascrizione fonematica con i simboli dell'alfabeto dell'Associazione Fonetica Internazionale.

13.1 Le principali difficoltà nella corretta pronuncia dell'italiano sono:

- La posizione dell'accento tonico: si dice **edile** o **èdile**, **persuadere** o **persuàdere**, **tralice** o **tràlice**?
- Il suono chiuso (come in **Roma**, **vèrde**) o aperto (come in **ròba**, **vènto**) della *o* e della *e*.
- Il suono sordo (come in **òsso**, **tàzza**) o sonoro (come in **ròsa**, **gàzza**) della *s* e della *z*.
- La pronuncia del trigramma *gli*: palatale laterale in **àglio**, **dégli**; /gli/ in **glicine**, **negligènte**.
- La pronuncia del digramma *gn*: generalmente nasale palatale (come in **bàgno**, **gnòmo**); talora /gn/ (come in **gneiss**, **gnòsi**).

Lo **Zingarelli** risolve questi problemi con semplici soluzioni grafiche che non rallentano la lettura e contemporaneamente chiariscono in modo immediato ed efficace ogni possibile dubbio:

• Tutti i vocaboli italiani sono accentati. L'accento è in carattere grassetto se obbligatorio: **perché**, **libertà**, **sì**; in carattere chiaro se facoltativo: **bène**, **mèglio**, **córsa**. Infatti in italiano l'accento deve essere obbligatoriamente scritto solo quando cade sulla vocale finale; può essere scritto facoltativamente quando cade su un'altra vocale. (In pratica l'uso dell'accento facoltativo è limitato a casi altrimenti ambigui: *cose che càpitano al capitàno*; *ha perso ancóra l'àncora*; *prìncipi senza princìpi*: *amano la pésca e non la pèsca*.)

• Sia gli accenti obbligatori (grassetti) che quelli facoltativi (chiari) sono sempre gravi sulle vocali *a*, *i*, *u* (*à*, *ì*, *ù*). Possono invece essere gravi oppure acuti su *e* ed *o*: l'accento grave (*è*, *ò*) indica pronuncia aperta (/ɛ/, /ɔ/), come in **bèlla** /'bɛlla/, **fòrza** /'fɔrtsa/; l'accento acuto (*é*, *ó*) indica pronuncia chiusa (/e/, /o/), come in **méla** /'mela/, **róssa** /'rossa/.

• Un punto sotto la *s* o la *z* indica i suoni sonori /z/, /dz/: **càṣo** /'kazo/, **ẓòna** /*'dzɔna/. L'assenza di punto indica i suoni sordi /s/, /ts/: **séra** /'sera/, **stànza** /s'tantsa/.

• Un punto sotto il trigramma *gli* indica la pronuncia /ʎi/ come in **g̣licemìa** /ʎiʧe'mia/. L'assenza di punto indica la pronuncia palatale laterale: **gliélo** /*'ʎelo/, **piglio** /'piʎʎo/.

• Un punto sotto il digramma *gn* indica la pronuncia /ɲ/ come in **g̣nèiss**. L'assenza di punto indica la pronuncia nasale palatale come in **gnòmo** /'ɲɔmo/.

• Un trattino sotto una vocale indica che essa non forma dittongo con la vocale che segue: **sci̲atóre** > sci-a-to-re, **du̲alìṣmo** > du-a-li-smo, **portai̲nségna** > por-ta-in-se-gna, **co̲utènza** > co-u-ten-za.

I monosillabi sono un'eccezione rispetto alle regole precedenti: per evitare ogni possibilità di confusione fra accenti facoltativi e obbligatori, si accentano (con accento neretto) solo i monosillabi la cui grafia è accentata obbligatoriamente: **sì** (affermazione), **dì** (giorno), **dà** (voce del verbo *dare*), etc. Gli altri monosillabi non sono accentati; se la vocale nel monosillabo è *e* oppure *o*, il suono aperto o chiuso è indicato dalla trascrizione fonematica: **no** /nɔ*/, **se** /se*/.

Le regole che consentono la lettura dei vocaboli italiani in base alla grafia e alle convenzioni esposte in precedenza sono riassunte nella **Tabella delle equivalenze tra grafemi e fonemi** (V. oltre). Informazioni più ampie sulla pronuncia delle singole lettere sono date all'inizio dell'elencazione alfabetica di ciascuna di esse.

13.2 La trascrizione fonematica, codificata secondo l'alfabeto dell'Associazione Fonetica Internazionale, è riportata dopo il lemma nei casi seguenti:

• Latinismi la cui pronuncia non è desumibile dalla grafia e forestierismi. La trascrizione è preceduta dall'indicazione della lingua d'origine: **curriculum vitae** /*lat.* kur'rikulum 'vite/, **saloon** /*ingl.* sə'lu:n/, **baguette** /*fr.* ba'gɛt/, **Biedermeier** /*ted.* 'bi:dʌ-ˌmaeʌ/, **vuelta** /*sp.* 'bwelta/. Gli eventuali accenti presenti nella grafia della lingua d'origine sono in neretto. In alcuni casi essi

hanno un'effettiva rilevanza ai fini della pronuncia della parola: **bergère** */fr.* bɛʀ'ʒɛːʀ/. In altri hanno una funzione puramente grafica e sono presenti solo per ragioni etimologiche o per distinguere tra di loro parole altrimenti omografe: **boîte** */fr.* bwat/, **élite** */fr.* e'lit/.

- Lemmi italiani derivati da parole straniere senza italianizzazione della grafia: **autoroulòtte** /autoru'lɔt/, **fauvìsmo** /fo'vizmo/.
- Voci di origine straniera o dialettale ormai prevalentemente italianizzate nella pronuncia: **flìpper** /'flipper, *ingl.* 'flɪpə(r)/, **flan** /flan, *fr.* flɑ̃/, **baùscia** /ba'uʃʃa, *lomb.* ba'yʃa/.
- Voci italiane la cui pronuncia non è immediatamente derivabile dalla grafia: **amfetamìna** /anfeta'mina/, **exèresi** /ek'sɛrezi/, **be'** /bɛ/.
- Sigle pronunciate compitando le singole lettere: **SOS** /'esse o-'esse/, **DNA** /dienne'a*/.

I simboli usati nelle trascrizioni fonematiche sono quelli raccomandati dall'Associazione Fonetica Internazionale: essi sono elencati nella **Tabella delle trascrizioni fonematiche** (V. oltre)

TABELLA DELLE EQUIVALENZE TRA GRAFEMI E FONEMI

Grafema	Fonema	Esempi
a, à	a	*andàta* /an'data/ [1], *Pisa* /'pisa/
à	a*	*bontà* /bon'ta*/, *farà* /fa'ra*/
b	b	*Bellini* /bel'lini/, *visibili* /vi'zibili/
c	k	*Còmo* /'kɔmo/, *vacànza* /va'kantsa/
ch [+*i, e*]	k	*Chiànti* /'kjanti/, *schérzo* /'skertso/
c [+*i, e*]	ʧ	*Cecìlia* /ʧe'ʧilja/, *pàce* /'paʧe/
ci [+voc.]	ʧ	*ciào* /ʧao/, *cielo* /'ʧɛlo/, *bàcio* /'baʧo/
ci, ci̱ [+voc.]	ʧi	*Lucìa* /lu'ʧia/, *cielìino* /ʧiel'lino/
cc [+*i, e*]	tʧ	*acceleràndo* /atʧele'rando/, *Puccìni* /put'ʧini/
cci [+voc.]	tʧ	*Carpàccio* /kar'patʧo/, *pasticcière* /pastit'ʧɛre/ [2]
cci [+voc.]	tʧi	*scalpiccìo* /skalpit'ʧio/, *stropiccìo* /stropit'ʧio/
cqu [+voc.]	kkw	*àcqua* /'akkwa/, *acquisto* /ak'kwisto/
d	d	*Dànte* /'dante/, *vendétta* /ven'detta/
e, è	e	*méla* /'mela/, *pàne* /'pane/
é	e*	*perché* /per'ke*/, *mercé* /mer'ʧe*/
è	ɛ	*bèlla* /'bɛlla/, *Trièste* /tri'ɛste/
è	ɛ*	*tè* /tɛ*/, *caffè* /kaf'fɛ*/
f	f	*Ferràri* /fer'rari/, *Àlfa* /'alfa/
g	g	*àgo* /'ago/, *góndola* /'gondola/
gh [+*i, e*]	g	*àghi* /'agi/, *ghétto* /'getto/
g [+*i, e*]	ʤ	*àgi* /'aʤi/, *gètto* /'ʤetto/, *Gènova* /'ʤɛnova/
gi [+voc.]	ʤ	*àgio* /'aʤo/, *egrègio* /e'grɛʤo/
gi, gi̱ [+voc.]	ʤi	*magìa* /ma'ʤia/, *frangi̱ónde* /franʤi'onde/
gg [+*i, e*]	ʤʤ	*òggi* /'ɔʤʤi/, *leggèro* /led'ʤɛro/
ggi [+voc.]	ʤʤ	*règgia* /'reʤʤa/, *raggièra* /raʤ'ʤɛra/
ggi, ggi̱ [+voc.]	ʤʤi	*leggìo* /led'ʤio/, *reggiàbiti* /reʤʤi'abiti/
gli	ʎi, ʎʎi [3]	*dirgli* /'dirʎi/, *fógli* /'fɔʎʎi/, *gli* /*ʎi/
gli [+voc.]	ʎ, ʎʎ [3]	*dirglielo* /'dirʎelo/, *pàglia* /'paʎʎa/, *gliòmmero* /*'ʎɔmmero/
gli, gli̱ [+voc.]	ʎi, ʎʎi	*gorgoglìo* /gorgoʎ'ʎio/, *scegli̱agrùmi* /ʃeʎʎia'grumi/
gli̱	gli	*glicine* /'gliʧine/, *anglista* /an'glista/
gn	ɲ, ɲɲ [3]	*Cuorgnè* /kwor'ɲɛ*/, *Bológna* /bo'loɲɲa/, *gnòcco* /*'ɲɔkko/
gn	gn	*gnèiss* /gneis/
gni [+voc.]	ɲ, ɲɲ [3]	*segniàte* /seɲ'ɲate/, *disegniàmo* /diseɲ'ɲamo/
gni, gni̱ [+voc.]	ɲi, ɲɲi [3]	*compagnìa* /kompaɲ'ɲia/, *spegni̱àrco* /speɲɲi'arko/
h	(muta) [4]	*hanno* /'anno/, *hurrà* /ur'ra*/, *Rho* /rɔ*/
i, ì	i	*Milàno* /mi'lano/, *ìmola* /'imola/
ì (í)	i*	*Mimì* /mi'mi*/, *così* /ko'si*/
i [+voc.]	j	*piàno* /'pjano/, *Itàlia* /i'talja/
i, i̱ [+voc.]	i	*brìo* /'brio/, *bri̱óso* /bri'oso/
j	j [4]	*Juvèntus* /ju'vɛntus/, *jugoslàvo* /jugoz'lavo/ [2]
k	k [4]	*bakelite* /bake'lite/, *kimòno* /ki'mɔno/
l	l	*Lorènzo* /lo'rɛntso/, *Fellìni* /fel'lini/
m	m	*Mùti* /'muti/, *fàme* /'fame/
n	n	*Nàpoli* /'napoli/, *sàno* /'sano/
o, ó	o	*Róma* /'roma/, *sótto* /'sotto/
ò	ɔ	*ròsa* /'rɔza/, *Mòdena* /'mɔdena/
ò	ɔ*	*però* /pe'rɔ*/, *rondò* /ron'dɔ*/
p	p	*Pavaròtti* /pava'rɔtti/, *prèsto* /'prɛsto/
qu [+voc.]	kw	*quéllo* /'kwello/, *squàdra* /'skwadra/
qqu [+voc.]	kkw	*soqquàdro* /sok'kwadro/
r	r	*Rìmini* /'rimini/, *tàrga* /'targa/, *tre* /tre*/
s	s	*Sicìlia* /si'ʧilja/, *pàsta* /'pasta/, *sàsso* /'sasso/
ṣ	z	*ṣbàrra* /'zbarra/, *mùṣica* /'muzika/
sc [+*i, e*]	ʃ, ʃʃ [3]	*inscindibile* /inʃin'dibile/, *péṣci* /'peʃʃi/, *scèna* /*'ʃɛna/
sci [+*i, e*]	ʃ, ʃʃ [3]	*cònscio* /'kɔnʃo/, *àscia* /'aʃʃa/, *sciènza* /*'ʃɛntsa/
sci, sci̱ [+*i, e*]	ʃ, ʃʃ [3]	*scìa* /*'ʃia/, *sci̱atóre* /*ʃia'tore/
t	t	*Torìno* /to'rino/, *cànto* /'kanto/
u, ù	u	*Ùdine* /'udine/, *fùga* /'fuga/
ù (ú)	u*	*virtù* /vir'tu*/, *tabù* /ta'bu*/
u [+voc.]	w	*uòmo* /'wɔmo/, *Guido* /'gwido/
u, u̱ [+voc.]	u	*tùo* /'tuo/, *du̱étto* /du'etto/
v	v	*vivàce* /vi'vaʧe/, *Pàdova* /'padova/
w	v, w [4]	*wàfer* /'vafer/, *wèstern* /'wɛstern/
x	ks, gz [4]	*ex* /'ɛks/, *xenòfobo* /kse'nɔfobo/, *exemplum* /eg'zɛmplum/
y	i [4]	*ylang-ylàng* /ilangi'lang/, *dinghy* /'dingi/
y [+voc.]	j	*yògurt* /'jɔgurt/, *yacht* /jɔt/
z	ts, tts [3]	*Firènze* /fi'rɛntse/, *azióne* /at'tsjone/, *zìo* /*'tsio, *'dzio/ [5]
ẓ	dz, ddz [3]	*gàrza* /'gardza/, *azalèa* /addza'lea/, *zèro* /*'dzero/
zz	tts	*pizza* /'pittsa/, *nòzze* /'nɔttse/
ẓẓ	ddz	*gàẓza* /'gaddza/, *azzùrro* /ad'dzurro/

[1] L'apice /'/ precede la sillaba forte per indicare l'accento di parola; l'apice basso /ˌ/, che può apparire nelle trascrizioni delle lingue straniere, indica un accento secondario, più debole: *airbag* /er'bɛg, *ingl.* 'ɛəˌbæg/.

[2] La sillabazione fonetica è più naturale di quella grafica, che risente invece di convenzioni non sempre basate su vere teorie linguistiche.

[3] I fonemi /ʎ, ɲ, ʃ, ts, ʤ/ si geminano, in /ʎʎ, ɲɲ, ʃʃ, tts, ʤʤ/, quando sono in posizione intervocalica (/ts, ʤ/ anche tra una vocale e /j, w/); tale geminazione autogena è indicata dall'asterisco /*/, in posizione iniziale o finale di parola, e s'attiva quando viene in contatto con la vocale finale o iniziale della parola vicina: *scèna* /*'ʃɛna/ e *la scèna* /laʃ'ʃɛna/, *fez* /fɛts*/ e *dei fez antichi* /dei ˌfettsan'tiki/.

[4] Le lettere *h* (con l'esclusione dei gruppi *ch* e *gh*), *j, k, w, x, y* sono presenti quasi esclusivamente in forestierismi, con pronuncia che può essere molto differente da quella qui indicata come pronuncia più comune nelle forme italianizzate. Per informazioni più dettagliate si vedano le indicazioni sulla pronuncia all'inizio di ogni lettera, nel corpo del vocabolario.

[5] Per la *z* iniziale, nella pronuncia tradizionale e in quella toscana, si trova circa il 50% di parole, d'origine popolare e di tradizione orale ininterrotta, con /*ts/, che resistono ancora abbastanza bene per buona parte degli attori più attenti e dei toscani più genuini; tra queste le più comuni sono *zampa, zappa, zio, zitto, zoppo, zucca, zucchero, zuppa*. Oggi, comunque, è diffusissima la pronuncia con /*dz/, che è stata opportunamente aggiunta, perché accettata.

TABELLA DEI SIMBOLI FONETICI IMPIEGATI NELLE TRASCRIZIONI

Fonemi dell'italiano

i	'lima, 'pari, vi'ale	*lima, pàri, viàle*
e	'seta, 'valle	*séta, vàlle*
ɛ	'ʤɛlo, kaf'fɛ	*gèlo, caffè*
a	'faro, 'sɛntsa	*fàro, sènza*
ɔ	'mɔla, ko'mɔ	*mòla, comò*
o	'sole, 'tasto	*sóle, tàsto*
u	'fuga, ru'bare, du-'ɛllo	*fùga, rubàre, duèllo*
j	'jeri, 'kappjo	*ièri, càppio*
w	'wɔvo, 'akkwa	*uòvo, àcqua*
m	'mare, 'somma	*màre, sómma*
n	'nero, 'tonno	*néro, tónno*
ɲ	gar'ɲano, 'sɛɲɲo	*Gargnàno, ségno*
r	'rana, 'torre	*ràna, tórre*
l	'lana, 'bollo	*làna, bóllo*
ʎ	'dirʎi, 'fɔʎʎo	*dirgli, fóglio*
p	'pane, 'tappo	*pàne, tàppo*
b	'bene, 'labbro	*bène, làbbro*
t	'tubo, 'fetta	*tùbo, fétta*
d	'dire, ad'dio	*dire, addìo*
k	'kane, 'takki	*càne, tàcchi*
g	'gatto, 'leggo	*gàtto, lèggo*
ts	'altso, 'pittsa	*àlzo, pizza*
dz	'bondzo, 'gaddza	*bónzo, gàzza*
tʃ	'tʃena, 'brattʃo	*céna, bràccio*
dʒ	'dʒita, 'maddʒo	*gìta, màggio*
f	'fare, 'buffo	*fare, bùffo*
v	'vero, avvi'are	*véro, avviàre*
s	'sono, 'passo	*sóno, pàsso*
z	'vizo, 'rizma	*vìzo, rìzma*
ʃ	'kɔnʃo, 'peʃʃe	*cònscio, pésce*

Fonemi di altre lingue

ɪ	hɪt	*hit* (ingl.)
æ	hæt	*hat* (ingl.)
y	lyn	*lune* (fr.)
ʏ	fʏnf	*fünf* (ted.)
ø	dø	*deux* (fr.)
œ	kœːʀ	*cœur* (fr.)
ɨ	ku'mɯɨs	*kumys* (russo)
ə	ə'wei	*away* (ingl.)
ɜ	gɜːɬ	*girl* (ingl.)
ɵ	'ɔmbɵdsˌman	*ombudsman* (sved.)
ɯ	dʑɯːˌdɔː	*judo* (giapp.)
ʌ	hʌt	*hut* (ingl.)
ɑ	stɑː(r)	*star* (ingl.)
ʊ	gʊd	*good* (ingl.)
ɒ	hɒt	*hot* (ingl.)
ɸ	tɔːˌɸɯ	*tofu* (giapp.)
β	ar'riːiβa	*arriba* (sp.)
ɥ	nɥi	*nuit* (fr.)
ɯ̹	ma'zɯ̹ʊt	*mazut* (russo)
h	hænd	*hand* (ingl.)
ɦ	'dɦʌrmʌ	*dharma* (sanscrito)
ŋ	'bæŋ	*bang* (ingl.)
ɾ	'kɔɾtes	*cortes* (sp.)
ʁ	deˈkɔːʁ	*décor* (fr.)
ɬ	guɬɯ̹ak	*gulag* (russo)
q	qɑːt	*qat* (ar.)
pf	'pfhɛnɪç	*Pfennig* (ted.)
tɕ	'tɕi	*jí* (cin.)
dʑ	dʑɯːˌdʑiˌtsɯ	*jujitsu* (giapp.)
tɬ	pe'jɔtɬ	*peyotl* (nahuatl)
θ	'θrɪlə(r)	*thriller* (ingl.)
ð	'fæðəm	*fathom* (ingl.)
ʂ	'qɒsba	*qasba* (ar.)
ʂ	'krʂnʌ	*Krishna* (sanscrito)
ɕ	naˌɕi	*nashi* (giapp.)
ʒ	ga'rɑːʒ	*garage* (fr.)
ʃ	ka'ɬɯ̹aʃnjɪkʌf	*kalashnikov* (russo)
ç	ɪç	*ich* (ted.)
j	ko'jote	*coyote* (sp.)
x	max	*mach* (ted.)
ɣ	malaˈɣeɲa	*malagueña* (sp.)
ħ	ħɑ(ː)ɪk	*haik* (ar.)

ANEXO 4 – Guia de pronúncia do dicionário Garzanti

TRASCRIZIONE FONEMATICA

Simboli	Esempi	Simboli	Esempi
/a/	**ma**re / 'mare / **ma**ssa / 'massa /	/œ/	*fr.* viv**eu**r / vi'vœr / *ted.* r**ö**ntgen / 'rœntgen /
/b/	**b**ile / 'bile / ra**bb**ia / 'rabbja /	/p/	**p**ane / 'pane / za**pp**a / 'tsappa /
/d/	**d**ono / 'dono / a**dd**urre / ad'durre /	/r/	**r**ana / 'rana / bu**rr**o / 'burro /
/dz/	**z**ero / 'dzero / or**z**o / 'ɔrdzo / a**zz**ardo / ad'dzardo / ro**zz**o / 'roddzo /	/s/	**s**era / 'sera / ba**ss**o / 'basso / **s**pia / 'spia /
/dʒ/	**g**iro / 'dʒiro / **gi**acca / 'dʒakka / fa**gg**eto / fad'dʒeto / pa**gg**io / 'paddʒo /	/ʃ/	**sc**immia / 'ʃimmja / **sci**ame / 'ʃame / pe**sc**e / 'peʃʃe / sfa**sci**o / 'sfaʃʃo /
/e/	**e**ve / 'eve / **e**mento / 'emento /	/t/	**t**ana / 'tana / fa**tt**o / 'fatto /
/ɛ/	**t**erra / 'terra / p**ie**de / 'pjɛde /	/ts/	**z**eppa / 'tseppa / sfor**z**o / 'sfɔrtso / a**z**ione / at'tsjone / ma**zz**a / 'mattsa /
/f/	**f**ilo / 'filo / ba**ff**o / 'baffo /	/tʃ/	**c**era / 'tʃera / **ci**ò / tʃɔ / fa**cc**enda / fat'tʃenda / bra**cc**io / 'brattʃo /
/g/	**g**allo / 'gallo / a**gg**uato / ag'gwato / **gh**etto / 'getto / **gh**iro / 'giro /	/u/	**u**na / 'una / **tu**tti / 'tutti /
/i/	**i**riga / 'iriga / f**i**tti / 'fitti /	/v/	**v**ino / 'vino / e**vv**iva / ev'viva /
/j/	**i**ore / 'jore / pa**i**o / 'pajo /	/w/	**u**ono / 'wɔno / eq**u**o / 'ɛkwo /
/k/	**c**asa / 'kasa / a**cqu**a / 'akkwa / **ch**e / ke / **ch**iave / 'kjave /	/x/	*sp.* mud**éj**ar / mu'dexar /
/l/	**l**ino / 'lino / pa**ll**a / 'palla /	/y/	*fr.* par**u**re / pa'ryr / *ted.* K**ü**mmel / 'kymel /
/ʎ/	**gl**i / ʎi / pa**gli**a / 'paʎʎa /	/z/	ro**s**a / 'rɔza / o**s**are / o'zare / **s**battere / 'zbattere /
/m/	**m**ano / 'mano / **mamm**a / 'mamma /	/ʒ/	*fr.* **j**acquerie / ʒake'ri / **g**igolo / ʒigɔ'lo /
/n/	**n**ano / 'nano / pa**nn**o / 'panno / ca**n**to / 'kanto / fa**n**go / 'fango /	/ˈ/	L'apice è collocato davanti alla sillaba tonica (*p.e.* mare / 'mare /; *ingl.* dumping / 'dampiŋ /); per i monosillabi è omesso (*p.e.* chi / ki /; *ingl.* bluff / blef /); in voci composte possono comparire due apici (*p.e. ingl.* fiscal drag / 'fiskal'dræg /).
/ŋ/	*ingl.* foo**ti**ng / 'futiŋg / *ted.* Bun**k**er / 'buŋker /		
/ɲ/	**gn**occo / 'ɲɔkko / ba**gn**o / 'baɲɲo /		
/o/	**o**lo / 'solo / so**gn**o / 'soɲɲo /		
/ɔ/	f**uo**co / 'fuɔko / **co**rpo / 'kɔrpo /		

Nella presente tabella i simboli sono disposti secondo un ordine che segue per quanto possibile quello dell'alfabeto, al puro scopo di agevolare la consultazione per il lettore non pratico di fonetica (ciò spiega per esempio perché la fricativa sonora dentale / z / e l'affricata sonora dentale / dz / sono lontane dalle corrispondenti sorde / s / e / ts /).

I simboli impiegati nella trascrizione fonematica delle parole hanno il valore sopra indicato soltanto nel contesto individuato da barretta di apertura e chiusura [/ /]. Hanno invece altro valore se compaiono nella rubrica dedicata alla sillabazione delle parole, dove in particolare:

ʃ vale *s* sonora [ʃlàn-cio]
ʒ vale *z* sonora [ʒè-ro]
s vale *s* sorda [pì-sta]
z vale *z* sorda [zàp-pa]

ANEXO 5 – Guia de pronúncia do dicionário Michaelis

Transcrição fonética do italiano

I. O alfabeto italiano

letra	nome		letra	nome	
a	a	[ˈa]	n	enne	[ˈɛnne]
b	bi	[bˈi]	o	o	[ˈɔ]
c	ci	[tʃˈi]	p	pi	[pˈi]
d	di	[dˈi]	q	cu	[kˈu]
e	e	[ˈe]	r	erre	[ˈɛrre]
f	effe	[ˈɛffe]	s	esse	[ˈɛsse]
g	gi	[dʒˈi]	t	ti	[tˈi]
h	acca	[ˈakka]	u	u	[ˈu]
i	i	[ˈi]	v	vu	[vˈu]
l	elle	[ˈɛlle]	z	zeta	[dzˈɛta]
m	emme	[ˈɛmme]			

a) O **j** - i lunga [i lˈunga] consta de textos antigos (equivale a **i**), e palavras estrangeiras. Exemplos: **judô** [judˈɔ], **jeep** [dʒˈip].

b) O **x** - ics [ˈiks] aparece em abreviaturas, algarismos romanos, expressões com **ex**, como incógnita, em raros sobrenomes italianos e palavras estrangeiras.

c) As letras **k** - cappa [kˈappa], **w** - vu doppia [vˈu dˈoppja] e **y** - ipsilon [ˈipsilon] são utilizadas apenas em abreviaturas e palavras estrangeiras.

d) O acento tônico é indicado pelo sinal (ˈ), que precede a vogal tônica.

II. Símbolos fonéticos

a) As vogais são sempre orais, mesmo seguidas de **m** e **n**.

			exemplo
a	[a]	sempre como em **pai**, mesmo se for átono.	**casa** [kˈaza], **amare** [amˈare], **banda** [bˈanda]
e	[e]	fechado como em **vejo**, pode ser átono ou tônico.	**perché** [perkˈe], **bellezza** [bellˈettsa], **dello** [dˈello]
	[ɛ]	aberto como em **fé**, é sempre tônico.	**benda** [bˈɛnda], **bello** [bˈɛllo], **lei** [lˈɛj]
i	[i]	sempre como em **vi**.	**ti** [tˈi], **simile** [sˈimile], **qui** [kˈwi]
	[j]	**i semivogal**, como em **lei**.	**aia** [ˈaja], **buio** [bˈujo]
o	[o]	fechado como em **hoje**, pode ser átono ou tônico.	**ora** [ˈora], **molto** [mˈolto], **scrittore** [skrittˈore]

o	[ɔ]	aberto como em **nó**, é sempre tônico.	**eroe** [erˈɔe], **fuori** [fˈwɔri], **botta** [bˈɔtta]
u	[u]	sempre como em **nu**.	**tu** [tˈu], **uva** [ˈuva], **truculento** [trukulˈento]
	[w]	**u semivogal**, como em **mau**, **quando**.	**rauco** [rˈawko]

b) As consoantes **b, d, f, m, n, p, t** e **v** pronunciam-se como em português.

[b]	**b**adare [badˈare]
[d]	**d**ata [dˈata]
[f]	**f**iume [fˈjume]
[m]	**m**arço [mˈarko]
[n]	**n**ave [nˈave]
[p]	**p**arte [pˈarte]
[t]	**t**ardi [tˈardi]
[v]	**v**ano [vˈano]

c) As consoantes e dígrafos abaixo diferem da pronúncia portuguesa.

			exemplo
c	[k]	como **c** em **cal**, antes de **a**, **o**, **u** ou consoante.	**c**apo [kˈapo], **c**lasse [klˈasse]
	[tʃ]	como **tch** em **tcheco**, antes de **e**, **i**.	**c**erto [tʃˈɛrto], **c**iondolo [tʃˈondolo]
ch	[k]	como **c** em **cal**, antes de **e**, **i**.	**ch**iesa [kˈjɛza]
g	[g]	como **g** em **gato**, antes de **a**, **o**, **u**.	**g**ola [gˈola]
	[dʒ]	como **dj** em **adjetivo**, antes de **e**, **i**.	**g**irare [dʒirˈare], **già** [dʒˈa], **g**elato [dʒelˈato]
gh	[g]	como **g** em **gato** ou **gu** em **gueto**, antes de **e**, **i**.	**gh**etto [gˈeto]
gl	[λ]	como **lh** em palha, antes de **i**, **ia**, **ie**, **io**, **iu**.	**gli** [λˈi], **aglio** [ˈaλo]
	[gl]	como **gl** em **globo**, antes de **a**, **e**, **o**, **u**.	**gl**obo [glˈɔbo]
	[gl]	como **gl** em **glicerina**, antes de **i**, em pouquíssimas exceções.	**gl**icerina [glitʃerˈina]
gn	[ñ]	como **nh** em banha.	ba**gn**o [bˈaño]
gu	[gw]	sempre como **gu** em **água** ou **gu** em **aguentar**.	**gu**adagnare [gwadañˈare]
h		é mudo.	**h**ai [ˈai], **oh** [ˈɔ]

XIII

l	[l]	como **l** em **lápis**, em início de sílaba. Em final de sílaba, pronunciado à moda gaúcha.	**l**ento [l'ɛnto], i**l** [i'il]
qu	[kw]	sempre como **qu** em **qual** ou **qu** em **líquido**.	**qu**asi [k'wazi], **qu**esto [k'westo]
r	[r]	inicial ou entre duas vogais, como **r** em **caro**, porém com mais vibração da língua.	**r**apido [r'apido], ga**r**a [g'ara]
rr	[r̄]	é um **r** forte duplo (ver item **e** abaixo), sem semelhante em português.	buti**rr**o [but'iro]
s	[s]	como **s** em **sopa**, inicial antes de vogal ou quando seguido de **ca, co, cu, f, p, q, t**.	**s**empre [s'empre], **s**tare [st'are]
	[z]	como **s** em **frase** ou **z** em **azul**, entre duas vogais ou quando seguido de **b, d, g, l, m, n, r, v**.	ca**s**o [k'azo], **s**bavare [zbav'are], **s**mentire [zment'ire]
	[s]	como **s** de **sopa**, entre duas vogais, apenas em algumas palavras.	dino**s**auro [dinos'awro], presu**ss**upporre [presupp'orre]
sc	[ʃ]	como **ch** em **chave**, apenas antes de **e, i**.	**sc**ena [ʃ'ɛna], **sc**i [ʃ'i], **sc**iame [ʃ'ame]
	[sk]	como **sc** em **casco**, antes de **a, o, u** ou consoante.	**sc**abbia [sk'abbja], **sc**rivere [skr'ivere]
sch	[sk]	como **sc** em **casco**, antes de **e, i**.	**sch**edario [sked'arjo], **sch**ifo [sk'ifo]
x	[ks]	sempre como **x** em **fixar**.	**x**ilofono [ksil'ɔfono]
z	[ts]	como **ts** em **tsé-tsé**, em algumas palavras.	**z**inco [ts'inko]
	[dz]	como **dz**, sem semelhante em português, em algumas palavras.	**z**odiaco [dzod'iako]

d) As consoantes e dígrafos abaixo aparecem em palavras estrangeiras.

			exemplo
ch	[ʃ]	como **ch** em **chave**.	**ch**oc [ʃ'ɔk]
h	[h]	como **h** em inglês **have**.	**h**obby [h'ɔbbi]
j	[j]	como **i** em **lei**.	**j**udô [jud'ɔ]
	[dʒ]	como **j** em inglês **jeans**.	**j**eep [dʒ'ip]
k	[k]	como **c** em **cal**.	**k**imono [kim'ono]
sh	[ʃ]	como **ch** em **chave**.	**sh**ampoo [ʃamp'u]
w	[w]	como **u** em **quase**.	**w**att [w'ɔtt]
y	[j]	como **i** em **lei**.	**y**ogurt ['jɔgurt]

ANEXO 6 – Guia de pronúncia do dicionário Martins Fontes

Guia da pronúncia italiana

1. Acentuação

O italiano usa sinal diacrítico apenas para indicar a acentuação oxítona. Por exemplo: *virtù*, *qualità*, *così*, *benché*, *perché*.

Para indicarmos as sílabas tônicas das palavras não oxítonas nas entradas dos verbetes deste dicionário, lançamos mão dos seguintes recursos:

1. Indicação da sílaba tônica por meio de sua vogal sublinhada
2. Indicação da abertura ou fechamento das vogais tônicas *e* e *o* por meio de
   a. sublinhado (quando abertas) ou
   b. ponto subscrito (quando fechadas).

2. Pronúncia de consoantes e vogais

Abaixo, damos indicações genéricas da pronúncia das consoantes e das vogais, com o uso da grafia portuguesa dos sons equivalentes, entre colchetes.

A [a] sempre aberto, mesmo quando precede 'm' ou 'n'

B [b]

C diante de *a, o, u* = [k]: ca [ka], co [ko], cu [ku]
diante de *i, e* = [tch]: ci [tchi], ce [tche], cia [tcha], cio [tcho], ciu [tchu]

D [d]

E [é] [ê]

F [f]

G diante de *a, o, u* = [g]: ga [ga], go [go], gu [gu]
diante de *i, e* = [dj]: *giro* [djiro]; *gesto* [djesto]; *damigiana* [damidjana]; *giovane* [djovane]; *giusto* [djusto]

H em italiano não é pronunciado, mas altera a pronúncia de 'c' e do 'g' (ver abaixo, em "grupos consonânticos").

I [i]

K [k]

L [l] *bel* [bel], *del* [del], *selva* [selva], *palo* [palo]
Obs.: sua pronúncia é sempre de *l*, mesmo em posição pós-vocálica na sílaba. Assim, a pronúncia de *selva*, por exemplo, não se assemelha à do português *seuva*.

M [m]

N [n]

XIV

O [o̲] [ọ]
P [p]
Q [qü] qüi: *quieto* [qüi̲to], *equino* [eqüi̲no]; qüe: *questo* [qüẹsto], *delinquente* [delinqüẹnte]
[qu] qua: *quadro* [qua̲dro]; quo: *quota* [quọta]
R [r], [rr] *ramo* [ra̲mo], *treno* [trẹno]
S [s] como em português nas palavras 'sal', 'seu', 'solo'
[z] como em português nas palavras 'rosa', 'mesa', 'caso'
T [t]
U [u]
V [v]
W [u], [v]
X [cs] *extra* [ẹkstra], *xenofobia* [ksenofobi̲a]
Y [i]
Z [ts] em palavras como *pizza* [pi̲ttsa], *pizzicato* [pittsika̲to]: *zingaro* [tsi̲ngaro]*, *pazienza* [patsiẹntsa], *zampa* [tsa̲mpa], *pazzo* [pa̲ttso], *zucca* [tsụkka]
[dz] em palavras como: *zigomo* [dzi̲gomo], *zingaro* [dzi̲ngaro], *zero* [dzẹro], *zeta* [dzẹta], mezzo [mẹddzo], *zaino* [dza̲ino], *zona* [dzọna], *pranzo* [pra̲ndzo]

3. Grupos consonânticos

chi [qui] *chilo* [qui̲lo], *maschile* [masqui̲le]
che [que] *cherubino* [querubi̲no], *maschera* [ma̲squera]
ghi [gui] *ghirlanda* [guirla̲nda], *laghi* [la̲gui]
ghe [gue] *ghermire* [guermi̲re], *larghe* [la̲rgue]
gl [gl] *glicine* [gli̲tchine], *gleba* [glẹba], *gladio* [gla̲dio], *globo* [glọbo], *glutine* [glụtine],
[lhi] *digli* [di̲lhi], *degli* [dẹlhi], *fargli* [fa̲rlhi]
[lhe] *maglie* [ma̲lhe], *glielo* [lhẹlo]
[lha] *paglia* [pa̲lha]
[lho] *meglio* [mẹlho]
[lhu] cigliuto [tchilhụto]
gn [nh] *ogni* [ọnhi], campagna [campa̲nha], legno [lẹnho], gnocco [nhọcco], gnomo [nhọmo], gnoseologia [nhoseologi̲a]
gui [güi] *guida* [güi̲da], guinzaglio [güintsa̲lho]
gue [güe] *guerra* [güẹrra], *guelfo* [güẹlfo]
sci [chi] *pesci* [pẹchi], lascito [la̲chito]
sce [che] *scena* [chẹna], nascere [na̲chere]
scia [cha] *sciame* [cha̲me], *lasciare* [lacha̲re]
scio [cho] *sciopero* [chọpero], *lascio* [la̲cho]
sciu [chu] *sciupare* [chupa̲re], *asciugo* [achụgo]

4. Consoantes geminadas

Para pronunciar as consoantes geminadas, alonga-se o som nos casos das consoantes f, r, s, v, z:

ff *muffa* [mụffa], *raffica* [ra̲ffica]
rr *carro* [ca̲rro]

* Admite duas pronúncias.

ss *massa* [massa]
vv *evviva* [evviva], *ravvivare* [ravvivare]
zz *mazzo* [mattso], *pizza* [pittsa]
zz *mezzo* [meddzo], *razzo* [raddzo]

Nos demais casos, a primeira consoante é articulada, mas permanece na fase implosiva e não é pronunciada, havendo uma pequena pausa, após a qual se pronuncia a segunda:

bb	*babbo*	[ba"bo]
cc	*cucco*	[cu"co]
dd	*laddove*	[la"dove]
gg	*maggio*	[ma"djo]
ll	*gallo*	[ga"lo]
mm	*mamma*	[ma"ma]
nn	*danno*	[da"no]
pp	*coppo*	[co"po]
tt	*tetto*	[te'to]

ANEXO 7 – Guia de pronúncia do dicionário Parola Chiave

26 Sons e sinais: fonologia e ortografia

O alfabeto

Apresentamos as letras do alfabeto da língua italiana, juntamente com seus nomes. Para indicar a pronúncia e a emissão correta de cada som ou palavra, usamos os sinais do Alfabeto Fonético Internacional (AFI – IPA), sistema adotado internacionalmente para indicar a pronúncia dos sons das línguas.

Maiúscula	Minúscula	Nome	Pronúncia IPA
A	a	a	/a/
B	b	bi	/b/
C	c	ci	/c/ /k/
D	d	di	/d/
E	e	e	/e/ /ɛ/
F	f	effe	/f/
G	g	g	/j/ /g/
H	h	acca	
I	i	i	/i/ /j/
J	j	i lunga	/j/
K	k	kappa	/k/
L	l	elle	/l/
M	m	emme	/m/
N	n	enne	/n/
O	o	o	/o/ /ɔ/
P	p	pi	/p/
Q	q	qu	/kw/
R	r	erre	/r/
S	s	esse	/s/ /z/
T	t	ti	/t/
U	u	u	/u/ /w/
V	v	vu (vi)	/v/
W	w	vu doppia	/v/
X	x	ics	/ks/
Y	y	ipsilon (i greca)	/i/ /j/
Z	z	zeta	/dz/ /ts/

Não há total correspondência entre os sinais gráficos do alfabeto e os sinais do IPA: os sinais do IPA representam um código autônomo. No IPA o acento é marcado por uma aspa simples (') antes da sílaba sobre a qual ele recai. Indicamos sempre, entre duas barras oblíquas / /, as transcrições segundo o IPA.

Sons e grafia

• Em italiano há grande (mas não total) correspondência entre os sons e a sua representação gráfica. Onze letras do alfabeto representam de modo unívoco os onze sons correspondentes e cada um deles é pronunciado de uma única maneira: *a b d f l m n p r t v*.
Outras letras do alfabeto exprimem, ao contrário, sons diversos: *c g q s z e o i u*.
Os sinais alfabéticos *j k w x y* são usados quase exclusivamente para as palavras de origem estrangeira.

• Na Itália existem muitas pronúncias regionais e locais, com seus próprios sistemas fonéticos; há, pois, necessidade de um modelo de pronúncia unificada. Neste texto fazemos referência, acima de tudo, às regras da variedade florentina culta, que no passado era a norma indiscutível, com algumas características que estão se afirmando como as mais difundidas em nível nacional. Esse é hoje o modelo preponderante nos meios de comunicação de massa.

Vogais

Representação do som no alfabeto	Representação na grafia corrente	Exemplos na grafia corrente da língua italiana
/a/	a - à	*casa - papà*
/ɛ/	e - è	*bello - caffè*
/ɔ/	o - ò	*rosa - può*
/e/	e - é	*pena - perché*
/o/	o	*lo*
/i/	i - ì	*libro - così*
/u/	u - ù	*luce - giù*

• O alfabeto italiano prevê apenas cinco letras para expressar as vogais, mas, na realidade, o sistema de sons vocálicos previsto pela pronúncia modelo é formado por sete sons.
Nos pares *e*, *o* são chamados **abertos** (ou semi-abertos) os sons vocálicos /ɛ/, /ɔ/; são chamados **fechados** (ou semifechados) os sons vocálicos /e/, /o/.

• Algumas palavras escritas da mesma maneira, chamadas **homógrafas**, distinguem-se precisamente pela pronúncia aberta ou fechada das vogais; por exemplo:

pesca /'peska/ (pronúncia fechada) = "ação de pescar, de pegar peixes"
pesca /'pɛska/ (pronúncia aberta) = "fruto do pessegueiro"
venti /'venti/ (pronúncia fechada) = "o número 20"
venti /'vɛnti/ (pronúncia aberta) = plural de *vento*, "deslocamento de massa de ar".

• As vogais *e* e *o* têm sempre som fechado quando **átonas**.

• As vogais *e* e *o* podem ter som aberto ou fechado quando **tônicas**.
– A pronúncia do *e* tônico é geralmente aberta /ɛ/ nos seguintes casos:
no ***gerundio*** dos verbos e nas palavras que terminam em *-endo*, *-enda*: *correndo* /kor'rɛndo/
no ***participio presente*** dos verbos: *scrivente* /skri'vɛnte/
no ***condizionale presente*** dos verbos: *verrei* /ver'rɛi/
no ditongo *ie*: *piede* /'pjɛde/
em várias formas verbais do verbo *essere*: *è* /'ɛ/; *eravamo* /ɛra'vamo/
nas palavras que terminam em *-eca*; em *-ena*; em *-ello*, *-ella*; em *-enza*; em *-estre*: *teca* /'tɛka/; *tema* /'tɛma/; *ombrello* /om'brɛllo/; *presenza* /pre'sɛnza/; *campestre* /kam'pɛstre/.

– A pronúncia do *e* tônico geralmente é fechada /e / nos seguintes casos:
nos advérbios em *-mente*: *velocemente* /veloce'mente/
nas palavras que contêm o sufixo *-mento*: *portamento* /porta'mento/
nas palavras formadas por uma **só sílaba**: *e*, *ne*, *che* /e/ /ne/ /ke/
no infinitivo dos verbos em *-ere*: *vedere* /ve'dere/
em muitas desinências verbais dos verbos em *-ere*: *vedremo* /ve'dremo/; *sapeva* /sa'peva/
nas **conjunções** com tônica na última sílaba (graficamente, acento agudo): *perché* /per'ke/; *benché* /ben'ke/
nas **contrações**: *delle* /'delle/
nas palavras que terminam em *-eccia*, *-eccio*, *-efice*, *-eggio*, *-egna*, *-egno*, *-esca*, *-esco*, *-ese*, *-esa*, *-eso*, *-essa*, *-etta*, *-etto*; *-ezza*: *francese* /fran'ceze/; *dottoressa* /dotto'ressa/.

– A pronúncia do *o* tônico é geralmente aberta /ɔ/ nos seguintes casos:
nas palavras monossilábicas: *no* /'nɔ/
nas palavras que têm o tônica na última sílaba (graficamente, usa-se o acento grave): *perciò* /per'tʃɔ/;
nas palavras que terminam em *-occhia*, *-occhio*, *-occia*, *-occio*, *-olo*; *coccio* /'kɔttʃo/;
nas palavras com o ditongo *uo* (com exceção das palavras que contêm o sufixo *-uosa*, *-uoso*): *uovo* /'wɔvo/.
– A pronúncia do *o* tônico geralmente é fechada /o/ nos seguintes casos:
nas palavras com os sufixos *-oio*, *-oni*, *-ione*, *-oce*, *-onda*, *-ondo*, *-ona*, *-one*, *-onte*, *-onto*, *-ore*, *-osa*, *-oso*, *-uosa*, *-uoso*, *-zione*: *mattone* /mat'tone/; *nazione* /nat'tzione/.

Consoantes

Apresentamos os sons consonantais (consoantes) do italiano. Indicamos primeiramente as representações dos sons, conforme os sinais do Alfabeto Fonético Internacional, e em seguida as representações do sinal simples e dobrado na grafia corrente do italiano. Na última coluna, damos exemplos de palavras que contêm os sons consonantais simples e dobrados.

Representação do som no Alfabético Fonético Internacional	Características fonéticas do som	Signo do som simples ou dobrado	Exemplos
/p/	bilabial oclusiva surda	p; pp	*papa - pappa*
/b/	bilabial oclusiva sonora	b; bb	*bambino - babbo*
/f/	labiodental fricativa surda	f; ff	*fine - affare*
/v/	labiodental fricativa sonora	v; vv	*vero - davvero*
/t/	alveolar oclusiva surda	t; tt	*tu - tutto*
/d/	alveolar oclusiva sonora	d; dd	*domani - addio*
/m/	bilabial nasal sonora	m; mm	*me - mamma*
/n/	alveolar nasal sonora	n; nn	*no - nonno*
/l/	alveolar líquida sonora	l; ll	*lungo - allungare*
/r/	alveolar líquida sonora	r; rr	*remo - arrestare*
/s/	alveolar fricativa surda	s; ss	*suo - assassino*
/z/	alveolar fricativa sonora	s	*rosa*
/ts/	alveolar africada surda	z; zz	*azione - piazza*
/dz/	alveolar africada sonora	z; zz	*zero - azzerare*
/tʃ/	palatal africada surda c - ce - ci - cia - cio - ciu	c; cc	*cena - ciabatta - Cina - ciò - ciuffo - accecare*
/dʒ/	palatal africada sonora g - ge - gi - gia - gio - giu	g; gg	*gente - Gianni - Gino - giorno - giurare*
/ʃ/	palatal fricativa surda sce - sci - scia - scio - sciu	sc sc	*scena - sciare - sciogliere* *sciupare*
/ʎ/	palatal lateral sonora gl - gli - glia - glio - glie - gliu	gl	*gli - aglio*
/ɲ/	palatal nasal sonora gn - gna - gne - gni - gno - gnu	gn	*agnello - agnolotto*

/k/	velar oclusiva surda ca - co - cu -ch - che - chi - k- qu - qua - que - qui - quo - c + consonante	cc, cch, cq	*casa - cuore - chiedere* *quadro - acquistare*
/g/	velar oclusiva sonora ga - go - gu - ghe - ghi	gg, ggh	*gara - ghiaccio -* *agghiacciante*

No quadro, as consoantes não são apresentadas em ordem alfabética, mas segundo o ponto de articulação dos órgãos de fonação (**labial**, **labiodental**, **alveolar**, **palatal**, **velar**); o modo de articulação (**fricativa**, **africada**, **oclusiva**, **nasal**, **líquida**); a presença ou a ausência da vibração das cordas vocais (**sonora**, **surda**).
A letra ***h*** não corresponde a nenhum som; é usada no verbo *avere*, nas exclamações, para indicar o som velar de *c* /k/ e de *g* /g/ quando precedem o *i* e o *e*: *Barbara* ***ha*** *incontrato Giulia in* ***chiesa***.

Consoantes geminadas e sons dobrados (*le consonanti doppie e i suoni intensi*)

• Todas as letras do alfabeto que indicam sons consonantais, salvo o *h*, podem geminar-se e ter emissão dobrada. As consoantes geminadas podem estar entre duas vogais ou entre uma vogal e *l* o *r*: *allagare*; *applicare*.

• Consoantes simples e geminadas distinguem palavras diferentes: *capello* /ka'pello/ = "pelo della testa", *cappello* /kap'pɛllo/ = "copricapo".

• Os sons consonantais /ʎ/ gl, /ɲ/ (na grafia *gn*), /ʃ/ sc, /ts/ e /dz/ (na grafia *z*), quando se encontram entre duas vogais, são pronunciados de modo dobrado, mesmo que não estejam representandos por consoantes geminadas: *azoto* /ad'dzɔto/ *stazione* /stat'tzjone/.

• A consoante *q*, quando geminada, escreve-se com *cq*: *acqua* /'akkwa/.

• Numa seqüência de duas palavras, a **duplicação fonossintática** leva a pronunciar de modo dobrado a consoante inicial da segunda palavra. A duplicação fonossintática nunca é marcada na grafia; ocorre sobretudo na variedade toscana e centro-meridional de italiano, principalmente nos seguintes casos:
– com as palavras terminadas com vogal acentuada: *andò via* /an'dɔv'via/;
– com as palavras monosssilábicas (de uma só sílaba): *già notte* /'jan'nɔtte/; sta fermo /'staf'fermo/.

As consoantes *c* e *g*

• As consoantes *c* e *g* têm som velar /k/, /g/ diante de *a*, *o*, *u*: *casa*, *cosa*, *cura*, *gara*, *gola*, *gusto*. Têm som palatal /tʃ/, /dʒ/ diante de *e*, *i*: *cena*, *cinema*, *gelo*, *gita*.

• Para indicar o som palatal de um *c* ou de um *g* diante de *a*, *o*, *u* põe-se entre a consoante e a vogal um *i*: *camicia*, *briciola*, *gioco*, *giudice*.

• Para indicar o som velar de um *c* ou de um *g* diante de *e*, *i* põe-se entre a consoante e a vogal um *h*: *chiesa*, *bacheca*, *ghiaccio*.

As consoantes *s* e *z*

• Cada uma das consoantes *s*, *z* tem dois sons: um **sonoro** /z/, /dz/, e um **surdo** /s/, /ts/. Estas são as regras principais de distinção entre som sonoro e som surdo do modelo de pronúncia padrão a que nos referimos.

– A pronúncia do *s* é **sonora** /z/ nos seguintes casos:
quando precede uma outra consoante sonora *b*, *d*, *g*, *l*, *m*, *n*, *v*, *z*: *sbadato* /zbad'ato/;
quando é colocada entre duas vogais: *genesi* /'dʒɛnezi/;
nas palavras que terminam em *-esima*, *esimo*, *-asi*, *-isi*, *-usi*: *ventesimo* /ven'tɛzimo/.

– A pronúncia do *s* é **surda** /s/ nos seguintes casos:
quando precede outra consoante surda *c*, *f*, *p*, *q*, *t*: *spontaneo* /spon'taneo/;
em início de palavra, quando precede uma vogal: *sera* /'sera/;
quando segue outra consoante: *psicofarmaco* /psiko'farmako/;
nas palavras que terminam em *-ese* e em *-oso*: *generoso* /dʒene'roso/;
quando é geminada: *rossa* /'rossa/.

– A pronúncia do *z* é **sonora** /dz/ nos seguintes casos:
em muitas palavras que contêm os sufixos *-izzare*, *-izzatore*, *-izzazione*: *colonizzare* /kolonid'dzare/;
freqüentemente, quando se encontra no início de palavra (esta é uma tendência cada vez mais difundida): *zanzara* /dzan'dzara/.

– A pronúncia do *z* é **surda** /ts/ nos seguintes casos:
freqüentemente no grupo *z* + *i* + vogal: *spazio* /'spattsjo/, mas *azienda* /'addzienda/;
em muitas palavras que terminam em *-anza*, *-enza*, *-ezza*, *-ozza*, *-uzza*, *-uzzo*: *tendenza* /ten'dɛntza/.

A pronúncia do *z*, quando este é seguido por *i* e por outra vogal, é sempre dobrada, mas a sua grafia geralmente não é geminada: *grazia* /'grattsja/.

Semiconsoantes e semivogais

• O *i* e o *u*, em início de palavra ou sílaba, precedendo vogal, são considerados **semiconsoantes**. As semiconsoantes *i* /j/, *u* /w/ são pronunciadas como o *i* e o *u*, mas têm um som mais breve, que passa para a vogal sucessiva: *ieri* /'jɛri/, *uomo* /'wɔmo/. As semiconsoantes são encontradas apenas nos **ditongos**.

• Quando seguem vogal, o *i* /i/ e o *u* /u/ são considerados **semivogais**. Também as semivogais são pronunciadas de maneira mais breve: *farai* /fa'rai/, *Laura* /'Laura/.

Ditongos, tritongos e hiatos

/j/ + vocal = ditongo: /'jɛri/ *ieri*
/w/ + vogal = ditongo: /'wɔmo/ *uomo*
/j/ + vogal + vogal = tritongo: /'mjɛi/ *miei*
/w/ + vogal + vogal = tritongo: /'gwai/ *guai*
/j/ + /w/ + vogal = tritongo: /'ajwɔla/ *aiuola*
/w/ + /j/ + vogal = tritongo: /'kwjeto/ *quieto*

• Os **ditongos** e os **tritongos** são formados por duas (ditongos) e três (tritongos) vogais pronunciadas numa só emissão de voz. A primeira vogal do ditongo ou do tritongo é sempre um *i* ou um *u*. O *i* e o *u* dos ditongos e tritongos são semiconsoantes. Os ditongos e os tritongos formam uma só sílaba.

• Ocorre **hiato** quando duas ou três vogais próximas são pronunciadas separadamente, com distintas emissões de voz. O hiato produz duas diferentes sílabas.
Ocorre hiato nos seguintes casos:
– quando o *i* ou o *u* são tônicos: *Ma-ri-a* /ma'ria/, *pa-u-ra* /pa'ura/.
– quando o *i* ou o *u* são seguidos de *i*, *u*, e a tônica recai na primeira vogal: *fu-i* /'fui/.
– quando o *i* faz parte do prefixo *-ri*: *ri-a-ve-re*.

Divisão silábica

• **Sílaba** é uma unidade formada por um conjunto de fonemas pronunciado numa só emissão de voz, constituindo um conjunto autônomo. Para formar uma sílaba é sempre necessária a presença de uma vogal.

• A divisão em sílabas (silabação) é útil na escrita, quando é preciso passar para outra linha. Estas são as regras principais de silabação:
– separam-se as consoantes geminadas: *babbo* = *bab - bo*.
– separam-se os grupos de duas ou três consoantes, diferentes uma da outra, que nunca poderiam ser encontradas no início de palavra: *grande* = *gran-de*, *palma* = *pal - ma*.
– não se separam os grupos consonantais formados por *b*, *c*, *d*, *f*, *g*, *p*, *t*, *v* + *l*, *r*: *centrale* = *cen - tra - le*.
– não se separa *s* + consoante: *pasta* = *pa - sta*.
– não se separam os grupos de consoantes que podem ser encontrados no início de palavra: *aspro* = *a - spro* (***spro****posito*).
– uma vogal inicial de palavra, seguida de consoante, forma sozinha uma sílaba e separa-se do restante da palavra: *ala* = *a - la*.

– não se separam os grupos consonantais *gl*, *gn*, *sc*, *ch*, *gh*, *sch*, chamados **dígrafos** e **trígrafos**, seguidos de uma ou duas vogais: *lavagna* = *la - va - gna*.
– não se separam os ditongos e os tritongos; são separadas apenas as vogais que formam hiato: *ieri* = *ie - ri*; *paura* = *pa - u - ra*.

Acento tônico e acento gráfico

• A maior intensidade da voz que pomos numa sílaba, quando pronunciamos uma palavra, chama-se **acento tônico**. A sílaba (e a vogal nela contida) sobre a qual cai o acento tônico chama-se **sílaba tônica**; as outras sílabas (e as vogais nelas contidas) chamam-se **átonas**.

• O acento tônico pode recair em sílabas diferentes nas diferentes palavras. Nem sempre o acento tônico é indicado graficamente.

Algumas palavras têm a mesma forma escrita, mas acento tônico e significado diferentes. Essas palavras chamam-se **homógrafos**: *Maria ha molti desideri* (/desi'd_ri/ = plural do substantivo *desiderio*). / *Che cosa desideri?* (/de'sideri/ = forma verbal de *desiderare*).
A maioria das palavras italianas tem acento tônico na penúltima sílaba e chamam-se **paroxítonas**: *andare* /an'dare/, *amico* /a'miko/, *mano* /'mano/.

• Algumas palavras italianas têm acento tônico na vogal final e chamam-se **oxítonas**. As palavras oxítonas quase sempre têm acento gráfico (diacrítico): *caffè*, *perché*, *può*, *qui*.

• Algumas palavras italianas como, por exemplo, os superlativos em *-issimo* ou as 3ªs. pessoas dos verbos de mais de uma sílaba (com exceção das do futuro), têm acento tônico na antepenúltima sílaba (palavras **proparoxítonas**): *conoscere* /ko'noʃʃere/, *subito* /'subito/ *bellissimo* /bel'lissimo/, *ridono* /'ridono/, *ridevano* /ri'devano/. São pouquíssimas as palavras em que o acento tônico recai na pré-antepenúltima sílaba ou na anterior: telefonagli /te'lɛfonaʎʎi/.

• O acento tônico é indicado graficamente (acento **gráfico**) na forma de **acento grave**, para marcar o som aberto (*è*), e de **acento agudo**, para marcar o som fechado (*perché*). É obrigatório o uso do acento nos seguintes casos:
– em palavras polissilábicas oxítonas (acentuadas na última sílaba): *benché*, *sentirà*.
– em algumas palavras monossilábicas que contêm duas vogais: por exemplo, *può*, *giù*.
– em algumas palavras monossilábicas, para serem diferenciadas de homônimos: *è* (verbo), *sì* (afirmação), *là* (pronome), *lì* (pronome), *sé* (pronome), distintas de *e* (conjunção), *si* (pronome), *la* (artigo, pronome), *li* (pronome), *se* (conjunção).
Emprega-se o acento gráfico também nas letras maiúsculas: *È bello essere di nuovo a casa!*
Os advérbios *qui*, *qua* não levam acento gráfico.

Elisão

• As palavras italianas podem perder a vogal final diante de outra palavra que comece por vogal. Essa perda chama-se **elisão**; na escrita, é indicada por **apóstrofo** (').

• Ocorre elisão com os artigos *una, lo, la*; com as contrações compostas com *lo, la*; com *questo, quello* no singular: *l'amico, un'oca, nell'interno, quest'uomo.*

• É freqüente ocorrer elisão com a preposição *di*: *d'inverno.*

• Ocorre sempre com *come + essere* (*com'è*), *ci + essere* (*c'era*) e com muitas locuções, como *d'altra parte, senz'altro, tutt'altro, nient'altro, mezz'ora* etc.

Apócope (*troncamento*)

Apócope é a queda do último elemento (sílaba, consoante, vogal) de uma palavra composta por mais de uma sílaba. A apócope distingue-se da elisão porque pode ocorrer mesmo que a palavra seguinte comece por consoante.

• Na apócope não se costuma usar apóstrofo, mas há algumas exceções, como *po'* (apócope de *poco*), *di'* (imperativo do verbo *dire*).

• A apócope é um fenômeno facultativo, mas sempre ocorre com *uno, alcuno, nessuno, ciascuno*: *un uomo, ciascun libro.*

É costumeira:

- com *bello, grande* e *santo* diante de palavras que exigem os artigos *il* e *un*: *un bel cane, san Francesco.*
- com os títulos honoríficos seguidos de nome próprio: *il signor Bruno, il commendator Bianchi.*
- com *quale* na expressão "*qual è*".

Como se fala, como se escreve?

Acento tônico e o acento gráfico

A pronúncia de algumas palavras nos deixa em dúvida porque não sabemos onde recai o seu acento tônico. Em muitos casos, a posição exata do acento tônico não é a que nos parece mais previsível e familiar. São casos em que a exatidão gramatical contraria o uso. Quem vencerá?
Não sabemos, e por enquanto nos limitamos a citar, à esquerda, a melhor pronúncia e, à direita, a que é usada, mas é menos correta:

amàca	**àmaca**
bolscevìco	**bolscèvico**
codardìa	**codàrdia**
guaìna	**guàina**
incàvo	**ìncavo**
infìdo	**ìnfido**
leccornìa	**leccòrnia**
lùbrico	**lubrìco**
mollìca	**mòllica**
persuadére	**persuàdere**
salùbre	**sàlubre**
scandinàvo	**scandìnavo**
zaffìro	**zàffiro**

Muitas vezes, porém, a pronúncia mais correta é majoritária e, portanto, é melhor não ceder à outra:

baùle	**bàule**
edìle	**èdile**
elèttrodo	**elettròdo**
Friùli	**Frìuli**
pòlizza	**polìzza**
regìme	**règime**
rubrìca	**rùbrica**

Quase todos sentem dificuldade para conjugar certos verbos com a tônica correta, pois a pronúncia mais correta (apresentada à esquerda) nem sempre é a mais difundida:

io àbrogo	**io abròg̀o**
io adùlo	**io àdulo**
io arròg̀o	**io àrrogo**
io centellìno	**io centèllino**
io intìmo	**io ìntimo**
io pìgnoro	**io pignòro**
io rèlego	**io relèg̀o**
mi sbellìco	**mi sbèllico**
io sègrego	**io segrèg̀o**
io valùto	**io vàluto**

Há equivalência de uso nos pares:

disfà	**e**	**dìsfa**
soddisfà	**e**	**soddìsfa**
disfànno	**e**	**dìsfano**
soddisfànno	**e**	**soddìsfano**

Quando se usa acento gráfico?

No italiano escrito, o acento gráfico é obrigatório nas palavras polissilábicas oxítonas (ou seja, acentuadas na última sílaba); portanto: **ventitré, rifà, rossoblù, viceré, purè, però** e nos monossílabos, sempre que houver possibilidade de confusão com outra forma muito usada.
Por isso:

è (verbo)	**e (conj.)**
né (conj.)	**ne (pronome)**
lì (adv.)	**li (pronome)**
là (adv.)	**la (art.)**
dà (verbo)	**da (prep.)**
sé (pronome)	**se (conj.)**
tè (s.)	**te (pronome)**

mas não se acentua **do** (verbo), que também poderia ser confundido com a nota

musical; tampouco em **re** (apesar da homografia entre *re* [rei] e a nota musical).

Que acento usar?

O acento pode ser grave (indicando som aberto da vogal [`]) ou agudo (indicando pronúncia fechada [´]).
Assim, **è** (verbo essere), e não **é**, como se lê com bastante freqüência; deve-se acentuar **caffè** e **tè** do mesmo modo.
O dicionário esclarece as dúvidas a esse respeito, mas vale a pena lembrar que o acento gráfico das vogais finais diferentes de *e* é sempre grave (**più**, **sì**, **però**, **città**).

Acento ou apóstrofo

Em alguns monossílabos não caberia acento, mas sim apóstrofo, para sinalizar a queda de vogal ou sílaba; é o que ocorre, por exemplo, com os imperativos monossilábicos de alguns verbos e quando a palavra que perdeu o acento termina em vogal. Por isso:

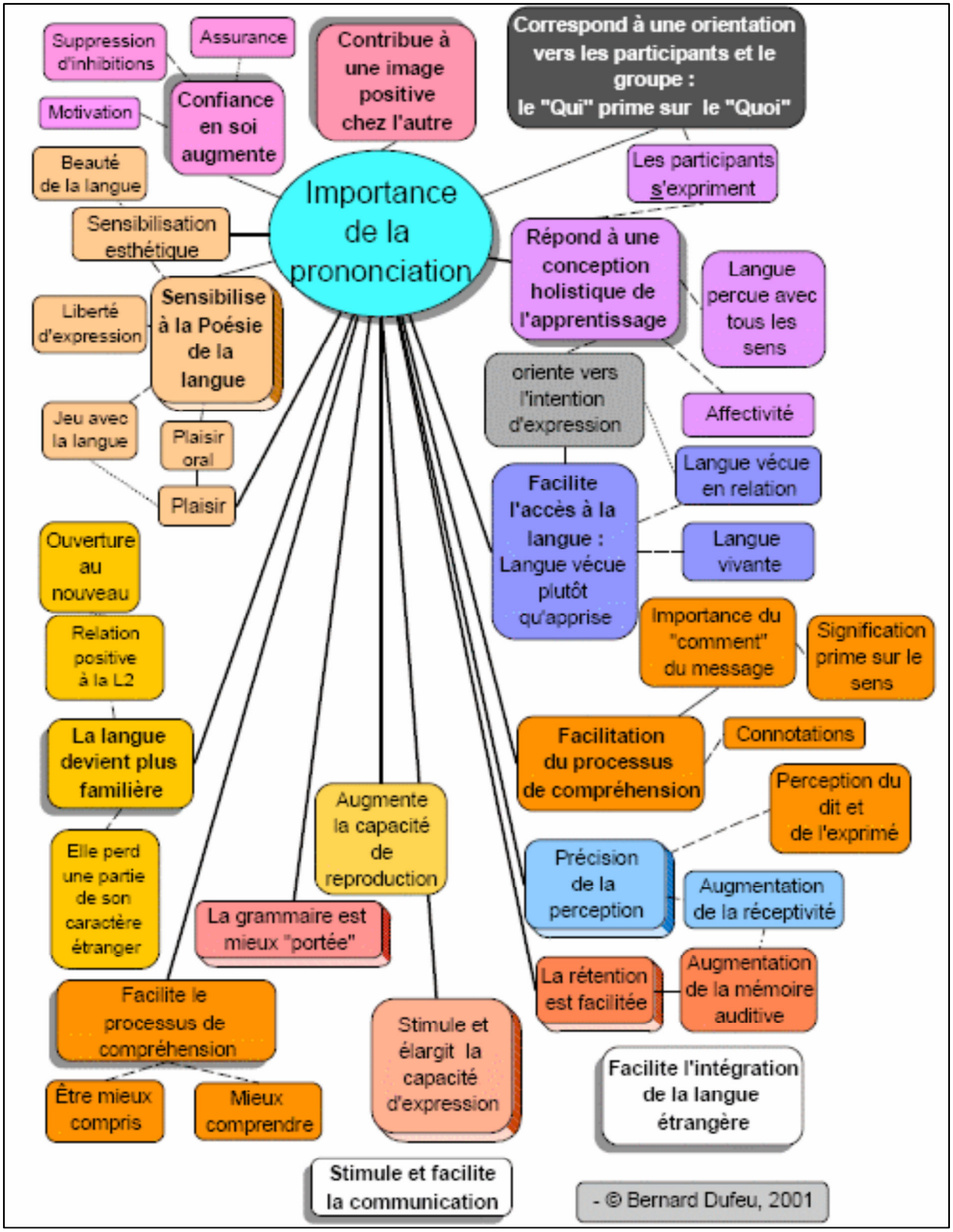
escreve-se	e	não se escreve
da'(i)		**dà**
fa'(i)		**fà**
sta'(i)		**stà**
va'(i)		**và**
po'(co)		**pò**
mo'(do)		**mò**

O uso, porém, está impondo a grafia sem acento e sem apóstrofo, pelo menos nas formas de amplo emprego, como **fa**, **sta**, **va**.

Apóstrofo

O apóstrofo marca o desaparecimento de uma vogal no final de uma palavra, provocada pela presença de vogal no início da palavra seguinte. Somente a presença dessas duas condições determina a **elisão** e exige apóstrofo na grafia (**nessun'altra**, **brav'uomo**, **com'è**, **anch'egli**, **senz'altro**, **un'amica**, **l'albero**). Se o que determina o desaparecimento da vogal (ou da sílaba) for o final da palavra (consoante final *l*, *r*, *m* ou *n* e a última vogal *e* ou *o*), independentemente do modo como se inicia a palavra seguinte, ocorre **apócope** e não se usa apóstrofo (**qual è**, **tal era**, **in tal modo**, **mar Tirreno**, **signor Mario**, **dottor Adolfo**, **buon umore**, **buon compleanno**).
Em algumas palavras há apócope diante de palavra que começa por consoante (**san Bernardo**, **bel lavoro**, **gran bugiardo**, **quel giovane**) e elisão da vogal final com a vogal inicial da outra palavra (**sant'Antonio**, **bell'affare**, **grand'uomo**, **quell'albero**).
Diante de palavras iniciadas por s+consoante ou z, **buono**, **bello** e **grande** permanecem invariáveis (**buono strumento**, **bello scopo**, **grande studio**); mas costuma-se ouvir com bastante freqüência "buon studente, gran spettacolo".
A elisão é bastante limitada no italiano moderno, e registra-se certa tendência às formas plenas (**grande occasione**, **si intende**).
A elisão é muito freqüente só com *una* artigo indefinido diante de substantivo que comece por vogal (**un(a)'amica**), com *la* artigo definido e *lo* nas mesmas condições (**l'amica**, **l'albero**) e com os compostos (contrações etc.) deles derivados (**nell'età**, **dell'anno**, **nessun'altra**).
Há elisão da partícula *ci* apenas diante das vogais *e*, *i*; por isso: **c'era una volta**, **c'è nessuno?**, mas **ci ostacola**, **ci andò**.
O apóstrofo é obrigatório em algumas locuções como **d'accordo**, **d'epoca**, **d'ora in poi**, **d'altra parte**, **sott'occhio**, **mezz'ora**, **tutt'e due** etc.

Artigo

É freqüente a hesitação na escolha do artigo diante de palavras estrangeiras iniciadas por **j**, **w**, **y**.
A regra tradicional, segundo a qual **lo** e **uno** devem preceder **z**, **x**, **s+consoante**, **gn**, grupos consonantais (desde que a segunda não seja *l* ou *r*), como **ps**, **ct**, **cn**, **pt**,

ANEXO 8 – Esquema da importância de aprendizagem da pronúncia